George Orwell

LUTANDO NA ESPANHA

No Quartel Lênin em Barcelona, na véspera de meu ingresso na milícia, vi um miliciano italiano em frente à mesa dos oficiais.

Era um moço de seus vinte e cinco anos de idade, com expressão carrancuda, espadaúdo, cabelo meio avermelhado e louro. O quepe de couro, de bico, estava repuxado de modo feroz sobre um dos olhos, e de perfil para mim, tinha o queixo encostado ao peito, olhando com perplexidade um mapa que um dos oficiais abrira sobre a mesa. Alguma coisa, em sua expressão fisionômica, causou-me profunda emoção. Era o rosto de um homem que assassinaria outro, ou daria sua própria vida por um amigo, o tipo de rosto que se espera encontrar num anarquista, embora com toda a probabilidade ele fosse comunista. Encontravam-se, naquela expressão, candura e ferocidade ao mesmo tempo, bem como a reverência patética que os analfabetos possuem por aqueles que julgam seus superiores. Estava mais do que claro que ele não entendia patavina do mapa, cuja leitura e interpretação deviam, a seus olhos, constituir estupenda façanha intelectual. Eu não sei por que, mas poucas vezes vi alguém que me agradasse de modo tão imediato. Enquanto eles conversavam em torno da mesa alguma observação feita por um deles assinalou o fato de eu ser estrangeiro. O italiano ergueu a cabeça e perguntou imediatamente:

- Italiano?

- No, Inglês. Y tú? - retorqui, em meu fraco espanhol.

- Italiano.

Ao sairmos daquela sala, ele veio em minha direção e apanhou-me a mão com força. É estranha a afeição que podemos sentir por um desconhecido! Era como se o espírito dele e o meu conseguissem, por um instante, ultrapassar o obstáculo do idioma e das tradições diferentes, e se encontrassem na maior intimidade. Eu esperava que ele gostasse de mim tanto quanto eu gostava dele, mas também sabia que para conservar minha primeira impressão a seu respeito seria preciso não velo pela segunda vez, sendo desnecessário dizer que foi exatamente isso o que aconteceu. Sempre se estava fazendo tais tipos de contato e conhecimentos na Espanha.

Faço esta referência ao miliciano italiano porque ele ficou vivamente preso à minha lembrança. Com seu uniforme em mau estado e expressão fisionômica feroz e patética, ele constitui para mim a visão típica da atmosfera especial daquela época. Está entrelaçado a todas as minhas recordações daquele período da guerra, as bandeiras vermelhas em Barcelona, os trens descoloridos repletos de soldados mal trajados que rumavam para a frente de luta, as cidades pardacentas e assoladas pela guerra próxima, as trincheiras enlameadas e regeladas nas montanhas.

Isso foi em fins de dezembro de 1936, há menos de sete meses de quando escrevo e, no entanto, trata-se de período que já se esfumou em distância tremenda no tempo. Os acontecimentos subseqüentes apagaram tudo aquilo de modo muito mais completo do que obliteraram 1935, ou mesmo 1905, a bem da verdade. Eu chegara à Espanha com certa intenção de escrever artigos para a imprensa, mas ingressara na milícia quase em seguida à minha chegada, porque naquela época, e naquela atmosfera, isso pareceu ser a única coisa que podia fazer. Os anarquistas continuavam detentores do controle virtual da Catalunha, e a revolução prosseguia renhida. A qualquer pessoa que estivesse lá, desde o início desses acontecimentos, provavelmente pareceu, mesmo em dezembro ou janeiro, que o período revolucionário estava terminando; mas para uma pessoa que vinha da Inglaterra, o aspecto de Barcelona era alguma coisa de surpreendente e arrebatador. Pela primeira vez em minha vida eu estava numa cidade onde a classe trabalhadora se encontrava no poder. Praticamente todas as edificações, fosse qual fosse seu tamanho, foram tomadas pelos trabalhadores e encontravam-se ornamentadas com bandeiras vermelhas, ou com a bandeira vermelha e negra dos anarquistas, e em todas as paredes e muros viam-se a foice e o martelo, e as iniciais dos partidos revolucionários, enquanto quase todas as igrejas foram estripadas, e suas imagens queimadas. Aqui e ali, as igrejas estavam sendo sistematicamente demolidas por turmas de trabalhadores. Em todas as casas comerciais e cafés encontrava-se a inscrição dizendo que foram coletivizadas, e até mesmo os engraxates o foram, trazendo suas caixas de apetrechos nas cores preto e vermelho. Os garçons e lojistas

encaravam as pessoas frente a frente e tratavam os fregueses como seus iguais. As formas servis e cerimoniosas de tratamento desapareceram temporariamente, e ninguém dizia mais "Señor", ou "Don", ou mesmo "Usted", e todos se chamavam "Camarada" e "Tu", dizendo "Salud!" ao invés de "Buenos dias". Dar gorjetas era proibido por lei, e uma de minhas primeiras experiências ao chegar fora receber uma sarabanda do gerente de hotel, por querer dar gorjeta ao ascensorista. Não havia automóveis particulares, e todos aqueles existentes tinham sido requisitados, enquanto bondes e táxis, bem como grande parte dos demais meios de transporte encontravam-se pintados de negro e vermelho. Os cartazes e faixas revolucionários estavam por toda a parte, estendendo-se das paredes em vermelhos e azuis vivos, que faziam os poucos anúncios restantes parecerem pequenas manchas de lama. Ao longo da Ramblas, a larga artéria central da cidade onde multidões andavam sem cessar, de um para outro lado, os alto-falantes berravam as canções revolucionárias por todo o dia e adentravam-se pela noite. Mas o aspecto proporcionado pelas multidões constituía o ponto mais estranho de todos. Em sua aparência exterior, tratava-se de cidade na qual haviam praticamente deixado de existir as classes ricas. Com exceção de pequeno número de mulheres e estrangeiros, não havia pessoas "bem vestidas", em absoluto. Virtualmente todos usavam roupas brutas de trabalhadores, ou macacões azuis, ou ainda alguma variação do uniforme miliciano. Tudo isso era estranho e' comovedor. Muita coisa eu não compreendia e, de certo modo, não me agradava, mas reconheci imediatamente a situação como um estado de coisas pelo qual valia a pena lutar. Eu acreditava, ao mesmo tempo, que as coisas eram aquilo que pareciam ser, que realmente se tratava de um Estado dos trabalhadores, e que toda a burguesia fugira, fora morta ou se passara voluntariamente para o lado dos trabalhadores, e não percebi que grande número dos burgueses, gente bem de vida, estava simplesmente dissimulado e disfarçado em proletários, enquanto perdurasse aquela situação.

Juntamente a isso havia certa parte da atmosfera ruim de guerra. A cidade apresentava aspecto sombrio e desarrumado, as ruas e edifícios encontravam-se em mau estado de conservação, à noite as ruas tinham pouca iluminação devido ao receio às incursões aéreas do inimigo,

enquanto lojas e casas comerciais, em sua maior parte, permaneciam meio vazias e mal cuidadas. Faltava carne e o leite era praticamente impossível de conseguir, e a escassez estendia-se também ao carvão, açúcar e petróleo, sendo muito difícil achar pão. As filas de pão estendiam-se por centenas de metros, muitas vezes. Mas até onde se podia perceber o povo estava contente e esperançoso. Não existia desemprego, e o custo de vida mostrava-se ainda extremamente baixo, vendo-se poucas pessoas claramente destituídas, e mendigo nenhum, com exceção dos ciganos. Acima de tudo, prevalecia uma crença na revolução e no futuro, o sentimento de ter-se de repente entrado numa era de igualdade e liberdade. Os seres humanos procuravam comportar-se como tais, e não como engrenagens na máquina capitalista. Nas barbearias encontravam-se proclamações anarquistas (em sua maioria os barbeiros eram anarquistas), explicando de modo solene que aqueles profissionais não mais eram escravos. Nas ruas havia cartazes coloridos nos quais eram feitos apelos às prostitutas para que parassem com o exercício de seu oficio, e para qualquer pessoa vinda da civilização endurecida e escarninha das raças de fala inglesa existia alguma coisa bastante patética no caráter literal com que aqueles espanhóis idealistas acolhiam as frases corriqueiras de revolução. Naquela época, as baladas e canções revolucionárias do tipo mais ingênuo, todas falando na fraternidade proletária e na ruindade de Mussolíni, eram vendidas nas ruas por alguns cêntimos, e muitas vezes vi um miliciano analfabeto comprar uma, coletar com grande esforço as palavras e em seguida, apreendendo o sentido, começar a cantá-las com uma melodia apropriada.

Por todo esse tempo permaneci no Quartel Lênin, e oficialmente estava em treinamento para seguir depois para a linha de frente. Quando ingressei na milícia, disseram que eu seria enviado à linha de frente no dia seguinte, mas na verdade foi preciso esperar enquanto era treinada uma nova centúria. As milícias dos trabalhadores, apressadamente formadas pelos sindicatos ao início da guerra, ainda não tinham sido organizadas numa base comum de exército terrestre. As unidades de comando eram a "seção", com cerca de trinta homens, e a "coluna", o que na realidade significava qualquer número maior de homens. O Quartel Lênin era um quarteirão de magníficos edifícios de pedra, com

uma escola de equitação e enormes pátios pavimentados com paralelepípedos, tendo sido quartel de cavalaria, capturado durante as lutas de julho. Minha centúria dormia num dos estábulos, debaixo dos cochos de pedra onde ainda estavam escritos os nomes dos cavalos. Todos esses animais foram mandados à linha de frente, mas o lugar continuava cheirando a urina e a aveia estragada. Fiquei naquele quartel perto de uma semana, e a recordação principal que guardei foram os cheiros cavalares, os toques inseguros das cometas (todos os nossos corneteiros eram amadores, e travei conhecimento com os toques espanhóis, pela primeira vez, ouvindo-os fora das linhas fascistas), a batida cadenciada das botinas ferradas no pátio do quartel, as prolongadas paradas matutinas ao sol de inverno, as renhidas partidas de futebol onde cinqüenta homens se empenhavam de cada lado, no saibro da escola de equitação. Talvez houvesse uns mil homens no quartel, e outras tantas mulheres, além das esposas dos milicianos, que se encarregavam de fazer a comida. Havia, ainda, mulheres servindo nas milícias, embora não muitas. Nas primeiras batalhas combateram lado a lado com os homens, como se fosse a atitude mais natural do mundo. É uma coisa que parece natural, em época de revolução. Mas as idéias já estavam em transformação. Os milicianos tinham de ser mantidos fora da escola de equitação, enquanto as mulheres recebiam treinamento, porque riam delas e as embaraçavam com sua galhofa. Alguns meses antes, ninguém teria achado graça alguma ao ver as mulheres empunhando armas.

Todo o quartel se encontrava naquele estado de sujeira e desordem ao qual a milícia levava todos os edifícios por ela ocupados, e que parece um dos subprodutos da revolução. Em qualquer canto onde se olhasse, estavam pilhas de móveis quebrados, selas inserviveis, capacetes metálicos de cavalarianos, bainhas vazias de sabres e alimento deteriorado. Havia um desperdício espantoso de alimentos, em especial o pão. Só de meu alojamento era jogada fora toda uma cesta de pão, a cada refeição, coisa verdadeiramente deplorável quando se sabia que esse gênero estava faltando à população civil. Comíamos em compridas armações de mesa, tendo por pratos um vasilhame permanentemente engordurado, e bebíamos um negócio horrível, chamado porrón. Um porrón é um tipo de garrafa com bico fino, do qual espirra um jato de

vinho sempre que é virado, e assim pode-se beber à distância, sem tocá-la com os lábios, e passá-la de um a outro usuário. Entrei em greve e exigi uma caneca, assim que vi o porrón em uso. Para mim, era demasiada a semelhança entre aquele objeto e um urinol de doentes, ainda mais quando cheio de vinho branco.

Pouco a pouco os recrutas iam recebendo seus uniformes, e como estávamos na Espanha, tudo lhes era entregue sem qualquer método ou ordem, de modo que não se podia ter certeza de quem recebera o quê, e diversos artigos dos quais mais necessitávamos, como cinturões e cartucheiras, não foram distribuídos senão ao último instante, quando o trem já estava à nossa espera para levar-nos à linha de frente. Já falei sobre o "uniforme" da milícia, palavra essa que talvez proporcione uma impressão errônea. A coisa não era propriamente um uniforme, e a palavra "multiforme" poderia constituir descrição mais exata. As roupas de todos seguiam o mesmo plano geral, mas jamais se mostravam idênticas em dois homens, quaisquer que fossem eles. Praticamente todos, no exército, usavam culotes de belbute, mas terminava aí a uniformidade. Alguns usavam perneiras curtas, outros polainas de belbute, outros calçavam botas de cano alto e havia quem usasse perneiras compridas. Todos envergavam uma jaqueta fechada com zipper, mas algumas dessas jaquetas eram de couro, outras de lá, e de todas as cores imagináveis. Os tipos de cobertura para a cabeça eram quase tão numerosos quanto os homens. Era comum adornar a parte dianteira do que estava na cabeça com um distintivo do partido, e além disso quase todos usavam um lenço vermelho, ou vermelho e negro, em torno do pescoço. Naquela época, uma coluna revolucionária constituía uma malta de aspecto dos mais extraordinários. Mas as roupas tinham de ser fornecidas às tropas, assim que esta ou aquela fábrica as produzisse a toda pressa, e não eram de má qualidade, levando-se em conta as circunstâncias. As camisas e meias, no entanto, não passavam de autênticas porcarias em algodão, coisa de todo inútil contra o frio. Horroriza-me o pensamento do que os milicianos devem ter sofrido nos primeiros meses de luta, antes de ser possível organizar qualquer coisa. Recordo-me de ter encontrado um jornal de apenas dois meses antes, onde li que um dos lideres do P .O. U . M., depois de fazer uma visita à frente de batalha, declarara que ia procurar dar "a cada miliciano um

cobertor". Eis uma frase que faz estremecer quem já tenha dormido numa trincheira.

Em meu segundo dia no quartel, teve início o que bem humoradamente era chamado "instrução". De começo, houve cenas da mais pavorosa bagunça. Em sua maioria os recrutas eram rapazinhos de 16 ou 17 anos, vindos das ruas pobres de Barcelona, cheios de ardor revolucionário mas inteiramente ignorantes quanto ao significado da guerra. Era impossível fazer com que se mantivessem em forma. Não havia qualquer disciplina, e quando um deles não gostava de determinada ordem saía das fileiras e ia discuti-la veementemente com o oficial. O tenente que nos proporcionava instrução era um rapaz forte e de expressão animada, que fora anteriormente oficial do Exército Regular e ainda o parecia ser, com seu uniforme impecável e porte marcial. Por curioso que pareça, era socialista sincero e ardoroso. Ainda mais do que os próprios homens, ele insistia na completa igualdade social entre todas as patentes. Lembro-me de sua surpresa dolorida, quando um recruta ignorante dirigiu-se a ele tratando-o como "Señor".

- O quê? Señor? Quem me chama de Señor? Pois não somos todos camaradas?

Duvido muito de que tal atitude lhe facilitasse o trabalho. Enquanto isso, os recrutas mais bisonhos não recebiam qualquer preparo que lhes pudesse ser útil. Disseram-me que os estrangeiros não estavam obrigados a comparecer à "instrução" (e notei que os espanhóis tinham a crença patética de que todos os estrangeiros conheciam melhor as coisas de milícia do que eles próprios), mas naturalmente apresentei-me com os demais. Estava ansioso por aprender como utilizar uma metralhadora, arma que jamais tivera a oportunidade de manejar. Para meu desalento, verifiquei que não nos ensinavam coisa alguma a respeito do uso de armas. A chamada "instrução" era apenas ordem unida, e do tipo mais antiquado e estúpido: direita-volver, esquerda-volver, meia-volta-volver, marchar em continência em coluna de três, e todo o resto de bobagens inúteis que eu aprendera aos quinze anos de idade. Era um tipo de treinamento bastante extraordinário a adotar, quando se tratava de preparar um exército para guerrilhas. Está

claro que se há apenas alguns dias para treinar-se um soldado, é preciso ensinar-lhe as coisas de que mais necessitará: como se abrigar, como avançar em terreno descoberto, como montar guarda e construir um parapeito e, acima de tudo, como utilizar suas armas. Mas aquela montoeira de crianças entusiasmadas, que iam ser despejadas na linha de frente dentro de poucos dias, não aprendeu sequer a disparar um fuzil ou a tirar o pino de uma bomba. Naquela época eu não percebia que isso devia-se ao fato de não haver armas para distribuir aos homens. Na milícia do P .0. U. M. a escassez de fuzis era tão grande que os soldados recém-chegados à frente de luta tinham sempre de recebê-los dos homens aos quais iam substituir. Em todo o Quartel Lênin acredito que não houvesse outros fuzis além dos utilizados pelas sentinelas.

Depois de alguns dias, embora continuássemos a ser uma malta humana se comparada a qualquer padrão comum, éramos considerados prontos para ser vistos em público, e pelas manhãs marchávamos pelos jardins da cidade, no morro que fica por trás da Plaza de España. Era o terreno comum para exercícios de ordem unida de todas as milícias partidárias, e mais os carabineiros e os primeiros contingentes do Exército Popular que estava em formação. Naqueles jardins públicos tinha-se uma visão estranha e reconfortante. Por todos os seus caminhos e passeios, entre os canteiros de flores, escolas e companhias de homens marchavam, rígidas, de um para outro lado, estofando o peito e procurando desesperadamente assemelhar-se a soldados. Estavam todos desarmados e nenhum deles envergava uniforme completo, embora na maioria dos casos o uniforme da milícia estivesse a rasgar-se e estourar neste ou naquele ponto. O treinamento era sempre o mesmo. Por três horas marchávamos de um para o outro lado (o passo espanhol de marcha é muito curto e rápido), depois fazíamos alto, dava-se "fora de forma" e íamos em bando sedento a uma pequena mercearia que ficava na subida do morro e cujo dono estava fazendo um negócio dos mais prósperos, com a venda de vinho barato. Todos se mostravam meus amigos, e como inglês eu constituía algo assim como uma curiosidade, e os oficiais carabineiros prestavam-me grande deferência e pagavam-me a bebida. Enquanto isso, todas as vezes em que eu conseguia encurralar nosso tenente em um canto, bradava para que me instruíssem no uso da metralhadoras. Eu tirava o dicionário do bolso, e começava a falar-lhe,

com meu espanhol dos mais infames:

- Yo sé manejar fusil. No sé manejar a metralladora. Quiero aprender ametralladora. Cuando vamos aprender a metralladora?

A resposta era invariável: um sorriso embaraçado e a promessa de que haveria instrução sobre metralhadoras mañana. Não é preciso dizer que esse mañana nunca chegou. Passaram-se diversos dias, os recrutas aprenderam a marchar com passo certo e ficar em "sentido" com pose quase marcial, mas quando muito sabiam o lado pelo qual saía a bala de um fuzil. Certo dia um carabineiro armado passou por nós enquanto estávamos parados, e deixou que examinássemos sua arma. Foi então que se viu que em toda a minha seção ninguém, a não ser eu, sabia sequer carregar a arma, e muito menos como fazer pontaria com ela.

Nesse período eu travava minhas batalhas costumeiras com o idioma espanhol. Além de mim havia apenas um inglês no quartel, e entre os oficiais não se achava um só que falasse qualquer coisa de francês As coisas não eram fáceis, para mim, pois quando meus companheiros falavam um com o outro faziam-no em catalão O único modo pelo qual eu conseguia tocar à frente era levar por toda a parte um pequeno dicionário, que arrancava do bolso nos momentos de crise. Mas era preferível ser estrangeiro na Espanha a selo na maioria dos outros países. Como é fácil fazer amigos na Espanha! Em um ou dois dias eram numerosos os milicianos a chamar-me pelo primeiro nome, ensinando-me os truques e peculiaridades do lugar e da vida, e arrebatando-me com sua hospitalidade. Não estou escrevendo um livro de propaganda, e não pretendo apresentar a milícia P.O.U.M. como uma coisa ideal. Todo o seu sistema apresentava falhas sérias, e os próprios homens formavam um bando bastante heterogêneo, pois a essa altura o recrutamento diminuía e muitos dos melhores elementos encontravam-se na linha de frente, ou já haviam morrido. Sempre existia entre nós uma certa percentagem inteiramente inútil. Rapazinhos de 15 anos eram levados a alistar-se pelos seus pais, e isso declaradamente devido às dez pesetas diárias que formavam o soldo do miliciano, bem como por causa do pão que a milícia recebia em quantidade e conseguia mandar para casa dos pais. Mas desafio qualquer um a que fosse lançado, como

eu fui, em meio à classe trabalhadora espanhola - ou talvez devesse dizer classe trabalhadora catalã, pois à parte de alguns aragoneses e andaluzes eu só me dava com os catalães - e não ficasse impressionado por seu sentimento íntimo de decência e, acima de tudo, por sua franqueza e generosidade. A generosidade de uni espanhol, no sentido comum da palavra, mostra-se às vezes quase embaraçosa. Quando se lhe pede um cigarro, ele quer que aceitemos todo o maço, e além disso existe a generosidade num sentido mais profundo, uma verdadeira largueza de espírito que encontrei muitas vezes nas circunstâncias as mais desesperançadas. Alguns dos jornalistas e outros estrangeiros que viajaram pela Espanha durante a guerra declararam que, entre si e em segredo, os espanhóis se mostravam amargamente ressentidos com o auxilio recebido do exterior. Tudo quanto posso dizer é que jamais observei qualquer demonstração desse tipo. Recordo-me bem que alguns dias antes de deixar o quartel, chegaram da linha de frente, em licença, diversos combatentes, e falavam animadamente de suas experiências, mostrando-se cheios de entusiasmo por soldados franceses que estiveram a seu lado em Huesca. Os franceses eram muito valentes, diziam eles, e acrescentavam automaticamente: "Más valientes que nosotros". Está claro que exprimi dúvida, pelo que eles explicaram que os franceses conheciam melhor a arte da guerra, eram mais hábeis com as bombas, metralhadoras e assim por diante. Com tudo isso, seu comentário era significativo. Um inglês preferiria cortar a própria mão a dizer uma coisa dessas.

Todos os estrangeiros que serviam na milícia passaram suas primeiras semanas aprendendo a amar os espanhóis e a ficar exasperados por algumas de suas características. Na linha de frente a minha própria impaciência atingia as raias da fúria, em determinadas ocasiões. Os espanhóis são bons em muitas coisas, mas não na guerra. Todos os estrangeiros ficam atônitos diante de sua ineficiência, e acima de tudo por sua impontualidade enlouquecedora. A palavra espanhola que nenhum estrangeiro consegue deixar de aprender é mañana - "amanhã" (em sentido literal, "o amanhecer"). Sempre que humanamente possível, os assuntos de hoje são transferidos para mañana. Isso é tão conhecido que os próprios espanhóis fazem piadas a respeito. Na Espanha não há coisa alguma, desde uma refeição até uma batalha, que tenha lugar à

hora marcada. Via de regra as coisas acontecem tarde demais, mas somente de vez em quando - de modo que não se possa contar sequer com esse retardamento - acontecem cedo demais. Um trem que está de partida marcada para as oito horas sairá, em condições normais, em qualquer hora entre nove e dez, mas talvez uma vez por semana, graças à veneta pessoal do maquinista, ele saia às sete e meia. Essas coisas acabam um pouco chatas. Em teoria, eu admiro muito os espanhóis por não partilharem nossa setentrional neurose cronométrica, mas por desgraça também sofro dela.

Depois de boatos sem fim, muitos mañanas e retardamentos, recebemos de repente ordens para seguir rumo à linha de frente, com duas horas de antecedência, quando grande parte de nosso equipamento ainda estava por ser distribuída. Formaram-se tumultos tremendos no depósito do intendente, e ao final das coisas eram numerosos os que tinham de partir sem estarem com todo o seu equipamento. O quartel ficara logo repleto de mulheres que pareciam ter brotado do chão, e estavam ajudando seus homens a enrolar os cobertores e preparar suas bolsas. Para mim foi bastante humilhante ter de aprender como envergar minhas cartucheiras, e aprender com uma espanhola, a esposa de Williams, o outro miliciano inglês. Era uma criatura gentil, de olhos negros e intensamente feminina, com toda a aparência de que o único trabalho de sua vida estaria em embalar um berço, mas que na verdade lutara bravamente nas batalhas travadas nas ruas, em julho. A esta altura ela estava carregando uma criancinha nascida dez meses depois de iniciada a guerra, criança essa que talvez tivesse sido gerada atrás de uma barricada.

O trem deveria partir às Oito, e eram oito e dez quando os oficiais, vexados e suando em bicas, conseguiram reunir-nos na praça do quartel. Lembro-me com toda clareza daquela cena ocorrida à luz dos archotes - o clamor e a animação, as bandeiras vermelhas tremulando à luz dos archotes, as fileiras cerradas de milicianos com mochila às costas e os cobertores enrolados e atravessados no ombro à bandoleira, e mais os gritos e bater de botinas e vasilhas de estanho nas quais comíamos e, finalmente, o pedido hercúleo e vitorioso para que se fizesse silêncio. Foi quando algum comissário político, de pé sob uma imensa bandeira

vermelha que drapejava, pronunciou um discurso em catalão. Depois disso marchamos até à estação, fazendo-o pelo caminho mais longo e que se estendia por uns sete quilômetros, de modo a sermos vistos por toda a cidade. Na Ramblas, fizeram-nos parar enquanto uma banda de música arrumada por empréstimo executava algumas peças revolucionárias. Mais uma vez veio aquela história de heroísmo e vencedores, gritos e entusiasmo, bandeiras vermelhas e bandeiras rubro-negras por toda a parte, multidões nas calçadas para poderem olhar, mulheres que acenavam das janelas... Como tudo pareceu natural naquela ocasião, e como parece distante e inacreditável agora! O trem ficou tão cheio de soldados que quase não se encontrava lugar no chão, quanto mais nos bancos. No último instante a esposa de Williams veio correndo pela plataforma e nos deu uma garrafa de vinho e um palmo daquela lingüiça vermelho-vivo que tem gosto de sabão e é formidável para causar diarréia. O trem seguiu lentamente pela Catalunha e chegou ao planalto de Aragón, desenvolvendo a velocidade normal de tempo de guerra, qualquer coisa abaixo de vinte quilômetros horários.

2

Barbatrio, embora muito longe da linha de frente, parecia desolada e surrada. Enxames de milicianos, envergando uniformes muito maltratados, andavam de uma a outra extremidade das ruas, procurando aquecer-se pelo exercício. Num muro arruinado encontrei um cartaz que datava do ano anterior e onde se anunciava que "seis belos touros" seriam mortos na arena, em tal ou qual dia. Como estavam desbotadas as suas cores! Onde se encontravam os belos touros e os belos toureiros, àquela altura? Parecia que até mesmo em Barcelona quase não havia corridas de touros, e por algum motivo misterioso acontecia que os melhores matadores eram fascistas.

Mandaram minha companhia em caminhão aberto para Sietamo, e dali para Alcubierre, em direção ao oeste, por trás da linha defrontando com Saragoça. Sietamo fora disputada três vezes até que os anarquistas finalmente a conquistaram em outubro, e partes da cidade foram reduzidas a escombros pelo fogo de artilharia, enquanto a maioria das casas exibia marcas de balas de fuzil. Estávamos agora 450 metros

acima do nível do mar, e fazia um frio desgraçado, com nevoeiro espesso que vinha em turbilhões sei lá donde. Entre Sietamo e Alcubierre o motorista do caminhão perdeu a noção do caminho (isso foi um dos traços característicos da guerra) e ficamos rodando horas a fio naquele nevoeiro. Era bem tarde quando chegamos a Alcubierre, e alguém nos guiou por pântanos de lama até um estábulo de mulas, onde nos acomodamos na palha e logo começamos a dormir. A palha não é ruim para dormir quando está limpa; não é tão boa quanto o feno, mas é melhor do que o colmo. Foi somente de manhã, com a luz do dia, que descobri, no que fora nossa cama para a noite, grande quantidade de pedaços de pão, jornais rasgados, ossos, ratos mortos e latas de leite, vazias e amassadas.

Estávamos perto da linha de frente, e suficientemente perto para podermos sentir o cheiro característico da guerra, cheiro esse que, em minha experiência, é o de excrementos e alimentos deteriorados. Alcubierre jamais fora bombardeada pela artilharia, encontrando-se em melhor estado do que a maioria das aldeias situadas logo por trás da linha de batalha. Ainda assim, acredito que mesmo na paz não fosse possível viajar naquela região da Espanha sem se ficar impressionado pela miséria esquálida e própria das aldeias aragonesas. Elas são construídas como fortalezas, formando um amontoado de pequenas casas de barro e pedra ao redor da igreja, e mesmo na primavera é difícil encontrar uma flor por ali. As casas não têm jardim, apenas quintais onde aves domésticas descarnadas ciscam no meio de montes de estrume. O tempo estava horrível, alternando-se entre chuva e nevoeiro. Os estreitos caminhos de terra encontravam-se transformados em mar de lama, com buracos de dois palmos de profundidade em diversos pontos, e por ali os caminhões lutavam, com rodas a resvalar e os camponeses seguiam com seus carrinhos desajeitados, puxados por fileiras de mulas que às vezes eram até seis, sempre uma atrás da outra. O vaivém constante dos soldados reduzira a aldeia a um estado de sujeira indescritível. Ela não possuía então, e jamais possuíra antes, coisa tal como um banheiro ou esgoto de qualquer tipo, e não havia um só metro quadrado onde pisar sem ser preciso olhar antes. Desde muito a igreja local estava sendo usada como latrina, e o mesmo ocorria com todo o campo por boa distância ao redor. Jamais consigo pensar nos

meus dois primeiros meses de guerra sem pensar também nos campos de restolho, com as beiras orladas de excrementos.

Passaram-se dois dias e não nos deram fuzis. Depois de se ter estado no Comitê de Guerra e examinado a carreira de buracos na parede - buracos de descargas de fuzil, pois diversos fascistas foram executados ali - já se tinha visto tudo quanto Alcubierre podia apresentar em matéria de paisagem. Na linha de frente era patente que as coisas andavam calmas, sendo muito pequeno o número de feridos que vinham de lá. A animação maior foi a chegada de desertores fascistas, trazidos sob guarda da linha de frente. Muitos dos homens que se opunham a nós naquela parte da linha de batalha não eram absolutamente fascistas, apenas pobres conscritos que faziam seu serviço militar quando a guerra irrompera e nada mais queriam do que fugir. De vez em quando pequenos grupos deles arriscavam-se a atravessar as linhas, vindo para nosso lado. Não há qualquer dúvida de que seu número seria maior, se os seus parentes não estivessem no território fascista. Esses desertores foram os primeiros fascistas "verdadeiros" que eu já vira até então, e verifiquei que eram indistinguíveis de nós mesmos, a não ser pelo fato de usarem macacões cáqui. Mostravam-se sempre tremendamente famintos ao chegar - o que era natural depois de um ou dois dias de fuga, andando pela "terra de ninguém", mas sempre alguém indicava isso de modo triunfante, como prova de que as tropas fascistas morriam à fome. Observei um deles recebendo comida numa casa de camponês. O espetáculo era triste. Moço alto, de seus vinte anos, o rosto acentuadamente ressecado pelo vento e as roupas em frangalhos, estava acocorado diante do fogo e enfiava o ensopado pela boca adentro em velocidade desesperada, e por todo esse tempo examinava nervosamente o círculo de milicianos que o observavam. Acho que ainda acreditava em que éramos "vermelhos" sedentos de sangue e que íamos fuzilá-lo assim que acabasse de comer. O homem armado que o guardava continuava a bater-lhe amistosamente no ombro e a emitir sons reconfortantes. Em certo dia memorável chegaram quinze desertores de uma vez, e foram levados pela aldeia em triunfo, com um homem montado em cavalo branco à frente. Consegui tirar uma fotografia bastante embaçada desse grupo triunfal, porém mais tarde roubaram-ma.

Em nossa terceira manhã em Alcubierre, chegaram os fuzis. Um sargento de cara abrutalhada e amarelo-escura estava a distribuí-los no curral das mulas. Quando vi a arma que me deram, veio o desalento. Tratava-se de um Mauser alemão de 1896, arma com mais de quarenta anos de existência! Estava enferrujada, o ferrolho endurecido, a guarda de madeira rachada. Bastou um olhar pelo cano para ver que estava corroído e além de qualquer esperança. A maioria dos fuzis encontrava-se em mau estado, alguns eram até piores, e nenhuma tentativa foi feita no sentido de entregar as armas melhores aos homens que soubessem como utilizá-las. O melhor fuzil de toda a partida, que tinha apenas dez anos de fabricação, foi dado a um bestinha amalucado e de 15 anos de idade, que todos conheciam como o maricón. O sargento proporcionou-nos uma "instrução" de cinco minutos, que consistiu em explicar como se carregava um fuzil e como se desmontava o ferrolho. Muitos dos milicianos jamais haviam tomado uma arma nas mãos antes, e pouquíssimos, a meu ver, sabiam para que serviam as alças de mira. Foram distribuídos cartuchos, cinqüenta a cada um, e depois disso entramos em forma, mochilas nas costas e partindo para a linha de frente, que ficava a uns cinco quilômetros de distância dali.

A centúria, oitenta homens e diversos cachorros, foi tocando vagarosamente pela estrada. Cada coluna miliciana tinha pelo menos um cachorro como mascote, e o animalão de péssimo aspecto que marchava conosco apresentava a sigla P.O.U.M. em letras grandes, marcadas a fogo em seu pêlo, e seguia de modo esquivo, como se tivesse consciência de que havia qualquer anormalidade em sua aparência. A testa da coluna, ao lado da bandeira vermelha, ia Georges Kopp, o robusto comandante belga, montado num cavalo preto, e pouco adiante um jovem pertencente à cavalaria miliciana, que parecia um bando de salteadores, fazia piruetas de um para outro lado, subindo em carreira todos os lances mais altos do caminho e fazendo poses pitorescas. Os magníficos animais da cavalaria espanhola foram capturados em grandes números durante a revolução, e entregues à milícia que, como era natural, estava tratando de utilizá-los até à morte.

A estrada serpenteava entre terrenos agrestes e amarelados, intocados desde a colheita do ano anterior. A nossa frente encontrava-se a sierra

baixa que se estende entre Alcubierre e Saragoça. Estávamos chegando à linha de frente e às suas bombas, metralhadoras e lama. No íntimo, eu tinha medo. Sabia que a linha estava calma naquele instante, mas, diversamente da maioria dos companheiros, tinha idade bastante para lembrar-me da Grande Guerra, embora não fosse velho a ponto de ter lutado nela. Para mim a guerra significava projéteis ensurdecedores, fragmentos de aço a espalhar-se para todos os lados. Acima de tudo, representava lama, piolhos, fome e frio. É curioso, mas eu receava muito mais o frio do que o inimigo. O pensamento estivera a atormentar-me desde Barcelona, e impedira-me o sono diversas vezes, fazendo-me imaginar o frio nas trincheiras, as vigílias nas madrugadas geladas, as longas horas de sentinela com um fuzil regelado, a lama desgraçadamente fria que entraria pelo cano das botas. Reconheço, também, que sentia certo tipo de horror ao olhar aqueles em meio aos quais estava marchando. Não é possível fazer idéia do aspecto de ralé que apresentávamos. Seguíamos à frente com muito menos coesão do que um rebanho de carneiros e, antes de havermos percorrido três quilômetros, a retaguarda da coluna já se perdera de vista. E metade dos chamados homens ali presentes era formada de meninos, mas meninos mesmo, com dezesseis anos de idade quando muito. Ainda assim, mostravam-se todos felizes e animados diante da possibilidade de chegarem finalmente à frente de luta. Ao nos aproximarmos da linha, os meninos em torno da bandeira vermelha começaram a dar gritos de "Visca P.O.U.M.!", e "Fascistas maricones!" e assim por diante, gritos que pretendiam ter um som guerreiro e ameaçador mas que, vindos daquelas gargantas infantis, pareciam tão indefesos quanto miados de gatinhos. Era horrível que os defensores da República fossem aquele bando de meninos maltrapilhos, armados de fuzis gastos que não sabiam utilizar. Lembro-me que fiquei imaginando o que aconteceria se um aeroplano fascista passasse por ali - se o tripulante sequer se daria ao trabalho de mergulhar e brindar-nos com uma rajada de sua metralhadora. Até mesmo do ar ele certamente veria que não éramos soldados de verdade.

Chegados à sierra, entramos à direita e subimos um estreito caminho de mulas que fazia a volta pela encosta da montanha. Naquela parte da Espanha os morros são uma formação bizarra, em formato de ferraduras

com topos achatados e lados muito íngremes que vão dar a barrancos imensos. Nas encostas mais altas nada cresce, a não ser arbustos, esmirradas urzes, com as pedras calcarias brancas aparecendo por toda a parte como um esqueleto. A linha de frente, naquele lugar, não era uma linha contínua de trincheiras, o que seria impossível em terreno tão acidentado, mas apenas uma cadeia de postos fortificados, sempre conhecidos como "posições", encarapitados no alto de cada elevação. Da distância podíamos ver nossa "posição" no centro da ferradura: era uma barricada irregular de sacos de areia, uma bandeira vermelha a tremular, a fumaça de fogueiras feitas ao ar livre - Um pouco mais perto, e dava para sentir uma catinga pavorosamente adocicada, que esteve residindo em minhas ventas por semanas a fio. Na fenda existente logo atrás da posição fora despejado todo o lixo de meses seguidos, e lá estava um amontoado de pedaços de pão, excrementos e latas enferrujadas.

A companhia que estávamos substituindo preparava seus pertences. Estivera três meses na linha de frente, e seus uniformes apresentavam bolos endurecidos de lama, as botas estavam aos pedaços, a maioria dos homens barbada. O capitão que comandava a posição, chamado Levinski mas conhecido de todos como Benjamin e judeu polonês de nascimento mas falando francês como se fosse sua língua materna, saiu do abrigo e veio nos receber. Era um rapaz de baixa estatura e seus vinte e cinco anos de idade, com cabelo negro e duro e um rosto pálido e animado que, a essa altura da guerra, estava sempre muito sujo. Algumas balas perdidas estalavam por cima de nós. A posição era um cercado semicircular com perto de cinqüenta metros de largura, com um parapeito parcialmente formado de sacos de areia e montes de pedras calcárias. Havia trinta ou quarenta buracos pelo chão, como buracos de rato. Williams, seu cunhado espanhol e eu tratamos logo de apoderar-nos do buraco desocupado mais próximo, que nos pareceu habitável. Em alguma parte à nossa frente disparavam um fuzil de vez em quando, o que causava curiosos ecos nas encostas de pedras. Mal havíamos descarregado nossas mochilas e saíamos do abrigo quando se ouviu outro disparo e um dos meninos de nossa companhia voltou correndo do parapeito, com o rosto ensangüentado. Disparara seu fuzil e conseguira fazer explodir o ferrolho. Seu couro cabeludo estava

esfrangalhado pelos fragmentos do cartucho explodido e aquela era nossa primeira baixa que, de modo característico, fora auto-infligida.

A tarde fizemos nossa primeira ronda de guarda e Benjamin nos mostrou a posição. Diante do parapeito estendia-se um sistema de trincheiras estreitas escavadas na rocha, com seteiras extremamente primitivas, feitas com pilhas de pedras de calcário. Havia doze postos de vigia, situados em pontos diversos na trincheira e por trás do parapeito interno. A frente da trincheira encontrava-se o arame farpado, e depois disso a encosta do morro descia até uma ravina aparentemente sem fundo. Do outro lado havia morros pelados, em alguns lugares apenas penhascos, tudo isso acinzentado e em hibernação, sem mostrar em ponto algum o menor sinal de vida, nem mesmo um passarinho. Olhei cuidadosamente por uma seteira, procurando a trincheira fascista.

- Onde está o inimigo?

Benjamín sacudiu a mão de modo expansivo e respondeu em inglês, em seu inglês horribilíssimo:

- Para lá.

- Mas onde?

Em conformidade com minhas noções sobre guerra de trincheiras, os fascistas estariam a uns cinqüenta ou cem metros de distância. Mas nada conseguia ver, e parecia que suas trincheiras estavam muito bem escondidas. Foi então, com uma onda de desalento, que vi para onde Benjamin apontava: no outro morro à frente, além da ravina, a setecentos metros de distância pelo menos, via-se o esboço minúsculo de um parapeito e uma bandeira vermelha e amarela - a posição fascista. Fiquei tremendamente desapontado. Não estávamos perto deles coisa alguma! Naquela distância toda, nossos fuzis eram inteiramente inúteis. Mas nesse momento ouvimos um grito de animação. Dois fascistas, figurinhas cinzentas na distância, estavam escalando a encosta do morro à nossa frente. Benjamín passou a mão no fuzil do homem mais próximo, fez mira e puxou o gatilho. Click! O cartucho não detonou, e eu encarei isso como presságio muito mau.

As novas sentinelas mal acabavam de tomar seus postos na trincheira e deram inicio a uma fuzilaria terrível, disparando sem ter nada em mira. Eu podia ver os fascistas, pequeninos como formigas, esquivando-se de um para outro lado em seu parapeito, e às vezes um pontinho negro que era a cabeça de um deles parava por instante, expondo-se com toda a impudência. Tornava-se óbvio que de nada valia disparar as armas, mas logo a sentinela à minha esquerda, deixando seu posto à moda típica espanhola, veio ter comigo e começou a instar para que eu fizesse fogo. Tentei explicar que àquela distância, e com fuzis daquele jeito, não se conseguiria atingir um homem senão por acidente. Mas o companheiro era um simples menino, e continuou a fazer gestos com sua arma em direção aos pontinhos distantes, rindo como um cachorro que espera atirarmos uma pedra. Finalmente acertei a alça de mira para setecentos e mandei fogo. O pontinho desapareceu. Espero que tenha atingido lugar bastante próximo para fazer o homem pular. Era a primeira vez em minha vida que eu disparara uma arma contra um ser humano.

Agora que vira a linha de frente, sentia-me profundamente desgostoso. E chamavam aquilo de guerra! E mal estávamos em contato com o inimigo! Não fiz qualquer tentativa de abaixar a cabeça além do nível da trincheira. Pouco depois, no entanto, uma bala passava por minha orelha com um ruído perverso e batia no anteparo da trincheira, atrás de mim. Céus! Eu me abaixei. Por toda a vida eu jurara a mim mesmo que não me abaixaria na primeira vez em que uma bala passasse por cima, mas o movimento parece ser instintivo, e quase todos o fazem pelo menos uma vez.

3

Na guerra de trincheiras existem cinco coisas importantes: lenha, comida, fumo, velas e o inimigo. No inverno que passamos frente de Saragoça elas se mostraram importantes pela ordem enunciada, ficando o inimigo em quinto lugar e por muito favor. A não ser à noite, quando era sempre concebível um ataque de surpresa, ninguém se incomodava com o inimigo. Eram simplesmente insetos escuros e distantes que víamos, de vez em quando, a pular de um para outro lado. A preocupação verdadeira de ambos os exércitos estava em fugir ao frio.

Ainda que de passagem, devo dizer que por todo o tempo de minha permanência na Espanha vi pouquíssima luta. Estive na frente de Aragón de janeiro a maio, e entre janeiro e a parte final de março pouca coisa ou nada aconteceu ali, a não ser em Teruel. Em março travou-se luta cerrada ao redor de Huesca mas eu, pessoalmente, tive pouca participação nela. Mais tarde, em junho, ocorreu o ataque desastroso a Huesca, no qual diversos milhares de homens foram mortos num só dia, mas eu fora ferido e posto fora de combate antes disso acontecer. As coisas em que normalmente se pensa como os horrores da guerra raras vezes aconteceram comigo. Nenhum aeroplano deixou cair uma bomba em qualquer parte próxima de mim, e não acredito que alguma granada tenha explodido a menos de cinqüenta metros de distância, e só uma vez estive em luta corpo-a-corpo (e posso assegurar que uma vez já é demais). Está claro que muitas vezes estive sob forte fogo de metralhadora, mas em geral eram disparos feitos de longe. Até mesmo em Huesca estava-se razoavelmente a salvo, desde que tomadas algumas precauções.

Ali, nos morros ao redor de Saragoça, havia apenas a mistura do tédio e desconforto na guerra estacionária. A vida. transcorria tão destituída de acontecimentos quanto a de um caixeiro na cidade, e demonstrava regularidade quase idêntica. Sentinela, patrulhas, cavar o chão; cavoucar, patrulhas, sentinela. No topo de cada morro, fascistas ou legalistas, um punhado de homens andrajosos e sujos a tiritar de frio em torno da bandeira, procurando aquecer-se. E por toda a noite e o dia aquelas balas malucas e sem sentido, percorrendo trajetórias nos vales vazios e atingindo um corpo humano somente por probabilidade muito remota.

Muitas vezes lancei o olhar ao redor, examinando aquela paisagem de inverno e pensando na futilidade de tudo aquilo. Que guerra mais sem decisão! Em época anterior, por volta de outubro, houvera lutas selvagens pela posse daqueles morros e depois, por falta de homens e armas, principalmente artilharia, que tornavam impossível qualquer operação em larga escala, cada exército cavara para si um sistema de abrigos e se estabelecera nos topos de morros conquistados. A nossa direita encontrava-se pequeno posto adiantado, também do P .0. U. M., e

no esporão à nossa esquerda, em plano mais baixo, uma posição do P .S . U . C. fazia frente a um esporão mais alto com diversos pontinhos fascistas em seu cimo. A chamada linha de frente ziguezagueava de um para outro lado, numa conformação que seria de todo ininteligível, não houvesse cada posição hasteado sua bandeira. As bandeiras do P.O.U.M. e P.S.U.C. eram vermelhas, as dos anarquistas rubro-negras. Via de regra os fascistas hasteavam a bandeira monarquista (vermelho, amarelo e vermelho), mas de vez em quando exibiam a bandeira da República (vermelho, amarelo e púrpura). O cenário era estupendo, para quem pudesse esquecer que em cada cimo de morro havia soldados e se achava, portanto, semeado com latas vazias e emplastrado com bosta. A nossa direita a sierra tomava o rumo sul-leste e abria caminho para o vale amplo e cheio de veias que se estendia até Huesca. Em meio àquela planície alguns cubos pequeninos estavam como dados atirados à mesa: era a cidade de Robres, que se achava em poder dos legalistas. Muitas vezes, de manhã, o vale se encontrava oculto por ondas de nuvens, das quais emergiam morros achatados e azuis, dando à paisagem grande semelhança a um negativo fotográfico. Além de Huesca viam-se mais morros da mesma formação que o nosso, com faixas de neve que modificavam-se a cada dia. Mais além viam-se os picos monstruosos dos Pirineus, onde a neve jamais se derrete, e que pareciam flutuar em cima de coisa nenhuma. Até mesmo lá embaixo na planície tudo parecia morto e nu. Os morros à nossa frente eram cinzentos e enrugados como a pele de elefantes e o céu estava quase sempre desprovido de pássaros. Não acredito conhecer outro país onde seja menor o número de aves no céu. As únicas que pude ver em qualquer ocasião eram um tipo de pega, e os bandos de perdizes que assustavam a gente de noite, com seu ruído repentino e, rarissimas vezes, os vôos de águias que adejavam lentamente lá em cima, sendo em geral acompanhadas pelos disparos de fuzis, aos quais não se dignavam prestar qualquer atenção.

A noite e com tempo enevoado eram mandadas patrulhas ao vale entre nós e os fascistas. Essa missão não desfrutava grande simpatia, pois fazia frio demasiado e era facílimo perder-se o caminho, e logo verifiquei que podia obter folga para sair em patrulha tantas vezes quantas quisesse. Naquelas ravinas imensas e de traçado irregular não havia

trilhas ou rastos de qualquer tipo, e só se podia seguir caminho fazendo jornadas sucessivas e anotando os pontos observáveis de cada vez. Em linha reta, o posto fascista mais próximo estava a setecentos metros do nosso, mas essa distância estendia-se por 2.400 metros pela única passagem praticável. Era bastante divertido andar pelos vales escuros, com as balas perdidas passando muito acima da cabeça, como um escocês de saiote a assoviar. Melhor ainda do que à noite era fazê-lo durante o nevoeiro espesso, que muitas vezes durava todo o dia e costumava ficar preso em volta dos topos de morro, deixando os vales bem claros. Quando se estava nas proximidades das linhas fascistas, era preciso andar em passo de cágado, sendo bem difícil mover-se em silêncio naquelas encostas, entre os arbustos quebradiços e pedras que faziam ruído se pisadas. Foi apenas na terceira ou quarta tentativa que consegui achar o caminho para as linhas fascistas. O nevoeiro estava bem denso, e subi até ao arame farpado para escutar. Dava para ouvir os fascistas conversando e cantando lá dentro. Depois disso, descobri com alarme que diversos deles vinham descendo o morro em minha direção. Encolhi-me atrás de um arbusto que repentinamente parecera tornar-se pequeno demais, e procurei engatilhar o fuzil sem barulho. Mas eles tomaram outro rumo e não chegaram a um ponto do qual pudessem me descobrir. Por trás do arbusto onde me escondera, encontrei diversos remanescentes da luta anterior - uma pilha de cartuchos vazios, um boné de couro furado por bala e uma bandeira vermelha, que evidentemente era das nossas. Levei-a de volta à posição, onde foi sem-cerimoniosamente transformada em trapos para limpar as coisas.

Eu fora promovido a cabo, assim que chegamos à linha de frente, e estava no comando de uma guarda de doze homens. Não se tratava de sinecura, principalmente no início. A centúria era um agrupamento sem treinamento, composto principalmente de adolescentes. Aqui e ali, na milícia, achavam-se meninos de onze ou doze anos de idade, em geral refugiados do território fascista que se alistaram como milicianos por ser o meio mais fácil de sobreviver. Via de regra eram empregados no trabalho mais leve da retaguarda, mas às vezes conseguiam chegar à linha de frente, onde constituíam um perigo para todos. Lembro-me de um jovem animalzinho que atirou uma granada de mão à fogueira do abrigo "só para divertir-se". Em Monte Focero não creio que houvesse

qualquer elemento com menos de quinze anos de idade, mas a idade média deve ter orçado bem abaixo dos vinte anos. Os rapazes dessa idade jamais deveriam ser mandados à linha de frente, pois não conseguem agüentar a falta de sono que constitui traço inseparável da guerra de trincheiras. De inicio foi quase impossível manter nossa posição com guarda adequada à noite. Os meninos de minha seção só podiam ser tirados do sono quando os puxávamos para fora do abrigo pelos pés, e assim que lhes voltávamos as costas eles largavam os postos e regressavam ao abrigo, e conseguiam até mesmo encostar-se na parede da trincheira e ferrar no sono, a despeito do frio horrível. Felizmente o inimigo não era gente das mais empreendedoras, e houve noites nas quais acredito que nossa posição poderia ter sido tomada por vinte escoteiros armados com espingardas de ar comprimido, ou vinte bandeirantes armadas com raquetes.

Naquela altura, e por muito tempo depois disso, as milícias catalãs encontravam-se ainda em base muito parecida àquela em que estiveram no início da guerra. Nos primeiros dias da revolta de Franco as milícias foram apressadamente formadas pelos diversos sindicatos e partidos políticos, e cada qual era, em sua essência, uma organização política, devendo obediência tanto a seu partido quanto ao Governo central. Quando o Exército Popular, que era um exército "não-político" organizado em linhas mais ou menos comuns, se formou ao início de 1937, as milícias partidárias ficaram teoricamente incorporadas a ele. Mas por muito tempo as únicas transformações que tiveram lugar ocorreram apenas no papel, e os soldados do novo Exército Popular não chegaram à frente de Aragón senão em junho, e até então o sistema de milícias continuou inalterado. O ponto essencial do sistema era a igualdade social entre oficiais e soldados. Todos, de general a soldado raso, recebiam o mesmo soldo, comiam a mesma comida, usavam as mesmas roupas e misturavam-se em pé de absoluta igualdade. Quem quisesse dar um tapa nas costas do general comandante da divisão e pedir-lhe um cigarro podia fazê-lo, e ninguém achava isso fora do comum. Em teoria, pelo menos, cada milícia era uma democracia e não uma hierarquia. Entendia-se que as ordens eram para ser obedecidas, mas entendia-se também que quando se dava uma ordem, dava-se como um camarada a outro, e não como superior ao inferior. Havia

oficiais e graduados, mas não a hierarquia militar no sentido comum, nem títulos, distintivos, bater de calcanhares e continências. Procuraram criar, dentro das milícias, um tipo de modelo operante e temporário da sociedade sem classes. Está claro que não existia uma igualdade perfeita, mas uma aproximação a isso, a maior aproximação que eu já vira até então, ou pensara ser possível em tempo de guerra.

Estou pronto a reconhecer, entretanto, que à primeira vista o estado de coisas na linha de frente causou-me horror. Com todos os demônios, como seria possível ganhar a guerra com um exército daquele tipo? Era o que todos indagavam na época, e embora fosse verdade era também pouco razoável dizê-lo, pois nas circunstâncias de então as milícias não poderiam ter sido muito melhores do que eram. Um moderno exército mecanizado não brota do chão, e se o Governo houvesse aguardado até dispor de tropas treinadas, jamais seria oferecida qualquer resistência a Franco. Mais tarde tornava-se moda denegrir as milícias e fazer de conta, portanto, que as falhas devidas à falta de treinamento e armas eram o resultado do sistema igualitário. Na verdade, uma nova conscrição de milicianos não passava de uma malta indisciplinada, não porque os oficiais chamassem aos soldados "carriarada", mas porque soldados bisonhos são sempre uma malta de indisciplinados. Na prática, o tipo "revolucionário" democrático de disciplina merece mais fé do que seria de esperar-se. Num exército de trabalhadores a disciplina é, teoricamente, voluntária. Ela se baseia na fidelidade à classe, enquanto que a disciplina de um exército burguês de conscritos baseia-se, em instância suprema, no medo. (O Exército Popular que substituiu as milícias situava-se em algum ponto intermediário entre os dois tipos.) Nas milícias as afrontas e abusos que têm lugar num exército comum jamais seriam toleradas um só instante. Existiam as punições militares normais, mas somente eram invocadas por transgressões muito graves. Quando um homem se recusava a obedecer a uma ordem, não se promovia imediatamente seu castigo; fazia-se-lhe primeiramente um apelo em nome da camaradagem. As pessoas cínicas e que não tenham qualquer experiência com o trato de homens dirão logo que isso jamais daria resultado, mas a bem da verdade dá resultado, sim, a longo prazo. A disciplina das piores turmas de milicianos melhorou visivelmente ao passar do tempo. Em janeiro, a tarefa de manter uma dúzia de recrutas

bisonhos em linha quase fez meu cabelo encanecer. Em maio, por algum tempo, fui o tenente-interino comandando perto de trinta homens, espanhóis e ingleses. Todos estivéramos sob fogo meses seguidos, e jamais encontrei a menor dificuldade em que obedecessem às minhas ordens, ou em obter homens como voluntários para uma missão perigosa. A disciplina "revolucionária" depende da consciência política, de uma compreensão do motivo pelo qual as ordens devem ser obedecidas. Leva tempo para isso ser apreendido, mas também leva tempo a transformação de um homem num autômato, no quartel militar comum. Os jornalistas que zombavam do sistema de milícias raramente se lembravam de que elas tiveram de agüentar a linha de frente enquanto o Exército Popular era treinado na retaguarda, e o fato de que as milícias tenham continuado na luta constitui titulo honroso ao vigor da disciplina "revolucionária", pois até arredores de junho de 1937 nada havia para obrigá-las a ficar ali, a não ser sua fidelidade à classe. Os desertores individuais podiam ser fuzilados - e o eram, de vez em quando - mas se mil homens resolvessem abandonar a linha de frente ao mesmo tempo não haveria força que os detivesse. Um exército de conscritos, colocado nas mesmas circunstâncias - sendo retirada sua polícia de batalha - ter-se-ia derretido. Ainda assim as milícias sustentaram a linha de frente, embora Deus saiba que foram pouquíssimas as suas vitórias, e até as deserções individuais não se mostraram comuns. Em quatro dos cinco meses que passei na milícia do P.O.U.M. só ouvi falar em quatro homens que desertaram, e dois deles eram quase certamente espiões que se alistaram a fim de obter informações. De início, a bagunça aparente, a falta geral de treinamento e o fato de que muitas vezes precisava discutir cinco minutos antes de ver uma ordem obedecida, causavam-me espanto e fúria. Eu trazia idéias do Exército Britânico, e certamente as milícias espanholas eram coisa muito diferente daquele exército. Mas levando em conta as circunstâncias, elas eram formadas por soldados muito melhores do que se poderia esperar.

Enquanto isso, lenha - sempre a lenha! Por todo aquele período provavelmente não existe qualquer lançamento em meu diário que não faça referência à lenha, ou melhor, à falta dela. Estávamos entre seiscentos e novecentos metros de altitude, em meio ao inverno, e o frio

era indescritível. A temperatura não se mostrava excepcionalmente baixa, em muitas noites nem sequer nos regelávamos, e muitas vezes o sol de inverno brilhava por toda uma hora no meio do dia, mas ainda quando não fazia frio posso garantir que parecia fazer. As vezes vinham ventos uivantes que nos arrancavam o quepe da cabeça e embaralhavam o cabelo em todas as direções, de outras eram nevoeiros que se derramavam na trincheira como se fossem um líquido que penetrava até aos 05505 da gente. Chovia com freqüência, e a precipitação de quinze minutos bastava para tornar as coisas intoleráveis. A camada fina de terra sobre o calcário transformava-se rapidamente numa graxa escorregadia, e como sempre se estava andando numa encosta, era impossível manter o equilíbrio. Nas noites escuras não foi raro eu cair meia dúzia de vezes enquanto andava vinte metros e isso era perigoso, pois significava que o ferrolho do fuzil ficava entupido de lama. Por dias seguidos as roupas, botas, cobertores e fuzis mantinham-se mais ou menos cobertos de lama. Eu trouxera comigo tantas peças pesadas de roupa quantas pudera, mas muitos dos homens estavam pessimamente protegidos. Para o total da guarnição, uns cem homens, havia apenas doze sobretudos, que tinham de ser passados de uma sentinela a outra, e a maioria possuía apenas um cobertor. Em certa noite frígida fiz uma lista, em meu diário, relacionando as peças de roupa que trajava no momento. A anotação serve para mostrar que quantidade de roupas o corpo humano pode envergar ao mesmo tempo. Estava com camiseta e calças grossas, uma camisa de flanela, dois suéteres, jaqueta de lã, jaqueta de couro de porco, culotes de belbute, polainas, meias grossas, botinas, um forte capote impermeável, cachenê, luvas de couro forrado e um gorro de lã. Ainda assim, tremia como geléia. Mas devo reconhecer que tenho sensibilidade incomum ao frio.

A lenha era a única coisa de verdadeira importância. A questão, nesse particular, é que praticamente não existia lenha alguma. Aquela nossa montanha miserável nem sequer apresentava muita vegetação, quando em seu melhor estado possível, e por meses a fio fora varrida por milicianos enregelados, e o resultado era que tudo que fosse mais grosso do que o dedo mínimo já fora queimado. Quando não estávamos comendo, dormindo, em guarda ou descanso, estávamos no vale por trás da posição, procurando combustível. Todas as minhas recordações

dessa época são as de subir e descer as encostas quase perpendiculares, por cima das pedras calcárias que estraçalhavam as botas, arrecadando com ansiedade pequenos gravetos. Três homens procurando lenha por duas horas conseguiam juntar combustível suficiente para manter a fogueira do abrigo acesa por uma hora. A ansiedade de nossa busca de lenha transformou-nos, a todos, em botânicos. Classificávamos de acordo com suas propriedades de queimar todas as plantas que cresciam na encosta do morro. as diversas urzes e gramas que serviam para acender um fogo mas queimavam em poucos minutos, o alecrim bravo e o tojo pequenino que queimavam quando o fogo já se acendera bem, o carvalho retorcido e menor do que um arbusto de groselha, que se mostrava praticamente incomburente. Havia um tipo de caniço seco muito bom para iniciar a fogueira, mas só crescia no alto do morro à esquerda da posição. e era preciso enfrentar as balas do inimigo para apanhá-lo. Se os metralhadores fascistas nos vissem, dedicavam todo um tambor de munição ao intimorato. Em geral atiravam muito para cima e as balas cantavam no alto como pássaros. mas às vezes pipocavam e arrancavam lascas do calcário em distância pequena demais, com o que era preciso o cidadão jogar-se de cara no chão. Mas continuávamos recolhendo caniço assim mesmo, pois nada mais importava tanto quanto a lenha.

Tirante o frio, os outros desconfortos pareciam coisa de somenos. Está claro que estávamos todos em estado de sujeira permanente. Nossa água, como os alimentos, vinha em lombo de mula desde Alcubierre, e a parte de cada um dava perto de um litro por dia. Era um líquido repugnante, pouco mais transparente do que o leite. Em teoria, destinava-se exclusivamente a ser bebido, mas sempre consegui furtar uma vasilha cheia para poder lavar-me de manhã. Eu costumava lavar-me num dia e barbear-me no outro, pois nunca houve água suficiente para fazer ambas as coisas. Nossa posição exalava um fedor abominável, e fora do pequeno espaço da barricada havia fezes por toda a parte. Alguns dos milicianos tinham por hábito defecar na trincheira, procedimento dos mais repelentes quando era preciso andar por ali na escuridão, dando voltas para não enfiar o pé na coisa. Mas a sujeira nunca me preocupou. A bem da verdade, a sujidade é coisa pela qual as pessoas costumam fazer barulho demasiado. É surpreendente a rapidez

com que a gente se habitua a viver sem um lenço, e a comer em vasilha de estanho onde também se faz a higiene. Tampouco era difícil dormir com as roupas no corpo, depois de um ou dois dias. Impossível, naturalmente, era tirar as roupas e em especial as botinas à noite, pois precisava-se estar pronto para agir instantaneamente no caso de que fôssemos atacados. Em oitenta noites passadas ali, tirei a roupa apenas três vezes, embora conseguisse de quando em vez despi-las durante o dia. Fazia frio demasiado para que os piolhos pudessem fazer seu aparecimento, mas não faltavam ratos e camundongos. Há quem diga que não se encontram ratos e camundongos juntos no mesmo lugar, mas isso é tolice, quando existe comida suficiente para ambas as espécies roedoras.

Nos demais aspectos, não estávamos mal. A comida era boa e havia vinho suficiente. Os cigarros continuavam sendo distribuídos na proporção de um maço por dia, fósforos eram dados dia-sim dia-não, e distribuíam até mesmo velas. Eram velas muito finas, como as utilizadas em bolos de Natal, acreditando-se que tinham sido tiradas das igrejas. Todo abrigo recebia diariamente três polegadas de vela, que ficavam acesas perto de vinte minutos. Naquela época ainda era possível comprar velas, e eu trouxera alguns quilogramas comigo. Mais tarde a escassez de fósforos e velas tornou a vida uma coisa horrível. A gente não percebe a importância dessas coisas senão quando elas faltam. Num alarme noturno, por exemplo, quando todos no abrigo estão procurando freneticamente seu fuzil e pisando na cara dos outros, o poder acender uma luz pode representar a diferença entre a vida e a morte. Cada miliciano possuía uma binga e alguns metros de pavio amarelo, e depois de seu fuzil esse artigo constituía sua posse mais importante. As bingas apresentam a grande vantagem de poderem ser acendidas no vento, mas formam apenas uma brasa, de modo que não serviam para acender um fogo. Quando a escassez de fósforos se achava em sua pior fase, nosso único meio de produzir chama era tirar o chumbo de um cartucho e fazer a cordite disparar, usando para isso a binga.

Era uma vida extraordinária a que vivíamos, um modo extraordinário de estar na guerra, se pudermos chamar aquilo de guerra. Toda a milícia

reclamava contra a inatividade e pedia sempre uma explicação do motivo pelo qual não nos davam licença para atacar o inimigo. Mas já se tornara inteiramente óbvio que não haveria qualquer batalha por muito tempo ainda, a menos que o inimigo a empreendesse. Georges Kopp, em suas visitas periódicas de inspeção, mostrou-se bastante franco conosco.

- Isto não é uma guerra - costumava dizer. - uma ópera cômica, com alguém morrendo de vez em quando.

Na verdade a estagnação na frente de Aragón tinha causas políticas das quais eu nada sabia na ocasião, mas as dificuldades de natureza puramente militar - bem à parte da falta de reservas de homens - estavam à vista de todos.

Para começar, havia a natureza do terreno. A linha de frente, tanto a nossa quanto a dos fascistas, passava por posições dotadas de imensa força natural, que via de regra só podiam ser atacadas por um lado. Desde que algumas trincheiras fossem cavadas, lugares como aqueles não poderiam ser tomados pela infantaria, a não ser com esmagadora superioridade numérica. Em nossa própria posição, ou na maioria das que estavam mais próximas, uma dúzia de homens com duas metralhadoras poderia manter à distância todo um batalhão. Encarapitados no topo dos morros como estávamos devíamos ser alvos formidáveis para a artilharia, mas não existia artilharia em cena. Às vezes eu examinava a paisagem e ficava ansiando - e com quanto fervor! - por algumas baterias. Podia-se destruir as posições inimigas uma por uma com tanta facilidade quanto o quebrar nozes com um martelo. Mas no nosso lado simplesmente não havia canhões. Os fascistas, de vez em quando, conseguiam trazer um canhão ou dois de Saragoça e disparar algumas granadas, tão poucas que jamais acertavam o alcance dos disparos, e iam cair inofensivamente nas ravinas vazias. Contra o fogo de metralhadoras e sem se dispor de artilharia, só restam três coisas a fazer: cavar um abrigo no chão, em distância suficiente - uns quatrocentos metros -, atacar pelo campo aberto e ser massacrado, ou fazer ataques noturnos de pequena escala, que não modificam a situação geral. As alternativas a isso, de um ponto de vista prático, são a estagnação ou o suicídio.

Prevalecia, além disso, uma falta completa de material bélico de todos os tipos. E preciso fazer esforço para compreender como as milícias se encontravam mal armadas naquela altura. Qualquer centro de preparação de oficiais, funcionando em anexo a uma escola pública na Inglaterra, mostra-se muito mais moderno, como exército, do que éramos na milícia. A má qualidade de nosso armamento chegava a ponto tão espantoso que merece registro com pormenores.

Para aquele setor da frente toda nossa artilharia consistia de quatro morteiros de trincheira com quinze petardos por peça. Está claro que eram artigos preciosos demais para disparar, e os morteiros ficavam em Alcubierre. Havia metralhadoras na proporção de uma por cinqüenta homens, armas de modelo antigo mas bastante precisas até 300 ou 400 metros. Além disso tínhamos apenas os fuzis, e a maioria dos mesmos não passava de ferro velho. Eram de três tipos. O primeiro, um fuzil Mauser comprido, raramente com menos de vinte anos de fabricação e as alças de mira tão inúteis quanto um velocímetro quebrado,' na maioria deles, a alma do tubo estava corroída por completo, mas ainda assim um fuzil em cada dez não era mau. Vinha em seguida o Mauser curto, ou mousqueton, que na verdade era arma de cavalaria. Desfrutava de mais simpatia do que os outros, por ser mais leve para carregar e constituindo embaraço ou estorvo menor numa trincheira, e também porque eram comparativamente novos e pareciam eficientes. Na verdade, mostravam-se quase inúteis. Eram feitos de peças remontadas, nenhum dos ferrolhos pertencia à arma onde estava, e podia-se contar que em quatro deles três engasgavam depois de cinco disparos. Havia também algumas carabinas Winchester', boas para atirar, porém, doidamente imprecisas, e como seus cartuchos não tinham pentes, só podiam ser disparadas na base de um tiro de cada vez. A munição era coisa tão rara que cada homem chegado à linha de frente recebia apenas cinqüenta balas, em sua maioria de péssima qualidade. Os cartuchos feitos na Espanha eram apanhados vazios e reenchidos, e conseguiam fazer engasgar até os melhores fuzis. Já os cartuchos de fabricação mexicana eram melhores, e por isso ficavam reservados para as metralhadoras. A melhor de todas era a munição alemã, mas só se conseguia por meio dos prisioneiros e desertores, sendo pequena sua quantidade. Sempre guardei um pente de munição alemã ou mexicana no bolso para poder

usá-la numa emergência, mas na prática, quando essa emergência aparecia, eu raramente disparava meu fuzil, apavorado com a idéia de que aquela porcaria engasgasse e ansioso demais para reservar ao menos uma bala que não falhasse.

Não tínhamos capacetes de metal ou baionetas, pouquíssimos eram os revólveres ou pistolas, e existia apenas uma bomba para cada grupo de quatro ou cinco homens. A bomba utilizada naquela época era um objeto assustador, conhecido por "bomba F.A.I.", produzida pelos anarquistas nos primeiros dias da guerra. Funcionava conforme o princípio pelo qual funciona uma bomba Milis, mas a trava era segura não por pino metálico, e sim - por um pedaço de fita. Rompia-se a fita e quem o fizesse tratava logo de arremessar o petardo o mais depressa possível. A respeito desses petardos dizia-se então que eles tinham o dom da "imparcialidade", pois matavam não só o homem em quem eram atirados, mas também aquele que os lançava. Existiam diversos outros tipos, ainda mais primitivos porém provavelmente menos perigosos - para o lançador, naturalmente. Não foi senão no final do mês de março que vi uma bomba que valia a pena arremessar.

Ao lado desses problemas com o armamento, havia uma escassez de todos os artigos menores que são necessários numa guerra. Não dispúnhamos de mapas, por exemplo. A Espanha jamais fora inteiramente cartografada, e os únicos mapas detalhados existentes para aquela região eram os velhos mapas militares, quase todos em poder dos fascistas. Não tínhamos telêmetros, telescópios, periscópios ou binóculos, exceto os particulares pertencentes a este ou aquele camarada, e tampouco havia foguetes ou sinais luminosos, alicates para cortar arame farpado, ferramentas de armeiro e pouquíssimo era o material para limpar as armas. Parece que os espanhóis jamais ouviram falar em pull-through (cordão com bucha para limpar o cano das armas, por dentro), e muitos ficaram olhando boquiabertos quando fabriquei um dispositivo desses. Quem quisesse limpar o fuzil levava-o ao sargento, possuidor de uma longa vareta de latão que estava sempre dobrada e, portanto, arranhava a alma do cano. Não existia sequer algum óleo para limpeza de armas, que eram engraxadas com azeite, quando havia algum. Em ocasiões diferentes, untei minha arma com vaselina, creme

frio e até mesmo com gordura de porco. Além disso, não tínhamos lanternas ou lanternas elétricas - e naquela época acredito que não existisse coisa tal como uma lanterna elétrica em todo o nosso setor da linha de frente, e não se podia comprar uma senão em Barcelona, e assim mesmo com grande dificuldade.

Ao correr do tempo e enquanto os disparos desencontrados ecoavam pelos morros, comecei a cogitar com crescente ceticismo se alguma coisa viria trazer um pouquinho de vida, ou melhor, um pouquinho de morte, àquela guerra disparatada. Estávamos lutando contra a pneumonia, e não contra. homens. Quando as trincheiras se acham distanciadas uns quinhentos metros, ninguém é atingido senão por acidente. Está claro que havia baixas, mas a maioria das mesmas era auto-infligida. Se me lembro bem, os cinco primeiros homens que vi feridos na Espanha tinham-no sido por suas próprias armas, não intencionalmente, mas devido a acidentes ou falta de cuidado. Nossos fuzis estragados eram um autêntico perigo. Alguns apresentavam a característica idiota de disparar se a coronha fosse batida no chão, e vi um homem ter a mão atravessada por bala devido a isso. E na escuridão os recrutas novatos estavam sempre abrindo fogo um contra o outro. Certa noite, quando nem sequer o crepúsculo se formara, uma sentinela disparou contra mim de uma distância de vinte metros, e errou-me por um metro. Deus sabe quantas vezes o padrão de mira espanhol salvou minha vida. De outra feita eu saíra em patrulha no nevoeiro e prevenira cuidadosamente o comandante da guarda antes de partir. Mas ao voltar tropecei num arbusto, a sentinela assustada gritou que os fascistas estavam avançando, e tive o inefável prazer de ouvir o comandante da guarda ordenar a todos que abrissem fogo rápido em minha direção. Está claro que deitei-me ao chão e as balas passaram inofensivamente por cima. Nada consegue convencer um espanhol, ou pelo menos um espanhol jovem, de que as armas de fogo são coisas perigosas. Em outra ocasião, bem depois dessa, eu estava fotografando alguns metralhadores com sua peça, que tinham apontado diretamente para mim.

- Não disparem isso! - alertei em tom meio sério e meio patusco, enquanto acertava o foco da máquina fotográfica.

- Ora, não! Não vamos disparar!

No momento seguinte ouvi um estrondo assustador, e um jato de balas passou tão perto de meu rosto que fiquei com a face crivada de grãos de cordite. A coisa não fora intencionalmente feita, mas os metralhadores acharam imensa graça no caso. Poucos dias antes, no entanto, tinham visto um tropeiro ser acidentalmente baleado por um delegado político que estava brincando com uma pistola automática e que pusera cinco balas nos pulmões do tropeiro.

As senhas difíceis que o exército utilizava nessa época constituíam outra fonte de perigo, embora menor. Eram aquelas senhas duplas cansativas, nas quais uma palavra devia ser respondida por outra. Via de regra senha e contra-senha eram palavras de calibre elevado e revolucionário, tais como Cultura - progresso, ou Seremos - invencibles, e muitas vezes mostrava-se impossível fazer com que as sentinelas analfabetas recordassem tais expressões altissonantes. Certa noite, ainda me lembro, a senha era Cataluña e a contra-senha eroica, e um rapaz do campo, chamado Jaime Domenech, aproximou-se de mim com expressão perplexa e pediu explicações.

- Eroica... Que quer dizer eroica?

Disse-lhe que a palavra tinha o mesmo significado que valiente, e pouco depois disso ele tropeçava na trincheira, em meio à escuridão, e a sentinela bradava:

- Alto! Cataluña!

- Valiente! - berrou Jaime, crente que estava dizendo a coisa certa.

Bang!

Mas a sentinela errou o tiro. Naquela guerra todos erravam os outros, sempre que humanamente possível.

4

Já fazia perto de três semanas que eu estava na linha de frente, quando

chegou a Alcubierre um contingente de vinte ou trinta homens, enviados da Inglaterra pela I. L. P., e a fim de juntar todos os ingleses naquela frente de luta Williams e eu fomos mandados para sua companhia. Nossa nova posição era em Monte Oscuro, alguns quilômetros para o oeste, e dali dava para ver a cidade de Saragoça.

A posição encontrava-se numa espécie de muro de calcário, com os abrigos feitos em horizontal no barranco, como ninhos de andorinha. Entravam pelo chão por distâncias prodigiosas, e lá dentro era tão escuro e baixo que nem sequer podíamos ficar de joelhos, quanto mais em pé. Nos picos de elevações à nossa esquerda havia outras duas posições do P .0. U . M., uma das quais constituía ponto de fascínio para todos os homens na linha, pois ali estavam três mulheres milicianas, encarregadas de preparar a comida. Não que essas mulheres fossem tão belas assim, mas tornou-se preciso declarar aquela posição como terreno proibido ao acesso dos demais homens das outras companhias. A meio quilômetro à nossa direita havia um posto do P. S. U. C., na virada da estrada de Alcubierre. Era exatamente ali que a estrada mudava de donos. A noite podíamos ver as luzes de nossos caminhões de abastecimento, que vinham de Alcubierre e, si multaneamente, os dos fascistas, vindos de Saragoça. Dava para ver a própria cidade, uma linha estreita de luzes, parecendo-se aos portalós de navio, a uns vinte quilômetros para o sudoeste. As tropas do Governo olhavam-na àquela distância desde agosto de 1936, e continuam a fazê-lo hoje.

Havia cerca de trinta homens em nossa posição, inclusive um espanhol (Ramón, cunhado de Williams), bem como uma dúzia de metralhadores espanhóis. Com exceção de uma ou duas pragas - pois é sabido que a guerra atrai a gentalha - os ingleses formavam uma turma excepcionalmente boa, tanto física quanto mentalmente. Talvez o melhor de toda essa turma fosse Bob Smillie - o neto do famoso dirigente dos mineiros - que mais tarde iria ter morte tão ruim e sem sentido em Valência. Muita coisa fica revelada a respeito do caráter espanhol, no fato de que ingleses e espanhóis sempre se davam bem juntos, a despeito das dificuldades causadas pela diferença de idiomas. Todos os espanhóis, conforme descobrimos, conheciam duas expressões em inglês, Uma era "O.K., baby", e a outra uma palavra utilizada pelas

meretrizes de Barcelona em seus entendimentos com os marinheiros britânicos, e receio que os revisores não a deixassem imprimir aqui.

Também ali nada acontecia em toda a linha de frente. Tínhamos apenas o estampido irregular dos disparos e, muito raramente, o estrondo de um morteiro fascista que mandava todos correndo para a trincheira de cima para ver em que morro os petardos estavam explodindo. O inimigo achava-se um tanto mais próximo de nós naquela parte, a uns 300 ou 400 metros. Sua posição mais adiantada ficava exatamente em frente à nossa, com um ninho de metralhadora cujas seteiras constituíam uma tentação constante a que desperdiçássemos as balas. Raramente os fascistas se davam ao trabalho de disparar fuzis, mas mandavam de lá rajadas bem precisas sobre qualquer um que se expusesse. Ainda assim, passaram-se dez dias ou mais ate que tivéssemos nossa primeira baixa. Os soldados inimigos à nossa frente eram espanhóis. mas pelas informações prestadas por alguns desertores havia alguns graduados alemães em seu meio. Em alguma época anterior havia mouros ali - pobres coitados, como devem ter sofrido com o frio! - pois lá na terra de ninguém encontrava-se um mouro morto, que constituía uma das coisas a serem vistas na localidade - A dois ou três quilômetros para a esquerda, a linha deixava de ser continua e existia uma faixa de campo, mais baixa e densamente coberta de vegetação, que não pertencia aos fascistas nem a nós. Tanto nós quanto eles costumávamos fazer patrulhas por lá, durante o dia. Não deixava de ter sua graça. à escoteira, embora eu jamais visse uma patrulha fascista a distância menor do que diversas centenas de metros. Mediante muito rastejamento podia-se passar em parte pelas linhas fascistas e até mesmo ver a casa de fazenda onde estava içada a bandeira monarquista, e que servia de quartel-general local dos inimigos. De vez em quando sapecávamos-lhe uma saraivada de fuzis e tratávamos de procurar abrigo antes que as metralhadoras nos localizassem. Espero que tenhamos arrebentado algumas janelas, mas o edifício ficava a uns oitocentos metros de distância, e com nossas armas não podíamos ter certeza sequer de acertar uma casa tão longe.

Na maior parte os dias eram claros e frios, às vezes ensolarados por volta das doze horas, mas sempre frios. Aqui e ali, no terreno das

encostas, achávamos as pontas verdes de açafrão ou íris a se estender. Era evidente a aproximação da primavera, mas em marcha bem lenta. As noites mostravam-se mais frias do que nunca, e ao sair da guarda, de madrugada, costumávamos juntar o que restara do fogo na cozinha a ficar de pé nas brasas quentes. Isso não podia ser pior para as botinas, mas era ótimo para os pés. Havia manhãs, todavia, em que a visão da alvorada entre os picos de montanhas chegava quase a compensar o fato de estar fora da cama naquelas horas doidas. Eu detesto montanhas, mesmo quando situadas em ponto de vista espetacular, mas às vezes a aurora raiando atrás dos picos à nossa retaguarda, as primeiras faixas estreitas de luz dourada, como espadas a cortar a treva, e depois disso a luz brilhante e os oceanos de nuvens carmesins a estender-se por distâncias inconcebíveis, valiam a pena observar, mesmo quando se estivera de pé a noite inteira, quando as pernas adormeciam do joelho para baixo e éramos assaltados pelo pensamento sombrio de que não se comeria coisa alguma senão dali a três horas. Vi o raiar da aurora mais vezes, naquela campanha, do que durante todo o resto de minha vida - ou durante a parte que, espero, ainda virá.

Nosso efetivo era reduzido ali, o que representava guardas mais longas e faxinas maiores. Eu começava a sofrer um pouco a falta de sono inevitável até mesmo no tipo de guerra mais calma. Além da guarda e patrulha, surgiam alarmes e prontidões constantes à noite, e de qualquer forma ninguém consegue dormir direito num buraco infernal, cavado no chão, os pés doendo de tanto frio - Em meus três ou quatro primeiros meses na linha de frente acredito que não tenha tido mais de doze períodos de vinte e quatro horas inteiramente sem dormir. Por outro lado, é certo que não tive noites de sono completo. Dormir vinte ou trinta horas numa semana era coisa de todo normal. Os efeitos disso não são tão ruins quanto seria de esperar, pois ficava-se estúpido à beça e a tarefa de subir e descer os morros tornava-se mais difícil ao invés de mais fácil, mas eu me sentia bem e estava quase constantemente com fome - céus, que fome! Toda a comida parecia-me boa, até mesmo o eterno feijão que todos, na Espanha, acabavam finalmente aprendendo a odiar. Nossa água vinha de quilômetros além, nas costas de mulas ou de pobres e perseguidos burros. Por algum motivo que me escapa, os camponeses de Aragón tratavam suas mulas bem, mas quanto aos burros,

dispensavam-lhes um tratamento abominável. Se um burro empacasse, era comuníssimo que o tropeiro lhe desferisse bom pontapé nos testículos. Cessara a distribuição de velas, e os fósforos começavam a escassear. Os espanhóis nos ensinaram como fazer lamparinas de azeite com uma lata de leite condensado, um pente de balas (vazio) e um pouco de trapos. Quando havia azeite, o que nem sempre ocorria, aquelas coisas queimavam com uma chamazinha fraca e fumacenta, produzindo luz de um quarto de vela, apenas o suficiente para encontrar-se o fuzil na escuridão.

Não parecia haver esperança alguma de qualquer luta verdadeira. Quando deixamos Monte Pocero, eu contara meus cartuchos e descobrira que em perto de três semanas disparara apenas três tiros contra o inimigo Dizem que são precisas mil balas para matar um homem, e naquela batida seriam precisos vinte anos até eu poder matar meu primeiro fascista. Em Monte Oscuro as linhas estavam mais próximas e fazia-se número maior de disparos, mas tenho razoável certeza de que não acertei pessoa alguma. A bem da verdade, naquela linha de frente e nesse período da guerra a arma verdadeira não era o fuzil, mas o megafone. Não se podendo matar o inimigo, gritava-se para ele tudo quanto era desaforo e provocação. Tal método de guerra é coisa tão extraordinária, que merece explicação.

Sempre que as linhas se encontravam em distância que a voz humana alcançasse, travava-se intenso intercâmbio de uma trincheira para a outra De nós partiam os gritos:

- Fascistas - maricones!

E, vindo deles:

- Viva España! Viva Franco!

Ou então, quando sabiam que havia ingleses no nosso lado, gritavam em espanhol:

- Voltem pra casa, seus ingleses! Não queremos estrangeiros aqui!

No lado do Governo, as milícias partidárias, o grito de frases de

propaganda destinadas a solapar o moral do inimigo já se transformara em técnica regular. Em toda posição que se prestasse a isso havia homens, em especial os metralhadores que eram dispensados para o trabalho de gritar, e que recebiam megafones para isso. Via de regra eles berravam uma frase feita, cheia de sentimentos revolucionários que visavam fazer os soldados fascistas compreenderem que não passavam de cachorrinhos do capitalismo internacional, que estavam lutando contra sua própria classe, etc. etc. e instavam para que se bandeassem para nosso lado. Isso era repetido continuamente por turmas que se revezavam na tarefa, e às vezes adentrava-se pela noite afora. Não há dúvida de que o trabalho apresentava efeitos, e todos concordavam em que o gotejamento de desertores fascistas devia-se a isso, em parte. Pensando bem no assunto dá para ver que quando um pobre coitado designado como sentinela - e muito provavelmente membro de sindicato socialista ou anarquista, apanhado pelo recrutamento contra sua vontade - está enregelado em seu posto, o refrão "Não lute contra sua própria classe!" a ecoar repetidamente na escuridão acaba por causar certa impressão. Podia até representar exatamente a diferença entre desertar e não desertar. Está claro que tal método não se ajusta à concepção britânica de como fazer a guerra e reconheço ter ficado espantado e escandalizado quando, pela primeira vez, vi fazerem isso. Que idéia estapafúrdia, essa de querer converter o inimigo, ao invés de abrir fogo sobre ele! Já agora acredito que, de qualquer ponto de vista pelo qual se encare a questão, era um recurso legítimo. Na guerra comum de trincheira, quando não existe artilharia, mostra-se extremamente difícil infligir baixas ao inimigo sem que se receba número idêntico das mesmas. Se for possível imobilizar certo número de homens no lado oposto, fazendo com que desertem, tanto melhor, e os desertores têm mais valor do que cadáveres, pois prestam informações. Mas inicialmente tal sistema nos desalentou, levando-nos a crer que os espanhóis não estavam encarando aquela guerra muito a sério. O homem que se encarregava da gritaria destinada ao inimigo, no posto do P. S. U . C. lá embaixo à nossa direita, era um verdadeiro artista no assunto. As vezes, ao invés de gritar refrões revolucionários, ele simplesmente contava aos fascistas que estávamos muito mais bem alimentados do que eles. Sua descrição das rações que recebíamos do

Governo tendia, na verdade, a mostrar-se um tanto imaginativa.

- Torrada com manteiga! - dava para ouvir no eco que reverberava pelo vale afora. - Estamos aqui sentados e comendo torradas com manteiga! Pedacinhos lindos de torrada com bastante manteiga!

Não duvido que, como nós, ele não visse manteiga já desde semanas ou meses atrás, mas naquelas noites geladas as noticias de torradas imersas em manteiga provavelmente puseram muitas bocas fascistas cheias de água. Até a minha ficava, embora eu soubesse que ele mentia descaradamente.

Certo dia, em fevereiro, vimos um aeroplano fascista a aproximar-se. Como de costume, a metralhadora foi levada para o descoberto e seu cano virado para cima, enquanto todos se deitavam de costas para fazer boa mira. Nossas posições isoladas não valiam o lançamento de uma bomba, e via de regra os poucos aviões fascistas que passavam por ali faziam círculos para evitar o fogo das metralhadoras. Mas daquela feita o aeroplano veio diretamente para nós, alto demais para que se pudesse abrir fogo, e dele vieram caindo não bombas, mas coisas brancas e brilhantes que revoluteavam no ar. Algumas chegaram até nossa posição. Eram exemplares de um jornal fascista, o Heraldo de Aragân anunciando a queda de Málaga.

Aquela noite os fascistas na posição em frente desferiram um tipo de ataque abortivo. Eu acabava de alojar-me para dormir, meio morto de sono, quando estrugiu uma torrente forte de balas por cima e alguém gritou no abrigo:

- Estão atacando!

Passei a mão no fuzil e deslizei até meu posto, na parte de cima da posição e ao lado da metralhadora. Reinavam uma escuridão completa e barulheira infernal. O fogo de umas cinco metralhadoras caía sobre nós, e houve uma série de estrondos fortes causados pelo arremesso de bombas fascistas por sobre seu próprio parapeito, em manobra das mais idiotas. A treva da noite parecia impenetrável e lá embaixo no vale, à nossa esquerda, pude ver o brilho esverdeado de fuzis onde um

pequeno número de fascistas, provavelmente em patrulha, metia-se no brinquedo. As balas voavam em torno de nós no escuro, com seus ruídos característicos. Algumas granadas passaram pelo alto assoviando, mas não caíram perto de nós e (como era comum nessa guerra) a maioria deixou de explodir. Tive um instante de aperto quando outra metralhadora abriu fogo do alto do morro atrás da gente - na verdade fora arma trazida ali para nos dar apoio, mas no momento pareceu estarmos cercados. Logo em seguida a nossa própria metralhadora engasgava, como sempre acontecia por utilizar aqueles cartuchos do diabo, e a vareta de desentupi-la foi perdida na escuridão impenetrável. Parecia que nada mais nos restava, senão ficar quietos e servir de alvos. Os metralhadores espanhóis, em sinal de desdém, não procuraram abrigo e, na verdade, expuseram-se deliberadamente, de modo que tive de fazer o mesmo. Por insignificante que fosse, todo aquele acontecimento mostrou-se interessantíssimo. Era a primeira em que eu estivera, a rigor, sob fogo inimigo e, para minha humilhação, verifiquei estar apavorado. Sempre se sente o mesmo, pelo que observei, quando sob fogo pesado. O medo não é tanto a ser atingido quanto se deve a não sabermos onde vamos sé-lo. Fica-se ali imaginando todo o tempo, pensando em que ponto exato a bala vai nos pegar, e isso confere a todas as partes do corpo uma sensibilidade das mais desagradáveis.

Depois de uma ou duas horas os disparos diminuiram e cessaram, e por todo esse tempo tivemos uma única baixa. Os fascistas avançaram com duas metralhadoras até à terra de ninguém, mas guardando uma boa distância e sem fazerem qualquer tentativa no sentido de chegar ao nosso parapeito. Na verdade não estavam atacando, e apenas gastavam cartuchos e faziam uma barulheira dos diabos a fim de comemorar a tomada de Málaga. A importância principal do caso foi que isso ensinou-me a ler as noticias da guerra nos jornais com espírito mais precavido e incrédulo, pois um Ou dois dias mais tarde os jornais e o rádio divulgavam relatórios de um ataque tremendo que fora desferido com cavalaria e tanques (como se pudessem escalar uma encosta perpendicular!) e que os heróicos ingleses repeliram.

Quando os fascistas nos disseram que Málaga caíra em suas mãos,

achamos ser mentira deles, mas no dia seguinte surgiam boatos mais convincentes e deve ter passado um dia, ou dois, para o acontecimento ser oficialmente reconhecido. Gradualmente toda a história deplorável foi surgindo - como a cidade fora evacuada sem se disparar um tiro, e como a fúria dos italianos recaíra não sobre as tropas, que partiram dali, mas sobre a pobre população civil, partes da qual foram perseguidas e metralhadas por grande distância. As notícias causaram um calafrio na espinha, em todos nós, pois qualquer que tenha sido a verdade, todos os homens na milícia acreditavam que a queda de Málaga devia-se a traição. Era a primeira vez que eu ouvia falar em traição ou metas divergentes, e isso veio a formar em meu espírito as primeiras dúvidas vagas a respeito daquela guerra que, até então, apresentara as coisas certas e as erradas com maravilhosa simplicidade.

Em meados de fevereiro deixamos Monte Oscuro e fomos mandados, juntamente com todas as tropas do P.O.U.M. naquele setor, tomar parte no exército que sitiava Huesca. Tratava-se de uma viagem de noventa quilômetros em caminhão pela planície no inverno onde os vinhedos podados ainda não estavam brotando e as folhas da cevada mal surgiam no solo entorroado. A quatro quilômetros de nossas novas trincheiras, Huesca rebrilhava, pequenina e clara como uma cidade de casas de bonecas Meses antes, quando Sietamo fora tomada, o general coruandante das tropas do Governo dissera alegremente:

- Amanhã tomaremos café em Huesca.

A coisa não saiu como esperava, pois houve ataques cerrados, a cidade não foi tomada, e "Amanhã tomaremos café em Huesca" se tornara uma grande piada para todo o exercito. Se algum dia eu voltar à Espanha farei questão de tomar uma xícara de café em Huesca.

5

Nada, ou quase nada, aconteceu no lado oriental de Huesca até o final de março. Estávamos a mil e duzentos metros do inimigo. Quando os fascistas foram repelidos para Huesca, os soldados do Exército Republicano encarregados daquela parte da linha de frente não tinham sido muito ardorosos em seu avanço, de modo que a linha formava uma

espécie de bolsão. Mais tarde seria preciso avançar por ali - o que era perigoso debaixo do fogo inimigo - mas naquele momento o inimigo, na verdade, podia até não existir, pois nossa única preocupação era aquecer-nos e conseguir alimentação suficiente. A bem da verdade, houve coisas nesse período que me interessaram profundamente, e serão descritas mais adiante. Mas ficarei mais próximo da ordem dos acontecimentos se procurar apresentar, neste ponto, alguma explicação sobre a situação política interna no lado do Governo.

De inicio eu ignorara o lado político da guerra, e somente àquela altura é que o mesmo começou a forçar-se à minha atenção. Se o leitor não estiver interessado nas misérias da política partidária, passe por cima. Estou procurando manter as partes políticas desta narrativa em capítulos separados, exatamente por esse motivo. Mas seria de todo impossível, ao mesmo tempo, escrever a respeito da guerra espanhola com base num ângulo puramente militar. Tratava-se, acima de tudo, de uma guerra política e nenhum acontecimento nela, pelo menos no primeiro ano de seu transcurso, pode ser entendido sem que se tenha alguma percepção da luta interpartidária que se travava por trás das linhas governamentais.

Quando cheguei à Espanha, e por algum tempo depois disso, não só estava desinteressado pela situação política como também não a percebia. Sabia que havia uma guerra, mas não fazia idéia de que tipo ela era. Se me perguntassem por que ingressara na milícia, eu teria respondido: "Para lutar contra o fascismo", e se perguntassem pelo que estava lutando, eu diria: "Pela decência comum". Eu aceitara a versão que o News Chronicle-New Statesman conferira ao conflito, chamando-o de defesa da civilização contra um motim maníaco, de um exército composto de Coronéis Blimp 1 a soldo de Hitler. A atmosfera revolucionária de Barcelona me atraíra profundamente, mas eu não fizera qualquer esforço no sentido de compreendê-la. Quanto ao caleidoscópio de partidos políticos e sindicatos de trabalhadores, com seus nomes fatigantes - P.S.U.C., P.O.U.M., F.A.I., C.N.T., U.G.T., J.C.I., J.S.U., A.I.T. - serviam apenas para me exasperar. A primeira vista parecia que a Espanha sofria uma praga de siglas. Eu sabia que estava servindo em alguma coisa chamada o P. O. U. M. (só ingressara nela, ao invés de fazê-lo em qualquer outra milícia, porque chegara a Barcelona

com documentos da I. L. P.), mas não compreendi que existiam sérias divergências entre os partidos políticos. Em Monte Pocero, quando indicaram a posição à nossa esquerda e disseram que "ali estão os socialistas" (o que significava o P.S.U.C.) eu fiquei intrigado e perguntei: "Mas não somos todos socialistas?" Achei bastante idiota o fato de que gente lutando pela vida devesse ter partidos separados, e minha atitude sempre foi a de que "devíamos largar de mão aquela besteira política toda e tocar a guerra para frente". Está claro que se tratava da atitude "antifascista" correta, cuidadosamente disseminada pelos jornais ingleses, em grande parte para impedir que os leitores compreendessem a natureza real da luta. Mas na Espanha, e principalmente na Catalunha, tratava-se de atitude que ninguém podia manter indefinidamente. Todos, por mais que o evitassem, vinham mais cedo ou mais tarde a tomar partido, pois mesmo quem não desse qualquer importância aos partidos políticos e suas "linhas" colídentes tinha de perceber que seu próprio destino estava em jogo - Como miliciano, era-se soldado contra Franco, mas era-se também um peão numa luta enorme que se travava entre duas teorias políticas. Quando eu saía à cata de lenha nas encostas de montanha e ficava pensando se aquilo era mesmo uma guerra ou se o News Chronicle a inventara, quando eu me esquivava ao fogo de metralhadoras comunistas nas desordens de Barcelona, quando finalmente fugi da Espanha tendo a polícia nos calcanhares - tudo isso acontecera desse modo porque eu servia na milícia do P.O.U.M. e não no P.S.U.C. Tal é a grande, a imensa diferença entre duas siglas!

Para compreender o alinhamento no lado do Governo é preciso recordar como a guerra começou. Ao irromper a luta em 18 de julho, é provável que todos os antifascistas na Europa tenham sido tocados pela esperança, pois ali, finalmente, e pelo que parecia, a democracia punha-se de pé contra o fascismo. Por anos a fio os chamados países democráticos tinham-se curvado ao fascismo, a cada passo. Aos japoneses dera-se mão livre na Manchúria. Hitler tomara o poder e passara a massacrar os adversários políticos de todos os tipos. Mussolíni bombardeara os abissínios enquanto cinqüenta e três nações (acho que foram cinqüenta e três) emitiam sons piedosos - e ficavam de fora. Mas quando Franco tentou derrubar um Governo levemente esquerdista o povo espanhol, contra todas as expectativas, levantara-se

contra isso. Parecia - e talvez fosse - a virada da maré.

Havia diversos pontos, todavia, que escapavam à atenção geral. Para começar, não se podia comparar Franco, a rigor, com Hitler ou Mussolíni. Seu levante foi um motim militar apoiado pela aristocracia e pela Igreja, e em sua maior parte, ao menos de inicio, constituiu tentativa não tanto de impor o fascismo quanto restaurar o feudalismo. Isso queria dizer que Franco tinha contra si não só a classe trabalhadora, mas também diversas partes da burguesia liberal - aqueles mesmos que formam os sustentáculos do fascismo quando este surge em forma mais moderna. Mais importante do que isso era o fato de que a classe trabalhadora espanhola não resistiu a Franco, como talvez pudéssemos fazer na Inglaterra, em nome da "democracia" e do status quo. Sua resistência foi acompanhada - e podemos quase dizer que consistiu de - uma explosão revolucionária definida. A terra foi tomada pelos camponeses e muitas fábricas, bem como a maior parte dos meios de transporte, caíram em mãos dos sindicatos. As igrejas foram destroçadas e os sacerdotes expulsos ou mortos - O Daily Mal, entre aclamações do clero católico, teve a capacidade de apresentar Franco como um patriota que libertava o país das hordas de "vermelhos" demoníacos.

Durante os primeiros poucos meses da guerra o verdadeiro oponente de Franco não foi tanto o Governo quanto o foram os sindicatos. Assim que o levante irrompeu os trabalhadores urbanos organizados retrucaram decretando greve geral e depois exigindo - e conseguindo, após alguma luta - armas dos arsenais públicos. Se não houvessem agido espontaneamente, e de modo mais ou menos independente, é bem possível que Franco jamais encontrasse qualquer resistência. Não pode haver qualquer certeza a esse respeito, é claro, mas existem motivos, ao menos, para pensar assim. O Governo fizera pouca ou nenhuma tentativa de impedir o levante, que fora antevisto muito tempo antes, e quando a luta irrompeu sua atitude mostrou-se fraca e hesitante, a tal ponto que a Espanha chegou a ter três primeiros-ministros num só dia. 2 Além disso, o passo que poderia salvar a situação imediata, que era armar os trabalhadores, foi dado contra a vontade e resultou de violento clamor popular. Mesmo assim as armas foram distribuídas e nas grandes cidades da Espanha oriental os fascistas viram-se batidos por um

esforço imenso, principalmente da classe trabalhadora, auxiliada por parte das Forças Armadas (Guardas de Assalto, etc,) que haviam permanecido fiéis. Era o tipo de esforço que provavelmente só se poderia obter de gente que estivesse lutando com intenção revolucionária, isto é, acreditando que estava lutando por alguma coisa melhor do que o status quo. Nos diversos centros da revolta acredita-se que três mil pessoas tenham morrido nas ruas, num só dia. Homens e mulheres armados apenas com bastões de dinamite corriam pelas praças abertas e atacavam edifícios de pedra guardados por soldados treinados, que tinham metralhadoras à sua disposição. Ninhos de metralhadoras que os fascistas colocaram em pontos estratégicos foram arrebentados por táxis que se arremessavam sobre eles a sessenta quilômetros horários. Ainda que nada se tivesse ouvido sobre a tomada da terra pelos camponeses, o estabelecimento de sovietes locais, etc,, seria difícil crer que os anarquistas e socialistas, o esteio da resistência, estivessem fazendo essas coisas para preservar a democracia capitalista, que principalmente no ponto de vista dos anarquistas não passava de uma máquina centralizada para roubar o povo.

Enquanto isso, os trabalhadores estavam com armas na mão, e a essa altura abstinham-se de devolvê-las. (Mesmo um ano depois calculava-se que os anarco-sindicalistas na Catalunha tinham 30.000 fuzis em seu poder.) As propriedades dos grandes latifundiários pró-fascistas foram, em muitos lugares, tomadas pelos camponeses e juntamente com a coletivizaçao da indústria e transporte houve tentativa no sentido de estabelecer as primícias de um governo de trabalhadores, mediante os comitês locais, patrulhas de operários para substituir as antigas forças policiais pró-capitalistas, milícias de trabalhadores baseadas em sindicatos, e assim por diante. Está claro que tal processo não era uniforme, e foi mais a fundo na Catalunha do que em qualquer outra parte do país. Havia regiões onde as instituições de governo local continuaram quase incólumes, e outras onde elas coexistiam com comitês revolucionários. Em alguns lugares estabeleceram-se comunas anarquistas independentes, e algumas continuaram a existir até um ano mais tarde, quando foram suprimidas à força pelo Governo. Na Catalunha, durante os primeiros meses, a maior parte do poder real esteve em mãos dos anarco-sindicalistas, que controlaram a maior parte

das indústrias principais. O que aconteceu na Espanha, na verdade, não foi apenas uma guerra civil, mas o inicio de uma revolução. É este o fato que a imprensa antifascista fora da Espanha tratou de obscurecer. A questão viu-se reduzida a "fascismo versus democracia", e o aspecto revolucionário da coisa toda foi oculto tanto quanto possível. Na Inglaterra, onde a imprensa se acha mais centralizada e o público é mais facilmente iludido do que em outros países, apenas duas versões da guerra espanhola mereceram qualquer divulgação: a versão direitista dos patriotas cristãos versus bolchevistas dos quais gotejava o sangue das vítimas, e a versão esquerdista de republicanos cavalheirescos que sufocavam uma rebelião militar. A questão central em jogo foi encoberta.

Havia diversos motivos para que isso ocorresse. De início, mentiras espantosas a respeito de atrocidades estavam circulando na imprensa favorável aos fascistas, e propagandistas bem intencionados certamente achavam que estavam ajudando o Governo espanhol quando negavam que a Espanha "ficara vermelha". Mas o motivo principal era o seguinte: com exceção dos pequenos grupos revolucionários que existem em todos os países, o mundo todo estava resolvido a impedir a revolução na Espanha. O Partido Comunista, em particular, tendo a Rússia soviética por trás, atirou todo o seu peso e vigor contra a revolução. A tese comunista era de que naquela etapa a revolução seria fatal, e o que se devia procurar na Espanha não era o controle pelos trabalhadores, mas a democracia burguesa. Quase não se precisa mostrar o motivo pelo qual a opinião capitalista "liberal" adotou a mesma linha. O capital estrangeiro encontrava-se fartamente aplicado na Espanha. A Barcelona Traction Company, por exemplo, representava dez milhões em capital inglês, e nesse intervalo os sindicatos apoderaram-se de todos os transportes na Catalunha. Se a revolução seguisse sua marcha, não se receberia qualquer compensação, ou pouca; se a república capitalista prevalecesse, os investimentos estrangeiros estariam a salvo. E como a revolução precisava ser esmagada, tudo ficava muito simplificado quando se fazia de conta que não ocorrera revolução alguma. Desse modo o significado real de cada acontecimento podia ser encoberto, e toda transferência do poder dos sindicatos para o Governo central podia ser apresentada como passo necessário na reorganização militar. A situação assim criada mostrava-se extremamente curiosa. Fora da

Espanha poucos compreendiam que havia uma revolução; dentro do país, ninguém duvidava disso. Até mesmo os jornais do P .S. U. C., controlados pelos comunistas e mais ou menos comprometidos com uma doutrina anti-revolucionária, falavam sobre "nossa gloriosa revolução". E enquanto isso a imprensa comunista nos outros países gritava que não existia qualquer sinal de revolução em parte alguma; a tomada das fábricas, estabelecimento de comitês operários, etc., nada disso ocorrera - ou então, ocorrera, mas não apresentava qualquer importância política". De acordo com o Daily Worker (6 de agosto de 1936) aqueles que diziam estar o povo espanhol lutando pela revolução social, ou por qualquer outra coisa que não a democracia burguesa, eram "patifes mentirosos e descarados". Por outro lado Juan López, membro do Governo de Valência, declarava em fevereiro de 1937 que "o povo espanhol está derramando seu sangue, não pela República democrática e sua Constituição de papel, mas por... uma revolução". Assim poderia parecer que os patifes mentirosos e descarados incluíam alguns membros do Governo pelo qual éramos solicitados a lutar. Alguns dos jornais antifascistas estrangeiros chegaram até à mentira piedosa de fazer de conta que as igrejas só eram atacadas quando utilizadas como fortalezas pelos fascistas. Na verdade, as igrejas foram pilhadas por toda a parte e do modo mais natural, porque sabia-se muitíssimo bem que a Igreja da Espanha fazia parte da quadrilha capitalista. Em seis meses que passei na Espanha vi apenas duas igrejas intatas, e até proximidades de julho de 1937 igreja nenhuma pôde reabrir as portas e celebrar missa ou qualquer atividade, com exceção de uma ou duas igrejas protestantes em Madri.

Mas aquilo, afinal de contas, era apenas o início de uma revolução, e não a coisa completa. Até mesmo quando os trabalhadores, com certeza na Catalunha e possivelmente em outras partes, tiveram o poder para fazer isso, não derrubaram ou substituíram inteiramente o Governo. Era claro que não podiam fazê-lo, quando Franco estava martelando à porta da frente e seções da classe média encontravam-se ao lado dele. O país estava em etapa transitória que podia tomar o rumo do socialismo ou regressar a uma república capitalista comum. Os camponeses possuíam a maior parte da terra, e deveriam mantê-la, a menos que Franco vencesse; todas as grandes indústrias foram coletivizadas, mas se

continuariam assim ou se o capitalismo regressaria às mesmas, isso dependeria de quem finalmente conquistasse o poder. Ao início, tanto o Governo central quanto o Generalato de Catalunha (o Governo catalão semi-autônomo) podiam, de modo definido, ser proclamados como representantes da classe trabalhadora. O Governo estava encabeçado por Caballero, socialista da ala esquerda, e continha ministros representando a U. G. T. (sindicatos socialistas) e o C . N . T. (unidades sindicalistas controladas pelos anarquistas). O Generalato catalão, durante algum tempo, foi virtualmente superado por um Comitê de Defesa antifascista 3 que consistiu principalmente de delegados vindos dos sindicatos. Mais tarde o Comitê de Defesa foi dissolvido e o Generalato reconstituído de modo a representar os sindicatos e diversos partidos esquerdistas. Mas cada manobra subsequente, na reorganização do Governo, constituiu um passo para a direita. De início, o P. O. U. M. foi expulso do Generalato; seis meses depois disso, Caballero era substituído por Negrín, socialista da ala direita; pouco depois o C . N . T. via-se eliminado do Governo, e então era expulso do Generalato. Um ano após a eclosão da guerra e revolução restava, finalmente, um Governo composto de socialistas de direita, liberais e comunistas.

A virada geral para a direita data de outubro-novembro de 1936, quando a U. R. S.S. começou a enviar armas para o Governo e o poder começou a passar dos anarquistas para os comunistas. Com exceção de Rússia e México, nenhum outro pais tivera a decência de vir acudir o Governo, e o México, por motivos óbvios, não podia enviar armas em quantidade maior. Por conseqüência, os russos encontravam-se em posição de ditar condições. Resta pouquíssima dúvida de que as mesmas diziam, em sua substância real: "Impeçam a revolução, ou não receberão armas", e que o primeiro passo contra os elementos revolucionários, a expulsão do P.O.U.M. do Generalato catalão, foi dado sob ordens emanadas da U.R.S.S. Já se negou que qualquer pressão tenha sido exercida pelo Governo russo, mas o ponto não apresenta grande importância. pois os partidos comunistas de todos os países podem ser tidos como executando a doutrina russa, e não se nega que o Partido Comunista foi o maior agente, de início contra o P .0. U . M., depois contra os anarquistas e a seção de Caballero dos socialistas e, de um modo geral,

contra uma doutrina revolucionária. Uma vez obtida a intervenção da U.R.S.S., o triunfo do Partido Comunista ficava assegurado. Para começar, a gratidão à Rússia pelas armas e o fato de que o Partido Comunista, em especial depois da chegada das Brigadas Internacionais, parecia capaz de ganhar a guerra, fizeram subir de modo extraordinário o prestígio dos comunistas. Em segundo lugar, as armas russas eram fornecidas por intermédio do Partido Comunista e os partidos a ele aliados, e os mesmos providenciavam para que o menor número possível delas chegasse a seus adversários políticos.4 Em terceiro, proclamando uma doutrina não-revolucionária os comunistas conseguiram reunir ao seu redor todos aqueles que os extremistas haviam assustado. Era fácil, por exemplo. convocar os camponeses mais prósperos contra a doutrina de coletivização dos anarquistas. Era enorme o crescimento no número de membros do partido. e o influxo advinha em grande parte da classe média - lojistas, funcionários, oficiais do Exército, camponeses bem de vida, etc. etc. A guerra, em sua essência, era uma luta triangular. A luta contra Franco tinha de prosseguir. mas a meta simultânea do Governo era recobrar tanto poder quanto restasse em mãos dos sindicatos. Obteve-se isso mediante uma série de pequenas manobras - numa política de alfinetadas, como disse alguém - e, em seu conjunto. de modo muito hábil. Não havia qualquer movimento contra-revolucionário geral e declarado, e até maio de 1937 quase não precisaram empregar a força. Sempre era possível trazer os trabalhadores ao redil, argumentando-se de modo por demais óbvio para que o repitamos: "A menos que faças isto, aquilo e mais aquilo, perderemos a guerra". Em todos os casos, não preciso dizer, parecia que a coisa exigida pela necessidade militar era a entrega de tudo quanto os trabalhadores conquistaram por si próprios em 1936. Mas o argumento dificilmente falharia, pois perder a guerra era a última coisa que os partidos revolucionários desejavam; se a guerra fosse perdida a democracia e a revolução, o socialismo e o anarquismo tornar-se-iam palavras ocas, sem sentido. Os anarquistas, formando o único partido revolucionário com tamanho suficiente para ser levado em conta, foram obrigados a ceder, ponto por ponto. O processo de coletivização estacou, os comitês locais foram abolidos, as patrulhas de trabalhadores também e as forças policiais de antes da guerra, bastante aumentadas e

muito bem armadas, voltaram à cena, enquanto diversas indústrias principais que estiveram sob controle dos sindicatos passavam à posse do Governo (a tomada do Centro Telefônico de Barcelona, que levou à luta de maio, foi um dos incidentes nesse processo); e finalmente, no que era o mais importante de tudo, as milícias de trabalhadores, baseadas nos sindicatos, viram-se desfeitas, de modo gradual, e distribuídas pelo novo Exército Popular, um exército "não-politico" em linhas semiburguesas, com tabela diferencial de soldo, casta de oficiais desfrutando privilégios, etc. etc. Nas circunstâncias especiais em que se vivia, tratava-se do passo realmente decisivo, e ocorreu na Catalunha depois de efetuar-se em todas as outras partes, porque era ali que os partidos revolucionários se mostravam mais fortes. Como é óbvio, a única garantia que os trabalhadores podiam ter de que iriam continuar com seus ganhos era a manutenção de parte das forças armadas sob seu controle. E como de costume, a dissolução das milícias efetuou-se em nome da eficiência militar, e ninguém podia negar que se tornava necessária uma completa reorgallização militar. Teria sido perfeitamente possível, todavia, reorganizar as milícias e torná-las mais eficientes ao mesmo tempo em que permanecessem sob controle dos sindicatos, mas o objetivo principal da modificação era assegurar que os anarquistas não possuíssem um exército próprio. O espirito democrático das milícias, além disso, era campo de cultura para as idéias revolucionárias. Os comunistas percebiam isso muito bem e investiam incessante e acremente contra o P.O.U.M. e o principio anarquista do pagamento igual para todas as patentes. Um "aburguesamento" geral, uma destruição deliberada do espírito igualitário dos primeiros meses da revolução, estavam tendo lugar. Tudo ocorreu tão depressa que as pessoas fazendo visitas sucessivas à Espanha, com intervalos de alguns meses, declararam que mal pareciam estar visitando o mesmo país; o que parecera, na superfície e por um breve instante, um Estado de trabalhadores, sofria transformação diante dos próprios olhos dos observadores e tornava-se uma república burguesa comum, com sua divisão normal entre ricos e pobres. No outono de 1937 o "socialista" Negrín declarava em discursos públicos que "respeitamos a propriedade privada" e os membros das Cortes, que ao início da guerra fugiram do país devido às suas simpatias pelos fascistas, regressavam agora à

Espanha.

Todo esse processo é fácil de entender quando nos lembramos que ele parte da aliança temporária que o fascismo, em certas de suas formas, força ao burguês e ao operário. Essa aliança, conhecida como Frente Popular, constituí em sua essência uma aliança de inimigos, e parece provável que tenha, sempre, que terminar com um dos aliados engolindo o outro. O único traço inesperado na situação espanhola - e fora da Espanha isso causou uma extensão enorme de mal-entendidos - é que entre os partidos ao lado do Governo os comunistas situavam-se não na extrema esquerda, mas na extrema direita. Na verdade isso não deveria causar surpresa, pois a tática do Partido Comunista em outras partes, em especial na França, já tornou bem claro que o Comunismo Oficial deve ser encarado, pelo menos por enquanto, como força anti-revolucionária. Toda a doutrina do Comintem está agora subordinada (e de modo perdoável, levando-se em conta a situação mundial) à defesa da U.R.S.S., que depende de um sistema de alianças militares. De modo particular, a U.R.S.S. encontra-se em aliança com a França, país capitalista-imperialista. Essa aliança de pouco vale à Rússia a menos que o capitalismo francês seja forte, pelo que a doutrina comunista na França tem de ser anti-revolucionária.

Isto quer dizer não apenas que os comunistas franceses marcham hoje sob a tricolor e cantam a Marselhesa mas, e o que é mais importante, que tiveram de abandonar toda a agitação eficiente nas colônias francesas. Há menos de três anos, Thorez, Secretário do Partido Comunista francês, declarou que os trabalhadores franceses jamais seriam seduzidos a lutar contra seus camaradas alemães;5 e ele é hoje um dos patriotas mais gritantes da França. A pista para compreendermos o comportamento do Partido Comunista, em qualquer pais, é a relação militar desse país, real ou latente, para com a U.R.S.S. Na Inglaterra, por exemplo, a posição ainda se mostra incerta, daí o fato do Partido Comunista inglês mostrar-se hostil ao Governo Nacional e, de modo ostensivo, opor-se ao rearmamento. No entanto, se a Grã-Bretanha entrar em aliança ou entendimento militar com a U.R.S.S., o comunista britânico, como o comunista francês, não terá outra escolha senão tornar-se bom patriota e imperialista, e já encontramos sinais indicando

isso. Na Espanha a "linha" comunista encontrava-se, sem qualquer dúvida, sob a influência do fato de que a França, aliada da Rússia, objetaria com vigor à existência de um vizinho revolucionário e moveria céus e terras para impedir a libertação do Marrocos espanhol. O Daily Mail, com suas reportagens de revolução vermelha financiadas por Moscou, estava ainda mais disparatadamente errado do que costumava andar. Na realidade, eram os comunistas, acima de quaisquer outros, quem impediam a revolução na Espanha. Mais tarde, quando as forças da ala direita adquiriram pleno controle, os comunistas mostraram-se dispostos a ir muito mais longe do que os liberais na caçada aos dirigentes revolucionários.5

Tentei debuxar o curso geral da revolução espanhola em seu primeiro ano, porque isso facilita a compreensão da situação em qualquer momento. Mas não pretendo sugerir que em fevereiro eu tivesse todas as opiniões que citei. Logo para começar, as coisas que mais me esclareceram não haviam ocorrido ainda, e seja lá como for minhas preferências eram, de algum modo, diferentes do que são agora. Isso, em parte, deve-se ao fato de que o lado político da guerra me aborrecia, e eu reagia de modo natural contra o ponto de vista sobre o qual mais ouvia falar - o ponto de vista P.O.U.M. - I.L.P. Os ingleses entre os quais eu me encontrava eram, em sua maioria, membros da I. L. P., com alguns membros do Partido Comunista britânico em seu meio, e quase todos muito mais bem educados politicamente do que eu. Por semanas a fio, durante o período monótono quando nada acontecia ao redor de Huesca, achei-me no meio de uma discussão política que praticamente não terminava. No paiol bem ventilado e malcheiroso da fazenda onde estávamos acomodados, na escuridão abafada dos abrigos, por trás do parapeito nas horas frígidas da noite, as "linhas" partidárias colidentes recebiam debate e mais debate. Entre os espanhóis ocorria o mesmo, e a maioria dos jornais que líamos tornava a disputa interpartidária seu assunto principal. Seria preciso estar surdo, ou tomado de imbecilidade, para não se fazer alguma idéia do que os diversos partidos defendiam.

Do ponto de vista da teoria política, havia apenas três partidos que contavam, o P.S.U.C., o P.O.U.M. e o C.N.T. - F.A.I., de um modo geral e impreciso descrito como os anarquistas". Examino o P .S. U . C. em

primeiro lugar, por ser o mais importante. Era o partido que finalmente triunfou, e já naquela época estava visivelmente em ascensão.

Torna-se necessário explicar que quando se fala da "linha" do P.S.U.C. está-se, na realidade, falando da "linha" do Partido Comunista, O P.S.U.C. (Partido Sociologista Unificado de Cataluña) era o Partido Socialista da Catalunha, formado ao início da guerra pela fusão de diversos partidos marxistas, inclusive o Partido Comunista Catalão, mas achava-se agora inteiramente sob controle comunista e filiado à Terceira Internacional. Por todo o resto da Espanha não se efetuara uma unificação formal entre socialistas e comunistas, mas o ponto de vista dos últimos e o ponto de vista dos socialistas de direita podiam, por toda a parte, ser tomados como idênticos. A grosso modo, o P.S.U.C. constituía o órgão político da U.G.T. (Unión General de Trabajadores), ou sejam os sindicatos socialistas. O número de membros desses sindicatos por toda a Espanha atingia, naquela época, perto de um milhão e meio. Eles continham muitas seções dos trabalhadores manuais, mas desde a eclosão da guerra ampliaram-se por um grande influxo de membros da classe média, pois nos primeiros dias "revolucionários" gente de todos os tipos verificara ser útil ingressar na U. G . T. ou no C. N . T. Os dois blocos de sindicatos sobrepunham-se em diversas partes, mas dos dois o C.N.T. mostrava-se de modo mais definido uma organização da classe trabalhadora. O P.S.U.C., portanto, era um partido formado em parte pelos trabalhadores e em parte pela pequena burguesia - os lojistas, funcionários e camponeses mais prósperos.

A "linha" do P.S.U.C. que se pregava na imprensa comunista e pró-comunista por todo o mundo era mais ou menos a seguinte:

"No presente nada mais conta senão ganhar a guerra; sem a vitória na guerra tudo o mais não faz sentido. Por esse motivo, não é este o momento para falar em tocar à frente a revolução. Não podemos afastar os camponeses, forçando-os à coletivização, e não podemos afugentar as classes médias que estiveram lutando a nosso lado. Acima de tudo, e pelo bem da eficiência, temos de acabar com o caos revolucionário. Precisamos de um governo central forte, em lugar dos comitês locais, e precisamos de um exército adequadamente preparado e de todo

militarizado, sob comando unificado. Prender-se a fragmentos do controle pelos trabalhadores e repetir frases revolucionárias como papagaio é pior do que inútil, e se mostra não só obstrucionista, mas até contra-revolucionário, pois conduz a divisões que podem ser utilizadas contra nós pelos fascistas. Nesta etapa não estamos lutando pela ditadura do proletariado, mas pela democracia parlamentar. Quem tentar transformar a guerra civil numa revolução social estará fazendo o jogo dos fascistas e será na realidade, senão em intenção, um traidor".

A "linha" do P.O.U.M. diferia disso em todos os pontos, abrindo-se exceção, é claro, para a importância de ganhar a guerra. O P.O.U.M. (Partido Obrero de Unificación Marxista) era um daqueles partidos comunistas dissidentes que surgiram em muitos países, nos últimos anos, como resultado da oposição ao "estalinismo", isto e, a modificação, verdadeira ou aparente, na doutrina comunista. Formava-se em parte de ex-comunistas e, em parte, de um partido anterior, o Bloco de Trabalhadores e Camponeses. Numericamente, era pequeno,7 sem grande influência fora da Catalunha e sua importância maior era por possuir uma proporção invulgar de membros politicamente esclarecidos. Na Catalunha seu bastião mais forte era Lerida. Não representava qualquer bloco de sindicatos, e os milicianos, em sua maioria, eram membros do C.N.T., mas os verdadeiros membros do partido pertenciam, via de regra, à U.G.T. Era somente com a C.N.T., entretanto, que o P.O.U.M. possuía qualquer influência. Sua "linha" era aproximadamente a seguinte:

"É tolice falar em opormo-nos ao fascismo pela 'democracia' burguesa. A 'democracia' burguesa não passa de outro nome para o capitalismo, bem como o fascismo. Lutar contra o fascismo em nome da 'democracia' é lutar contra uma forma de capitalismo em nome de outra, que poderá virar a qualquer instante. A única alternativa verdadeira ao fascismo está no controle pelos trabalhadores. Se estabelecermos qualquer outra meta que não essa, estaremos entregando a vitória a Franco ou, quando muito, deixaremos o fascismo entrar pela porta dos fundos. Enquanto isso os trabalhadores devem ater-se a tudo aquilo que tenham conquistado. e se cederem alguma coisa ao Governo semiburguês poderão estar certos de que serão tapeados. As milícias de

trabalhadores e suas forças policiais devem ser conservadas em sua forma atual e deve-se resistir a qualquer esforço por 'aburguesálas'. Se os trabalhadores não tiverem o controle das Forças Armadas, estas controlarão os trabalhadores. A guerra e a revolução são inseparáveis".

O ponto de vista dos anarquistas mostra-se menos fácil de definir. Seja lá como for, o termo genérico "anarquistas" é utilizado para abarcar uma multidão de pessoas com opiniões muito diferentes entre si. O grande bloco de sindicatos formando a C . N . T. (Confederación Geral de Trabajadores), com perto de dois milhões de membros ao todo, tinha como seu órgão político a F.A.I. (Federacion Anarquista Ibérica), que era realmente uma organização anarquista. Mas os seus próprios membros, embora adotando a filosofia anarquista em parte, como de resto parece acontecer à maioria dos espanhóis, não eram obrigatoriamente anarquistas no sentido puro da palavra. De um modo especial, desde o início da guerra, marcharam mais na direção do socialismo comum, porque as circunstâncias forçavam-nos a participar na administração centralizada e, mesmo, a romper todos os seus princípios, ingressando no Governo. Ainda assim diferiam de modo fundamental dos comunistas por visarem, como o P.O.U.M., o controle pelos trabalhadores e não uma democracia parlamentar. Aceitavam o refrão do P.O.U.M.:

"A guerra e a revolução são inseparáveis", embora se mostrassem menos dogmáticos nesse ponto. De um modo geral, a C.N.T. - F.A.I. era a favor de: (1) Controle direto sobre a indústria, exercido pelos trabalhadores empenhados na mesma, como no caso dos transportes, tecelagens, etc.; (2) governo por comitês locais e resistência a todas as formas de autoritarismo centralizado; (3) hostilidade invariável para com a burguesia e a Igreja. Este último ponto, embora o menos preciso, era também o mais importante. Os anarquistas constituíam o oposto da maioria dos chamados revolucionários, pois embora seus princípios se mostrassem bastante vagos, seu ódio ao privilégio e à injustiça apresentava-se com autenticidade. Pelo aspecto filosófico, comunismo e anarquismo são pólos opostos. Na prática, isto é, na forma de sociedade visada, a diferença está mais na ênfase, mas é de todo irreconciliável. O comunista confere destaque sempre ao centralismo e à eficiência, o anarquista à liberdade e igualdade. O anarquismo tem raízes profundas

na Espanha e deverá viver mais do que o comunismo, quando a influência russa for retirada. No curso dos primeiros dois meses da guerra foram os anarquistas, mais do que quaisquer outros, quem salvou a situação, e muito depois disso a milícia anarquista, a despeito de sua indisciplina, constituía sabidamente os melhores soldados entre as forças puramente espanholas. Desde princípios de fevereiro de 1937 os anarquistas e o P OU. M. podiam, em certa medida, ser agrupados. Se os anarquistas, o P O U M e a ala esquerda dos socialistas tivessem o tino de combinar-se desde o inicio e forçar uma política realista, a historia da guerra poderia ser diferente. Mas no período inicial quando os partidos revolucionários pareciam ter a presa nas mãos, isso fora impossível. Entre anarquistas e socialistas existiam rivalidades antigas, o P.O.U.M., como marxista, encarava o anarquismo com ceticismo, enquanto que de um ponto de vista anarquista puro o "trotskismo" do P.O.U.M não era mais preferível do que o "estalinismo" dos comunistas. Ainda assim a tática comunista tendia a aproximar os dois partidos. Quando o P.O.U.M entrou na luta desastrosa que se travou em maio, em Barcelona, isso resultou principalmente de um instinto que levava a estar ao lado da C.N.T. e mais tarde, quando o P.O.U.M. foi suprimido, os anarquistas foram os únicos que tiveram a coragem de erguer a voz em sua defesa.

Assim é que, a grosso modo, o alinhamento de forças se constituía. A um lado a C.N.T. - F.A.I., o P.O.U.M e uma seção dos socialistas, a favor do controle pelos trabalhadores; ao outro os socialistas de direita, liberais e comunistas, a favor de um governo centralizado e um exército militarizado.

A esta altura torna-se fácil ver porque eu preferia o ponto de vista comunista ao do P.O.U.M. Os comunistas possuíam uma doutrina pratica definida, claramente melhor do ponto de vista do bom senso, que olha apenas os poucos meses à frente. E decerto a política cotidiana do P.O.U.M., sua propaganda, e assim por diante, mostravam-se indescritivelmente ruins; deve ter sido assim ou, do contrario, eles teriam conseguido atrair um número bem maior de seguidores e adeptos. O que resolvia a questão era que os comunistas - ou isso pareceu a mim - estavam dando seguimento a guerra, enquanto nós e os anarquistas

permanecíamos parados. Era esse o sentimento geral naquela ocasião. Os comunistas conquistaram poder e vasto aumento de seguidores mediante seus apelos às classes médias contra os revolucionários, mas em parte também porque eram as únicas pessoas que pareciam capazes de ganhar a guerra As armas russas e a defesa magnífica de Madri por tropas que estavam principalmente sob controle comunista fizeram dos vermelhos os heróis da Espanha Como alguém o afirmou, cada aeroplano russo que sobrevoava nossas cabeças era propaganda comunista. O purismo revolucionário do P.O.U.M., embora eu percebesse sua lógica, parecia-me bastante infrutífero; afinal de contas, o que importava era ganhar a guerra.

Prevalecia, enquanto isso, a disputa interpartidária diabólica que se travava nos jornais, panfletos, cartazes, livros - por toda a parte. A essa altura os jornais que eu via com mais freqüência eram os do P.O. U. M., La Batalla e Adelante, e suas criticas constantes ao P .S. U. C. "contra-revolucionário" pareceram-me presunçosas e cansativas. Mais tarde, ao examinar melhor a imprensa do P .S. U. C. e dos comunistas, compreendi que o P .O. U. M. estava praticamente isento de culpa, comparado a seus adversários. A parte de tudo o mais, eles tinham oportunidades muito menores, e diversamente dos comunistas não possuíam base em qualquer imprensa, a não ser em seu próprio país, e dentro da Espanha achavam-se com desvantagem enorme, pois a censura estava sob controle comunista, em sua maior parte, de modo que os jornais do P. O. U. M. podiam ser suprimidos ou multados se dissessem alguma coisa considerada daninha. Também é fazer justiça ao P. O. U. M. o afirmar que embora eles pudessem fazer sermões sem fim a respeito da revolução e citar Lênin ad nauseam, via de regra não se empenhavam em calúnias pessoais. Restringiam suas polêmicas, além disso, aos artigos em jornal. Seus grandes cartazes coloridos, destinados a um público mais amplo (os cartazes são importantes na Espanha, com sua grande população analfabeta), não atacavam os partidos rivais, mas eram simplesmente antifascistas ou abstratamente revolucionários, bem como as canções entoadas pelos milicianos. Os ataques desferidos pelos comunistas eram coisa muito diferente, e falarei deles noutra parte deste livro. Neste ponto posso apresentar apenas uma indicação resumida de sua linha de ataque.

Analisando-se superficialmente, a briga entre comunistas e o P.O.U.M. era de tática. O P.O.U.M. favorecia a revolução imediata, e os comunistas não. Até aí, tudo bem, e havia muito a ser dito por ambos os lados. Além disso, os comunistas afirmavam que a propaganda feita pelo P.O.U.M. dividia e enfraquecia as forças do Governo e, assim, punham a guerra em risco; e também nesse aspecto, embora mais tarde cu não concordasse, podia-se aceitar tais afirmações. Mas aqui entrava em cena a peculiaridade da tática comunista. Experimentalmente de início, e depois em tom mais alto, eles começaram a afirmar que o P.O.U.M. dividia as forças do Governo não por erro involuntário, mas por intuito deliberado. Afirmava-se que o P.O.U.M. não passava de uma quadrilha de fascistas disfarçados, pagos por Franco e Hitier, que instavam por uma política pseudo-revolucionâría como recurso para ajudar a causa fascista. O P.O.U.M. era uma organização "trotskísta" e a "Quinta Coluna de Franco". Isso queria dizer que muitos milhares de membros da classe trabalhadora, inclusive oito ou dez mil soldados que se enregelavam nas trincheiras da linha de frente, bem como centenas de estrangeiros que vinham à Espanha para lutar contra o fascismo, muitas vezes sacrificando seus empregos e nacionalidade para isso, eram simplesmente traidores pagos pelo inimigo. E essa história foi divulgada por toda a Espanha mediante cartazes, etc. e repetida sem cessar pela imprensa comunista e pró-comunista de todo o mundo. Eu poderia encher meia dúzia de livros com citações, se quisesse fazê-lo.

Estavam, portanto dizendo o seguinte contra nós: que éramos trotskistas, fascistas, traidores, assassinos, covardes, espiões e assim por diante. Reconheço não ser agradável receber tais nomes, ainda mais quando se pensa em algumas das pessoas responsáveis pelos mesmos - Não é coisa agradável ver um rapazinho espanhol, de quinze anos, sendo carregado da linha de frente em maca, com o rosto pálido espiando por cima dos cobertores, e pensar nas pessoas elegantes que, em Londres e Paris, escrevem panfletos destinados a provar que ele não passa de um fascista disfarçado. Um dos traços mais horríveis da guerra é que toda a propaganda guerreira, todos os gritos e mentiras e ódio, vêm invariavelmente de pessoas que não estão lutando. Os milicianos do P.S.U.C. a quem conheci na linha de frente, os comunistas da Brigada Internacional que encontrei de vez em quando, jamais me chamaram de

trotskista ou traidor; deixavam essa tarefa para os jornalistas na retaguarda. As pessoas que escreviam panfletos contra nós e nos vilipendiavam nos jornais ficavam, todas elas, bem seguras em suas casas, ou quando muito nas redações de Valência, a centenas de quilômetros das balas e da lama. E à parte das calúnias da luta inter-partidária, todo o aparato comum de guerra, a fanfarra, o heroísmo, o vilipêndio ao inimigo - tudo isso era feito, como de costume, por pessoas que não estavam lutando e que, em muitos casos, prefeririam correr cem milhas numa fuga disparada a lutar. Um dos mais tristes efeitos desta guerra foi ensinar-me que a imprensa esquerdista é tão falsa e desonesta quanto a da direita.8 Tenho a impressão sincera de que em nosso lado - o lado do Governo - essa guerra foi diferente das guerras comuns, imperialistas, a julgar pela natureza da propaganda, entretanto, jamais se poderia adivinhá-lo. Mal começara a luta e já os jornais, tanto da direita quanto da esquerda, mergulhavam ao mesmo tempo na mesma sentina de despudor. Todos recordamos o cartaz divulgado pelo Daily Mail, intitulado "vERMELHOS CRUCIBICAM IRMÃS DE CARIDADE", enquanto que, para o Daily Worker, a Legião Estrangeira de Franco era composta de "assassinos, prostituidores. toxicômanos e o rebotalho de todos os países europeus". Até mesmo em outubro de 1937 o New Statesman nos brindava com narrativas de barricadas fascistas formadas com os corpos de crianças vivas (material dos mais imprestáveis para uma barricada, posso assegurar), e o Sr. Arthur Bryant declarava que serrar as pernas a um comerciante conservador" constituía "coisa comum" na Espanha legalista. As pessoas que escrevem coisas assim são gente que nunca lutou, e possivelmente acreditam que escrever é coisa capaz de substituir o lutar. É o mesmo em todas as guerras - os soldados lutam, os Jornalistas gritam e nenhum patriota verdadeiro chega perto de uma trincheira da frente, a não ser nos mais curtos passeios para fins propagandísticos.

Há ocasiões em que se torna reconfortante, para mim, pensar como o aeroplano está modificando as condições da guerra. Talvez na próxima grande guerra possamos ver alguma coisa sem precedentes em toda a história: um patrioteiro furado à bala.

No que dizia respeito à parte jornalística, essa guerra era apenas um

negócio a explorar, como outro qualquer. Mas havia uma diferença: a de que enquanto os jornalistas, via de regra, reservavam suas invectivas mais mortíferas para o inimigo, neste caso e ao correr do tempo os comunistas e o P .O . U . M. passaram a escrever com mais azedume, um sobre o outro, do que sobre os fascistas. Ainda assim, não consegui levar isso muito a sério naquela ocasião. A disputa interpartidária mostrava-se incômoda e até repugnante, mas parecia uma querela doméstica. Eu não acreditava que viesse a alterar coisa alguma, ou que realmente existisse qualquer divergência política irreconciliável. Compreendia que comunistas e liberais empenhavam tudo para evitarem que a revolução seguisse sua marcha, mas não compreendia que eles a pudessem fazer recuar.

Havia bons motivos para isso. Por todo aquele tempo eu me achava na frente, e ali a atmosfera social e política não se alterara. Eu deixara Barcelona no inicio de janeiro e não tive qualquer licença senão em final de abril, e por todo esse tempo - e até período posterior - na faixa de Aragón controlada pelas tropas anarquistas e do P .0. U . M. persistiram as mesmas condições, pelo menos exteriormente. Continuava a atmosfera revolucionária como eu a vira pela primeira vez. Generais e soldados, camponeses e milicianos prosseguiam dando-se como iguais, todos recebiam a mesma paga. usavam as mesmas roupas, comiam a mesma comida e chamavam aos demais "tu" e "camarada". Não havia classe patronal, classe braçal, mendigos, prostitutas. advogados, sacerdotes, nem sabujice ou continências e zumbaias. Eu respirava o ar da igualdade. e em minha simplicidade imaginava que fosse o mesmo por toda a Espanha. Não compreendia que por uma questão de casualidade, mais ou menos, estava isolado em meio à parte mais revolucionária da classe trabalhadora espanhola.

Assim foi que quando meus camaradas com melhor educação política me disseram que não se podia adotar uma atitude puramente militar para com a guerra, e que a escolha era entre a revolução e o fascismo. eu ria deles. No todo, eu aceitava o ponto de vista comunista, que se reduzia ao seguinte: "Não podemos falar em revolução enquanto não ganharmos a guerra", e não o ponto de vista do P.O.U.M., que afirmava em sua linha básica: "Temos de tocar à frente, ou recuaremos". Mais tarde, quando

resolvi que o P.O.U.M. estava certo, ou pelo menos mais certo do que os comunistas, isso não se deveu inteiramente a uma questão de teoria. No papel, a opinião comunista era boa, mas o problema é que no comportamento real eles tornavam difícil crer que a estivessem apresentando com boa fé. O refrão tão repetido, "A guerra primeiro e a revolução depois", embora fosse coisa aceita com devoção pelo miliciano comum do P .S. U. C., que sinceramente acreditava que a revolução poderia continuar quando a guerra estivesse ganha, não passava de nuvem de fumaça. Aquilo pelo que os comunistas trabalhavam não era adiar a revolução espanhola para uma ocasião mais oportuna, mas providenciar para que jamais se efetuasse. Isso foi-se tornando cada vez mais claro ao correr do tempo, enquanto o poder era cada vez mais extraído das mãos dos trabalhadores, e um número crescente de revolucionários de todos os matizes ia ter às prisões. Cada passo dado recebia a justificação da necessidade militar, porque esse pretexto já estava, por assim dizer, pronto, mas o efeito foi levar os trabalhadores a sair de uma posição vantajosa para outra na qual, quando a guerra terminasse, veriam ser impossível resistir à reintrodução do capitalismo. Peço observar que nada estou dizendo contra os comunistas comuns, e muito menos contra os milhares deles que morreram heroicamente perto de Madri. Mas aqueles não eram os homens a dirigir a política de seu partido. Quanto aos elementos em posições mais altas, é inconcebível que não estivessem agindo com os olhos muito bem abertos.

Mas, afinal, valia a pena ganhar a guerra, ainda que perdendo a revolução. E no final cheguei a duvidar de que a política comunista, a longo prazo, levasse à vitória. Pouquíssimos parecem ter refletido que uma política diferente poderia mostrar-se apropriada em períodos diferentes da guerra. Foram os anarquistas, provavelmente, que salvaram a situação nos dois primeiros meses, mas se mostraram incapazes de organizar a resistência além de certo ponto; é provável que tenham sido os comunistas que salvaram a situação em outubro-dezembro, mas ganhar a guerra de uma vez era outro caso. Na Inglaterra, a política comunista de guerra foi aceita sem perguntas, pois pouquíssimas criticas à mesma conseguiram chegar à publicidade, e porque sua linha geral - a de acabar com o caos revolucionário, acelerar a produção, militarizar o exército - parecia realista e eficiente. Vale a

pena indicar suas debilidades.

A fim de deter qualquer tendência revolucionária e tornar a guerra um acontecimento tão comum quanto possível, fez-se preciso abandonar as oportunidades estratégicas que realmente existiam. Já descrevi como estávamos armados, ou desarmados, na frente de Aragón Resta pouquíssima dúvida de que as armas eram deliberadamente retidas, para que não fosse um número demasiado delas chegar às mãos dos anarquistas, que depois disso as poderiam utilizar para fins revolucionários. Por conseqüência, a grande ofensiva em Aragón, que teria feito Franco retirar-se de Bilbao e talvez de Madri jamais ocorreu. Mas isso era, por comparação, coisa de menor importância. O importante era que uma vez ter a guerra sido reduzida a uma "guerra pela democracia tornou-se impossível fazer qualquer apelo solicitando a ajuda da classe trabalhadora no exterior Se examinarmos os fatos teremos de reconhecer que a classe trabalhadora do mundo encarou a guerra espanhola com desinteresse. Dezenas de milhares de indivíduos foram lutar, mas as dezenas de milhões que não o fizeram mantiveram-se apáticas. No curso do primeiro ano de guerra todo o povo britânico, ao que se calcula, contribuiu com perto de 250.000 libras para os diversos fundos de "ajuda à Espanha" - o que provavelmente está abaixo da metade que gasta numa única semana, para ir ao cinema O modo pelo qual a classe trabalhadora nos países democráticos poderia realmente ter auxiliado seus camaradas espanhóis era pela ação industrial - greves e boicotes. Coisa nenhuma desse tipo sequer se esboçou. Os dirigentes trabalhistas e comunistas declararam por toda a parte que isso era inconcebível, e certamente tinham razão, ao mesmo tempo em que proclamavam a plenos pulmões que a Espanha "vermelha" não era "vermelha". Desde 1914-1918 essa coisa de "guerra pela democracia" adquiriu um tom sinistro. Por anos a fio os próprios comunistas ensinaram aos trabalhadores militantes em todos os países que "democracia" era um nome educado para capitalismo. E dizer inicialmente "a democracia é um roubo", e depois "lutemos pela democracia!" não chega a ser boa tática. Se, com o prestigio imenso da Rússia soviética a seu favor, eles lançassem apelos aos trabalhadores do mundo, em nome não da "Espanha democrática", mas da "Espanha revolucionária", é difícil acreditar que deixassem de obter êxito.

O mais importante, porém, é que com uma política não-revolucionária era difícil, senão impossível, atacar a retaguarda de Franco. No verão de 1937 Franco controlava uma parte da população espanhola que era mais numerosa do que a controlada pelo Governo, muito maior se contarmos as colônias, tendo mais ou menos o mesmo número de soldados. Como todos sabem, tendo-se uma população hostil às costas não é possível manter um exército em luta sem que se disponha de outro, do mesmo tamanho, para guardar as comunicações, impedir a sabotagem, etc. Tornava-se óbvio, portanto, que não existia qualquer movimento popular verdadeiro na retaguarda franquista. Era inconcebível que o povo em território controlado por Franco, pelo menos os trabalhadores urbanos e os camponeses mais pobres, gostassem dele ou o quisessem, mas a cada guinada para a direita a superioridade do Governo tornava-se menor. O que elucida tudo é o caso do Marrocos. Por que não houve qualquer levante no Marrocos? Franco procurava estabelecer uma ditadura infame, e na verdade os mouros o preferiram, e não ao Governo da Frente Popular! A verdade palpável é que tentativa nenhuma foi feita por fomentar um levante no Marrocos, porque fazê-lo representaria trazer uma construção revolucionária à guerra. A primeira necessidade, para convencer os mouros quanto à boa fé do Governo, teria sido proclamar a libertação do Marrocos. E podemos calcular como os franceses ficariam satisfeitos com isso! A melhor oportunidade estratégica da guerra foi jogada fora, na vá esperança de aplacar o capitalismo francês e inglês. Toda a tendência da política comunista era no sentido de reduzir a guerra a um conflito comum e não-revolucionário no qual o Governo se achava com bastante desvantagem, pois uma guerra desse tipo tem de ser ganha por meios mecânicos, isto é, em última análise, por suprimentos ilimitados de armas; e o maior doador de armas do Governo, a U.R.S.S., encontrava-se em grande desvantagem, pelo ponto de vista geográfico, comparado à Itália e Alemanha. Talvez o refrão do P.O.U.M. e anarquistas, "A guerra e a revolução são inseparáveis" fosse menos visionário do que parece.

Apresentei, assim, meus fundamentos para crer que a política anti-revolucionária comunista estava errada, mas no que diz respeito a seu efeito sobre a guerra, não tenho sequer esperanças de que minha opinião esteja certa. Espero ardentemente que esteja errada. Eu gostaria

de ver essa guerra ganha, por qualquer meio. E é claro que não podemos dizer, ainda, o que vai acontecer. O Governo poderá virar-se novamente para a esquerda, talvez os mouros se rebelem por si próprios, a Inglaterra poderá resolver-se a entrar em acordo com a Itália para que esta fique de fora, a guerra poderá ser ganha por meios militares diretos - ninguém sabe. Mas deixo em pé as opiniões acima, e o tempo dirá se estou certo ou errado.

Em fevereiro de 1937, no entanto, eu não via as coisas assim. Estava enjoado pela inatividade na frente de Aragón, e destacadamente consciente de que não contribuíra com toda a minha parte na luta. Costumava pensar nos cartazes de recrutamento em Barcelona, que indagava aos transeuntes em tom acusador: "O que fizeste pela democracia?" E achava que só podia responder o seguinte: "Recebi e gastei minhas rações". Ao entrar na milícia, prometera a mim mesmo que mataria um fascista - afinal, se cada um de nós fizesse o mesmo, logo essa espécie estaria extinta - e ainda não matara ninguém e não tivera oportunidade para fazê-lo. E queria ir a Madri, naturalmente! Todos no exército, quaisquer que fossem suas opiniões políticas queriam sempre ir a Madri. Provavelmente isso representaria' passar para a Coluna Internacional, pois o P.O.U.M. tinha então pouquíssimos soldados naquela capital, e os anarquistas menos do que antes.

Por enquanto, é natural, tínhamos de ficar na linha de frente, mas eu disse a todos que quando saíssemos em licença passaria se possível para a Coluna Internacional, o que significava entrar sob controle comunista. Foram diversos os que procuraram dissuadir-me, mas ninguém tentou interferir. É de justiça dizer que havia pouquíssima hostilidade, no P .0. U . M., aos que pensassem de outro modo. Talvez essa liberdade fosse excessiva, levando-se em conta as circunstancias especiais em que se achava aquela organização, mas com exceção aberta para os que fossem favoráveis aos fascistas, ninguém era castigado por sustentar as opiniões políticas erradas, ou de outra cor. Passei muito tempo na milícia criticando amargamente a "linha" do P.O.U.M., mas isso jamais me causou dificuldades. Nem sequer houve qualquer pressão sobre mim para que me tornasse membro político do partido, embora acredite que a maioria dos milicianos o fizesse, Eu

nunca entrei para o partido - e por isso, quando o P,O.U.M. foi suprimido posteriormente, fiquei bastante sentido.

6

Continuava a rotina diária - ou, mais precisamente, noturna - das tarefas comuns. Sentinela, patrulhas, cavar o chão; lama, chuva, ventos estridentes, de vez em quando alguma neve. Somente quando bem entrados em abril é que as noites se tornaram perceptivelmente mais quentes. Lá naquele planalto os dias de março pareciam-se mais ao março na Inglaterra, com céus de azul brilhante e ventos amolantes. A cevada atingia um palmo de altura, nas cerejeiras formavam-se botões rubros (a linha de frente passava por pomares abandonados e canteiros de hortaliças) e quem procurasse nas valas encontrava violetas e um tipo de jacinto agreste. Logo por trás da linha havia uma corrente maravilhosa, verde e cantarolante, a primeira água transparente que eu via desde minha chegada à frente. Certo dia cerrei os dentes e arrastei-me até ao rio para tomar meu primeiro banho em seis semanas. Foi o que se pode chamar "banho curto", pois a água estava pouco acima do ponto de congelamento.

Enquanto isso, nada acontecia, como sempre. Os ingleses adquiriram o hábito de dizer que aquilo não era uma guerra, mas uma pantomima. O fogo direto dos fascistas mal poderia nos atingir e o único perigo residia nas balas perdidas que, como as linhas se dobravam à frente em ambos os lados, vinham de diversas direções. Todas as baixas nessa ocasião eram devidas a projéteis perdidos. Arthur Clinton recebeu uma bala misteriosa que lhe estraçalhou o ombro esquerdo e inutilizou o braço, receio que para sempre. Havia algumas granadas explodindo, mas era coisa extraordinariamente ineficaz. O silvo e estrondo das granadas, na verdade, eram tomados como ligeira diversão. Os fascistas jamais atiraram suas granadas sobre nosso parapeito. Algumas centenas de metros atrás de nós havia uma casa de campo, chamada La Granja, com grandes construções rurais, utilizada como depósito, quartel-general e cozinha para aquele setor da linha de frente. Era. aquilo que os fascistas visavam com suas granadas de artilharia, mas eles se achavam a cinco ou seis quilômetros de distância e jamais miraram tão bem que

conseguissem mais do que quebrar os vidros das janelas e arranhar as paredes. O único perigo era estar na estrada, subindo, quando a fuzilaria começasse, e as granadas caíssem no terreno em qualquer dos lados. Aprendia-se quase imediatamente a arte misteriosa de saber, pelo ruído feito, se a granada ia cair perto ou longe. As granadas disparadas pela artilharia fascista, nesse período, eram pavorosamente ruins, isto é, de péssima qualidade.. Embora os fascistas utilizassem armas de calibre 150 mm, seus petardos abriam crateras com apenas uns dois metros de diâmetro e mais ou menos um metro de profundidade; além dissó, em cada quatro projéteis pelo menos um deixava de explodir ao tocar o chão. Em nosso meio circulavam histórias românticas a respeito de sabotagem feita nas fábricas fascistas e as granadas que não explodiam, nas quais podia-se encontrar, ao invés da carga explosiva, um pedaço de papel dizendo "Frente Vermelha", mas nunca vi uma delas. O fato é que as granadas já tinham muita idade, e alguém recolheu uma espoleta de latão, certa feita, onde se encontrava registrado o ano de fabricação - 1917. Os canhões fascistas eram do mesmo modelo e calibre que os nossos, e as granadas que não explodiam serviam para ser recondicionadas e depois disparadas de volta contra o inimigo. Dizia-se que havia uma velha granada que tinha até apelido e que viajava diariamente de um para o outro lado, sem jamais explodir.

A noite costumávamos mandar patrulhas pequenas à terra de ninguém, e deitados ali em valas próximas das linhas fascistas os homens ouviam os sons vindos de lá (toques de cometa, buzinas de veículos, e assim por diante) e que indicassem atividade em Huesca. Havia um vaivém constante de tropas fascistas, e os números podiam até certo ponto ser medidos com base nas informações prestadas por esses elementos de escuta. Sempre tínhamos ordens especiais para dar parte do toque de sinos da igreja, pois parecia que os fascistas iam à missa antes de entrar em ação. Lá no meio dos campos e pomares encontrávamos cabanas abandonadas, com paredes de barro, que se podia explorar com um fósforo aceso depois de cobrir as janelas. As vezes encontrávamos coisas de valor, como uma machadinha ou uma garrafa de água dos fascistas (melhor do que a nossa e muito disputada). Podíamos explorar também de dia, mas nesse caso quase todo o caminho tinha de ser feito rastejando. Era uma coisa estranha estar rastejando naqueles terrenos

abandonados e férteis, onde tudo fora largado exatamente em ponto de colheita. Os cultivos do ano anterior nem sequer foram tocados. Os vinhedos sem poda estendiam-se pelo chão, as espigas de milho estavam duras como pedra, as beterrabas hipertrofiadas e transformadas em batatões de todo o tamanho. Como os lavradores devem ter amaldiçoado ambos os exércitos! Havia ocasiões em que turmas saíam para colher batatas na terra de ninguém. A uns 250 metros à nossa direita, onde as linhas estavam bem próximas, encontrava-se uma faixa plantada com batatas e freqúentada tanto pelos fascistas quanto por nós. Íamos lá de dia, e eles somente à noite, pois o lugar ficava ao alcance de nossas metralhadoras. Certa noite, para nosso aborrecimento, eles foram lá em massa e arrecadaram todas as batatas. Descobrimos outra faixa mais adiante, onde praticamente não existia qualquer proteção e era preciso arrancar as batatas enquanto se estava deitado de barriga no chão, trabalho dos mais fatigantes. Se os metralhadores fascistas nos vissem era preciso estender-se, como um rato para passar debaixo de uma porta, enquanto as balas picotavam o chão a poucos metros de distância. A coisa parecia valer a pena, naquela época. As batatas estavam ficando raras, e quem arranjasse um saco cheio delas podia levá-lo à cozinha e trocá-lo por uma garrafa de café.

Ainda assim nada acontecia, e parecia que jamais ia acontecer. "Quando vamos atacar? Por que não atacamos?" eram as perguntas que ouvíamos dia e noite, feitas tanto pelos espanhóis quanto pelos ingleses. Quando se pensa no que a luta representa, parece estranho que os soldados queiram lutar, mas não há dúvida de que o desejam. Na guerra estacionária existem três coisas pelas quais todos os soldados anseiam: uma batalha, mais cigarros e uma semana de folga. Estávamos agora um pouco mais bem armados do que antes. Cada homem tinha em seu poder um fuzil e cento e cinqüenta balas, ao invés de cinqüenta, e pouco a pouco recebíamos baionetas, capacetes de aço e algumas bombas. Corriam boatos constantes de batalhas que íamos travar, mas passei a crer que os mesmos eram deliberadamente espalhados a fim de manter o ânimo do pessoal. Não era preciso grande conhecimento militar para ver que não teríamos qualquer ação de maior envergadura naquele lado de Huesca, pelo menos durante algum tempo. O ponto estratégico era a estrada para Jaca, que ficava no outro lado. Mais tarde, quando os

anarquistas desferiram seus ataques àquela estrada, nossa incumbência foi a de desferir "ataques de sustentação", forçando assim os fascistas a trazer tropas do outro lado.

Durante seis semanas houve apenas uma ação militar em nossa parte da frente. Isso ocorreu quando nossos Soldados de Assalto atacaram o Manicômio, um asilo de doidos que não mais era usado para esse fim e que os fascistas converteram em fortaleza. Havia diversas centenas de refugiados alemães servindo no P .O. U. M., e estavam organizados num batalhão especial chamado o Batallón de Choque, e de um ponto de vista militar eles se achavam em nível bem diferente da milícia - na verdade, pareciam-me mais a soldados do que quaisquer outros elementos que eu tenha visto na Espanha, com exceção dos Guardas de Assalto e alguns elementos da Coluna Internacional. O ataque foi um fracasso, como de costume. É de imaginar quantas operações nessa guerra, no lado do Governo, foram tornadas um fracasso. Os Guardas de Assalto invadiram e tomaram o Manicômio, mas os soldados, não me lembro de qual milícia, que deviam dar-lhes apoio apoderando-se do morro vizinho que dominava o Manicômio, foram deixados muito mal. O capitão que os comandava era um daqueles oficiais do Exército Regular, gente de fidelidade duvidosa, que o Governo teimava em empregar. Seja por medo, ou por traição, foi ele quem preveniu os fascistas, atirando uma bomba quando seus homens estavam a duzentos metros de distância. Tenho o grato prazer de registrar que seus homens o mataram ali mesmo. Mas o ataque de surpresa não contou com surpresa alguma, e os milicianos foram moídos por fogo intenso e expulsos do morro, e à noite os Guardas de Assalto eram forçados a deixar o local. Por toda aquela noite as ambulâncias desfilaram na estrada horrível para Sietamo, acabando de matar os mais feridos com seus solavancos.

Estávamos todos infestados de piolhos e, embora persistisse o frio, havia calor suficiente para isso. Eu já tive grande experiência com parasitas corporais de diversos tipos, mas quanto à sua lídima bestialidade o piolho suplanta todos os demais. Outros insetos, mosquitos, por exemplo, fazem a gente sofrer mais, mas ao menos não são residentes em nosso corpo. O piolho humano parece-se um pouco a uma lagostinha, e vive principalmente nas nossas calças. A menos que se

queimem todas as roupas, não há modo conhecido de livrar-se dele. Pelas costuras das calças o infame põe seus ovinhos brancos e brilhantes, como minúsculos grãos de arroz, que chocam e procriam famílias inteiras com velocidade horrenda. Acredito que os pacifistas poderiam lucrar muito se ilustrassem seus panfletos com fotografias ampliadas do piolho. Então, há glória na guerra. hem? Na guerra todos os soldados são piolhentos, pelo menos quando faz calor suficiente. Os homens que combateram em Verdun, Waterloo, Flodden, Senlac e nas Termópilas - todos eles tinham piolhos arrastando-se por seus testículos. Nós mantínhamos os calhordas mais para baixo, em certa medida, queimando-lhes os ovos e tomando banho tantas vezes quantas possível e, francamente, coisa nenhuma a não ser os piolhos poderia fazer-me entrar naquela água gelada.

Tudo estava acabando - botinas, roupas, fumo, sabão, velas, fósforos, azeite. Nossos uniformes desmanchavam-se em pedaços, e muitos dos homens não tinham mais botinas, apenas sandálias com solas de corda. Encontravam-se pilhas de botinas velhas e inúteis por toda a parte e certa feita mantivemos aceso o fogo de um abrigo, por dois dias, utilizando principalmente aqueles objetos, que não são mau combustível. A essa altura minha mulher estava em Barcelona e costumava mandar-me chá, chocolate e até charutos, quando conseguia encontrá-los, mas até naquela cidade tudo escasseava, principalmente o fumo. O chá constituía autêntica dádiva do céu, embora não tivéssemos leite para misturar e raras vezes algum açúcar. Da Inglaterra eram enviados constantemente pacotes para os combatentes, mas nunca chegavam. Comida, roupas, cigarros, tudo era recusado pelo correio, ou então confiscado na França. Por curioso que pareça, a única firma que conseguia enviar pacotes de chá - e até mesmo uma lata de biscoitos, em certa ocasião memorável - era a Army and Navy Stores (Intendência do Exército e Marinha). Pobre e velho Exército, pobre e velha Marinha! Cumpriam nobremente o dever fazendo essas remessas, mas talvez se sentissem melhor se elas fossem para o lado franquista das barricadas. A escassez de fumo era o pior de tudo. De início recebíamos um maço de cigarros por dia, depois isso fora reduzido a oito cigarros diários, e depois a cinco. Finalmente tivemos dez dias pavorosos, nos quais não se fez qualquer distribuição de fumo. Pela primeira vez eu via na Espanha o

que pode ser visto a qualquer dia em Londres - gente apanhando guimbas no chão.

No final de março fiquei com uma das mãos infeccionada e foi preciso rasgá-la e usar tipóia. Fui para um hospital, mas não valia a pena mandar-me até Sietamo por tão pouco, de modo que fiquei naquilo a que chamavam hospital, em Monflorite, e que era apenas um posto de triagem para as baixas. Fiquei ali dez dias, parte desse tempo em leito. Os practicantes (auxiliares de hospital) roubaram praticamente todos os objetos que eu possuía, inclusive minha máquina fotográfica e todas as fotografias já tiradas. Na linha de frente todos roubavam, sendo isso o efeito inevitável da escassez, mas no hospital encontravam-se os piores ladrões. Mais tarde, no hospital em Barcelona, um norte-americano que viera juntar-se à Coluna Internacional em navio que fora torpedeado por submarino italiano, contou-me como fora levado para a costa ferido, e como os padioleiros furtaram seu relógio de pulso, quando o carregavam até à ambulância.

Enquanto meu braço esteve na tipóia passei alguns dias deliciosos, percorrendo os arredores. Monflorite era o aglomerado comum de casas feitas de barro e pedra, com becos estreitos e tortuosos que foram batidos pelos caminhões até se transformarem em coisas semelhantes às crateras da lua. A igreja fora bastante abalada, mas era utilizada como depósito militar. Em toda a vizinhança havia apenas duas casas de fazenda de dimensões maiores, Torre Lorenzo e Torre Fabián, e somente duas construções realmente grandes, que com certeza eram as residências dos latifundiários, senhores do campo. Podia-se ver sua riqueza refletida nas choças miseráveis dos camponeses. Logo atrás do rio, perto da linha de frente, havia um enorme moinho de farinha, com uma casa de campo ao lado. Parecia uma vergonha ver aquela grande e custosa máquina enferrujando na ociosidade e as pás de madeira da roda arrancadas para queima como lenha. Mais tarde, para obter lenha destinada às tropas mais distantes, eram enviadas turmas com caminhões para destroçar sistematicamente todo aquele lugar. Era costume levantar as tábuas do soalho nos aposentos jogando-se uma granada de mão lá dentro. La Granja. que era nosso depósito e cozinha, talvez fosse um convento em outra época. Tinha pátios e construções

anexas bem grandes, cobrindo uns quatro mil metros quadrados ou mais, com estábulos para trinta ou quarenta cavalos. As casas de campo naquela parte da Espanha não apresentam qualquer interesse do ponto de vista arquitetônico, mas suas casas de fazenda, feitas de pedras caiadas com arcadas redondas e barrotes de telhado, são lugares nobres, construídos de acordo com um plano que provavelmente não sofre modificações há séculos. As vezes essas edificações insinuavam certa simpatia pelos ex-donos fascistas, quando se via o modo pelo qual a milícia tratava as mesmas. Em La Granja todos os aposentos que não estivessem em uso encontravam-se transformados em latrina, num amontoado tremendo de móveis quebrados e excrementos. A igrejinha a seu lado, tendo as paredes perfuradas por granadas, apresentava em todo o chão boa altura de fezes. No grande pátio onde os cozinheiros distribuíam a comida. o lixo formado por latas enferrujadas, lama, estrume e alimentos deteriorados era revoltante, e conferia força à antiga canção militar, onde se diz:

Ha ratos, muitos ratos,

ratos tão grandes quanto gatos,

no depósito do intendente!

Os próprios ratos em La Granja eram tão grandes quanto gatos, ou andavam perto disso, sendo bicharocos inchados que perambulavam pelos montes de sujeira, descarados demais para correr, a não ser quando se abria fogo contra eles.

Finalmente, chegara a primavera. O azul do céu mostrava-se mais suave, o ar se tornara repentinamente perfumado. Os sapos ocupavam-se afincadamente nas valas, tratando de procriar. Em redor do tanque de água que servia de bebedouro às mulas da aldeia, encontrei sapos verdes bastante estranhos, do tamanho de uma moeda e tão brilhantes que a grama nova parecia desbotada a seu lado. Meninos camponeses saiam com baldes caçando caramujos, que assavam vivos em folhas de estanho. Assim que o tempo melhorava os camponeses apareciam para a aradura de primavera. É bem típico da vagueza completa com que a revolução agrária espanhola se acha

envolta o fato de que não pude sequer descobrir com certeza se a terra fora coletivizada ou se os camponeses haviam simplesmente dividido toda ela entre si. Imagino que, em teoria, tenha sido coletivizada, porquanto estávamo s em território do P.O.U. M. e dos anarquistas. Seja lá como for, os latifundiários se tinham ido, os campos estavam sendo cultivados e as pessoas pareciam satisfeitas. o ar amigo dos camponeses para com a gente jamais deixou de me causar espanto. A alguns dos mais idosos a guerra deve ter parecido sem sentido, pois dava para ver como produzia uma escassez de tudo e uma vida tetricamente vazia para todos, e na melhor de todas as épocas agrícolas os lavradores detestam ter soldados alojados no lugar onde estão. No entanto, eles se mostravam invariavelmente amistosos - talvez refletindo que por mais intoleráveis que fôssemos de outros modos, éramos quem se antepunha entre eles e seus ex-senhores. A guerra civil é uma coisa bizarra. Huesca não se encontrava a oito quilômetros de distância, era o mercado daquela gente, todos tinham parentes ali, em todas as semanas de suas vidas eles tinham. ido até lá para vender suas aves e legumes, e agora, por oito meses seguidos, fora erguida uma barreira impenetrável de arame farpado e metralhadoras no caminho. De vez em quando isso era esquecido por eles, e certa feita eu estivera conversando com uma velha que carregava uma daquelas pequenas lâmpadas de ferro nas quais os espanhóis queimam azeite.

- Onde posso comprar uma lâmpada igual a esta? - perguntei.

- Em Huesca - disse ela, sem pensar, e depois disso caímos ambos na risada.

As moças da aldeia eram criaturas esplêndidas e bem vividas, com cabelos negros, andar requebrante e uma atitude franca e direta, própria de um homem para outro, talvez o subproduto da revolução.

Homens com blusas azuis esfarrapadas. culotes de belbute negro e chapéus de palha de aba larga. aravam os campos com auxilio de parelhas de mulas, que balançavam ritmicamente as orelhas compridas. Seus arados eram instrumentos em mau estado, que apenas arranhavam o chão e não cortavam como deviam. Todos os instrumentos agrícolas eram coisas deploravelmente antiquadas. sendo

tudo governado pelo valor do metal usado. Uma relha de arado, por exemplo, mostrava-se emendada, e depois recebera nova emenda, a ponto de se formar quase exclusivamente de remendos. Ancinhos e terçados eram feitos de madeira. As pás, entre gente que raramente tinha botinas para calçar, eram instrumentos desconhecidos, e aqueles homens cavavam o chão com uma enxada primitiva, como as utilizadas na Indica. Havia uma espécie de grade que devia datar da parte final da Idade da Pedra, formada de tábuas reunidas, com o tamanho aproximado de uma mesa de cozinha. Nessas tábuas havia centenas de furos de encaixe, em cada qual se achava enfiado um pedaço de pedra lascada, modelado exatamente como os homens o costumavam lascar há milhares de anos. Lembro-me que senti quase horror ao encontrar um engenho daqueles em tapera abandonada, na terra de ninguém. Foi preciso dar tratos à bola por bastante tempo, até compreender que se tratava de uma grade. Desgostou-me pensar no trabalhão que fora preciso para construir uma coisa daquelas, e na pobreza que se via obrigada a usar pedra lascada em lugar de aço. Depois disso passei a abrigar sentimentos melhores para com o industrialismo. Mas existiam naquela aldeia dois tratores modernos, certamente tomados de algum latifúndio.

Uma ou duas vezes dirigi-me até ao pequeno cemitério amurado que distava mais ou menos quilômetro e meio da aldeia. Os mortos da linha de frente eram geralmente mandados para Sietamo, e ali repousavam, apenas, os mortos da aldeia. Como era bizarramente diferente de um cemitério inglês! Ali não se encontrava qualquer sinal de deferência para com os mortos. Tudo estava tomado de arbustos e grama, vendo-se ossos humanos espalhados por toda a parte. Mas o que realmente me surpreendeu foi a falta quase completa de inscrições religiosas nas lápides, embora todas datassem de antes da revolução. Apenas uma vez, se não me engano, vi o "Orai pela alma de Fulano , que e comum encontrar nas sepulturas católicas. A maioria das inscrições era puramente secular, com poemas ridículos a respeito das virtudes do falecido. Era uma sepultura, em cada quatro ou cinco, via-se uma pequena cruz ou referência perfuntória ao Céu, que via de regra fora arrancada por algum ateu, equipado com talhadeira e disposição.

Pareceu-me que o povo naquela parte da Espanha deve ser gente genuinamente destituída de sentimento religioso, isto é, no sentido comum. É curioso que em todo o tempo pelo qual estive na Espanha jamais tenha visto uma pessoa persignar-se, quando seria de pensar que tal gesto se torna instintivo, com ou sem revolução. Está claro que a Igreja espanhola voltará (como afirma o ditado, a noite e os jesuítas sempre regressam), mas não resta dúvida de que ao inicio da revolução ela entrou em colapso e foi destruída em tal medida que seria inimaginável até mesmo para a Igreja da Inglaterra em circunstâncias comparáveis. Para o povo espanhol, pelo menos na Catalunha e Aragón, a Igreja não passava de exploração pura e simples, e talvez a crença cristã tenha, em certa medida, sido substituída pelo anarquismo, cuja influência está bastante disseminada e certamente apresenta uma coloração religiosa.

Foi no dia em que voltei do hospital que adiantamos a linha de frente para o que realmente era sua posição correta, uns mil metros à frente, estendendo-se ao longo do pequeno curso de água a duzentos metros diante das linhas fascistas. Essa operação deveria ter sido efetuada meses antes, e a justificação para fazê-lo agora estava em que os anarquistas atacavam a estrada para Jaca e o avançarmos nesse lado obrigara os fascistas a desviar soldados para nos enfrentar.

Estávamos sem dormir por umas sessenta ou setenta horas, e minhas recordações registram um véu azulado, ou melhor, uma série de quadros diferentes. Ouvindo os ruídos feitos pelo inimigo, à espreita na terra de ninguém, a cem metros da Casa Francesa, fazenda fortificada que fazia parte da linha fascista. Sete horas deitado num pântano horrível, em água fedorenta na qual o corpo ia afundando cada vez mais: o cheiro de caniços, o frio entorpecedor, as estrelas imóveis no céu negro, o coaxar estridente dos sapos... Embora estivéssemos em abril, foi a mais fria de todas as noites que passei na Espanha. A somente cem metros atrás de nós as turmas de trabalho agiam com afinco, mas reinava o maior silêncio, a não ser pelo coro dos sapos. Apenas uma vez naquela noite ouvi um ruído - o barulho familiar de um saco de areia que é achatado com uma pá. É estranho como, somente de vez em quando, os espanhóis conseguem um brilhante feito de organização. Toda a

manobra à frente foi maravilhosamente planejada. Em sete horas seiscentos homens construíram mil e duzentos metros de trincheira e parapeito, em distâncias que variavam de cento e cinqüenta a trezentos metros das linhas fascistas, e com tamanho silêncio que o inimigo nada ouviu, havendo apenas uma baixa durante a noite. No dia seguinte aumentava esse número, naturalmente, Cada homem tinha uma tarefa a cumprir, até mesmo os auxiliares da cozinha, que chegaram de repente, quando o trabalho estava feito, trazendo baldes cheios de vinho temperado com brandy.

Depois disso veio o raiar da aurora e os fascistas descobriram que estávamos lá. O quadrado branco da Casa Francesa, embora a duzentos metros de distância, parecia mais alto do que nós, e as metralhadoras que exibia nas janelas de cima, protegidas por sacos de areia, davam a impressão de estar mirando diretamente para baixo, visando nossa trincheira. Ficamos todos ali, a olhar aquilo, imaginando o motivo pelo qual os fascistas não nos viam. Logo em seguida veio uma rajada perigosa de balas, todos se puseram de joelhos e começaram a cavar freneticamente, aprofundando a trincheira e fazendo pequenos abrigos laterais. Meu braço ainda estava em ataduras, eu não podia cavar, e por isso passei a maior parte do dia lendo uma novela policial, intitulada The Missing Moneydender ("O agiota desaparecido"). Não me recordo do enredo, mas sei muito bem qual era o meu sentimento quando lia, e lembro-me também da argila umedecida no fundo da trincheira abaixo de mim, a mudança constante de pernas para tirá-las da passagem de homens que iam e vinham apressados, os estampidos de projéteis a um ou dois palmos acima da cabeça. Thomas Parker levou uma bala na parte superior da coxa e isso, em suas próprias palavras, ia muito além do que podia desejar para merecer uma condecoração. As baixas ocorriam por toda a linha, mas não se comparavam ao que ocorreria se os fascistas nos apanhassem durante a noite, quando estávamos avançando. Mais tarde um desertor viria contar que cinco sentinelas fascistas tinham sido fuziladas por negligência. Até mesmo agora eles poderiam nos massacrar, caso tivessem a iniciativa de trazer alguns morteiros para a linha. Foi um trabalho difícil o de carregar feridos pela trincheira apertada e cheia de gente. Vi um pobre-diabo, os culotes vermelhos de sangue, a estirar-se na liteira, arquejando em agonia. Era

preciso carregar os feridos por grande distância, até dois quilômetros, pois mesmo onde havia estrada as ambulâncias não chegavam perto da linha. Quando chegavam perto demais os fascistas costumavam disparar os canhões sobre elas - o que era justificável, tendo em vista que nenhum dos lados tinha qualquer escrúpulo em utilizar ambulâncias para transportar munição.

E depois disso, na noite seguinte, veio a espera em Torre Fabián, onde aguardamos ordem para desferir um ataque, o que foi cancelado ao último instante pelo telégrafo sem fio. No paiol onde ficamos esperando, o chão era uma capa fina de palha sobre camadas altas de ossos, tanto humanos quanto de vacas, tudo em mistura, e infestado de ratos. Aqueles animaizinhos sujos vinham em regimentos pelo chão, surgidos de todos os lados. Se há alguma coisa que eu deteste mais do que outra, é uni rato correndo por cima de mim na escuridão. Mas ainda assim tive a satisfação de acertar num deles um soco que o mandou pelos ares.

Em seguida veio a espera, a cinqüenta ou sessenta metros do parapeito fascista, aguardando-se a ordem de atacar. Uma fila comprida de homens acocorados numa vala de irrigação, com as baionetas aparecendo pela beira e o branco dos olhos reluzindo na escuridão. Lá estavam Kopp e Benjamin acocorados atrás de nós, com um homem que trazia a bolsínha de estafeta do telégrafo sem fio presa ao ombro. No horizonte, para o ocidente, clarões róseos de canhões disparando e acompanhados, com intervalos de alguns segundos, por explosões enormes. E depois disso um ruído de batidas do sem-fio, e a ordem sussurrada, de que devíamos sair dali enquanto podíamos. Fizemos isso, mas não com suficiente rapidez. Doze pobres meninos da J.C.I. (a Liga da Juventude do P.O.U.M., correspondendo à J.S.U. do P.S.U.C.), que foram colocados a uns quarenta metros do parapeito fascista, foram apanhados pela madrugada e não conseguiram fugir. Tiveram de ficar ali o dia inteiro, tendo apenas punhados de grama para abrigar-se e os fascistas disparando contra eles sempre que se mexiam. Ao anoitecer sete estavam mortos, e os outros cinco conseguiram rastejar e afastar-se na escuridão.

Depois disso, e por muitas manhãs seguintes, ouvíamos o som dos

ataques anarquistas no outro lado de Huesca. Era sempre o mesmo som. De repente, em alguma das primeiras horas do dia, vinha o estrondo inicial de muitas bombas explodindo simultaneamente - e mesmo à distância de quilômetros isso era um barulho diabólico e impressionante - e em seguida o estrondo ininterrupto de fuzis e metralhadoras disparando ao mesmo tempo, num som forte que se parecia, de modo curioso, ao rufar de tambores. Por graus a fuzilaria espalhava-se por todas as linhas que cercavam Huesca, e saiamos para a trincheira a fim de nos recostarmos sonolentamente no parapeito, enquanto um fogo irregular e sem sentido passava por cima.

Durante o dia os canhões faziam belo estrondo. Torre Fabián, que era agora nossa cozinha, foi atingida por fogo de artilharia e destruída em parte. É curioso que, quando estamos observando o fogo de artilharia em distância a salvo do mesmo, sempre queremos que o artilheiro acerte o alvo, mesmo que esse alvo contenha nosso jantar e o de alguns companheiros. Os fascistas estavam disparando bem aquela manhã, e talvez houvesse artilheiros alemães em ação. Examinaram bem a Torre Fabián, pondo um projetil além dela, outro aquem, e depois disso - BUMBA! Eram venezianas que saltavam pelos ares, uma folha de uralita a descer pelo ar como um carta de baralho jogada para cima. A granada seguinte arrancou toda uma esquina de uma das edificações, e o fez tão bem e limpamente quanto um gigante o conseguiria, usando para isso uma faca proporcional a seu tamanho. Mas os cozinheiros saíram com nosso jantar na hora certa, o que constituía feito dos mais louváveis.

Em nossa parte da linha de frente não estava acontecendo grande coisa. A duzentos metros para a direita, estavam os fascistas em terreno mais alto, e ali seus atiradores acertaram alguns companheiros nossos. A duzentos metros para a esquerda, na ponte, travava-se uma espécie de duelo entre os morteiros fascistas e os homens que construíam uma barricada de concreto em cima da ponte. As granadinhas malvadas assoviavam por cima, fazendo um ruído duplamente infernal quando acertavam na estrada de asfalto. A cem metros de distância podia-se estar em perfeita segurança e observar as colunas de terra e fumaça negra que saltavam ao ar como árvores magicamente brotadas do chão. Os pobres coitados ao redor da ponte passaram grande parte do dia

acocorados nos pequenos buracos que cavaram no lado da trincheira. Mas houve menos baixas 4o que se podia esperar, e a barricada cresceu sempre, formada por uma muralha de concreto com dois palmos de espessura e embasamento para duas metralhadoras e um pequeno canhão. O concreto estava sendo reforçado com velhas armações de cama, que aparentemente eram o único ferro que se podia encontrar para aquele fim.

7

Certa tarde Benjamim informou que precisava de quinze voluntários O ataque ao reduto fascista, que fora cancelado anteriormente, deveria ser desfechado aquela noite. Oleei meus dez cartuchos mexicanos, sujei a baioneta (esses objetos denunciam a posição de quem os carrega, se brilharem demais) e embrulhei um pedaço de pão, meio palmo de lingüiça vermelha e um charuto que minha mulher mandara de Barcelona e que eu guardava fazia bastante tempo. Foram distribuídas bombas, três a cada homem. O Governo espanhol finalmente conseguira produzir uma bomba decente. Funcionava de acordo com o mesmo princípio da bomba Millis, mas tinha dois pinos ao invés de um. Depois de se tirar os dois pinos, vinha o intervalo de sete segundos para a bomba explodir. Sua desvantagem maior estava em que um dos pinos era bem duro, o outro bem frouxo, de modo que era possível deixar ambos no lugar e ficar sem poder arrancar o durão num momento de emergência, ou então tirálo antecipadamente e ficar a pisar em ovos todo o tempo, com um medo desgraçado de que aquela porcaria explodisse no bolso. Mas era uma bombinha bastante boa para jogar.

Pouco antes da meia-noite Benjamin nos dirigiu até Torre Fabián. Desde o anoitecer a chuva não cessara de cair, e as valas de irrigação estavam cheias, e todas as vezes que se pisava numa mergulhava-se na água até a cintura. Naquela escuridão e cortina de chuva, havia um grupo de homens esperando no terreiro da fazenda. Kopp nos fez um discurso, o primeiro em espanhol e depois em inglês, explicando o plano de ataque. Naquele ponto a linha fascista fazia uma curva igual a um "L", e o parapeito que devíamos atacar estava no terreno ascendente na quina desse "L". Perto de trinta homens, metade ingleses e metade espanhóis,

sob comando de Jorge Roca, comandante de nosso batalhão (na milícia cada batalhão tinha aproximadamente quatrocentos homens), e mais Benjamin, deveriam aproximar-se e cortar o arame fascista. Jorge atiraria a primeira bomba como sinal, e em seguida os demais deveriam despejar uma barreira de bombas, expulsar os fascistas do parapeito e apoderar-se dele antes que o inimigo pudesse reagir. Ao mesmo tempo, setenta Guardas de Assalto investiriam contra a "posição" fascista mais próxima, que ficava duzentos metros à direita da outra, ligadas por uma trincheira de comunicação. Para que não abríssemos fogo uns sobre os outros, na escuridão, usaríamos braçadeiras brancas. Naquele momento chegou um mensageiro para avisar que não fora possível encontrar aquele artigo, e na escuridão uma voz sugeriu, em tom lamentoso:

- Não há jeito de fazer os fascistas usarem essas braçadeiras, em vez de nós?

Tínhamos uma ou duas horas para esperar. O paiol por cima do estábulo de mulas estava tão arrebentado pelo fogo de artilharia que não podíamos andar ali sem luz. Metade do soalho fora destruída por uma granada, e por ali podia-se levar um tombo de seis metros até às pedras lá embaixo. Alguém encontrou uma picareta, arrancou uma prancha do chão, e em questão de minutos tínhamos um fogo aceso, e nossas roupas encharcadas começavam a soltar vapor. Um outro companheiro saiu-se com um baralho e passou por nós o boato - um desses boatos misteriosos, coisa endêmica na guerra - de que café quente com brandy estava a caminho. Descemos aquela escada que estava a ponto de cair sozinha, cheios de entusiasmo, e ficamos andando pela escuridão, para descobrir onde podia estar o tal café temperado. Bolas! Não havia café algum e, ao invés disso, eles nos chamavam, faziam-nos entrar em fila e depois disso Jorge e Benjamin partiam celeremente na escuridão, acompanhados por nós.

Ainda chovia e estava muito escuro, mas o vento diminuíra. A lama era alguma coisa de inenarrável. Os caminhos em meio à plantação de beterrabas não passavam de uma sucessão de altos e baixos, tão escorregadios quanto um pau de sebo e com poças enormes por toda a parte. Muito antes de chegarmos ao ponto onde deveríamos atravessar

nosso próprio parapeito, já todos haviam caído diversas vezes e nossos fuzis estavam enlameados. No parapeito encontramos um pequeno grupo, que era nossa reserva, bem como o médico e uma fila de padiolas. Passamos pela abertura no parapeito e ingressamos em outra vala de irrigação. Cataplãsgugq! Outra vez na água até à cintura, com aquela lama fina e imunda entrando pelo cano das botinas. Na grama lá fora Jorge esperou até termos passado todos e depois disso, dobrado quase ao meio, começou a adiantar-se lentamente. O parapeito fascista estava a uns cento e cinqüenta metros, e nossa única possibilidade de chegar lá era andar sem fazer barulho.

Eu estava na frente, com Jorge e Benjamín. Dobrando o corpo, agachados para a frente mas com o rosto erguido, andamos naquela escuridão quase total com passo que se tornava mais lento a cada instante. A chuva leve batia em nossos rostos, e quando olhei para trás pude ver os homens que estavam mais próximos de mim, um bolo de silhuetas como cogumelos grandes e negros a deslizar vagarosamente para a frente. Mas a cada vez que eu erguia a cabeça Benjamin. que estava perto de mim, sussurrava com raiva em meu ouvido:

-To keep ze head down! To keep ze head down! ("Abaixar a cabeça!")

Eu podia dizer-lhe que não havia motivo para preocupações, pois sabia por experiência própria que numa noite escura não se consegue ver um homem a vinte passos de distância. Era muito mais importante mover-nos sem ruído, pois se o inimigo nos ouvisse chegando seria nosso fim. Bastava espalhar uma rajada de metralhadora pela escuridão, e nada mais poderíamos fazer senão fugir ou sermos massacrados.

Mas naquele terreno encharcado era quase impossível andar em silêncio. Faça-se o que se quiser, mas os pés ficam presos na lama, e a cada passo que se dava era aquele ploc ploc, ploc-ploc. E o diabo era que o vento cessara, e a despeito da chuva a noite estava muito silenciosa. Os sons podiam ser ouvidos a grande distância, e houve um momento terrível no qual dei com o pé numa lata, e achei que todos os fascistas nas vizinhanças deviam ter ouvido. Mas não, nem um som, nem um tiro de resposta, movimento nenhum nas linhas fascistas. Continuamos a marcha, cada vez mais devagar. Não consigo transmitir

ao papel a profundidade e autenticidade de meu desejo de chegar até lá. Que maravilhoso seria chegar a uma distância em que pudéssemos lançar as bombas, antes que eles nos ouvissem! Numa ocasião assim a gente nem sequer sente medo, apenas um desejo tremendamente destituído de esperanças, de passar por aquele terreno intermediário. Eu senti exatamente a mesma coisa quando espreitava um animal selvagem, o mesmo desejo agoniante de chegar a distância suficiente, a mesma certeza fantasmagórica de que isso era impossível. E como a distância aumentara! Eu conhecia aquele terreno muito bem, sabia que tinha menos de cento e cinqüenta metros, mas ainda assim pareceu mais comprido que um quilômetro. Quando se está avançando naquele passo, percebe-se como uma formiga as variações enormes no terreno; a faixa esplêndida de grama aqui, aquela faixa lamacenta e pegajosa ali, os caniços altos e barulhentos que têm de ser evitados, o monte de pedras que quase faz a gente desistir de tudo, por parecer impossível transpo-lo sem ruído.

Estávamos andando daquele jeito e por tanto tempo que comecei a pensar que tínhamos errado a direção Foi quando, na escuridão, linhas finas e paralelas de alguma coisa mais escura do que a noite se tornaram levemente visíveis. Era o arame farpado da frente (os fascistas tinham duas linhas desse arame, uma à frente da outra) Jorge ajoelhou-se, procurou no bolso. Estava com nosso único alicate cortador de arame. Plic-plic! Os arames foram delicadamente postos de lado. Esperamos para que os companheiros lá atrás chegassem. Pareciam estar fazendo um barulho de todos os diabos. Devíamos estar a uns cinqüenta metros do parapeito fascista, e tocamos à frente, encurvados. Uma passada furtiva, abaixando o pé tão de leve quanto um gato que se aproxima da toca de ratos; depois uma pausa para ouvir; e outro passo. Levantei a cabeça uma vez, e em absoluto silêncio Benjamin pos a mão atrás de meu pescoço e o puxou para baixo com violência. Eu sabia que o outro arame farpado ficava a menos de vinte metros do parapeito, e parecia-me inconcebível que trinta homens chegassem até lá sem serem ouvidos. Bastava a respiração arquejante para nos denunciar. Mas, seja lá como for, chegamos. O parapeito fascista estava à vista agora, um monte escuro e impreciso, bem alto sobre nós. Mais uma vez Jorge ajoelhou-se e procurou no bolso. Plic-plic! Não havia jeito de cortar o

arame em silêncio.

Então era aquele o arame farpado de dentro! Passamos por ali rastejando de quatro e com rapidez bem maior. Se tivéssemos tempo para tomar posição agora, tudo estaria bem. Jorge e Benjamin arrastaram-se para a direita, mas os homens que vinham atrás e deveriam espalhar-se, tinham de formar uma fila única para passar pela pequena abertura no arame, e exatamente nesse instante houve um clarão e estampido no parapeito fascista. A sentinela finalmente nos ouvira. Jorge colocou-se de joelho e girou o braço como um jogador de boliche. Sua bomba explodiu em algum lugar no parapeito. No mesmo instante, muito mais depressa do que se teria achado possível, eclodiu o estrondo de dez ou vinte fuzis inimigos. Estavam à nossa espera, afinal de contas. Por momentos dava para ver cada saco de areia naquela luz sinistra. Os homens que se achavam distantes demais arremessavam as bombas, e algumas caíam antes do parapeito. De cada seteira pareciam jorrar jatos de fogo. Sempre é horrível fazerem fogo contra a gente na escuridão - pois cada clarão de disparo de fuzil parece estar apontando diretamente para nós - mas o pior eram as bombas. Não se pode conceber o horror causado por essas armas, a menos que se tenha visto uma delas explodir por perto, em plena escuridão. A luz do dia há somente o estrondo da explosão, mas na treva tem-se também o clarão vermelho e cegante. Eu me jogara ao chão logo aos primeiros disparos. Tudo isso ocorrera enquanto me achava deitado de lado, na lama viscosa, lutando selvagemente com o pino de uma bomba. O desgraçado não queria sair! Finalmente compreendi que o estava torcendo na direção errada. Retirei o pino, fiquei de joelhos, atirei a bomba e mergulhei de volta no chão. A bomba estourou à direita, fora do parapeito. O susto estragara minha pontaria. Naquele exato momento outra bomba explodiu bem à minha frente, tão perto que pude sentir o calor da explosão. Achatei-me no chão e enterrei o rosto na lama com tanto vigor que machuquei o pescoço e pensei estar ferido. Em meio àquela zoada, ouvi alguém dizer calmamente, em inglês, atrás de mim:

- Estou ferido.

A bomba, na verdade, atingira diversos homens perto de mim, sem me

alcançar. Ajoelhei-me e atirei outra, e não me recordo para onde ela foi.

Os fascistas faziam fogo, nossos companheiros lá atrás também, e eu tinha plena consciência de estar no meio, entre eles. Senti o impacto de um disparo bem perto e compreendi que um homem estava abrindo fogo logo atrás de mim. Levantei-me e berrei com ele:

- Não atire em mim, seu idiota!

Nesse momento vi que Benjamin, a dez ou quinze metros para a direita, gesticulava. Corri para lá, e isso obrigava a atravessar aquela linha de seteiras e despejar fogo, e naquela trajetória infame mantive a mão esquerda a tapar a face, gesto dos mais idiotas - como se a mão pudesse deter uma bala! - mas causava-me pavor a idéia de ser atingido na cara. Benjamin estava ajoelhado e apresentava expressão ao mesmo tempo satisfeita e diabólica, enquanto disparava meticulosamente sobre os clarões de fuzil, com sua pistola automática. Jorge caíra ferido aos primeiros tiros, e estava em algum lugar que não se podia ver. Ajoelhei-me ao lado de Benjamin, tirei o pino de minha terceira bomba e arremessei-a. Ah! Nada de dúvidas, dessa feita. Ela explodiu dentro do parapeito, na quina do "L", exatamente no ninho de metralhadora.

O fogo fascista pareceu ter afrouxado de modo bem repentino. Benjamin se pôs de pé com um salto e gritou:

- A frente! Atacar!

Partimos em carreira pela encosta curta e íngreme, ao final da qual estava o parapeito fascista. Eu digo "carreira", mas "arrasto" seria mais correto. O fato é que não se pode andar ligeiro quando se está encharcado e enlameado dos pés à cabeça, e carregando um fuzil e baioneta pesados, e mais cento e cinqüenta cartuchos. Eu estava possuído pela convicção naturalíssima de que haveria um fascista à minha espera lá em cima. Se ele disparasse àquela distância, não poderia deixar de me acertar, mas ainda assim contava que ele não o fizesse, para poder pegar-me com sua baioneta. Sentia de antemão o cruzar de nossas baionetas e imaginava se ele teria braço mais forte do que o meu. Mas não havia fascista algum à espera. Com vaga sensação

de alívio, verifiquei que havia um parapeito baixo e que os sacos de areia proporcionavam uma base firme aos pés. Via de regra eles são difíceis de ultrapassar. Lá dentro tudo estava em frangalhos, barrotes espalhados por toda a parte e grandes fragmentos de uralita pelo chão. Nossas bombas destruíram todos os abrigos, mas ainda assim não se via vivalma. Pensei que os fascistas podiam estar ocultos em algum ponto subterrâneo, e gritei-lhes em inglês (pois não conseguia pensar em qualquer palavra espanhola naquele momento):

- Come on out of it! Surrender! ("Saiam dai! Rendam-se!")

Nem sombra de resposta. Nisso, um homem, figura sombria àquela meia luz, deslizou do telhado de um dos abrigos destruídos e saiu em carreira para a esquerda. Parti ao seu encalço, enfiando a baioneta na escuridão sem qualquer resultado. Ao dar a volta no abrigo, vi um homem - não sei se era o mesmo que vira antes - fugindo pela trincheira de comunicação que dava para a outra posição fascista. Devo ter estado bem perto dele, pois pude vê-lo claramente. Era calvo e parecia não ter qualquer roupa no corpo, exceto um cobertor que segurava em torno dos ombros. Se eu abrisse fogo, poderia reduzi-lo a fanicos, mas com medo de dispararmos uns contra os outros, havíamos recebido ordens para só utilizar as baionetas depois de estarmos dentro do parapeito, e de qualquer modo eu nem sequer pensei em atirar, naquela conjuntura. Ao invés disso, meus pensamentos deram um salto de vinte anos atrás, e lembrei-me de nosso instrutor de boxe na escola, mostrando-me em pantomima bem vivida como enfiara a baioneta num turco, nos Dardanelos. Segurei o fuzil com força e fiz um arremesso às costas do sujeito. Estava fora de meu alcance. Outro mergulho, e acertei outra vez no ar vazio. E por alguma distância ficamos assim, ele correndo pela trincheira e eu atrás no chão mais alto, mirando-lhe as omoplatas sem conseguir alcançá-las uma só vez - recordação bem cômica que posso ter hoje, embora acredite que para ele não fosse tão cômico assim.

Como era natural, o sujeito conhecia melhor aquele lugar, e logo me escapulia. Quando voltei ao ponto de nosso ataque, a posição estava cheia de homens a gritar. Diminuíra um pouco o ruído dos disparos, e os fascistas continuavam a despejar fogo sobre nós, por três lados, mas era

de distância maior. Nós os havíamos repelido, por algum tempo, e lembro ter declarado, em tom de oráculo:

- Podemos sustentar este lugar por meia hora, não mais que isso.

Não sei por que cargas d'água escolhi esse período de meia hora. Olhando pelo parapeito à direita, dava para ver inúmeros clarões esverdeados, de fuzis que disparavam na escuridão, mas estavam muito distantes, a cem ou duzentos metros. Nossa tarefa agora era dar uma batida na posição e retirar tudo que valesse a pena. Benjamin e alguns outros já estavam vasculhando as ruínas de um abrigo maior, no meio da posição, e ele saiu cheio de animação pelo telhado destruído, puxando a braçadeira de corda de uma caixa de munição.

- Camaradas! Munição! Muita munição aqui!

- Não queremos munição - disse alguém. - Queremos fuzis.

Era verdade. Metade de nossos fuzis estava inservível, engasgada com lama. Podiam ser limpos, mas é perigoso retirar o ferrolho de um fuzil na escuridão, pois é só colocá-lo em algum lugar e perdê-lo em seguida. Eu tinha uma pequenina lanterna elétrica que minha mulher adquirira em Barcelona, e não fosse por isso não teríamos qualquer espécie de luz. Alguns homens com fuzis em bom estado deram início a um fogo desencontrado contra os clarões de disparos na distância. Ninguém se atrevia a atirar depressa, pois até os melhores fuzis estavam sujeitos a engasgar se esquentas sem demais. Havia perto de dezesseis homens dentro do parapeito, inclusive um ou dois que estavam feridos. Lá fora havia outros feridos, ingleses e espanhóis, caídos na lama. Patrick O'Hara, irlandês de Belfast que tivera algum preparo em primeiros socorros, ia de um para outro lado com pacotes de ataduras, pensando os feridos e, naturalmente, servindo de alvo a disparos vindos de nosso próprio lado da linha, todas as vezes em que voltava ao parapeito, e a despeito de seus gritos indignados de "Poum!"

Começamos a vasculhar a posição fascista. Havia diversos mortos, mas não parei para examiná-los. Eu procurava a metralhadora. Por todo o tempo em que estivemos lá fora, deitados na lama, eu pensara

vagamente no motivo pelo qual a metralhadora não disparava. Enfiei a lanterna elétrica pelo ninho, e tive amarga decepção. Não estava lá! Ali se encontravam o tripé, bem como diversas caixas de munição e peças sobressalentes, mas a arma se fora. Os fascistas deviam tê-la desaparafusado e tirado dali ao primeiro alarme. Não havia dúvida de que agiam sob ordens, mas fora estúpido e covarde fazer isso, pois se a mantivessem no lugar poderiam esmagar todos nós. Estávamos furiosos, pois todos contávamos apreender uma metralhadora.

Procuramos de um e de outro lado, mas não achamos coisa alguma de maior valor. Havia grande número de bombas fascistas no chão, de tipo bastante inferior, que se disparava puxando um cordão, e guardei duas no bolso como lembranças. Era impossível deixar de estranhar a miséria dos abrigos fascistas. O monte de roupas, livros, comida e pequenos pertences pessoais que se via em nossos abrigos era coisa que ali não se encontrava. Aqueles pobres conscritos, que nada recebiam de soldo, pareciam não possuir coisa alguma além de cobertores e alguns pedaços de pão mofado. Na extremidade mais distante havia um pequeno abrigo que ficava, em parte, acima do chão, e apresentava uma pequenina janela. Enfiamos a lanterna por ali e ao mesmo tempo soltamos um brado de alegria. Um objeto cilíndrico, em estojo de couro, com mais de um metro de altura e de diâmetro, estava apoiado na parede. Tratava-se do cano da metralhadora, naturalmente! Fizemos a volta e chegamos à entrada, e ali verificamos que o objeto em estojo de couro não era uma metralhadora, mas algo que, em nosso exército destituído de armas, era mais precioso ainda: um telescópio enorme, provavelmente aumentando sessenta ou setenta vezes, com tripé desdobrável. Tais telescópios simplesmente não existiam em nosso lado, e havia uma fome desesperada pelos mesmos. Nós o trouxemos para fora, em triunfo, e o deixamos encostado no parapeito, para carregá-lo depois.

Nesse momento alguém gritou que os fascistas estavam se aproximando. Era certo que a zoada dos tiros se tornara muito mais alta. Mas era óbvio que os fascistas não-contraatacariam pela direita, pois isso obrigá-los-ia a atravessar a terra de ninguém e atacar o seu próprio parapeito. Se tivessem algum juízo, viriam a nós por dentro da linha. Dei

a volta até ao outro lado dos abrigos. A posição tinha o formato aproximado ao de uma ferradura, com os abrigos no meio, de modo que não tínhamos outro parapeito cobrindo nossa esquerda. De todas as direções vinha fogo cerrado contra nós, mas isso não fazia grande diferença. O ponto perigoso ficava bem à frente, onde não contávamos com qualquer proteção, e ali por cima passava uma torrente de balas, Deviam estar chegando da outra posição fascista mais além na linha, tornando-se evidente que os Guardas de Assalto não a haviam capturado. Dessa feita, todavia, o estrondo era ensurdecedor, o estrugir ininterrupto de fuzis disparados em massa, que eu estava acostumado a ouvir a distância, sendo aquela a primeira vez que me achava em meio dele. E a essa altura, como é claro, os disparos haviam-se espalhado por toda a linha de frente, quilômetros e quilômetros seguidos. Douglas Thompson, com um braço atingido e inutilizado, pendendo ao lado do corpo, estava encostado no parapeito e disparava contra os clarões, usando para isso o braço bom. Alguém cujo fuzil engasgara o ajudava, municiando sua arma.

Havia quatro ou cinco de nós naquele lado, e tornava-se óbvio o que devíamos fazer, Era preciso arrastar os sacos de areia do parapeito à frente e formar uma barricada cobrindo o lado desprotegido, e isso muito depressa. O fogo estava alto por enquanto, mas poderia vir mais baixo a qualquer momento e pelos clarões de disparos feitos ao redor dava para ver que tínhamos cem ou duzentos homens contra nós. Começamos a arrancar os sacos do parapeito e a carregá-los vinte metros à frente, atirando-os numa pilha de qualquer maneira. Que trabalho horrível! Eram sacos de areia bem grandes, pesando uns 45 quilogramas, e exigindo todo o vigor de que se dispunha para saírem do lugar. Depois disso a aniagem apodrecida se rasgava e a terra molhada caía por cima em cascata, pelo pescoço abaixo e subindo as mangas da roupa. Lembro-me de ter sido assaltado pelo horror que tudo aquilo me causava, o caos, a escuridão, o ruído assustador, as carreiras de um para outro lado na lama, as batalhas com aqueles sacos pesados que estouravam à toa - e tudo isso na atrapalhação causada pelo fuzil que eu não largava de jeito algum, com medo de ficar sem ele. Cheguei a gritar para um dos companheiros, enquanto caminhávamos aos tropeções, carregando um saco:

- Então isto é a guerra! Não é uma bosta?

De repente, uma série de vultos altos surgiu aos pulos pelo parapeito da frente. Ao aproximarem-se de nós, vimos que usavam o uniforme de Guardas de Assalto, e soltamos aclamações, acreditando que se tratasse de reforços, Mas eram apenas quatro homens, três alemães e um espanhol, e mais tarde ficamos sabendo o que acontecera aos Guardas de Assalto. Não conhecendo o terreno e mergulhados na treva, deram com os costados no lugar errado, onde se viram apanhados pelo arame farpado dos fascistas, e ali bom número deles fora fuzilado. Aqueles quatro perderam-se dos demais o que era muita sorte para eles. Os alemães não falavam uma só palavra de inglês, francês ou espanhol. Foi com dificuldade e muita gesticulação que lhes explicamos o que estávamos fazendo e conseguimos sua ajuda na formação da barricada.

Os fascistas, a essa altura, tinham trazido uma metralhadora. Podíamos vê-la cuspindo fogo a cem ou duzentos metros, seus projéteis choviam em cima de nós num gargalhar firme e gelado. Não tardamos a jogar um número suficiente de sacos de areia no lugar, a fim de conseguir uma cobertura baixa da qual os poucos homens naquele lado da posição podiam manter-se deitados e usar suas armas. Eu estava de joelhos, atrás deles. Uma granada de morteiro passou assoviando por cima e estourou em algum lugar na terra de ninguém. Era outro perigo, mas seriam precisos alguns minutos para nos enquadrar em seu fogo. Agora que tínhamos acabado a luta com aqueles malditos sacos de areia, a coisa apresentava até certo aspecto divertido; o ruído, a escuridão, os clarões a aproximar-se, os nossos companheiros respondendo ao fogo. Tinha-se até algum tempo para pensar, e eu me lembro que fiquei verificando se estava com medo, resolvendo naquela ocasião que isso não acontecia. Lá fora, onde provavelmente estivera sujeito a menos perigo, eu enjoara de tanto medo. De repente ouvimos outro grito a avisar que os fascistas se aproximavam. Dessa vez não havia qualquer dúvida, pois os clarões dos fuzis inimigos estavam muito mais próximos. Vi um deles que não podia estar a mais de vinte metros. Era claro que eles se adiantavam pela trincheira de comunicação, e a vinte metros encontravam-se dentro do alcance de nossas bombas. E ramos oito ou nove amontoados, e uma única bomba bem jogada nos reduziria a

fanicos. Bob Smillie, com sangue escorrendo pelo rosto por causa de um ferimento leve, pôs-se de joelhos e arremessou uma bomba. Nós nos agachamos, esperando o estrondo. A espoleta ficou rubra enquanto atravessava o ar, mas a bomba não explodiu. (Pelo menos uma quarta parte daquelas bombas sempre falhava.) Eu não tinha mais bombas, exceto as fascistas que apanhara como recordação, e não sabia como funcionavam. Gritei para os outros, para saber se alguém tinha alguma bomba disponível. Douglas Moyle examinou os bolsos e passou-me uma. Atirei-a ao ar e mergulhei de cara no chão. Por um desses golpes de sorte que acontecem talvez uma vez por ano, eu conseguira lançar a bomba quase exatamente onde o fuzil disparara. Houve o estrondo e logo, instantaneamente, um clamor diabólico de gritos e gemidos. Havíamos acertado um deles, pelo menos, e não sei se o homem morreu, mas decerto ficara bastante ferido. Pobre coitado, pobre coitado! Senti certo arrependimento enquanto ouvia seus gritos. Mas no mesmo instante, à luz fraca dos clarões de fuzil, vi ou julguei ver uma figura de pé no lugar onde o fuzil disparara. Fiz mira com o meu e disparei. Outro grito, mas acho que era ainda o efeito da bomba. Outras foram atiradas, e os clarões de fuzil que vimos em seguida estavam muito distantes, a cem metros ou mais. Portanto nós os havíamos repelido, pelo menos temporariamente.

Todos começaram a amaldiçoar e perguntar por que demônios não nos mandavam reforço. Com uma submetralhadora, ou vinte homens de fuzis limpos, poderíamos sustentar aquele lugar contra todo um batalhão. Foi nesse momento que Paddy Donovan, subcomandante naquela empreitada e que fora mandado voltar à nossa linha para saber quais as ordens, galgou o parapeito da frente.

- Ei! Saiam dai! Todos devem retirar-se imediatamente!

- O quê?

- Retirar! Sair daqui!

- Por quê?

- Ordens. De volta às nossas linhas, e bem depressa.

Já havia companheiros subindo o parapeito da frente, diversos deles lutando com uma pesada caixa de munição. Lembrei-me do telescópio que ficara encostado ao parapeito no outro lado da posição, mas nesse momento vi que os quatro Guardas de Assalto, suponho que em conformidade com alguma ordem misteriosa recebida anteriormente por eles, começavam a correr pela trincheira de comunicações. Isso ia dar para a outra posição fascista e - se chegassem lá - à morte certa. Estavam sumindo na escuridão, e corri atrás deles, enquanto procurava a palavra em espanhol para "retirar", e finalmente consegui gritar "Atrás! Atrás!" o que talvez fizesse entender. O espanhol compreendeu e trouxe os outros de volta. Paddy aguardava no parapeito.

- Venham, depressa!

- Mas, o telescópio!

- F... . o telescópio! Benjamin está esperando lá fora.

Subimos o parapeito e saímos da posição. Paddy segurou o arame farpado para eu passar, e assim que nos afastamos do abrigo proporcionado pelo parapeito fascista encontramo-nos debaixo de um fogo infernal que parecia vir de todas as direções. Não duvido de que parte dele viesse de nosso próprio lado, pois todos estavam abrindo fogo na linha de frente. Para qualquer lado que nos voltássemos, éramos brindados com nova torrente de balas, e assim fomos tangidos para lá e para cá na escuridão, como um rebanho de ovelhas. O fato de estarmos carregando uma caixa de munição capturada ao inimigo - uma daquelas que contêm 1.750 tiros e pesam cerca de 45 quilogramas - e mais uma caixa de bombas e diversos fuzis fascistas não facilitava, absolutamente, a coisa. Em alguns minutos, embora a distância de parapeito a outro não fosse superior a duzentos metros e a maioria conhecesse o terreno, estávamos inteiramente perdidos. Encontrávamo-nos a patinar num campo enlameado, sem saber de outra coisa que não a dura realidade das balas vindas de ambos os lados. Não havia lua para nos orientar, mas o céu tornava-se um pouco mais claro. Nossas linhas ficavam a leste de Huesca, e eu queria ficar onde estávamos até a primeira claridade da aurora mostrar para onde estavam leste e oeste, mas os

outros se opunham a isso. Continuamos a chapinhar para a frente, mudando de direção diversas vezes e fazendo turnos na caixa de munição. Finalmente vimos a linha baixa e chata de um parapeito à nossa frente. Podia ser nosso, ou dos fascistas, e ninguém fazia a menor idéia do caminho que tomáramos. Benjamin rastejou sobre o estômago e passou por uma planta alta e esbranquiçada até a distância de vinte metros do parapeito, e deu um grito de reconhecimento. A resposta foi outro grito de "Poum!". Levantamo-nos, abrimos caminho até ao parapeito, enfiamo-nos mais uma vez pela vala de irrigação - cataplás-gugo! - e estávamos a salvo.

Kopp nos aguardava dentro do parapeito, em companhia de alguns espanhóis. O médico e as padiolas tinham sumido. Parecia que todos os feridos tinham sido recolhidos, menos Jorge e um de nossos companheiros ingleses, chamado Hiddlestone. Muito pálido, Kopp andava de um para o outro lado, e até as dobras de gordura em sua nuca estavam pálidas, ao mesmo tempo em que ele não dava qualquer atenção às balas que zuniam sobre o parapeito baixo e passavam perto de sua cabeça. A maioria acocorava-se procurando abrigo, e Kopp murmurava:

- Jorge! Cogtio! Jorge!

E logo acrescentava, em inglês:

- Se Jorge está perdido, isso é terrível, terrível!

Jorge era seu amigo pessoal, e um dos melhores oficiais de que dispunha. De repente Kopp voltou-se para nós e pediu cinco voluntários, dois ingleses e três espanhóis, para procurarem os desaparecidos. Moyle e eu nos apresentamos, com três espanhóis.

Ao chegarmos lá fora os espanhóis murmuraram que já estava ficando perigosamente claro. Era bem verdade, e o céu se mostrava levemente azulado. Do reduto fascista vinha um bulício agitado, e evidentemente o inimigo recuperara a posição e tinha lá muito mais gente do que antes. Estávamos a sessenta ou setenta metros do parapeito, quando eles nos viram ou ouviram, pois mandaram de lá uma fuzilaria que nos fez cair de

cara no chão. Um deles atirou uma bomba por cima do parapeito, em segura indicação de pânico. Estávamos deitados na grama esperando oportunidade para continuar, quando ouvimos, ou julgamos ouvir - não tenho dúvida de que foi fruto da imaginação, mas pareceu real naquele momento - as vozes fascistas muito mais próximas. Eles haviam deixado o parapeito e vinham à nossa procura.

- Corra! - gritei para Moyle, e me pus em pé.

Céus, como corri! Em ocasião anterior naquela noite eu pensara que ninguém pode correr quando chapado de lama e água dos pés à cabeça, e carregando um fuzil e cartuchos, mas naquele momento fiquei sabendo que sempre se corre, quando achamos que em nosso encalço vêm cinqüenta ou cem homens armados. Mas se eu sabia correr depressa, outros podiam fazê-lo ainda mais. Na minha disparada pude ver passando por mim o que poderia ser uma chuva de meteoritos. Eram os três espanhóis, que estiveram à frente. Chegaram a nosso parapeito antes de parar e eu poder emparelhar-me com eles. A verdade é que estávamos todos com os nervos em frangalhos. Mas eu sabia que à meia luz um homem é invisível, onde cinco são claramente perceptíveis, de modo que voltei sozinho. Consegui chegar ao primeiro arame farpado e esmiuçar o chão tão bem quanto possível, o que não era muito, pois tinha de me arrastar sobre o ventre. Não encontrei qualquer sinal de Jorge ou Hiddlestone, de modo que rastejei de volta. Mais tarde ficamos sabendo que ambos foram levados para o posto de socorro em ocasião anterior. Jorge ficara ligeiramente ferido no ombro, e Hiddlestone sofrera ferimento sério - uma bala que subira por seu braço esquerdo, quebrando-lhe os ossos em diversos lugares. Enquanto estava caído e indefeso, uma bomba explodira por perto e lhe arrancara diversas outras partes do corpo. Tenho prazer em saber que ele se recuperou. Mais tarde ele me narraria como conseguira cobrir alguma distância deitado de costas, agarrara-se a um espanhol também ferido, e os dois ajudaram-se mutuamente até nossa linha.

Já amanhecia, e por toda a extensão da frente, por quilômetros ao redor, estrugiam disparos irregulares como a chuva que continua caindo depois do temporal. Lembro-me do aspecto desolado de tudo, dos carrascais de

lama, os choupos gotejando, a água amarela no fundo das trincheiras, os rostos exaustos dos homens, barbudos, emplastrados de lama e sujos até aos olhos com a fumaça de pólvora. Quando regressei ao meu abrigo, encontrei os três homens com que o partilhava, já adormecidos. Atiraram-se ali com todo o equipamento e agarrados aos fuzis enlameados. Tudo estava encharcado, dentro e fora do abrigo. Depois de muito procurar, consegui achar quantidade suficiente de lenha seca para acender uma pequenina fogueira. E fumei o charuto que estivera guardando e que, por surpreendente que parecesse, não se quebrara no correr daquela noite.

Posteriormente ficamos sabendo que nossa ação fora um êxito, até onde o poderia ser. Fora apenas uma investida para fazer os fascistas trazer soldados do outro lado de Huesca, onde os anarquistas os atacavam. Eu calculara que os fascistas tivessem posto cem ou duzentos homens naquele contra-ataque, mas um desertor viria mais tarde contar-nos que foram seiscentos. Atrevo-me a dizer que ele mentia, pois os desertores, por motivos óbvios, procuram granjear simpatia. Foi uma grande pena ficarmos sem o telescópio. O pensamento de que perdemos aquele magnífico objeto é coisa que ainda hoje me amola.

8

Os dias tornavam-se mais quentes e até as noites passavam a ser toleráveis, em matéria de temperatura. Numa árvore escalavrada por balas, à frente de nosso parapeito, formavam-se punhados cerrados de cerejas. Tomar banho no rio deixou de ser uma tortura e passou a ser quase prazer. Rosas silvestres, com botões roxos do tamanho de um pires, estendiam-se pelas crateras abertas por granadas ao redor da Torre Fabián. Por trás da linha encontrávamos camponeses, que punham rosas silvestres nas orelhas, e à noite costumavam sair com redes verdes, à caça de codornas. Estendiam as redes sobre as pontas mais altas da vegetação rasteira, e depois disso era abaixar e imitar o canto de uma codorna fêmea. Qualquer macho que estivesse por perto acudia correndo naquela direção, e quando se colocasse por baixo da rede jogava-se uma pedra, o que lhe proporcionava tremendo susto e o fazia dar um pulo para cima, ficando preso nas malhas. O processo, pelo

que parecia, só servia para capturar codornas machos, o que se me afigurava grande injustiça.

Tínhamos agora uma seção de andaluzes a nosso lado na linha de frente. Não sei como chegaram até ali, e a explicação corrente era de que foram obrigados a fugir de Málaga com tanta pressa que se tinham esquecido de parar em Valência, mas tal afirmação vinha dos cataláos, naturalmente, e estes são gente que costumava encarar os andaluzes como raça de semi-selvagens. Não há dúvida de que eram muito ignorantes, e poucos entre eles sabiam ler, e nem sequer demonstravam saber o que todos sabem na Espanha - a que partido político se pertence. Achavam ser anarquistas, mas não tinham certeza disso; talvez fossem comunistas. Era gente áspera e rústica, pastores ou trabalhadores dos olivais, talvez, com rostos muito tisnados pelo sol bravo das regiões mais meridionais. Eram-nos muito úteis, pois apresentavam uma extraordinária destreza para enrolar o fumo seco espanhol, fazendo assim os cigarros. Cessara a distribuição de cigarros feitos, mas em Monflorite era possível obter de vez em quando alguns pacotes do tipo mais barato de fumo, (que na aparência e tato parecia-se muitíssimo a palha picada. Seu sabor não era mau, mas tamanha sua secura que quando se conseguia enrolar um cigarro o fumo logo caía e deixava na mão de quem o enrolara apenas o cilindro vazio de papel. Os andaluzes, no entanto, sabiam enrolar cigarros admiravelmente e conheciam uma técnica toda especial de socar o fumo nas pontas, para não cair dali.

Dois ingleses foram atingidos pela insolação, e minhas recordações desse período são o calor do sol a pino e o trabalho quando se estava seminu, com os sacos de areia a castigar os ombros já bem punidos pelo sol; e mais o triste estado das roupas e calçado, que caíam aos pedaços; e mais as lutas com a mula que trazia nossas rações, e que não se importava com o disparo de fuzis, mas desembestava em fuga quando o shrapnel explodia no ar; e os mosquitos (que começavam a aparecer) e ratos, elementos de perturbação e incômodo geral, atrevidos a ponto de devorar cinturões e cartucheiras de couro. Nada mais acontecia, exceto uma ou outra baixa devida ao fogo de algum franco-atirador, e rajadas de artilharia e incursões aéreas sobre Huesca, em caráter esporádico.

Agora que as árvores estavam em plena brotação, construímos plataformas para atiradores nos choupos que orlavam a linha de frente. No outro lado de Huesca os ataques estavam acabando. Os anarquistas sofreram elevadas baixas e não conseguiram cortar de todo a estrada para Jaca. Estavam estabelecidos agora suficientemente perto, em ambos os lados, para encher a estrada com fogo de suas metralhadoras e torná-la impassável ao tráfego, mas o vão era de um quilômetro de largura, e os fascistas construíram uma estrada pelo chão abaixo, uma espécie de trincheira enorme, pela qual certo número de caminhões podia ir e vir. Os desertores informavam que em Huesca havia muita munição e pouca comida, mas era evidente que a cidade não ia cair. Talvez fosse impossível tomá-la com os quinze mil homens mal armados de que dispúnhamos. Mais tarde, em junho, o Governo trouxe tropas da frente de Madri e concentrou trinta mil homens em Huesca, com enorme quantidade de aeroplanos, mas ainda assim a cidade não caiu.

Quando recebemos licença, eu tinha cento e quinze dias seguidos na linha, e naquela ocasião esse período me parecera um dos mais inúteis de toda minha vida. Entrara para a milícia para lutar contra o fascismo, e mal havia participado em qualquer combate, e apenas existira como uma espécie de objeto passivo, nada fazendo em troca das rações que recebia, a não ser sofrer com o frio e falta de sono. Talvez seja o destino da maioria dos soldados, em quase todas as guerras, mas agora que posso ver aquele período numa perspectiva mais ampla, já não o deploro de todo. Certamente gostaria de ter servido ao Governo espanhol de modo mais efetivo, mas de um ponto de vista pessoal - do ponto de vista de meu próprio desenvolvimento - aqueles primeiros três ou quatro meses passados na linha foram menos inúteis do que julguei na época, pois formaram uma espécie de interregno em minha vida, sendo muitíssimo diferente de tudo quanto acontecera antes e, talvez, de tudo quanto ainda virá, e ensinaram-me coisas que não poderia ter aprendido de qualquer outro modo.

O ponto essencial que desejo ressaltar é que por todo aquele tempo eu estivera isolado - pois na frente ficava-se quase completamente isolado do mundo externo, e até mesmo do que ocorria em Barcelona não se tinha mais do que uma vaga concepção - entre pessoas que, de um

modo aproximado, mas não muito imprecisamente, podiam ser descritas como revolucionários. Isso era resultado do sistema de milícia, que na frente de Aragón não foi modificado radicalmente senão por volta de junho de 1937. As milícias de trabalhadores, baseadas nos sindicatos profissionais e cada qual composta de gente com mais ou menos a mesma opinião política, tiveram o efeito de canalizar para um só lugar todo o sentimento mais revolucionário do país. Eu caíra, mais ou menos por sorte, na única coletividade de dimensões maiores, na Europa Ocidental, onde a consciência política e a descrença no capitalismo eram coisa mais normal do que seus contrários. Ali, em Aragón, estava-se em meio a dezenas de milhares de pessoas que em sua maioria, embora não totalidade, originavam-se da classe trabalhadora, viviam todas no mesmo nível e se davam em pé de igualdade. Em teoria, era a igualdade perfeita, e mesmo na prática não andavam longe disso. Há um sentido no qual seria veraz afirmar que estávamos experimentando uma amostra do socialismo, e com isso quero dizer que a atmosfera mental predominante era a do socialismo. Muitas das motivações normais da vida civilizada - esnobismo, ganância pelo dinheiro, medo ao patrão, etc. - deixaram simplesmente de existir. A divisão comum das classes na sociedade desaparecera em tal medida que se mostra quase inimaginável na atmosfera contaminada pelo dinheiro e que se respira na Inglaterra; não havia mais gente alguma ali, com exceção dos camponeses e nós próprios, e ninguém possuía outrem e era seu senhor e amo. Está claro que tal estado de coisas não podia perdurar. Era apenas uma fase temporária e local, num jogo imenso que está sendo disputado por toda a superfície da terra. Mas durou o bastante para causar seus efeitos sobre qualquer um que a tenha experimentado. Por mais que praguejássemos na ocasião, compreendiamos depois que estivemos em contato com alguma coisa estranha e valiosa. Estivera-se numa coletividade onde a esperança era coisa mais normal do que a apatia ou cinismo, onde a palavra "camarada" significava camaradagem e não, como ocorre na maioria dos países, mera conversa fiada. Respiramos o ar da igualdade. Tenho plena ciência de que estamos agora na moda de negar que o socialismo tenha qualquer coisa a ver com a igualdade. Em todos os países do mundo há uma tribo enorme de mercenários partidários, e professorzinhos maneirosos em atividade,

empenhados em "provar" que o socialismo nada mais que dizer senão capitalismo estatal planificado, deixando intata a motivação gananciosa do lucro. Mas existe também, e por felicidade, uma visão diferente do que seja o socialismo. A coisa que atrai os homens comuns ao socialismo, e faz com que se disponham a arriscar o canastro por ele, a "mística" do socialismo, é a idéia de igualdade. Para a vasta maioria das pessoas o socialismo representa uma sociedade sem classes, ou então estará vazio de qualquer significado. E foi nisto que aqueles poucos meses passados na milícia se mostraram valiosos para mim, pois enquanto existiram as milícias espanholas elas constituíram uma espécie de microcosmos de uma sociedade sem classes. Naquela coletividade, onde ninguém estava a "se arrumar", onde havia escassez e falta de tudo mas também não se encontrava o privilégio, o servilismo, recebia-se o que talvez fosse uma amostra bruta do que poderiam ser as etapas iniciais do socialismo. E, acima de tudo, ao invés de causar desilusão, isso me atraía profundamente. O efeito era fazer com que se tornasse muito mais real o meu desejo de ver o socialismo estabelecido. Talvez isso se devesse, em parte, à boa sorte de estar entre espanhóis, gente que, com sua decência inata e sua coloração anarquista sempre presente, tornaria até mesmo as etapas iniciais do socialismo uma coisa suportável, se lhe fosse dada a oportunidade para isso.

Está claro que, na época, eu mal percebia as transformações que ocorriam em meu próprio espírito. Como todos os que estavam ao meu redor, minhas noções mais conscientes eram as de aborrecimento, calor, frio, sujeira, piolhos, privações e perigo ocasional. A coisa está muito outra, agora. Esse período, que pareceu-me então inútil e privado de acontecimentos, assumiu grande importância para mim. E coisa tão diferente do resto de minha vida, que já assumiu aquela qualidade mágica que, via de regra, pertence apenas às recordações já distantes nos anos passados. Era coisa bestial enquanto acontecia, mas constitui um bom período no qual meu espírito pode se alimentar. Eu gostaria de poder transmitir ao leitor a atmosfera daquela época, e espero tê-lo conseguido, ao menos um pouco, nos capítulos anteriores deste livro. A coisa está toda ligada, em meu espírito, ao frio de inverno, aos uniformes esfarrapados dos milicianos, aos rostos ovais dos espanhóis, à cadência telegráfica de metralhadoras, ao fedor de urina e pão estragado, ao

paladar estânico de feijoadas devoradas às carreiras e servidas em vasilhame nada limpo.

Todo esse período permanece comigo com vividez curiosa. Em minha recordação percorro incidentes que poderiam parecer insignificantes demais para justificar isso. Estou no abrigo em Monte Pocero outra vez, na beirada de calcário que serve de cama, e o jovem Ramón ronca com o nariz achatado entre minhas omoplatas. Estou tropeçando na trincheira enlameada, atravessando o nevoeiro que gira ao redor como vapor frio. Estou a meio caminho numa fenda da encosta, lutando por manter o equilíbrio e agarrando uma raiz de alecrim bravo no chão. Lá por cima, cantam balas perdidas e destituídas de qualquer sentido.

Estou deitado e oculto entre pequenos abetos, no chão baixo ao oeste de Monte Oscuro, com Kopp e Bob Edwards e três espanhóis. No topo do morro cinzento à nossa direita encontra-se uma fieira de fascistas, subindo aquilo como se fossem formigas. Bem à frente um toque de cometa parte das linhas fascistas. Kopp troca um olhar comigo, e com gesto de colegial faz fiau para o inimigo.

Estou no pátio enlameado de La Granja, em meio ao grupo de homens que lutam com suas vasilhas de estanho em volta ao caldeirão de ensopado. O cozinheiro, homem gordo e embaçarado, faz-nos recuar brandindo a concha em nossa direção. Em mesa próxima está um homem barbudo, com enorme pistola automática no coldre e partindo pães em cinco pedaços. Atrás de mim uma voz com sotaque londrino (Bill Chambers, com quem tive acesa disputa, e que mais tarde foi morto fora de Huesca) está cantando:

Há ratos, muitos ratos,

ratos tão grandes quanto gatos,

no dep...

Uma granada de artilharia estruge com seu grito pelo ar. Meninos de quinze anos atiram-se de cara no chão. O cozinheiro se esconde atrás do caldeirão, e todos se erguem, com expressões encabuladas,

enquanto a granada mergulha e estoura a cem metros de distância.

Estou andando de lá para cá na linha de sentinelas, sob as copas escuras dos choupos. Na vala inundada, lá fora, os ratos estão a espadanar, fazendo tanto barulho como se fossem lontras. Quando a madrugada amarelada desponta atrás de nós a sentinela andaluza, protegida em sua capa, começa a cantar. Do outro lado da terra de ninguém, a cem ou duzentos metros de distância, dá para ouvir a sentinela fascista cantando também.

Em 25 de abril, depois dos mañanas de costume, outra seção nos substituiu e entregamos nossos fuzis, embrulhamos os pertences e marchamos de volta para Monflorite. Não fiquei com pena de deixar a linha. Os piolhos multiplicavam-se em minhas calças com rapidez maior do que eu os conseguia massacrar, e por todo um mês eu estivera sem meias e as botas estavam com as solas muito gastas, de modo que andava mais ou menos descalço. Eu queria tomar um banho quente, vestir roupas limpas e passar uma noite entre lençóis, e queria isso com mais ardor e paixão do que se pode querer qualquer coisa depois de viver uma vida civilizada normal. Dormimos algumas horas num paiol em Monflorite, embarcamos em caminhões pela madrugada, apanhamos o trem das cinco em Barbastro e - tendo a sorte de ligar com um trem rápido em Lerida - estávamos em Barcelona às três da tarde do dia 26. E depois disso começaram os problemas.

9

De Mandalay, na Birmânia Superior, pode-se viajar de trem até Maymyo, a principal estação montanhosa naquela província, à beira do planalto de Shan. Essa viagem constitui experiência bastante incomum, pois o viajante sai da atmosfera típica de uma cidade oriental - com seu sol brilhante, as palmeiras poeirentas, cheiros de peixe, especiarias e alho, frutas tropicais polpudas, a multidão de seres humanos de faces escuras - e porque nos acostumamos a ela, levamos essa atmosfera intata, por assim dizer, dentro do vagão ferroviário em que viajamos. Mentalmente, estamos ainda em Mandalay, e nisso o trem pára em Maymyo, a 1.200 metros acima do mar. Bastará sairmos do vagão para entrarmos num hemisfério diferente. Vemos que, de repente, estamos respirando ar frio

e doce, bem parecido ao da Inglaterra, e ao derredor estão a grama verde, samambaias, abetos e mulheres das montanhas, de rostos corados e vendendo cestas de morangos.

Regressar a Barcelona, depois de três meses e meio na linha de frente, foi mudança que me fez recordar aquela outra. Ocorria a mesma transformação, abrupta e surpreendente, de atmosfera. No trem, por todo o percurso até Barcelona, a atmosfera da linha de frente persistia; eram a sujeira, o ruído, o desconforto, as roupas esfarrapadas e a sensação de privação, camaradagem e igualdade. O trem, que já estava repleto de milicianos ao partir de Barbastro, viu-se invadido por um número cada vez maior de camponeses a cada estação. Vinham com embrulhos de legumes, aves apavoradas que carregavam penduradas de cabeça para baixo, sacos que se mexiam e contorciam por todo o chão e logo descobríamos estarem cheios de coelhos vivos - e, finalmente, com todo um rebanho de ovelhas, que foram empurradas para os compartimentos e enfiadas em todos os cantos vazios. Os milicianos entoavam canções revolucionárias que se sobrepunham ao barulho do trem e mandavam beijos, ou sacudiam lenços vermelhos e negros para todas as mulheres bonitas que se via no caminho. Garrafas de vinho e anis, aquele imundo licor aragonês, passavam de mão em mão. Com as garrafas de água espanholas, feitas com pele de cabra, pode-se espirrar um jato de vinho de um lado do vagão até à boca do amigo, no outro lado, o que poupa muito trabalho. A meu lado um rapazinho de quinze anos, e de olhos negros, apresentava uma narrativa sensacional e, não duvido, completamente inveridica de suas próprias façanhas na linha de frente, para dois camponeses idosos e de cara enrugada, que ouviam boquiabertos. Eles não tardaram a abrir seus embrulhos e oferecer-nos algum vinho tinto, escuro e pegajoso. Estávamos todos imensamente felizes, mais do que eu possa descrever. Mas depois do trem passar por Sabadell e chegar a Barcelona, saltamos para encontrar uma atmosfera que não seria menos estranha e hostil se houvéssemos chegado a Paris ou Londres.

Todos aqueles que fizeram duas visitas, com espaço de meses, à cidade de Barcelona e durante a guerra, puderam observar as transformações extraordinárias ali ocorridas. O curioso é que se tais visitantes estiveram

pela primeira vez em agosto, e depois em janeiro, ou então em dezembro e depois abril, como eu, era sempre idêntica sua observação: desaparecera a atmosfera revolucionária. Para qualquer um que lá estivera em agosto, quando o sangue mal secara nas ruas e a milícia se alojava nos bons hotéis, Barcelona teria parecido, em dezembro, uma cidade burguesa. Para mim, recém-vindo da Inglaterra, ela parecia-se mais a uma cidade de trabalhadores do que qualquer outra coisa que pudesse imaginar. Agora a maré refluíra, e Barcelona voltara a ser uma cidade comum, um pouco batida e escalavrada pela guerra, mas sem apresentar qualquer sinal exterior de predomínio da classe trabalhadora.

A transformação no aspecto de sua população era surpreendente. Haviam desaparecido quase por completo o uniforme miliciano e o macacão azul. Todos pareciam estar usando as mesmas roupas elegantes de verão nas quais os alfaiates espanhóis se especializam. Homens gordos e prósperos, mulheres elegantes e carros bonitos encontravam-se por toda a parte. (Dizia-se que ainda não havia automóveis particulares, mas ainda assim todos que fossem "alguém" pareciam capazes de ter um veículo para si) Os oficiais do recém-formado Exército Popular, tipo que mal existia quando eu partira de Barcelona, apresentavam-se em números surpreendentes. O Exército Popular tinha oficiais na proporção de um por dez soldados. Certo número dos mesmos servira na milícia ou fora tirado da linha de frente para receber instrução técnica, mas a maioria se compunha de rapazelhos que tinham freqüentado a Escola de Guerra, ao invés de ingressar na milícia. Sua relação para com os subordinados não era a mesma de um exército burguês, mas existia uma diferença social definida, expressa pela diferença em soldo e uniformes. Os soldados envergavam um tipo de macacão marrom pesado, e os oficiais um uniforme cáqui elegante, de cintura fina, parecido ao dos oficiais britânicos, porém um pouco mais requintados. Acredito que, de cada vinte desses moços, não mais de um esteve na linha de combate, mas todos traziam pistolas automáticas no coldre, enquanto nós, no front, não conseguíamos tais armas, implorando ou pagando. Ao tocarmos pela rua, notei que as pessoas nos observavam longamente. Está claro que, como todos que permaneceram meses seguidos na linha de frente, constituíamos um espetáculo assustador. Eu tinha plena consciência de

estar com a aparência de verdadeiro espantalho. A jaqueta de couro caía aos pedaços, o gorro de lã perdera sua forma e tombava constantemente sobre o olho, as botinas pouco mais apresentavam do que a parte de cima. Estávamos todos mais ou menos nas mesmas condições, e além disso sujos e barbudos, de modo que não era de admirar que o povo olhasse. Mas fiquei um tanto amolado, e compreendi que algumas coisas bem curiosas haviam ocorrido naqueles últimos três meses.

Nos dias seguintes, inúmeras indicações corroboraram minha primeira impressão. A cidade passara por profunda transformação. Havia dois fatos que davam o tom a tudo mais. Um, era que o povo - a população civil - perdera grande parte de seu interesse pelo desenrolar da guerra. O outro era que a divisão costumeira da sociedade, em ricos e pobres, classe superior e classe inferior, voltara a reafirmar-se.

A indiferença geral para com a guerra constituía fato surpreendente e bastante desapontador. Ela causava horror às pessoas vindas de Madri ou mesmo de Valência. Devia-se, em parte, à distância em que Barcelona se achava do cenário de luta, e notei o mesmo um mês depois, quando em Tarragona, onde a vida comum de elegante cidade costeira prosseguia quase incólume. Mas era significativo o fato de que por toda a Espanha o alistamento de voluntários decaíra mais ou menos de janeiro em diante. Na Catalunha, em fevereiro, houvera uma onda de entusiasmo pela primeira grande campanha em favor do Exército Popular, mas isso não resultara em grande aumento no recrutamento. A guerra tinha apenas seis meses, ou perto disso, quando o Governo espanhol foi forçado a recorrer à conscrição, o que seria natural numa guerra com outro país, mas parece anômalo numa guerra civil. Certamente isso se prendia ao desapontamento quanto às esperanças revolucionárias com que a guerra se iniciara. Os membros dos sindicatos, que se tinham formado em milícias e repelido os fascistas para Saragoça nas primeiras semanas de guerra fizeram-no principalmente por acreditarem estar lutando pelo controle por parte da classe trabalhadora, porém cada vez se tornava mais evidente que tal controle era uma causa perdida e a gente comum, em especial o proletariado urbano, que tem de engrossar as fileiras em qualquer guerra, civil ou exterior, não podia ser incriminada por demonstrar certa

apatia. Ninguém queria perder a guerra, mas a maioria desejava mais era vê-la terminar. Notava-se isso por toda a parte e sempre ouvíamos o comentário perfuntório: "Esta guerra.. . coisa terrível, não é? Quando vai acabar?" As pessoas politicamente informadas davam muito mais atenção à luta intestina entre anarquistas e comunistas do que àquela contra Franco. Para a massa do povo, a escassez de gêneros alimentícios era o mais importante de tudo. A "linha de frente" se transformara em lugar remoto e mítico para onde os jovens desapareciam e não mais regressavam, ou reapareciam depois de três ou quatro meses, com os bolsos transbordando de dinheiro. (Os milicianos geralmente recebiam seus atrasados quando entravam em licença.) Os feridos, mesmo quando saltando com muletas, não recebiam qualquer consideração especial. Estar na milícia não era mais coisa em moda. As lojas e casas comerciais, que sempre constituem o barômetro do gosto público, demonstravam isso de modo bem claro. Quando estive em Barcelona pela primeira vez, por mais pobres e maltratadas que estivessem, elas se especializavam em equipamento para milicianos, Casquetes, jaquetas com zipper, cinturões San Browne, facas de caça, cantinas, coldres para revólveres, eram artigos exibidos em todas as vitrinas. Agora as lojas se mostravam muito mais elegantes, porém a guerra fora arremessada para o lado. Conforme descobriria mais tarde, ao comprar meu equipamento antes de voltar à linha de frente, algumas coisas de que muito se precisava eram bem difíceis de encontrar.

Enquanto isso, tivera lugar uma propaganda sistemática contra as milícias e a favor do Exército Popular. A situação, era bem curiosa. A partir de fevereiro todas as forças armadas foram, em teoria, incorporadas àquele exército e, no papel, as milícias foram reconstruídas de acordo com o modelo do mesmo, com tabelas diferenciais de soldo, patentes oficialmente publicadas, etc. etc. As divisões se formavam de "brigadas mistas", que deviam compor-se em parte de soldados do Exército Popular e, em parte, de milícias. Mas as únicas transformações que realmente ocorreram foram no nome. As tropas do P.O.U.M., por exemplo, que antes se chamavam a "Divisão Lênin", eram agora conhecidas como Vigésima-Nona Divisão. Até junho pouquíssimas tropas do Exército Popular chegaram à frente de Aragón e, por conseqüência, as milícias puderam reter sua estrutura separada, bem

como seu caráter todo especial. Mas em todas as paredes e muros os agentes do Governo escreveram: "Precisamos de um Exército Popular", e pelo rádio e na imprensa comunista prosseguia uma zombaria incessante e, às vezes, maligna contra as milícias, que eram descritas como mal treinadas, indisciplinadas, etc. etc; o Exército Popular, ao mesmo tempo, sempre se via apresentado como "heróico". De grande parte dessa propaganda advinha a impressão de haver alguma coisa vergonhosa em ter ido voluntariamente para a luta, e algo merecedor de louvor no esperar-se até ser feita a convocação. Durante aquele tempo, no entanto, eram as milícias que sustentavam a linha de frente, enquanto o Exército Popular se adestrava na retaguarda, e esse fato recebia tão pouca divulgação quanto possível. Os bandos de milicianos que regressavam à frente de batalha não eram mais apresentados em marcha pelas ruas, com tambores rufando e bandeiras desfraldadas. Eram despachados por trem ou caminhão às cinco da manhã. Alguns contingentes do Exército Popular começavam agora a partir para a linha de frente, e estes, como antes, marchavam cerimoniosamente pelas ruas. Mas até eles, devido ao declínio geral de interesse pela guerra, encontravam relativamente pouco entusiasmo. O fato de que os soldados das milícias também eram, no papel, soldados do Exército Popular, era habilmente utilizado na propaganda pela imprensa. Qualquer louvor que devesse ser prestado ia automaticamente recair sobre o Exército Popular, enquanto todas as recriminações ficavam reservadas para as milícias. Acontecia, às vezes, que as mesmas tropas eram louvadas por uma coisa e incriminadas por outra.

Mas ao lado de tudo isso havia a transformação surpreendente na atmosfera social - coisa difícil de conceber, a menos que se tenha passado por ela. Quando estive pela primeira vez em Barcelona eu a achara uma cidade onde quase não existiam as distinções de classe e grandes diferenças em fortuna. Não tenho dúvida de que fosse esse seu aspecto real, de então. As roupas "elegantes" constituíam anormalidade, ninguém se curvava obsequioso ou aceitava gorjetas, os garçons e vendedoras de flores e engraxates olhavam o freguês nos olhos e o chamavam de "camarada". Eu não compreendera que isso, em sua maior parte, constituía uma mistura de esperança e camuflagem. A classe trabalhadora acreditava numa revolução que fora iniciada, mas

jamais consolidada, e a burguesia estivera assustada, tendo-se disfarçado provisoriamente em trabalhadores. Nos primeiros meses da revolução devem ter havido muitos milhares de pessoas que deliberadamente vestiram macacões e proferiram refrões revolucionários, como meio de salvar a pele. Agora as coisas voltavam ao normal, e os restaurantes e hotéis elegantes estavam repletos de gente rica que devorava refeições caras, enquanto que para a população trabalhadora os preços dos gêneros subiram muito, sem qualquer aumento correspondente nos salários. A parte da carestia em tudo, havia constante escassez disto ou daquilo, o que sempre atingia mais o pobre do que o rico, naturalmente. Os restaurantes e hotéis pareciam ter pouca dificuldade em obter o que quisessem, mas nas instalações da classe trabalhadora as filas para conseguir pão, azeite e outros artigos estendiam-se por centenas de metros. Na ocasião anterior, em Barcelona, eu ficara bem impressionado pela ausência de mendigos, e agora eles se apresentavam em grande número. No lado de fora das lojas de frios, na parte superior da Ramblas, turmas de crianças descalças estavam sempre à espera para rodear quem saísse dali e gritar pedindo restos de comida. As formas "revolucionárias" de conversa estavam saindo de uso. Raras vezes as pessoas estranhas se dirigiam, uma à outra, no tratamento tu e "camarada"; em geral era señor e usted. Buenos dias começava a substituir salud. Os garçons envergavam novamente as camisas engomadas e os lojistas faziam salamaleques e mesuras como antes. Minha esposa e eu fomos a uma loja de meias na Ramblas, e ali o lojista fez reverência e esfregou as mãos como não fazem nem mesmo na Inglaterra de nossos dias, embora costumassem fazê-lo há vinte ou trinta anos atrás. De um modo furtivo e indireto a prática de dar gorjetas voltava a existir. As patrulhas formadas por trabalhadores receberam ordem de dissolução e as forças policiais de antes da guerra apresentavam-se novamente nas ruas. Um dos resultados disso é que o espetáculo de cabaré e os prostíbulos de categoria, muitos dos quais foram fechados pelas patrulhas de trabalhadores, logo reabriram suas portas.9 Um exemplo pequeno mas significativo do modo pelo qual tudo se encontrava orientado, agora, a favor das classes mais ricas, podia ser visto na escassez de fumo. Para a massa do povo essa escassez era tão desesperada que cigarros

cheios de raiz picada de alcaçuz eram vendidos nas ruas. Experimentei alguns. (Muita gente fez isso, ao menos uma vez.) Franco estava com as ilhas Canárias, onde se planta todo o fumo da Espanha e, por conseqüência, os únicos estoques de fumo existentes no lado do Governo eram os que se tinha antes da guerra. Tais reservas encontravam-se tão reduzidas que as tabacarias agora só abriam suas portas uma vez por semana, e depois de esperar duas horas na fila talvez se conseguisse, com alguma sorte, comprar um pacote de fumo. Em teoria o Governo não permitiria a compra de fumo no exterior, pois isso reduziria as reservas de ouro, que precisavam ser mantidas para comprar armas e outros artigos necessários. Na verdade, havia um fornecimento constante de cigarros estrangeiros contrabandeados, e das marcas mais caras, Lucky Strike e assim por diante, o que criava fabulosa oportunidade para lucros ilegais. Podia-se comprar os cigarros contrabandeados abertamente nos hotéis elegantes, e pouco menos abertamente nas ruas, desde que se pagasse dez pesetas (soldo de um dia dos milicianos) pelo maço. O contrabando ia beneficiar as pessoas ricas, e por isso encontrava conivência. Para quem tivesse dinheiro suficiente nada havia que não se pudesse obter em qualquer quantidade, com a possível exceção do pão, que era racionado de modo bastante rigoroso. Esse contraste aberto entre riqueza e pobreza teria sido impossível alguns meses antes, quando a classe trabalhadora ainda estava, ou parecia estar, em controle da situação. Mas não seria justo atribuir isso apenas à transferência do poder político, pois em parte era também o resultado da segurança da vida em Barcelona, onde poucas coisas havia para fazer o povo lembrar-se da guerra, excetuado um ou outro ataque aéreo inimigo. Todos que estiveram em Madri afirmavam que as coisas eram muito diferentes na Capital, onde o perigo comum forçava as pessoas de quase todos os tipos a um certo sentido de camaradagem. Um homem gordo a comer codornas enquanto crianças imploram pão constituí visão desagradável, mas é menos provável tê-la quando se está ouvindo o estrondo dos canhões.

Um dia ou dois, após a luta de ruas, lembro-me de estar passando por uma das ruas mais elegantes e de entrar numa confeitaria que ostentava a vitrina cheia de doces e bombons dos tipos mais refinados, a preços espantosos. Era o tipo de casa comercial que se encontra em Bond

Street ou Rue de la Paíx. E recordo também meu sentimento vago de horror e espanto diante do fato de que ainda se pudesse desperdiçar dinheiro em coisas assim, num país faminto e assolado pela guerra. Mas que Deus me proíba o fingimento de qualquer superioridade pessoal. Depois de diversos meses no maior desconforto, eu estava tomado por desejo fortíssimo de ter comida e vinho decentes, coquetéis, cigarros norte-americanos e assim por diante, e reconheço ter-me espojado em todos os luxos que meu dinheiro pode comprar. No curso da primeira semana, antes de começar a luta de ruas, tive diversas preocupações que interagiram uma sobre a outra de modo bastante curioso. Em primeiro lugar, como já disse, estava ocupadíssimo tratando tanto de meu conforto quanto podia. Em segundo lugar, graças aos excessos em comida e bebida, estive com a saúde um pouco abalada por toda aquela semana. Eu me sentia mal, ia deitar por metade do dia e dali saía para ingerir outra lautíssima refeição e passar mal em seguida. Ao mesmo tempo, dava continuação a negociações secretas no sentido de adquirir um revólver. Eu queria uma arma dessas com muito empenho, pois eram de utilidade bem maior que um fuzil na guerra de trincheiras, e estavam muito difíceis de conseguir. O Governo distribuíra revólveres aos policiais e aos oficiais do Exército Popular, mas não às milícias. Era preciso comprá-los, ilegalmente, nos depósitos secretos dos anarquistas. Depois de muita trapalhada e amolação, um amigo anarquista conseguiu para mim uma pequena pistola automática de 26 mm, arma sem valor e inútil a mais de cinco metros de distância, porém melhor do que nada. E por cima de tudo isso eu fazia os primeiros preparativos para deixar a milícia do P .O. U . M. e ingressar em outra unidade, desde que, com isso, ficasse assegurada minha ida para a frente de Madri.

Desde muito eu dizia a todos que ia deixar o P.O.U.M. Por minha preferência puramente pessoal, teria gostado de estar com os anarquistas. Quem se tornasse membro da C. N . T. podia ingressar na milícia da F. A. I., mas disseram que era mais provável mudarem-se dali para Teruel do que para Madri. Se queria ir para a Capital, tinha de ingressar na Coluna Internacional, o que representava obter recomendação de um membro do Partido Comunista. Procurei um amigo comunista, ligado ao Auxílio Médico Espanhol, e expliquei o caso. Pareceu bastante interessado em recrutar-me, e pediu que, se fosse

possível, persuadisse alguns outros ingleses da I. L. P. para que se apresentassem em minha companhia. Se minha saúde estivesse em melhor estado, eu provavelmente teria concordado com a proposta ali mesmo. A esta altura, mostra-se difícil dizer que diferença isso teria feito. É bem possível que me houvessem mandado para Albacete, antes de começar a luta em Barcelona, e nesse caso, não tendo assistido à luta de perto, eu poderia ter aceito a versão oficial que foi dada à mesma, achando-a verdadeira. Por outro lado, se estivesse em Barcelona durante a luta, sob ordens comunistas mas sentindo ainda fidelidade pessoal aos meus camaradas no P. O. U. M., teria ficado em posição impossível. Mas restava-me ainda uma semana de licença, e eu ansiava por endireitar a saúde antes de regressar à linha de frente. E aconteceu também - no tipo de detalhe que está sempre a resolver o destino das pessoas - que tive de esperar enquanto os sapateiros fabricavam um novo par de botinas de marcha. (Em todo o exército espanhol eu não conseguira encontrar um par de botinas suficientemente grandes para meus pés.) Disse ao meu amigo comunista que faria os preparativos mais tarde e, enquanto isso, queria descansar. Tinha até a idéia de que nós - minha mulher e eu - poderíamos ir à costa marítima por dois ou três dias. Que idéia! A atmosfera política deveria ter-me prevenido que isso não era tipo de coisa possível naqueles dias.

E digo isso porque, sob o aspecto superficial da cidade, sob o luxo e pobreza crescente, sob a parecença da alegria das ruas, com seus balcões de flores, suas bandeiras multicores, cartazes de propaganda e multidões em grande movimento pelas ruas, existia um sentimento iniludível e horrível de rivalidade e ódio políticos. As pessoas de todas as opiniões estavam dizendo, em tom de presságio: "Não vai tardar a formar-se barulho". O perigo mostrava-se bastante simples e inteligível. Era o antagonismo entre os que desejavam o prosseguimento da revolução e os que a queriam impedir ou deter - em última instância, uma disputa entre anarquistas e comunistas. Politicamente, não havia agora qualquer poder na Catalunha, com exceção do P .S. U. C. e seus aliados liberais. Mas contra isso existia a força incerta da C. N . T., menos bem armada e menos ciente do que queria, em comparação a seus adversários, mas poderosa devido a seu número e predomínio em diversas indústrias principais. Diante desse alinhamento de forças, era

provável a eclosão de luta. Do ponto de vista do Generalato controlado pelo P. S. U . C., a primeira necessidade para assegurar sua posição estava em retirar as armas das mãos dos trabalhadores filiados à C. N . T. Conforme indiquei anteriormente, a manobra para acabar com as milícias partidárias constituiu, no fundo, uma manobra visando a esse desíderato. Ao mesmo tempo, as forças policiais existentes antes da guerra, Guardas Civis e assim por diante, foram postas novamente em uso e recebiam grandes reforços e armamento. Isso somente podia significar uma coisa. Os Guardas Civis, de modo especial, eram uma gendarmaria do tipo continental comum, que por quase um século agira como guarda-costas da classe proprietária. Nesse intervalo, fora baixado um decreto determinando que todas as armas em mãos de particulares deviam ser entregues. Como era natural, tal ordem não fora obedecida, tornando-se claro que as armas dos anarquistas só lhes poderiam ser arrebatadas à força - Circularam boatos, sempre vagos e contraditórios devido à censura dos jornais, a respeito de refregas menores que ocorriam por toda a Catalunha. Em diversos lugares as forças policiais armadas desferiram ataques aos bastiões anarquistas. Em Puigcerdá, na fronteira com a França, uma turma de Carabineros fora mandada apossar-se do Posto Alfandegário, antes controlado pelos anarquistas, e Antonio Martin, anarquista bem conhecido, fora morto no encontro. Incidentes semelhantes ocorreram em Figueras, e também Tarragona, ao que parece. Em Barcelona ocorrera uma série de refregas travadas a braço, coisa da qual tínhamos conhecimento mais ou menos não oficial, e nos bairros da classe trabalhadora. Os membros da C. N . T. e U . G. T. estiveram a matar-se mutuamente por algum tempo, e em diversas ocasiões os assassinatos eram acompanhados por imensos e provocantes funerais deliberadamente planejados para atiçar o ódio político. Pouco tempo antes, um membro da C . N . T. fora assassinado, e a C.N.T. se apresentara com centenas de milhares de membros para acompanhar seu cortejo fúnebre. Ao final de abril, pouco antes de eu deixar Barcelona, era assassinado Roldan, destacado membro da U. G T., presumivelmente por alguém da C . N. T. O Governo ordenou o fechamento de todas as casas comerciais e encenou uma imensa procissão fúnebre, composta principalmente por soldados do Exército Popular, que levou duas horas desfilando. Da janela do hotel pude

observá-la, sem a menor sombra de entusiasmo. Tornava-se óbvio que aquele chamado funeral não passava de uma exibição de força, e com um pouco mais daquilo poderia haver derramamento de sangue. Naquela mesma noite minha mulher e eu fomos despertados por uma fuzilaria na Plaza de Cataluña, a cem ou duzentos metros de distância. No dia seguinte fomos informados de que fora a eliminação de um homem da C. N . T., presumivelmente por alguém da U.G.T. Como era natural, muito possivelmente todos esses assassinatos tinham por autor os agents prouocateurs. Pode-se aferir a atitude da imprensa capitalista estrangeira para com a luta entre comunistas e anarquistas pelo fato de que o assassinato de Roldan recebeu ampla publicidade, enquanto o outro, cometido em represália, permaneceu cuidadosamente omitido.

Aproximava-se o Primeiro de Maio, e falava-se numa demonstração-monstro em que tanto a C. N . T. quanto a U. G . T. deveriam participar. Os dirigentes da C . N .T.,mais moderados do que muitos de seus seguidores, desde muito trabalhavam por uma reconciliação com a U . G. T. e, na verdade, a nota básica de sua doutrina era procurar formar os dois blocos de sindicatos em uma única e enorme coalizão. A idéia era de que a C.N.T. e a U.G.T. deviam marchar juntas e demonstrar sua solidariedade. Mas ao último instante a demonstração era cancelada. Tornava-se perfeitamente claro que só serviria para causar desordens públicas, de modo que nada ocorreu no primeiro dia de maio. Era um estado de coisas bastante bizarro, Barcelona, a chamada cidade revolucionária, foi provavelmente a única cidade na Europa não-fascista que não efetuou qualquer celebração naquele dia. Mas reconheço que senti grande alívio com isso. O contingente da I. L. P. deveria marchar na seção do P .0. U . M. e todos esperavam barulho. A última coisa que eu podia desejar era estar misturado em alguma luta de rua, destituída de sentido. Marchar pela rua, atrás de bandeiras vermelhas onde se liam refrões elevados, e depois disso ser morto por tiro disparado de uma janela qualquer por algum estranho, equipado com submetralhadora - não é o que penso ser uma morte útil.

10

Por volta do meio-dia, em 3 de maio, um amigo que vinha pela sala do hotel comentou para mim, de modo casual:

- Parece que houve algum barulho no Centro Telefônico.

Não dei atenção ao comentário, naquele momento. A tarde, entre três e quatro horas, estava no meio da Ramblas quando ouvi diversos disparos de fuzil atrás de mim. Voltei-me e vi alguns jovens, com fuzis na mão e os lenços rubro-negros dos anarquistas em volta ao pescoço, seguindo com cuidado por uma rua lateral que partia da Ramblas para o norte. Era evidente que trocavam tiros com alguém situado numa alta torre octogonal - acredito que se tratasse de uma igreja - e da qual alguém podia ver toda a rua. Pensei imediatamente: "Começoul" Mas o pensamento ocorreu sem qualquer sentimento de surpresa, pois desde alguns dias antes todos esperavam o "começo" a qualquer instante. Compreendi que devia voltar imediatamente ao hotel e ver se minha esposa estava bem. Mas o bolo de anarquistas em volta da entrada daquela rua lateral fazia gestos às pessoas para que recuassem, gritando para que não cruzassem a linha de fogo. Ecoaram outros disparos, e as balas vindas da torre varejavam a rua, onde uma multidão em pânico corria, afastando-se dali. Pela Ramblas acima podia-se ouvir o ruído característico das portas de aço a serem fechadas nas vitrinas das casas comerciais. Vi dois oficiais do Exército Popular retirando-se cautelosamente de uma para outra árvore, as mãos nos revólveres. A minha frente a multidão seguia para a estação do metrô, no meio da Ramblas, para abrigar-se. Decidi no mesmo instante não fazer isso, pois poderia ficar preso lá embaixo por diversas horas.

Foi nesse momento que um médico norte-americano que estivera na linha de frente conosco veio correndo em minha direção e me segurou pelo braço. Estava bastante agitado.

- Venha, devemos tocar para o Hotel Falcón. (Esse hotel era um tipo de pensão mantida pelo P .O. U. M. e usado principalmente pelos milicianos em licença.) :0 pessoal do P. O. U. M. vai encontrar-se lá. O barulho está começando. Devemos ficar todos juntos.

- Mas, com os diabos, o que está acontecendo? - perguntei.

Já o médico me arrastava pelo braço, e agitado demais não conseguia dar explicação muito clara. Entendi que ele se achava na Plaza de Cataluña quando diversos caminhões lotados com Guardas Civis chegaram ao Centro Telefônico, sob controle principal de trabalhadores da C. N . T., e desfecharam um ataque repentino ao mesmo. Em seguida surgiram alguns anarquistas, travando-se uma peleja geral. Entendi que o "barulho", no dia anterior, fora a exigência feita pelo Governo, no sentido de que lhe fosse entregue o Centro Telefônico, o que naturalmente se vira recusado.

Enquanto seguíamos pela rua, passou por nós a toda pressa um caminhão, no sentido oposto. Estava cheio de anarquistas armados de fuzis. A sua frente um jovem esfarrapado se deitara numa pilha de colchões, atrás de uma metralhadora leve. Quando chegamos ao Hotel Falcón, na extremidade da Ramblas, havia uma multidão fervilhando no salão de entrada, reinava grande confusão sem que pessoa alguma soubesse o que devia fazer, e ninguém se encontrava armado, com exceção de alguns Guardas de Assalto que, em geral, formavam uma guarda para o edifício. Fui ao outro lado da rua, até ao Comitê Local do P .O. U . M., que ficava quase em frente. No andar superior, na sala onde os milicianos normalmente recebiam seu pagamento, encontrei outra multidão fervilhante. Um homem alto e pálido, bem apessoado e em traje civil, com seus trinta anos de idade, procurava restaurar a ordem e distribuía cinturões e cartucheiras tirados de uma pilha no canto da sala. Ao que parecia, não havia fuzis ainda. O médico desaparecera - acredito que já houvesse baixas, e os médicos foram chamados - mas chegara outro inglês. Dali a pouco, de uma sala interna, o homem alto e outros começaram a trazer braçadas de fuzis para distribuir. O outro inglês e eu, sendo estrangeiros, estávamos sob ligeira suspeita e ninguém queria nos dar uma arma. Depois disso chegou um miliciano que conhecera na linha de frente, e tendo-me reconhecido, recebemos fuzis e alguns pentes de balas, embora os distribuidores relutassem em entregá-los.

A distância ouviam-se disparos, e as ruas estavam inteiramente vazias. Todos disseram ser impossível subir a Ramblas. Os Guardas Civis se apoderaram de edifícios nas boas posições, e abriam fogo contra todos

que passavam.. Eu teria corrido o risco e voltado ao hotel, mas circulava por ali uma vaga idéia de que o Comitê Local seria atacado a qualquer momento, e era melhor estarmos prontos para defendê-lo. Por todo o edifício, em suas escadas e na rua lá fora, pequenos grupos conversavam agitadamente. Ninguém parecia fazer idéia muito clara do que ocorria, e tudo quanto pude perceber era que os Guardas Civis haviam atacado o Centro Telefônico e se apoderado de diversos pontos estratégicos que dominavam outros edifícios em mãos dos trabalhadores. Reinava a impressão geral de que os Guardas Civis estavam "à caça" da C. N . T. e da classe trabalhadora em geral. Podia-se observar que, a essa altura, ninguém parecia pôr a culpa no Governo. As classes mais pobres em Barcelona encaravam os Guardas Civis como coisa bastante parecida aos Black and Tans (10) e parecia aceita com naturalidade a idéia de que eles tinham iniciado aquele ataque por sua auto-recreação. Depois de apurar em que pé estavam as coisas, senti-me mais tranqüilo. A questão se tornara suficientemente clara. De um lado a C. N.T., no outro a polícia. Eu não morro de amores pelo "trabalhador" em forma ideal, como existe na mente do comunista burguês, mas quando vejo um trabalhador verdadeiro, de carne e osso, em conflito com aquele que é seu inimigo natural, o policial, não preciso indagar a mim mesmo que lado deva tomar.

Passou-se bastante tempo e nada parecia acontecer em nossa extremidade da cidade. Não me ocorreu o pensamento de que poderia telefonar para o hotel e verificar se minha mulher estava bem, pois achei que o Centro Telefônico parara de funcionar, embora isso só tenha ocorrido por duas horas. Parecia haver umas trezentas pessoas nos dois edifícios e, em sua maioria, era gente da classe mais pobre, vinda das ruas ao longo do cais. Em seu meio encontravam-se muitas mulheres, algumas carregando criancinhas no colo, e uma série de meninotes maltrapilhos. Acredito que muitos não fizessem idéia do que se passava, e simplesmente procuravam refúgio nos edifícios do P. O. U. M., em busca de proteção. Via também uma série de milicianos em licença, e um punhado de estrangeiros. Até onde podia calcular, não tínhamos mais de sessenta fuzis para aquela gente. O escritório no andar superior estava incessantemente sitiado por uma multidão a exigir armas e a ouvir que não se dispunha delas. Os milicianos mais jovens, que pareciam

encarar a coisa como um piquenique, rodeavam por ali tentando obter fuzis de quem os tinha, quer pedindo ou roubando. Não tardou que um deles ficasse com o meu, mediante manobra esperta, e imediatamente desapareceu. E lá estava eu novamente desarmado, a não ser com minha minúscula pistola, para a qual só possuía um pente de balas.

Escurecia, eu tinha fome, e parecia não haver comida no Hotel Falcón. Meu amigo e eu fomos até ao hotel dele, que não era longe, a fim de comermos alguma coisa. As ruas estavam inteiramente silenciosas e às escuras, sem se encontrar vivalma e as portas de aço descidas em todas as casas comerciais, mas ainda não se tinham construído barricadas. Houve muita relutância até que nos deixassem entrar no outro hotel, que estava trancado a sete chaves. Quando voltamos, fomos informados de que o Centro Telefônico funcionava, e dirigi-me ao telefone no escritório de cima para chamar minha mulher. Em traço característico da Espanha, não existia um só catálogo telefônico em todo o edifício, e eu ignorava qual fosse o número do Hotel Continental, onde ela se achava hospedada. Somente depois de vasculhar um quarto após o outro, levando nisso perto de uma hora, é que encontrei um guia onde estava o número procurado. Não consegui falar com minha mulher, mas comuniquei-me com John McNair, o representante da I. L. P. em Barcelona. Ele disse que tudo ia bem por lá, que ninguém fora ferido, e perguntava a meu respeito no Comitê Local. Informei que tudo estaria muito bem se tivéssemos mais cigarros. Disse isso de brincadeira, mas meia hora depois aparecia McNair, com dois maços de Lucky Strike. Ele enfrentara as ruas imersas na treva e percorridas pelas patrulhas anarquistas, que duas vezes o haviam detido com pistola ao peito e examinado seus documentos. Não me esquecerei desse pequeno gesto heróico. Ficamos muito satisfeitos com os cigarros.

Colocaram guardas armados em quase todas as janelas do Hotel Falcón, e lá embaixo, na rua, um grupo pequeno de Guardas de Assalto detinha e interrogava os poucos transeuntes. Passou um carro anarquista de patrulha, lotado de gente armada, e ao lado do motorista ia uma bela moça de seus dezoito anos, cabelos negros, acariciando uma submetralhadora ao colo. Passei bastante tempo a andar pelas instalações do edifício, um conjunto bem grande cuja geografia era

impossível aprender. Encontrei tudo naquele estado comum de sujeira e lixo, móveis quebrados e papel rasgado, que pareciam os produtos inevitáveis da revolução. Por todas as peças havia gente dormindo, e num sofá quebrado, que achei no corredor, duas mulheres pobres da região do cais roncavam tranqüilamente. O lugar fora um cabaré-teatro antes de ser tomado pelo P .O. U . M., e havia palcos erguidos em diversas peças. Sobre um deles havia um piano de cauda abandonado. Descobri finalmente o que buscava – o arsenal. Não sabia como aquilo tudo ia terminar, e queria muito estar armado. Já ouvira dizer tantas vezes que todos os partidos rivais, P.S.U.C., P.O.U.M. e C.N.T. - F. A. I., tinham armas escondidas em Barcelona, que não podia crer na existência de apenas cinqüenta ou sessenta fuzis em dois dos principais edifícios do P .O. U . M. O quarto que servia de arsenal estava sem guarda, e sua porta era frágil. Um outro inglês e eu não encontramos qualquer dificuldade em abri-la. Quando entramos, verificamos que nos disseram a verdade - não havia mais armas. Tudo que achamos foi umas duas dúzias de fuzis de pequeno calibre e modelo obsoleto, e algumas armas de caça, tudo isso sem qualquer munição. Subi ao escritório e perguntei se tinham alguma munição para pistola, e responderam que não. Havia algumas caixas de bombas, no entanto, trazidas por um dos carros anarquistas de patrulha. Guardei duas numa das cartucheiras. Eram um tipo primitivo de bomba, que para disparar era preciso acender uma espécie de fósforo em sua parte superior, e muito capazes de explodir por auto-recreação.

Por todo o chão havia gente estendida e dormindo. Num quarto, uma criancinha a chorar sem cessar. Embora estivéssemos em maio, a noite esfriava. Num dos palcos de cabaré as cortinas ainda estavam no lugar, pelo que arranquei uma com a faca, enrolei-me nela e dormi algumas horas. O sono não foi interrompido, ao que me lembro, pelo pensamento daquelas bombas muito mal feitas, que poderiam atirar-me ao ar em pedaços, se rolasse com demasiado vigor sobre elas. As três da madrugada o homem alto e bem apessoado que parecia estar no comando despertou-me, deu-me um fuzil e mandou que ficasse de guarda numa das janelas. Disse também que Salas, o Chefe de Polícia responsável pelo ataque ao Centro Telefônico, fora preso. (Na verdade, como ficamos sabendo depois, fora apenas destituído do cargo. Ainda

assim a notícia confirmava a impressão geral de que os Guardas Civis agiram sem ordens.) Ao começo da aurora as pessoas no andar térreo começaram a construir duas barricadas, uma fora do Comitê Local e a outra fora do Hotel Falcón. As ruas de Barcelona são calçadas com paralelepipedos, coisa que com facilidade forma uma parede, e sob os mesmos encontra-se uma espécie de cascalho muito bom para encher sacos de aniagem. A construção daquelas barricadas era uma visão estranha e maravilhosa, e eu daria alguma coisa para poder fotografá-la. Com aquele tipo de energia apaixonada que os espanhóis exibem quando resolvem definitivamente iniciar qualquer tarefa, filas compridas de homens, mulheres e até crianças pequenas estavam arrancando os paralelepípedos, transportando-os num carrinho de mão que fora achado em algum lugar, e cambaleando de um para outro lado sob o peso de sacos cheios de areia. Na entrada do Comitê Local uma moça judia alemã, envergando calças de miliciano cujos joelhos chegavam a seus tornozelos, observava a cena sorrindo. Em duas horas as barricadas tinham a altura de uma pessoa, e atiradores estavam nas soleiras. Atrás de uma delas acenderam uma fogueira e havia homens fritando ovos.

Pela segunda vez arrebataram-me o fuzil, e não parecia haver coisa alguma que eu pudesse fazer para ajudar. Um outro inglês juntou-se a mim e resolvemos voltar ao Hotel Continental. Ouvíamos muitos disparos a distância, mas aparentemente nenhum na Ramblas. Em caminho para lá, demos uma espiada no mercado de gêneros alimentícios. Pouquíssimas portas estavam abertas, e sitiadas por agrupamentos de gente do bairro, de trabalhadores ao sul da Ramblas. Exatamente quando chegamos lá, estouravam disparos de fuzil no lado de fora, algumas clarabóias de vidro no telhado saltaram aos pedaços e aquela gente saiu às carreiras para as portas de trás. Algumas lojas continuaram abertas, assim mesmo, e conseguimos tomar uma xícara de café e comprar uma fatia de queijo feito com leite de cabra, que enfiei na cartucheira ao lado das bombas. Alguns dias depois esse queijo iria proporcionar-me grande satisfação.

Na esquina da rua onde vira os anarquistas dando os primeiros tiros na véspera, existia agora uma barricada. O homem atrás da mesma (eu estava no outro lado da rua) gritou-me um aviso para ter cuidado. Os

Guardas Civis na torre da igreja estavam disparando indiscriminadamente contra todos que passassem. Fiz uma parada e depois atravessei o espaço aberto em carreira. Uma bala zuniu perto de mim, bem perto mesmo. Quando estava chegando ao Edifício da Direção do P .O. U . M., ainda do outro lado da rua, ouvi novos gritos de aviso, vindos de alguns Guardas de Assalto em pé na estrada - gritos esses que, naquele momento, não pude entender. Havia árvores e um quiosque para venda de jornais entre mim e o edifício (as ruas desse tipo, na Espanha, têm uma calçada larga a estender-se pelo seu meio) e não pude ver o que estavam apontando. Fui até ao Hotel Continental, verifiquei se tudo andava bem, lavei o rosto e voltei ao Edifício da Direção do P .O. U. M (ficava a uns cem metros de distância) para pedir ordens. A essa altura o estrondo de disparos feitos por fuzis e metralhadoras, e vindo de diversas direções, quase equivalia ao de uma batalha. Eu acabara de encontrar Kopp e lhe perguntava o que deveríamos fazer, quando ouvimos uma série de estrondos assustadores lã embaixo. Era tanto barulho, que tive certeza de que havia alguém disparando contra nós e usando canhões. Na verdade, eram apenas granadas de mão, que faziam duas vezes mais barulho porque explodiam entre edifícios de pedra.

Kopp deu uma espiada pela janela, levantou o bastão atrás das costas, e declarou:

- Vamos investigar.

Partiu escada abaixo, em sua atitude despreocupada e costumeira, e eu atrás. Logo na entrada um grupo de Guardas de Assalto atirava bombas na calçada, como se estivessem brincando. As bombas explodiam a vinte metros de distância, com um estrondo assustador e ensurdecedor, misturado aos disparos de fuzis. No meio da rua, por trás do quiosque de jornais, via-se uma cabeça - a cabeça de um miliciano norte-americano que eu conhecia bem - a se exibir, e juro que não havia qualquer diferença entre ela e um coco no mercado. Apenas depois disso é que compreendi o que realmente ocorria. Ao lado do edifício do P.O.U.M. havia um café, tendo nos andares superiores um hotel, e que se chamava Café Moka. Na véspera vinte ou trinta Guardas Civis armados

entraram ali, e quando a luta irrompeu, apoderaram-se repentinamente do edifício e entrincheiraram-se. Era de presumir que houvessem recebido ordem para tomar aquele café como medida preliminar a um ataque posterior contra a sede do P. O. U. M. Bem cedo pela manhã tentaram sair, tiros foram trocados, e um Guarda de Assalto estava bastante ferido, enquanto um Guarda Civil morrera. Seus companheiros se refugiaram novamente no café, mas quando o norte-aniericano descera a rua, eles abriram fogo sobre ele, embora o homem estivesse desarmado. O coitado se jogara atrás do quiosque e os Guardas de Assalto lançavam bombas contra os Guardas Civis a fim de obrigá-los a voltar para o café.

Kopp compreendeu a cena num instante, abriu caminho até à frente, mediante empurrões, e puxou de volta um Guarda de Assalto alemão, sujeito de cabelo vermelho, que estava a ponto de tirar o pino de uma bomba com os dentes. Gritou para todos, ordenando que recuassem da porta, e nos declarou em diversos idiomas que devíamos evitar o derramamento de sangue. Depois disso saiu do edifício até à calçada e, bem à vista dos Guardas Civis, tirou de modo ostensivo a pistola do coldre e a depositou no chão. Dois oficiais miiicianos espanhóis fizeram o mesmo, e os três seguiram a passos lentos até à porta onde os Guardas Civis estavam amontoados. Era uma coisa que eu não faria nem por vinte libras esterlinas. Eles seguiam, desarmados, em direção a homens enlouquecidos pelo medo e com armas carregadas nas mãos. Um Guarda Civil, em mangas de camisa e lívido de medo, saiu da porta para conferenciar com Kopp. Não parava de apontar, com gestos agitados, duas bombas que não explodiram e estavam na rua. Kopp regressou e disse que era melhor fazermos com que elas explodissem. Lá onde estavam, constituíam um perigo para qualquer um que por ali passasse. Um Guarda de Assalto disparou o fuzil contra uma delas e a fez explodir, e depois disso visou a outra e errou. Pedi-lhe o fuzil, ajoelhei-me e disparei contra o segundo petardo. Errei também, e lamento dizê-lo. Foi o único tiro que disparei durante aquelas perturbações em Barcelona. A rua estava coalhada de estilhaços de vidro vindos do anúncio por cima do Café Moka, e dois automóveis estacionados na parte de fora, um deles carro oficial de Kopp, foram esburacados por balas, e seus pára-brisas arrebentados pelas bombas.

Kopp levou-me para cima e explicou mais uma vez a situação. Precisávamos defender os edifícios do P .O. U . M. caso fossem atacados, mas os dirigentes do P .O. U . M. mandaram instruções para que ficássemos na defensiva e não abrir fogo se o pudéssemos evitar. Logo à nossa frente havia um cinema, chamado Poliorama, tendo um museu na parte superior e, lá em cima, bem mais alto que o nível geral dos telhados, encontrava-se um pequeno observatório com cúpulas gêmeas. Essas cúpulas dominavam a rua, e alguns homens colocados ali, com fuzis, podiam impedir qualquer ataque aos edifícios do P .O. U. M. Os zeladores do cinema eram membros da C. N . T. e nos deixariam ir e vir. Quanto aos Guardas Civis no Café Moka, não haveria problemas com eles, pois não queriam lutar e teriam toda a satisfação em viver e deixar viver. Kopp repetiu que as ordens eram de não disparar, senão quando abrissem fogo contra nós ou atacassem nossos edifícios. Tive a impressão de que, embora ele não o dissesse, os dirigentes do P.O.U.M. estavam furiosos por serem arrastados àquela questão, mas achavam que deviam ficar ao lado da C.N.T.

Já haviam colocado guardas no observatório, e passei os três dias e noites seguidos no telhado do Poliorama, a não ser por intervalos curtos quando eu escapulia até ao hotel para comer. Eu não estava em perigo, não sofria com qualquer coisa pior do que fome e tédio, mas ainda assim acredito que aquele tenha sido um dos períodos mais intoleráveis em toda minha vida. Poucas coisas, a meu ver, podiam ser mais desgostantes, desapontadoras ou, finalmente, daninhas para os nervos do que aqueles dias horríveis de guerra nas ruas.

Eu costumava ficar sentado no telhado, pensando na loucura de tudo aquilo. Das janelinhas no observatório podíamos ver quilômetros ao redor, com vistas e mais vistas de edifícios altos e esguios, cúpulas de vidro e telhados ondulados e fantásticos, com telhas verde-brilhantes e de cobre; na direção do leste, o mar azul-pálido e brilhante, a primeira visão do mar que eu tivera desde que chegara à Espanha. E toda aquela imensa cidade com um milhão de habitantes encontrava-se trancada numa espécie de inércia violenta, um pesadelo de ruído sem movimento. As ruas ensolaradas estavam desertas, e nada acontecia, a não ser a chuva de balas vindas das barricadas e janelas defendidas com sacos de

areia. Nenhum veículo se movia nas ruas, e neste ou naquele ponto da Ramblas os bondes elétricos continuavam estacionados onde seus condutores os haviam abandonado, ao início da luta. E durante todo esse tempo aquele ruído diabólico, ecoando de milhares de edificações de pedra, prosseguia sem cessar, como um temporal tropical. As vezes ele se reduzia a alguns tiros, de outras acelerava-se e chegava a uma fuzilaria ensurdeçedora, mas jamais parava enquanto houvesse luz do dia, e na aurora seguinte recomeçava com absoluta pontualidade.

Que diabo estava acontecendo, quem lutava contra quem, e qual lado vencia, eis indagações que inicialmente foram bem difíceis de responder. A população de Barcelona está tão acostumada à luta de ruas, e conhece tão bem a geografia local, que graças a um tipo de instinto sabia qual partido político sustentará quais ruas e edifícios. O estrangeiro, num meio assim, encontra-se com tremenda desvantagem. Olhando pelo observatório, podia perceber que a Ramblas, uma das ruas principais da cidade, formava uma linha divisória. A sua direita as residências da classe trabalhadora eram solidamente anarquistas; à esquerda, tinha lugar uma luta confusa nas ruas secundárias e tortuosas, mas naquele lado o P .S. U. C. e os Guardas Civis estavam mais ou menos com o controle da situação. Até nossa extremidade da Ramblas, por volta da Plaza de Cataluña, as posições eram tão complicadas que seriam ininteligíveis, não fosse o fato de que cada edifício ostentava a bandeira de seu partido. O marco principal ali era o Hotel Colón, quartel-general do P. S. U. C. e dominando a Plaza de Cataluña. Numa janela próxima ao penúltimo "o" no enorme letreiro "Hotel Colón" que se estendia pela fachada achava-se instalada uma metralhadora que podia varrer aquela praça com precisão mortífera. A cem metros para a nossa direita, descendo a Ramblas, a J .S. U., liga jovem do P .S. U . C. (correspondendo à Liga dos Jovens Comunistas na Inglaterra) mantinha em seu poder uma grande loja, cujas janelas guarnecidas por sacos de areia faziam frente a nosso observatório Baixaram sua bandeira vermelha e içaram a bandeira nacional da Catalunha. No Centro Telefônico, ponto de partida de todo o barulho, a bandeira nacional-catalã e a anarquista flutuavam lado a lado. Algum tipo de acordo provisório fora alcançado naquele edifício, o Centro funcionava ininterruptamente, e não faziam fogo.

Em nossa posição reinava estranha paz. Os Guardas Civis no Café Moka baixaram as portas de aço e empilharam os móveis para formar uma barricada. Mais tarde meia dúzia deles surgia no telhado, em frente a nós, construindo outra barricada de colchões, sobre a qual penduraram a bandeira nacional catalã. Era patente, no entanto, que não tinham o menor desejo de iniciar uma luta. Kopp firmara acordo definido com eles, mediante o qual não abriríamos fogo, se não disparassem contra nós. O homem, a essa altura, ficara bastante amigo dos Guardas Civis, e já os visitara diversas vezes no Café Moka. Como era natural, eles saquearam tudo quanto se podia beber naquele lugar, e presentearam Kopp com quinze garrafas de cerveja. Em troca, Kopp lhes dera um de nossos fuzis, para compensar outro que perderam na véspera. Ainda assim, era estranha a sensação de estar sentado naquele telhado. As vezes eu sentia apenas tédio, não prestava atenção ao ruído infernal, e passava horas lendo uma série de livros Penguin que, por sorte, comprara alguns dias antes; de outras, tinha plena consciência dos homens armados que me observavam a cinqüenta metros de distância. Era um pouco como estar novamente nas trincheiras, e diversas vezes surpreendi-me, por força do hábito, a falar dos Guardas Civis como sendo "os fascistas". Em geral éramos uns seis lá em cima. Pusemos um homem em guarda para cada torre do observatório, e os demais ficavam sentados no telhado de chumbo por baixo, onde não havia qualquer proteção a não ser uma paliçada de pedra. Eu percebia muito bem que a qualquer momento os Guardas Civis podiam receber ordem, por telefone, para abrir fogo contra nós. Eles concordaram em avisar-nos antes, mas não se podia ter certeza de que cumprissem o acordo. Apenas uma vez, no entanto, pareceu que íamos ter barulho. Um dos Guardas Civis à nossa frente ajoelhou-se e começou a disparar pela barricada. Nessa ocasião eu estava de guarda no observatório, voltei o fuzil para ele e gritei:

- Ei! Não atire contra nós!

- O quê?

- Não atire para cá, ou atiraremos de volta!

- Não, não! Eu não estava atirando em vocês. Olhe! Lá embaixo!

Fez indicação com o fuzil, mostrando a rua lateral que passava pelo fundo de nosso edifício. Era verdade, lá estava um rapaz de macacão, de fuzil em punho, esgueirando-se pela esquina. Era evidente que acabara de disparar um tiro contra o Guarda Civil no telhado.

- Atirei contra ele. Ele atirou primeiro! (Acredito que fosse verdade.) - Não queremos atirar em vocês. Nós somos apenas trabalhadores, o mesmo que vocês!

Fez a saudação antifascista, a que correspondi, e gritei outra vez:

- Vocês ainda têm cerveja?

- Não, já acabou toda.

Naquele mesmo dia, sem qualquer motivo aparente, um homem no edifício da J .S. U., em outro ponto da rua, ergueu repentinamente o fuzil e disparou contra mim, que estava debruçado na janela. Talvez eu fosse um alvo tentador. Não respondi ao tiro, e embora ele estivesse a cem metros de distância, apenas, a bala passou tão longe que nem sequer atingiu o telhado do observatório. Como de costume, os padrões espanhóis de tiro ao alvo salvaram minha vida. Diversas vezes abriram fogo contra mim.

O tiroteio infernal prosseguia sempre, mas até onde podia ver, e de tudo quanto ouvia, a luta era defensiva em ambos os lados. As pessoas simplesmente ficavam em seus edifícios ou atrás das barricadas, e abriam fogo sobre as que estavam no outro lado. A uns 800 metros de nós havia uma rua onde alguns dos escritórios principais da C. N . T. e U. G . T. ficavam quase exatamente em frente um do outro, e daquela direção era terrível o volume de estrondos. Passei na rua no dia seguinte ao do término da luta, e vi que as coberturas das vitrinas pareciam-se a peneiras. (A maioria dos comerciantes em Barcelona colara fitas de papel em todas suas vitrinas, de modo que quando atingidas por bala elas não se transformavam em montões de cacos de vidro.) As vezes a saraivada de fuzis e metralhadoras era pontilhada pela explosão das granadas de mão. E com intervalos longos, talvez umas doze vezes ao todo, havia explosões tremendas que, na ocasião, eu não sabia explicar.

Pareciam-se a bombas aéreas, mas isso era impossível, pois não havia aeroplanos. Mais tarde me disseram - e deve ser verdade - que agents provocateurs faziam detonar massas de explosivos a fim de aumentar a barulheira e o pânico. Não havia fogo de artilharia, entretanto. Eu estava atento a isso, pois se os canhões entrassem em cena isso queria dizer que a coisa começava a ficar séria (a artilharia representa o fator dominante em luta de ruas). Em seguida surgiram narrativas fantásticas nos jornais a respeito de baterias de canhões disparando nas ruas, mas ninguém soube indicar que edifício fora atingido por suas granadas. De qualquer forma, o som dos disparos de artilharia é inconfundível, quando se está acostumado a ele.

A comida escasseava. Com dificuldade e sob a cobertura da noite (pois os Guardas Civis estavam constantemente disparando sobre a Ramblas) os alimentos eram trazidos do Hotel Falcón para os quinze ou vinte milicianos que se encontravam no Edifício da Direção do P. 0. U. M., mas a quantidade sempre se mostrava insuficiente, e tantos de nós quanto possível iam ao Hotel Continental fazer as refeições. O Continental fora "coletivizado" pelo Generalato e não, como acontecera à maioria dos hotéis, pela C. N . T. ou U. G. T., sendo encarado como terreno neutro. Mal começara a luta e o hotel se enchera até à beira com a mais extraordinária coleção de pessoas. Havia ali jornalistas estrangeiros, suspeitos políticos de todos os tipos, um aviador norte-americano a serviço do Governo, diversos agentes comunistas, inclusive um russo gordo e de aspecto sinistro, que diziam ser agente da OGPU e que recebera o apelido de Charlie Chan, homem que ostentava no cinturão um revólver e uma bombinha das mais bonitas, algumas famílias de espanhóis bem de vida que mais se pareciam a simpatizantes dos fascistas, dois ou três feridos da Coluna Internacional, uma turma de motoristas de caminhão que dirigia alguns caminhões franceses gigantescos, ocupada em transportar laranjas para a França e detida pela luta, e boa coleção de oficiais do Exército Popular. Como organização militar, esse exército permaneceu neutro durante a luta, embora alguns de seus soldados fugissem aos quartéis e participassem como indivíduos. Na manhã de terça-feira eu vira dois deles nas barricadas do P. O. U . M. No início, antes da escassez de gêneros tornar-se aguda e os jornais começarem a criar e atiçar ódio, havia uma

tendência a encarar a coisa toda como grande piada. Era o tipo de coisa que ocorria todos os anos em Barcelona, diziam as pessoas. George Tioli, jornalista italiano e grande amigo nosso, chegou com as calças tintas de sangue. Saíra para ver o que acontecia e estivera socorrendo um homem ferido na rua, quando alguém, para divertir-se atirara uma granada de mão e, felizmente, não o ferira muito. Lembro-me de seu comentário de que os paralelepipedos de Barcelona deviam ser numerados, pois isso economizaria muito trabalho na construção e demolição das barricadas. E lembro-me também de dois homens da Coluna Internacional, sentados em meu quarto do hotel quando ali cheguei, faminto e sujo depois de uma noite de guarda. Sua atitude era de absoluta neutralidade. Se fossem bons partidários, ao que suponho, teriam instado comigo para mudar de lado, ou mesmo aprisionado e tirado as bombas com que enchera os bolsos. Ao invés disso, meramente lamentaram comigo o ter de passar as férias montando guarda num telhado. A atitude geral era de que "isso é apenas um acerto entre os anarquistas e a polícia, e não quer dizer coisa alguma". A despeito da extensão da luta e do número de baixas, acredito que isso estivesse mais próximo da verdade que a versão oficial, que apresentava todo o acontecimento como um levante planejado.

Foi por volta de quarta-feira (5 de maio) que pareceu ocorrer uma modificação. As ruas onde as casas estavam de cortinas e venezianas cerradas apresentavam aspecto horrível. Pouquíssimos pedestres, forçados a sair por este ou aquele motivo, esgueiravam-se de um para outro lado, sacudindo lenços brancos, e num ponto em meio da Ramblas onde se estava a salvo das balas alguns homens apregoavam jornais para a rua vazia. Na terça-feira Solidaridad Obrera, o jornal anarquista, descrevera o ataque ao Centro Telefônico como uma "provocação monstruosa" (ou palavras nesse sentido), mas já na quarta-feira modificava o tom e começava a implorar para que todos voltassem ao trabalho. Os dirigentes anarquistas transmitiam a mesma mensagem pelo rádio. A redação de La Batalla, o jornal do P .0. U. M., que não fora defendida, fora invadida e tomada pelos Guardas Civis mais ou menos ao mesmo tempo que o Centro Telefônico, mas o jornal continuava sendo impresso em outro lugar, com distribuição de alguns exemplares. Instei com todos para que permanecessem nas barricadas. As pessoas

estavam incertas quanto ao que fazer, e imaginavam com inquietação como aquilo tudo ia terminar. Eu duvido que alguém já houvesse deixado as barricadas, mas todos se mostravam fartos daquela luta sem sentido, que não podia levar a qualquer decisão verdadeira, pois ninguém queria que aquilo se tornasse uma guerra civil completa, uma vez que poderia acarretar a vitória de Franco. Ouvi a manifestação desse receio em todos os lados. Até onde se podia entender, pelo que diziam as pessoas na ocasião, os membros comuns da C. N . T. queriam, e o haviam querido desde o início, apenas duas coisas: a devolução do Centro Telefônico e o desarmamento dos odiados Guardas Civis. Se o Generalato prometesse fazer essas duas coisas e também acabar com os aproveitadores no setor de gêneros alimentícios, resta pouca dúvida de que as barricadas estariam desfeitas em duas horas. Mas tornava-se óbvio que o Generalato não ia ceder. Boatos assustadores circulavam por toda a parte. Dizia-se que o Governo de Valência mandara seis mil homens para ocupar Barcelona, e que cinco mil anarquistas e soldados do P .O. U. M. deixaram a frente de Aragón para opor-se a eles. Apenas o primeiro desses boatos era verdadeiro. Da torre do observatório, vimos as formas baixas e cinzentas de navios de guerra aproximando-se do porto. Douglas Moyle, que fora marinheiro, disse que pareciam-se a destróíeres ingleses. A bem da verdade, eram mesmo, embora não ficássemos sabendo disso senão mais tarde.

Aquela noite ouvimos dizer que na Plaza de Espana quatrocentos Guardas Civis renderam-se e entregaram as armas aos anarquistas; infiltravam-se também até nós as noticias de que nos subúrbios (áreas residenciais da classe trabalhadora, em sua maior parte). a C. N . T. estava com o controle. Parecíamos estar ganhando. Mas naquela mesma noite Kopp mandou-me chamar e, com expressão grave, disse que de acordo com informações que acabara de receber o Governo estava a ponto de proscrever o P. O. U. M. e declarar guerra ao mesmo. Essa notícia causou-me choque. Era o primeiro vislumbre que tinha da interpretação que provavelmente seria dada àquela questão mais tarde. Previa vagamente que quando a luta terminasse toda a culpa seria lançada sobre o P .O. U. M., que era o partido mais fraco de todos e, portanto, o bode expiatório mais adequado. E enquanto isso nossa neutralidade local estava acabada. Se o Governo nos declarasse guerra,

não nos cabia outra atitude senão defender-nos, e ali no edifício da direção podíamos ter certeza de que os Guardas Civis ao lado receberiam ordem para nos atacar. Nossa única possibilidade estava em atacá-los antes. Kopp aguardava ordens pelo telefone e se ouvíssemos, em caráter definitivo, que o P. O. U . M. fora posto fora da lei, deveríamos preparar-nos de imediato para tomar o Café Moka.

Lembro-me da noite longa e de pesadelo que passamos a fortificar o edifício. Fechamos as cortinas de aço na entrada da frente e por trás delas fizemos barricada com lajes deixadas pelos trabalhadores que antes executavam algumas modificações no edifício. Demos um balanço em nosso estoque de armas. Contando os seis fuzis que estavam no telhado do Poliorama, no outro lado da rua, dispúnhamos de vinte e um, um deles defeituoso, perto de cinqüenta cartuchos para cada arma, e uma dúzia de bombas; além disso, nada mais, senão algumas pistolas e revólveres. Uns doze homens, a maioria alemães, apresentaram-se voluntariamente para atacar o Café Moka, se isso fosse preciso. Atacaríamos pelo telhado, é claro, no curso da madrugada, e os apanharíamos de surpresa. Os Guardas Civis eram mais numerosos, porém tínhamos moral superior à deles e certamente poderíamos tomar o lugar de assalto, embora devessem morrer alguns na empreitada. Não dispúnhamos de comida no edifício, exceto algumas barras de chocolate, e correra o boato de que "eles" iam cortar a água. (Ninguém sabia quem eram "eles"; podia ser o Governo, que controlava a rede de água, ou a C. N . T.) Passamos bastante tempo enchendo todas as bacias nos lavatórios, todos os baldes que encontramos e, finalmente, as quinze garrafas de cerveja, já vazias, que os Guardas Civis deram a Kopp.

Eu me sentia muitíssimo mal disposto e exausto, depois de umas sessenta horas sem dormir bem. Já estávamos em altas horas da noite, e por todo o chão atrás da barricada, lá embaixo, havia gente dormindo. No andar de cima existia uma saleta, com sofá, que pretendíamos usar como posto de socorro, embora descobríssemos que, é claro, não havia qualquer iodo ou atadura. Minha esposa viera do hotel, para o caso de precisarmos de uma enfermeira. Deitei-me naquele sofá, achando que seria bom descansar meia hora antes do ataque ao Moka, no qual presumia que me matariam. Lembro-me do desconforto intolerável

causado pela pistola, presa ao cinturão e enfiada no dorso. Depois disso, só lembro ter acordado com um salto e encontrado minha mulher, de pé a meu lado. Era pleno dia, nada acontecera, o Governo não declarara guerra ao P .0. U. M., a água não fora cortada, e com exceção dos disparos esporádicos nas ruas, tudo estava normal. Minha mulher disse que não tivera coragem de acordar-me, e dormira numa poltrona num dos quartos da frente.

Aquela tarde chegou-se a um tipo de armistício. Os disparos acabaram e, com repente notável, as ruas se encheram de gente. Algumas casas comerciais começaram a levantar as portas, e o mercado foi tomado por multidão enorme a pedir gêneros, embora os balcões estivessem quase vazios. Era de notar, entretanto, que os bondes elétricos não começavam a circular. Os Guardas Civis ainda guardavam suas barricadas no Moka, e em nenhum dos lados os edifícios fortificados eram evacuados. Todos andavam às pressas, procurando comprar o que comer, e em todos os lados ouviam-se as mesmas perguntas aflitas:

- Será que acabou? Acha que vai começar de novo?

"Ela", a luta, era agora considerada um tipo de calamidade natural, furacão ou terremoto, coisa que acontecia a todos nós, e que não tínhamos o poder de sustar. E de fato, quase imediatamente - acredito que se passassem algumas horas de trégua, porém elas mais se assemelharam a minutos - um estrondo súbito de fuzis, como trovoada, pôs todo o mundo a correr, as portas de aço voltaram a fechar-se, as ruas se esvaziaram como por encanto, as barricadas estavam guarnecidas, e "ela" recomeçava.

Regressei a meu posto no telhado com forte sentimento, cujos ingredientes eram o desgosto e a raiva. Quando se toma parte em acontecimentos assim está-se ao menos um pouco, a meu ver, fazendo a história, e por todos os títulos devíamos sentir-nos como personagens históricos. Mas isso não ocorre, pois em tais ocasiões os detalhes físicos sempre superam tudo o mais. Por toda a luta jamais pude fazer aquela "análise" correta da situação que jornalistas situados a centenas de quilômetros de distância faziam, de modo tão leviano. Aquilo em que mais pensava não eram as coisas certas ou erradas da refrega intestina

miserável, mas no desconforto e tédio de estar sentado dia e noite naquele telhado intolerável, e na fome que piorava sempre - pois nenhum de nós pudera fazer uma só refeição suficiente desde segunda-feira. Por todo o tempo eu pensava em que teria de regressar à linha de frente assim que aquela questão terminasse. Isso me enfurecia. Estivera cento e quinze dias na linha, e voltara a Barcelona desejando veementemente algum descanso e conforto. Ao invés disso, tinha de passar o tempo sentado num telhado em frente a Guardas Civis tão entediados quanto eu, que de vez em quando acenavam para mim e asseveravam ser "trabalhadores" (querendo, com isso, dizer que alimentavam a esperança de que eu não abriria fogo contra eles), mas que certamente dispararíam suas armas se recebessem ordem para isso. Se aquilo era história, não parecia. Afigurava-se mais a um período ruim no front quando havia falta de homens e tínhamos de fazer turnos prolongados de serviço. Ao invés de ser heróico, era preciso ficar no posto designado, amolado, caindo de sono e completamente desinteressado de tudo que se passava!

Dentro do hotel, em meio ao conglomerado humano heterogêneo que, em sua maioria, não tivera coragem para pôr o nariz da porta para fora, formara-se uma atmosfera horrível de desconfiança. Diversas pessoas estavam infectadas com a mania dos espiões, e esgueiravam-se por ali sussurrando que todos os demais eram espiões dos comunistas, dos trotskistas, dos anarquistas ou sei lá de quem. O gordo agente russo acuara todos os refugiados estrangeiros a um canto e explicava, de maneira bem plausível, que toda aquela questão era uma trama anarquista. Observei-o com algum interesse, pois era a primeira vez que via uma pessoa cuja profissão era mentir - a menos que nessa categoria incluamos os jornalistas. Havia alguma coisa repulsiva na paródia de vida em hotel elegante que transcorria atrás das janelas fechadas e em meio à fuzilaria. O restaurante da frente fora abandonado depois de uma bala entrar pela janela e esfolar uma coluna, e os hóspedes se achavam arrebanhados numa sala escura nos fundos, onde jamais havia mesas em número suficiente para acomodá-los. Os garçons estavam reduzidos - alguns eram membros da C. N . T. e participaram na greve geral - e abandonaram suas camisas engomadas, mas as refeições continuavam a ser servidas com o fingimento de cerimônia. Não havia, entretanto,

quase coisa alguma a comer. Naquela noite de quinta-feira o prato principal no jantar foi uma sardinha para cada pessoa. O hotel estava sem pão desde alguns dias, e até o vinho chegara a tal ponto que nos serviam garrafas cada vez mais velhas, a preços cada vez mais altos. Essa escassez de gêneros prosseguiu por diversos dias, depois de encerrada a luta. Por três dias seguidos, ao que me lembro, minha esposa e eu quebramos o jejum com um pedacinho de queijo feito com leite de cabra, sem pão e sem qualquer coisa para beber. Só havia fartura em laranjas. Os motoristas dos caminhões franceses traziam grandes quantidades de suas laranjas para o hotel. Era uma turma mal encarada, e trazia consigo algumas belas pequenas espanholas e um carregador enorme, envergando blusa preta Em qualquer outra época o idiotazinho do gerente teria feito o possível para atendê-los mal, ou teria mesmo recusado a presença daquela turma no hotel, mas naquela oportunidade eles eram bem recebidos porque, diversamente dos demais, possuíam um estoque particular de pão a que todos procuravam recorrer.

Passei aquela noite final no telhado, e no dia seguinte pareceu realmente que a luta estava chegando ao fim. Não creio que tenham havido muitos disparos naquele dia, sexta-feira. Ninguém sabia com certeza se as tropas vindas de Valência estavam realmente chegando, e elas chegaram à noite. O Governo irradiava mensagens semitranqúílizadoras e semi-ameaçadoras, pedindo a todos que fossem para suas casas e dizendo que após certa hora qualquer pessoa encontrada com armas seria presa. Não se prestava grande atenção às irradiações do Governo, mas por toda a parte as pessoas se afastavam das barricadas. Não tenho dúvida de que o fator mais responsável por isso fosse a escassez de alimentos. De todas as partes ouvíamos o mesmo comentário: "Acabou a comida, temos de voltar ao trabalho". Por outro lado os Guardas Civis, que podiam contar com o recebimento de suas rações enquanto houvesse comida na cidade, podiam permanecer em seus postos. A tarde as ruas estavam quase normais, embora as barricadas abandonadas ainda estivessem de pé. A Ramblas encheu-se de gente, as casas comerciais quase todas abertas e - o que mais tranqüilizava a todos - os bondes elétricos que por tanto tempo tinham ficado parados voltaram a movimentar-se. Os Guardas Civis ainda mantinham o Café

Moka e não haviam desmanchado suas barricadas, mas alguns traziam cadeiras para a rua e sentavam-se ali com os fuzis no colo. Pisquei para um deles ao passar, e recebi em troca um sorriso que não era hostil - ele me reconhecera, naturalmente. Por cima do Centro Telefônico a bandeira anarquista fora arriada e se via apenas a catalã. Isso significava que os trabalhadores foram definitivamente batidos e compreendi - embora não tão claramente quanto deveria ter feito, devido à minha ignorância política - que quando o Governo se achasse mais seguro, haveria represálias. Mas naquela ocasião não me interessava por esse aspecto das coisas. Tudo quanto sentia era o alivio profundo de saber que terminara aquela tortura infernal dos disparos, que se podia comprar alguma comida e descansar um pouco em paz antes de voltar à linha de frente.

Deve ter sido bem tarde naquela noite que os soldados vindos de Valência fizeram seu primeiro aparecimento nas ruas. Eram os Guardas de Assalto, outra corporação semelhante à dos Guardas Civis e Carabineiros (isto é, corporação destinada primordialmente ao trabalho policial) e os soldados de elite da República. De maneira bem repentina, pareceram brotar no chão, e eram vistos por toda a parte, patrulhando as ruas em grupos de dez - homens altos com uniformes cinzentos ou azuis, fuzis compridos a tiracolo e uma submetralhadora em cada grupo. Enquanto isso, restava-nos uma tarefa delicada a executar. Os seis fuzis que usamos para guardar o observatório ainda estavam lá, e era preciso trazê-los de qualquer maneira para o edifício do P.O.U.M. Tratava-se apenas de como atravessar a rua com eles. Faziam parte do arsenal do edifício, mas levá-los para a rua era transgredir a ordem do Governo, e se fôssemos apanhados certamente seríamos presos - e pior ainda, os fuzis seriam confiscados. Tendo apenas vinte e seis no edifício, não podíamos ficar sem eles. Depois de muita discussão quanto ao melhor meio de solucionar o problema, um rapaz ruivo espanhol, e eu próprio, começamos a atravessá-los. Foi bastante fácil evitar as patrulhas dos Guardas de Assalto; o perigo era que os Guardas Civis no Café Moka, sabedores que tínhamos fuzis no observatório, poderiam denunciar-nos se nos vissem carregando-os para o outro lado, Cada um de nós despiu-se em parte e passou um fuzil pelo ombro esquerdo, pondo a coronha no sovaco e o cano pela perna da calça abaixo. Infelizmente

tratava-se de fuzis Mauser do tipo comprido, e até mesmo um homem alto como eu não pode usar um Mauser pela calça abaixo sem desconforto. Foi uma tarefa intolerável a de descer a escada espiral do observatório com uma perna inteiramente rígida. Uma vez na rua, verificamos que só se podia andar com lentidão extrema, tanta que não era preciso dobrar os joelhos. Fora do cinema vi um grupo de pessoas a examinar-me com grande interesse enquanto seguia marcha a passo de cágado. Muitas vezes imaginei o que aquela gente possa ter pensado a meu respeito. Ferido na guerra, talvez, Mas todos os fuzis foram atravessados sem incidentes.

No dia seguinte os Guardas de Assalto estavam por toda a parte, desfilando pelas ruas como autênticos conquistadores. Não havia dúvida de que o Governo estava apenas fazendo uma exibição de força a fim de acovardar uma população que já sabia incapaz de resistir; se houvesse qualquer medo verdadeiro a quaisquer outras eclosões, os Guardas de Assalto teriam permanecido nos quartéis e não seriam espalhados pelas ruas em grupos pequenos. Eram soldados esplêndidos, dos melhores que eu vira na Espanha, e embora acredite que, em certo sentido, eles fossem o inimigo , não pude deixar de gostar de seu aspecto. Mas era com espanto que os observava andando de um para outro lado. Eu estava acostumado à milícia esfarrapada e mal armada na frente de Aragón, e não sabia que a República possuía soldados assim. Não era apenas que fossem homens escolhidos, do ponto de vista físico, mas suas armas, o que mais me espantou. Todos estavam armados com fuzis novinhos em folha, do tipo conhecido como "fuzil russo" (eram enviados à Espanha pela U. R.S.S., mas acredito que fossem de fabricação norte-americana). Examinei um deles. Estava longe de ser perfeito, mas era muito melhor do que os bacamartes velhos e temíveis que tínhamos na linha de frente. Os Guardas de Assalto apresentavam uma submetralhadora em cada grupo de dez homens, e cada um deles possuía uma pistola automática, enquanto que no front dispúnhamos de mais ou menos uma metralhadora para cada cinqüenta homens, e quanto a pistolas e revólveres, só ilegalmente era possível obtê-los, A bem da verdade, embora não houvesse reparado até então, acontecia o mesmo por toda a parte. Os Guardas Civis e os Carabineiros, que não se destinavam a combater na linha de frente, estavam mais bem armados e

muito melhor vestidos do que nós. Desconfio que ocorre o mesmo em todas as guerras - e que sempre existe o mesmo contraste entre a policia luzidia na retaguarda e os soldados esfarrapados na frente de luta. Em seu conjunto, os Guardas de Assalto davam-se muito bem com a população, após os primeiros dias. No primeiro houvera certa faixa de atrito porque alguns deles - acredito que agindo sob ordens - começaram a comportar-se de maneira provocante. Embarcavam nos bondes elétricos, revistavam os passageiros, e se encontrassem nos bolsos dos mesmos os cartões de membros da C. N . T., rasgavam-nos e pisavam em cima. Isso levou a refregas com os anarquistas armados, tendo morrido uma ou duas pessoas. Não tardou a que os Guardas de Assalto perdessem seu ar de conquistadores, e as relações se tornaram mais amistosas. Era de notar-se o fato de que a maioria, após um ou dois dias, já conseguira arranjar uma namorada.

As lutas em Barcelona proporcionaram ao Governo de Valência o pretexto desde muito procurado para assumir pleno controle da Catalunha. As milícias deveriam ser dissolvidas e redistribuídas pelo Exército Popular. A bandeira republicana espanhola era vista por toda a cidade - sendo a primeira vez que eu a via, a não ser sobre uma trincheira fascista. Nos bairros da classe trabalhadora as barricadas eram desmanchadas, de modo bastante fragmentário, pois é muito mais fácil construí-las do que repor as pedras no lugar. Na parte externa dos edifícios do P.S.U.C. as barricadas puderam continuar de pé, e na verdade muitas continuaram até junho. Os Guardas Civis prosseguiam ocupando pontos estratégicos. Faziam-se imensas apreensões de armas nos centros da C. N . T., embora eu não tenha dúvidas de que muitas escaparam ao confisco. La Batalla continuava sendo publicada, mas era censurada ao ponto de sua primeira página sair quase inteiramente em branco. Os jornais do P .S. U. C. não sofriam censura, e publicavam artigos inflamados exigindo a supressão do P .O. U . M., do qual se afirmava ser organização fascista. Ao mesmo tempo, circulava por toda a cidade, por obra e graça dos agentes do P.S.U.C., um desenho representando o P.O.U.M. como figura a tirar uma máscara onde se viam a foice e o martelo, revelando o rosto nojento e maníaco com a suástica. Era evidente que a versão oficial para as lutas em Barcelona já fora decretada: deviam ser apresentadas como um levante fascista de "quinta

coluna", programado unicamente pelo P .0. U . M.

No hotel, a atmosfera horrível de desconfiança e hostilidade se agravara agora que a luta terminara, Diante das acusações que eram levantadas, tornara-se impossível ficar neutro, O correio funcionava de novo, os jornais comunistas estrangeiros começavam a chegar, e suas narrativas sobre a luta mostravam-se não apenas violentamente partidárias como também, e é claro, de todo incorretas quanto aos fatos, Acredito que alguns dos comunistas do lugar, que viram o que realmente acontecera, ficaram espantados pelas interpretações dadas aos acontecimentos, mas era natural que se ativessem a seu próprio lado. Nosso amigo comunista abordou-me mais uma vez e perguntou se queria transferir-me para a Coluna Internacional. Fiquei bastante surpreendido.

- Os seus jornais estão dizendo que sou um fascista! - retorqui. - Certamente seria suspeito, vindo do P.O.U.M.

- Ora, isso não tem importância. Afinal de contas, você estava agindo sob ordens.

Foi preciso dizer-lhe que depois daquele caso eu não poderia ingressar em qualquer unidade controlada pelos comunistas, pois mais cedo ou mais tarde isso poderia representar o meu uso contra a classe trabalhadora espanhola. Não se podia prever quando tal tipo de acontecimento eclodiria outra vez, e se tivesse de usar meu fuzil, numa questão idêntica, preferiria usá-lo ao lado da classe trabalhadora e não contra ela. O homem foi muito digno, mas a partir dali toda a atmosfera se transformava. Não se podia mais, como antes, "concordar em discordar" e beber junto com um homem que se acreditasse adversário político. Houve algumas disputas das mais feias no salão do hotel. Enquanto isso as prisões já estavam repletas e transbordando. Depois de a luta terminar os anarquistas, naturalmente, libertaram seus prisioneiros, mas os Guardas Civis não fizeram o mesmo e a maioria foi atirada à prisão e mantida ali sem julgamento, por meses a fio em muitos casos. Como de costume, gente inteiramente inocente era presa, devido a erros flagrantes por parte da polícia. Fiz referência antes ao fato de que Douglas Thompson fora ferido no início de abril. Depois disso perdemos contato com ele, como sempre acontecia quando um homem era ferido,

pois era freqüente que criaturas nessas condições fossem transferidas deste para aquele hospital. Ele, na verdade, encontrava-se no hospital de Tarragona, e foi mandado de volta a Barcelona mais ou menos quando a luta irrompera. Na manhã de terça-feira encontrei-o na rua, muito espantado com o tiroteio generalizado, e fez-me a pergunta que todos faziam:

- Que diabo está acontecendo?

Expliquei-lhe o melhor que pude, e Thompson comentou logo em seguida:

- Vou ficar fora disso. Meu braço ainda está em mau estado. Volto ao meu hotel, e fico por lá.

Voltou ao hotel mas, infelizmente (como é importante conhecer o lugar, na luta de ruas!), o mesmo ficava numa parte da cidade controlada pelos Guardas Civis. O lugar foi invadido e Thompson preso e atirado à prisão, sendo mantido oito dias numa cela tão cheia de gente que ninguém tinha lugar para deitar. Eram numerosos casos semelhantes. Muitos estrangeiros com linha política duvidosa estavam fugindo, tendo a polícia em seu encalço e sob o medo constante da denúncia. O pior estava ocorrendo aos italianos e alemães, que não possuíam passaporte e geralmente eram procurados pela polícia secreta de seus países. Se fossem presos, era possível que os deportassem para a França, o que poderia representar seu regresso à Itália ou Alemanha, onde só Deus sabe que horrores os esperavam. Uma ou duas mulheres estrangeiras regularizaram apressadamente sua posição, "casando-se' com espanhóis. Uma moça alemã que não tinha documentos escapou à policia apresentando-se diversos dias como amante de um homem. Lembro-me da expressão de vergonha e desamparo no rosto da pobre moça quando, acidentalmente, esbarrei nela, que vinha do quarto do homem. Está claro que não era amante dele, mas certamente achou que eu assim o pensava. Por todo o tempo tinha-se a sensação odiosa de que alguém, até então amigo, poderia denunciar-nos à polícia secreta. O longo pesadelo da luta, o ruído, a falta de comida e de sono, a mistura de tensão e tédio, sentado no telhado e imaginando se eu próprio levaria uma bala no minuto seguinte, ou obrigado a atirar em outrem, levara meu

sistema nervoso à beira da explosão. Eu chegara ao ponto de, sempre que alguém batia uma porta, estender a mão para a pistola. Na manhã de sábado houve estampidos lá fora e todos gritaram: "Está começando outra vez!" Corri para a rua, onde verifiquei tratar-se de alguns Guardas de Assalto abrindo fogo contra um cão danado. Ninguém que esteve em Barcelona nessa época, ou meses depois, poderá esquecer a atmosfera horrível formada pelo medo, desconfiança, ódio, jornais censurados, cadeias entupidas de gente, filas imensas para comprar gêneros, e bandos armados a rondar por toda a parte.

Procurei, nas linhas acima, transmitir alguma idéia do que era estar em meio da luta em Barcelona, mas não acredito que tenha sido capaz de registrar grande parte da estranheza reinante naquela ocasião. Uma das coisas presas a meu espírito, quando relembro, é a sucessão de contatos casuais que fazia então, os olhares repentinos de não-combatentes, para quem tudo aquilo nada mais era que um estrondo destituído de significado. Lembro-me da mulher bem vestida que vi passeando pela Ramblas, com cesta de compras no braço e levando um cachorrinho branco, enquanto fuzis disparavam a uma ou duas ruas de distância. Não posso acreditar que ela fosse surda. E o homem que vi correndo pela Plaza de Cataluna, inteiramente deserta, sacudindo um lenço branco em cada mão. E o numeroso bloco de pessoas, todas trajadas em preto, que continuou tentando por toda uma hora atravessar a Plaza de Cataluna e não o conseguiu. Todas as vezes que seus componentes apareciam na calçada da esquina os metralhadores do P .S. U. C., no Hotel Colón, abriam fogo e obrigavam-nos a recuar não sei por que, pois era claríssimo que estavam desarmados. Mais tarde vim a crer que se tratava de um cortejo fúnebre. E o homenzinho que trabalhava como zelador do museu por cima do Poliorama, e que parecia encarar aquilo tudo como acontecimento social. Teve satisfação imensa em receber os ingleses em visita - os ingleses eram tão simpáticos, dizia ele. Esperava que pudéssemos todos voltar ali e vê-lo novamente, quando terminasse o barulho, e na verdade nós o fizemos. E o outro homenzinho, abrigando-se num portal, que inclinava a cabeça de modo bem humorado, em direção ao tiroteio infernal na Plaza de Cataluna e dizia (como a proclamar que a manhã estava belíssima): "Com que, então, temos mais um dezenove de julho!" E as pessoas na sapataria,

que fabricavam minhas botas de marcha. Fui lá antes da luta, depois de terminada, e por pouquíssimos minutos, durante o curto armistício de 5 de maio. Era uma sapataria careira, seus artífices e pessoal eram da U.G.T. e podem ter sido membros do P.S.U.C. ou, de qualquer maneira, estavam politicamente no outro lado e sabiam que eu servia no P. O. U . M. Ainda assim, sua atitude era de completa indiferença.

- Que lástima, esse tipo de coisas, não é? E muito ruim para os negócios, também. Que pena não acabarem com isso! Como se não houvesse mais do que o suficiente na linha de frente! Etc. etc.

Devia haver grande quantidade de pessoas, talvez a maioria dos habitantes de Barcelona, que encaravam aquela questão toda sem o menor interesse, ou não mais do que teriam demonstrado por uma incursão aérea inimiga.

Neste capítulo descrevi apenas o que ocorreu comigo, e no próximo deverei examinar tão bem quanto possível as questões mais amplas - o que realmente aconteceu e quais os resultados, méritos e deméritos no caso, quem era responsável, se houvesse. Tão grande foi a exploração política sobre as lutas travadas em Barcelona que se torna importante procurar formar um apanhado geral equilibrado das mesmas. Muita coisa, suficiente para preencher bom número de livros, já se escreveu a respeito, e suponho não estar exagerando se disser que nove décimos da matéria estão formados de inverdades. Quase todas as narrativas e reportagens publicadas na ocasião pelos jornais eram invencionice de jornalistas situados bem longe dos acontecimentos, e não apenas se mostraram imprecisas quanto aos fatos narrados, como eram intencionalmente enganosas. Apenas um dos lados da questão pôde chegar ao público em geral. Igualmente a todos que se encontravam em Barcelona na época, vi apenas o que ocorreu perto de mim, mas pude ver e ouvir o suficiente para contradizer numerosas mentiras postas em circulação. Como fiz em parte anterior deste livro, sugiro ao leitor que, se não estiver interessado na controvérsia política e no conglomerado de partidos e subpartidos, com seus nomes confusos (parecidos aos de generais numa guerra chinesa), passe por cima do capítulo seguinte. É horrível ter de entrar em detalhes na polêmica interpartidária, e essa

tarefa pode ser comparada ao mergulho dado numa sentina. Precisamos determinar a verdade, todavia, até onde isso for possível. Aquela refrega esquálida numa cidade distante é mais importante do que possa parecer à primeira vista.

11

Jamais se poderá obter um relato inteiramente preciso e imparcial sobre as lutas em Barcelona, porque não existem os dados necessários. Os futuros historiadores nada terão em que basear-se, exceto um amontoado de acusações e propaganda partidária. Eu mesmo disponho de poucos dados além do que vi e o que fiquei sabendo mediante testemunhas oculares que acredito idôneas. Ainda assim, posso contraditar algumas das mentiras mais flagrantes e ajudar a situar a questão em alguma perspectiva.

Antes do mais, o que realmente aconteceu?

Por algum tempo houvera tensões por toda a Catalunha. Nos capítulos anteriores deste livro, apresentei algumas explicações sobre a luta entre comunistas e anarquistas. Em maio de 1937 as coisas chegavam a um ponto no qual algum tipo de eclosão violenta podia ser tomado por inevitável. A causa imediata de atrito era a ordem do Governo para que todas as armas em mãos de particulares fossem entregues, medida coincidente com a decisão de formar uma força policial "apolítica" e muito bem armada, da qual os membros dos sindicatos estariam excluídos. O significado disso era patente para todos, sendo igualmente claro que o passo seguinte seria a tomada de algumas das indústrias principais controladas pela C. N . T. Existia, além disso, certa faixa de rancor entre as classes trabalhadoras, por causa do contraste crescente entre riqueza e pobreza, e um sentimento generalizado e vago de que a revolução fora sabotada. Muitos receberam agradável surpresa ao ver que não houve desordens públicas no 1º de maio. No dia 3 o Governo resolvia tomar o Centro Telefônico, que desde o início da guerra fora controlado principalmente por trabalhadores da C. N . T. Alegava-se que estava sendo mal dirigido, e que os telefonemas oficiais se encontravam sob censura. Salas, o Chefe de Polícia (que teria ido além das ordens recebidas, ou não) mandou três caminhões cheios de Guardas Civis

armados apoderar-se do edifício, enquanto as ruas ao lado eram esvaziadas por policiais, à paisana, armados. Mais ou menos ao mesmo tempo bandos de Guardas Civis apoderavam-se de diversos outros edifícios em pontos estratégicos da cidade. Qualquer que tenha sido a intenção verdadeira, prevalecia a crença geral de que era aquele o sinal para um ataque geral à C.N.T. por parte dos Guardas Civis e P. S. U. C. (comunistas e socialistas). Correu pela cidade a notícia de que os edifícios dos trabalhadores estavam sendo atacados, anarquistas armados surgiram nas ruas, o trabalho cessou e a luta irrompeu imediatamente. Naquela noite e na manhã seguinte, formavam-se barricadas por toda a cidade, e não houve pausa na luta até a manhã de 6 de maio. Essa luta, no entanto, mostrou-se principalmente defensiva em ambos os lados .."Os edifícios estiveram cercados, mas até onde sei nenhum deles foi atacado e invadido, não sendo empregada a artilharia na contenda. A grosso modo, as forças da C.N.T. - F.A.I. e P.O.U.M. mantinham em seu poder os subúrbios onde residia a classe trabalhadora, e as forças policiais e P.S.U.C. retiveram a parte central e oficial da cidade. Em 6 de maio chegou-se a um armistício, mas logo irrompia novamente a luta, provavelmente devido a tentativas prematuras, feitas pelos Guardas Civis, no sentido de desarmar os trabalhadores da C.N.T. Na manhã seguinte, todavia, as pessoas começavam a abandonar as barricadas por sua própria conta. Até a noite de 5 de maio, mais ou menos, a C . N . T. estava ganhando, e grande número de Guardas Civis havia capitulado. Mas não existia qualquer liderança de aceitação geral, nem um plano fixo; na verdade, até onde se podia perceber, não existia plano algum, exceto uma vaga decisão de resistir aos Guardas Civis. Os dirigentes oficiais da C.N.T. juntaram-se aos da U . G . T., implorando a todos que regressassem ao trabalho e, acima de tudo, os gêneros alimentícios escasseavam. Em tais circunstâncias, ninguém podia estar suficientemente seguro sobre a questão para continuar lutando. Na tarde de 7 de maio as condições da cidade apresentavam-se quase normais. Naquela noite seis mil Guardas de Assalto, mandados pelo mar desde Valência, chegavam e assumiam o controle da cidade. O Governo expediu ordem de entrega de todas as armas, exceto as que estavam em poder das forças regulares, e nos dias seguintes foram apreendidas grandes quantidades das mesmas. As

baixas ocorridas durante a luta eram oficialmente anunciadas como alcançando quatrocentos mortos e perto de mil feridos. Quatrocentos mortos talvez constitua exagero, mas não há modo de verificar isso.

Em segundo lugar, temos os efeitos posteriores da luta. É claramente impossível dizer com qualquer grau de certeza quais foram. Não existe prova ou indicação de que a explosão tenha apresentado qualquer efeito direto sobre o curso da guerra, embora seja claro que teria, caso prosseguisse por mais alguns dias. Ela serviu de pretexto para colocar a Cataluña sob controle direto de Valência, apressar a dissolução das milícias e suprimir o P.O.U.M e com certeza teve participação na derrubada do governo de Caballero. Mas podemos ter como certo que tais coisas ocorreriam, de qualquer maneira. A questão verdadeira é saber se os trabalhadores da C . N . T., que saíram às ruas para lutar, ganharam ou perderam com isso. Nesse particular só se pode adivinhar, mas minha opinião pessoal é de que eles ganharam mais do que perderam. A tomada do Centro Telefônico de Barcelona constituía apenas um incidente em longa série. Desde o ano anterior o poder direto fora gradualmente retirado dos sindicatos, e o movimento geral era o de sair-se do controle pela classe trabalhadora e dirigir-se ao controle centralizado, que conduzia ao capitalismo de estado ou, mesmo, à reintrodução do capitalismo privado. O fato de que, nesse ponto, surgisse a resistência que surgiu, veio provavelmente retardar aquele processo de transferência do poder. Um ano após eclodir a guerra os trabalhadores catalães perderam grande parte de seu poder, mas sua posição continuava comparativamente favorável. Poderia sê-lo muito menos, se eles tornassem claro que ficariam inermes, qualquer que fosse a provocação recebida. Há ocasiões em que é melhor lutar e apanhar do que fugir à luta.

Em terceiro lugar, havia algum intuito na explosão? Tratava-se de algum tipo de coup d'état, ou tentativa revolucionária? Visava, de modo definido, à derrubada do Governo? Teria sido preparado com antecedência?

A meu ver, a luta só foi preparada com antecedência no sentido de que todos já esperavam seu aparecimento. Não havia qualquer sinal de plano

definido em ambos os lados. Na facção anarquista, a ação foi quase certamente espontânea, pois em sua maior parte não passou de uma questão tratada por seus quadros subordinados. O povo foi às ruas e seus dirigentes políticos acompanharam-no com relutância, ou não o acompanharam de modo algum. Os únicos que sequer falavam num traço revolucionário para aqueles acontecimentos eram os Amigos de Durruti, um pequeno grupo extremista dentro da F.A.I., e o P.O.U.M. Mas também eles seguiam os outros. Os Amigos de Durruti distribuíram algum tipo de panfleto revolucionário, mas o mesmo só apareceu em 5 de maio, e não se pode afirmar que tenha dado início à luta, que começara por si própria dois dias antes. Os dirigentes oficiais da C. N . T. desautorizaram a questão desde o início, Havia muitos motivos para isso. Para começar, a C. N . T. continuava representada no Governo e no Generalato, a assegurar que seus dirigentes seriam mais conservadores do que os seus seguidores. Em segundo lugar, o objetivo principal dos dirigentes da C. N. T. era formar aliança com a U.G.T., e a luta viria aumentar a cisão entre as duas organizações de trabalhadores, pelo menos naquela ocasião. Em terceiro - a despeito do fato desfrutar pouco conhecimento geral na época - os dirigentes anarquistas receavam que se as coisas ultrapassassem certo ponto e os trabalhadores se apoderassem da cidade, como talvez estivessem em condições de fazer em 5 de maio, ocorreria uma intervenção estrangeira. Um cruzador e dois destróieres ingleses aproximaram-se do porto, e certamente outros vasos de guerra estavam próximos a Barcelona. Os jornais ingleses afirmavam que aqueles navios seguiam para lá "a fim de protegerem os interesses britânicos", mas na verdade não deram qualquer passo nesse sentido, isto é, não desembarcaram tropa, nem receberam refugiados. Não se pode ter certeza neste particular, mas era ao menos inerentemente possível que o Governo britânico, que não movera uma palha para salvar o Governo espanhol dos ataques desferidos por Franco, interviria com rapidez suficiente para salvá-lo de sua própria classe trabalhadora.

Os dirigentes do P .0. U . M. não se furtaram à questão, e na verdade incentivaram seus seguidores a continuar nas barricadas, chegando a proporcionar sua aprovação (em La Bataila, 6 de maio) ao panfleto extremista publicado pelos Amigos de Durruti. (Reina grande incerteza a

respeito desse documento, do qual parece que ninguém possui um único exemplar.) Em alguns dos jornais estrangeiros o panfleto era descrito como "cartaz inflamativo" que fora "afixado por toda a cidade". É certo que tal cartaz não existiu. Mediante a comparação de diversos relatos a seu respeito. eu diria que o panfleto pedia: (1) a formação de um conselho (junta) revolucionário, (2) o fuzilamento dos responsáveis pelo ataque desfechado contra o Centro Telefônico, (3) o desarmamento dos Guardas Civis. Reina igual incerteza até que ponto La Bataila manifestou seu acordo ao panfleto. Eu mesmo não vi. esse documento, ou a edição de La Bataila daquela data. O único que pude ver durante a luta foi o publicado pelo pequeno grupo de trotskistas ("bolchevista-leninistas") em 4 de maio, que dizia apenas: "Todos ás barricadas - greve geral de todas as indústrias, menos as de guerra". (Em outras palavras, pedia apenas o que já estava ocorrendo.) Na realidade, a atitude dos dirigentes do P. O.U. M. era hesitante. Jamais estiveram a favor de insurreição, até estar ganha a guerra contra Franco; por outro lado os trabalhadores saíram às ruas, e os dirigentes do P .0. U. M. adotaram a linha marxista bastante pedante. de que quando os trabalhadores se encontram nas ruas o dever dos partidos revolucionários é estar com eles. Daí, embora pronunciassem refrões revolucionários a respeito do "redespertar do espírito de 19 de julho" e assim por diante, terem feito o possível para limitar a ação dos trabalhadores à defensiva, jamais ordenaram, por exemplo, que se desfechasse qualquer ataque a um edifício, e simplesmente ordenavam a seus seguidores que ficassem de guarda e, como mencionei no último capítulo, não abrir fogo enquanto isso pudesse ser evitado. La Batalla emitiu também instruções no sentido de que soldado algum deveria deixar a linha de frente.(11) Eu diria que a responsabilidade do P. O. U . M. chega ao ponto de instar com todos para ficarem nas barricadas, e provavelmente persuadiu alguns a ficarem ali mais tempo do que o necessário. Os que se encontravam em contato pessoal com os dirigentes do P.O.U.M. nessa época (eu não estava) disseram-me que, na verdade, eles se achavam descorçoados por aquilo tudo, mas achavam que deviam associar-se ao caso. Em seguida, como é claro, fizeram exploração política desse ponto, na maneira de costume. Gorkin, um dos dirigentes do P .0. U. M., viria mais tarde falar dos "dias gloriosos de maio". Do ponto de vista propagandístico, pode ter sido essa

a linha certa, sendo certo que o P .O. U . M. aumentou um pouco em número de adeptos naquele curto período anterior à sua supressão. Do ponto de vista tático, provavelmente foi um erro o dar abrigo ao folheto dos Amigos de Durruti, que constituíam organização muito pequena e via de regra hostil ao P. O. U. M. Levando-se em conta a agitação geral e as coisas que eram ditas em ambos os lados, o folheto na verdade não significava muito mais do que "Fiquem nas barricadas!", mas por parecer aprová-lo, enquanto Solidaridad Obrera, o jornal anarquista, o repudiava, os dirigentes do P .O. U . M. facilitaram à imprensa comunista declarar posteriormente que a luta fora um tipo de insurreição engendrada unicamente pelo P .0. U . M. Podemos estar certos, no entanto, de que a imprensa comunista diria isso de qualquer maneira. Aquilo era nada, em confronto às acusações que se faziam tanto antes quanto depois, com base em provas ainda menores do que essa. Os dirigentes da C. N . T. não ganharam grande coisa por causa de sua atitude cautelosa. Foram louvados por sua fidelidade, mas expulsos do Governo e do Generalato.

Com base no que se dizia não existia qualquer intenção revolucionária verdadeira em parte alguma. As pessoas que guarneciam as barricadas eram trabalhadores comuns da C. N . T., provavelmente com certa proporção de trabalhadores da U. G. T. em seu meio, e o que visavam não era derrubar o Governo, mas resistir ao que, certos ou errados, acreditavam ser um ataque desferido pela policia. Sua ação foi essencialmente defensiva, e não acho que devesse ser descrita (o que ocorreu em quase todos os jornais estrangeiros) como um "levante". Um levante é coisa que implica em ação agressiva e plano definido. Com exatidão maior podemos chamar aquilo uma desordem pública - e muito sangrenta, pois ambos os lados dispunham de armas e estavam prontos a utilizá-las.

Mas que dizer sobre as intenções no outro lado? Se não se tratava de um coup d'état anarquista, seria talvez um coup d’état comunista, um esforço planejado para destruir o poder da C.N.T. com um único golpe?

Não acredito que fosse, embora pudesse desconfiar disso. É significativo que coisa muito parecida (tomada do Centro Telefônico pela policia armada agindo sob ordens emanadas de Barcelona) acontecesse em

Tarragona dois dias depois. E em Barcelona a incursão ao Centro Telefônico não constituíra ato isolado. Em diversas partes da cidade turmas de Guardas Civis e adeptos do P .S. U. C. apoderaram-se de edifícios situados em pontos estratégicos, senão antes da luta começar, pelo menos com presteza surpreendente. Mas é preciso lembrar que tais coisas aconteciam na Espanha, e não na Inglaterra. Barcelona é uma cidade com longa história de luta em ruas, e em lugares assim as coisas acontecem com rapidez, as facções já se encontram formadas, todos conhecem a geografia local, e quando se iniciam os disparos as pessoas tomam seus lugares quase como em ensaio geral. É de presumir que os responsáveis pela tomada do Centro Telefônico contassem com barulho - embora não na escala em que o mesmo ocorreu - e se preveniram para fazer-lhe frente. Mas daí não segue que estivessem planejando um ataque geral contra a C. N . T. Há dois motivos pelos quais não acredito que qualquer dos dois lados fizesse preparativos para uma luta em larga escala:

(1) Nenhum dos lados trouxera com antecedência tropas para Barcelona. A luta travou-se apenas entre os que ali já se achavam, principalmente os civis e a polícia.

(2) Os gêneros alimentícios escasseavam quase de imediato. Quem tenha servido na Espanha sabe que a única operação militar que os espanhóis realmente executam muito bem é alimentar seus soldados. É improvável que, se qualquer dos dois lados pensasse numa semana ou duas de luta, bem como numa greve geral, deixasse de formar estoques de alimentos com a necessária antecedência.

Quanto aos méritos e deméritos da luta, finalmente, tenho a dizer que um escarcéu tremendo se formou na imprensa antifascista do exterior mas, como de costume, apenas um lado da questão recebeu apresentação melhor. Por conseqüência, as lutas em Barcelona foram apresentadas como uma insurreição de anarquistas e trotskistas infiéis e desleais, que estavam "apunhalando o Governo espanhol costas", e assim por diante. Mas a questão não teve essa simplicidade. É certo que quem estiver em guerra com um inimigo mortal não deverá empreender lutas internas, mas vale a pena lembrar que para formar uma briga é preciso ter dois

lados, e que as pessoas não começam a construir barricadas, a menos que tenham recebido alguma coisa que considerem provocação.

O barulho teve uma origem natural, devido à ordem dada pelo Governo aos anarquistas para que lhe entregassem suas armas. Na imprensa inglesa isso era levado aos termos ingleses, e tomou a forma seguinte: necessitava-se desesperadamente de armas na frente de Aragón, e as mesmas não podiam ser mandadas para lá porque os anarquistas, gente muito pouco patriótica, retinham-nas em seu poder. Apresentar a questão dessa maneira é ignorar as condições realmente existentes na Espanha. Todos sabiam que tanto os anarquistas quanto o P .S. U. C. estavam formando estoques de armas, e quando a luta irrompeu em Barcelona isso se fez mais claro ainda, com ambos os lados saindo-se com abundância de armas. Os anarquistas tinham plena ciência de que, mesmo entregando suas armas, o P. S. U . C., que politicamente era o poder maior na Catalunha, continuaria com as dele, e foi realmente o que ocorreu depois de terminada a contenda. Enquanto isso, e perfeitamente visível nas ruas, havia quantidades de armas que seriam muito bem recebidas na linha de frente, mas que eram retidas para as forças policiais "apolíticas" na retaguarda. E por baixo de tudo isso existia a divergência irreparável entre comunistas e anarquistas, que mais cedo ou mais tarde deveria eclodir em algum tipo de luta. Desde o início da guerra o Partido Comunista Espanhol crescera enormemente em quadros e capturara a maior parte do poder político, chegando à Espanha milhares de comunistas estrangeiros, muitos dos quais exprimiam abertamente a intenção de "liquidar" o anarquismo assim que ganha a guerra contra Franco. Em tais circunstâncias não se poderia esperar que os anarquistas entregassem suas armas, das quais se apoderaram no verão de 1936.

A tomada do Centro Telefônico constituiu apenas o fósforo que acendeu uma bomba já existente. Talvez se possa acreditar que os responsáveis pela medida julgassem que não resultaria em luta. Diz-se que Companys, o Presidente catalão, declarara entre risadas, alguns dias antes, que os anarquistas aceitavam qualquer coisa,(12) Mas com certeza não se tratou de ato meditado. Por meses consecutivos houvera longa série de encontros armados entre comunistas e anarquistas em

diversas partes da Espanha. A Catalunha, e em especial Barcelona, encontravam-se em estado de tensão que já resultara em refregas nas ruas, assassinatos e assim por diante. E de repente irrompia pela cidade a notícia de que homens armados atacavam os edifícios capturados pelos trabalhadores nas lutas de julho, e aos quais atribuíam grande valor sentimental. Devemos lembrar que os Guardas Civis eram gente odiada pelos trabalhadores. Por gerações seguidas la guardia não passava de mero apêndice de latifundiários e patrões, e os guardas Civis eram duplamente odiados por suspeitar-se, e com bastante razão, que possuíam lealdade muito duvidosa contra os fascistas.(13) É provável que a emoção com que o povo saíra às ruas nas primeiras horas fosse, em grande parte, a mesma que o levara a resistir aos generais rebeldes, no início da guerra. Está claro que podem afirmar que os trabalhadores da C . N . T. deviam ter entregue o Centro Telefônico sem protestar. Nesse particular, a opinião de cada um será governada pela atitude individual quanto à questão do governo centralizado ou controle pela classe trabalhadora. De modo ainda mais pertinente pode-se afirmar:

"Sim, é muito provável que a C. N . T. tivesse alguma razão. Mas, afinal de contas, havia uma guerra a empreender, e eles não tinham de dar início a uma luta na retaguarda". Com isso concordo integralmente. Qualquer desordem interna poderia ajudar Franco. Mas o que realmente precipitou a luta? O Governo podia ter ou não o direito de tomar o Centro Telefónico, mas o importante é que em tais circunstâncias isso deveria desencadear uma luta. Tratava-se de ato de provocação, gesto que afirmava de fato, e presumivelmente visava afirmá-lo: "Seu poder terminou, e estamos tomando conta agora". Não era sensato esperar outra coisa que não a resistência. Quem mantiver sua noção de proporções terá de compreender que a falta não foi - e não podia ser - cometida por apenas um dos lados. O motivo pelo qual se viu aceita uma versão unilateral é, simplesmente, que os partidos revolucionários espanhóis não têm guarida na imprensa estrangeira. Na inglesa, principalmente, seria preciso procurar muito para achar qualquer referência favorável, em qualquer período da guerra, aos anarquistas espanhóis. Eles foram sístematícamente denegridos, e como sei por minha experiência própria, é quase impossível fazer com que se imprima qualquer coisa em sua defesa.

Procurei escrever de modo objetivo sobre as lutas em Barcelona, embora seja óbvio que ninguém consiga. ser completamente objetivo numa questão desse tipo. Estamos praticamente forçados a tomar partido, e deve estar bem claro em que lado eu me situo. Também é inevitável que eu tenha cometido enganos de fato, não só aqui como em outras partes desta narrativa. E muito difícil escrever com precisão sobre a guerra espanhola, devido à falta de documentos que não os destinados à propaganda. Quero prevenir a todos quanto à minha preferência, bem como a respeito de meus enganos. Ainda assim, procurei o mais que pude ser sincero. Mas o leitor verá que o relato aqui apresentado é inteiramente diverso do que surgiu na imprensa estrangeira e, de modo especial, na comunista. E preciso examinar a versão comunista, pois a mesma se viu divulgada pelo mundo afora, desde então recebeu suplementos a intervalos curtos, e provavelmente constitua a mais aceita de todas.

Na imprensa comunista e pró-comunista toda a culpa pelas lutas em Barcelona foi lançada sobre o P .0. U . M. O acontecimento se viu representado não como eclosão espontânea, mas como insurreição deliberada e planejada contra o Governo, engendrada unicamente pelo P. O. U. M., com auxílio de alguns elementos "incontroláveis" e mal orientados. Mais do que isso, foi definitivamente uma trama fascista, executada sob ordens fascistas e com o propósito de iniciar a guerra civil na retaguarda e assim paralisar o Governo. O P .0. U . M. era "a Quinta Coluna de Franco", uma organização "trotskista" trabalhando em acordo com os fascistas. De acordo com o Daily Worker de 11 de maio, temos que:

> Os agentes alemães e italianos, que acorreram em grande número a Barcelona, para "preparar" de modo ostensivo o famigerado "Congresso da Quarta Internacional" tinham uma grande tarefa diante de si:
>
> Deveriam - em colaboração com os trotskistas locais - preparar uma situação de desordem e derramamento de sangue, na qual seria possível aos alemães e italianos declararem que "não podiam exercer o controle naval das costas catalãs de modo

efetivo devido às desordens existentes em Barcelona", e não podiam, portanto, "fazer outra coisa senão desembarcar forças terrestres em Barcelona".

Em outras palavras, o que se estava preparando era uma situação na qual os governos alemão e italiano pudessem desembarcar tropas terrestres ou fuzileiros, de modo bem aberto, nas costas da Catalunha, declarando que o faziam para "preservar a ordem"..

O instrumento para tudo isso estava pronto para uso por parte dos alemães e italianos, na forma da organização trotskista conhecida como P.O. U. M.

O P. O. U. M., agindo em colaboração com elementos reconhecidamente criminosos, e com algumas outras pessoas iludidas nas organizações anarquistas, planejou, organizou e dirigiu o ataque na retaguarda, sincronizado com precisao para coincidir com o ataque na frente em Bilbao, etc. etc.

Em parte subseqüente do mesmo artigo as lutas em Barcelona tornam-se "o ataque do P.O. U. M.", e em outro artigo na mesma edição afirma-se "não haver dúvida de que seja à porta do P. O. U. M. que deva ser depositada a responsabilidade pelo derramamento de sangue na Catalunha". A Inprecor (29 de maio) afirma que quem construiu as barricadas em Barcelona foram "apenas membros do P.O.U.M., organizados por esse partido para tal fim".

Eu poderia citar muitas outras coisas, mas já bastou para esclarecer. O P .O. U. M. fora inteiramente responsável, e o P .O. U. M. agira sob ordens fascistas. Apresentarei mais trechos dos relatos surgidos na imprensa comunista, e se vera que são contraditórios a tal ponto que se tornam inteiramente sem valor. Mas antes de fazê-lo vale a pena indicar, a priori, diversos motivos pelos quais essa versão das lutas de maio como levante fascista, engendradas pelo P .0. U . M., está a um passo do incrível.

(1) O P.O.U.M. não tinha número de membros ou influência suficiente

para provocar desordens daquela natureza. Menor ainda era seu poder de convocar uma greve geral. Tratava-se de organização política sem qualquer apoio definido nos sindicatos, e teria sido capaz de produzir uma greve em Barcelona tanto quanto (digamos) o Partido Comunista Britânico o conseguiria fazer em Glasgow. Como afirmei antes, a atitude dos dirigentes do P .0. U. M. pode ter ajudado a prolongar a luta, mas não lhes seria possível iniciá-la, ainda que o quisessem fazer,

(2) A alegada trama fascista repousa na afirmação pura e simples que se fez nesse sentido, e todas as indicações existentes são ao contrário. Dizem-nos que o plano destinava-se a permitir aos governos alemão e italiano o desembarque de tropas terrestres na Catalunha, mas nenhum navio alemão ou italiano, trazendo tropas, aproximou-se da costa. Quanto ao "Congresso da Quarta Internacional" e aos "agentes alemães e italianos", isso era apenas mito. Até onde sei, nem sequer houvera qualquer referência a um Congresso da Quarta Internacional. Existiam planos vagos para um Congresso do P.O.U.M. e seus partidos-irmãos (a I.L.P. inglesa, S.A.P. alemã, etc. etc.), o que fora marcado experimentalmente para alguma época de julho - dois meses depois - e não chegara ainda um único delegado para o mesmo. Os "agentes alemães e italianos" não têm qualquer existência, senão nas páginas do Daily Worker. Qualquer um que tenha cruzado a fronteira naquela época sabe que não era tão fácil fazê-lo.

(3) Nada ocorreu, seja em Lerida, o sustentáculo principal do P.O.U.M., ou na linha de frente. E óbvio que se os dirigentes do P .0. U . M. quisessem ajudar os fascistas, teriam ordenado à sua milícia que se retirasse da linha de combate e deixasse os fascistas passar. Mas nada disso foi feito ou mesmo sugerido. Tampouco houve qualquer número extra de homens tirados da linha antecipadamente, embora fosse fácil mandar mil ou dois mil homens para Barcelona, utilizando-se pretextos diversos, se necessário. E não houve qualquer tentativa até mesmo de sabotagem indireta no front, o transporte de gêneros, munições e assim por diante continuou como sempre, e verifiquei isso pessoalmente. Acima de tudo, um levante planejado e do tipo sugerido requereria meses de preparativos, propaganda subversiva entre os milicianos, etc. Mas não existia qualquer sinal ou boato a respeito. O fato de que a

milícia no front não desempenhasse qualquer papel no "levante" devia, por si só, mostrar-se concludente. Se o P .0. U . M. estivesse realmente planejando um coup d'état, é inconcebível que não utilizasse os dez mil homens armados que formavam a única força de ataque de que dispunha.

Com base nisso tornar-se-á suficientemente claro que a tese comunista de um "levante" do P .O. U . M. sob ordens fascistas tem apoio em menos do que falta de provas. Adicionarei mais algumas citações tiradas da imprensa vermelha. As narrativas comunistas sobre o incidente inicial, o ataque ao Centro Telefônico, mostram-se reveladoras, e não concordam em coisa alguma, entre si, senão em atribuir a culpa ao outro lado. É de notar-se que nos jornais comunistas ingleses a culpa é atribuída inicialmente aos anarquistas e somente depois ela vai recair sobre o P .0. U . M. Há um motivo bastante óbvio para isso: nem todos na Inglaterra ouviram falar em 'trotskismo", enquanto que qualquer pessoa de fala inglesa estremece ao nome de "anarquista". Basta fazer saber que há "anarquistas" implicados na coisa e fica criada a atmosfera de preconceitos a que se visa; depois disso a culpa poderá ser tranqüilamente transferida para os "trotskistas". Eis como o Daily Worker inicia (em 6 de maio) seu comentário da questão:

> Um grupo minoritário de anarquistas, na segunda e na terça feira, tomou e procurou manter os edifícios de telefones e telégrafos, e começou a abrir fogo contra o povo nas ruas.

Não há coisa alguma comparável a um começo no qual foram invertidos os papéis. Os Guardas Civis atacaram um edifício guardado pela C . N . T., de modo que esta é representada como atacando seu próprio edifício - atacando a si própria, na verdade. Por outro lado, o Daily Worker de li de maio afirma o seguinte:

> O Ministro Catalão Esquerdista, de Segurança Pública, Aiguade, e o Socialista Unido Comissário Geral de Ordem Pública, Rodrigue Salas, mandaram a polícia armada republicana ao edifício da Telefônica para desarmar os empregados da mesma, a maioria dos quais membros dos sindicatos da C. N. T.

Isso não parece concordar muito com a primeira afirmação, mas ainda assim o Daily Worker não apresenta qualquer admissão de que sua primeira notícia estivesse errada. O Daily Worker de 11 de maio declara que os folhetos dos Amigos de Durruti, renegados pela C. N . T., surgiram em 4 e 5 de maio, durante a luta. A Inprecor (22 de maio) informa que eles apareceram em 3 de maio, antes da luta, e acrescenta que "diante desses fatos" (o aparecimento de diversos folhetos).

A polícia, tendo à sua frente o próprio Prefeito da Polícia, ocupou o centro telefônico na tarde de 3 de maio. A polícia recebeu tiros enquanto cumpria seu dever. Isso foi o sinal para que os provocadores iniciassem os tiroteios em toda a cidade.

E eis o que afirma a Inprecor, em 29 de maio:

> Às três horas da tarde o Comissário de Segurança Pública, Camarada Salas, dirigiu-se ao Centro Telefônico, que na noite anterior fora ocupado por uns 50 membros do P. O. U. M. e diversos elementos incontroláveis.

Tudo isso parece bastante curioso. A ocupação do Centro Telefônico por 50 membros do P .O. U . M. é o que se poderia chamar uma circunstância pitoresca, sendo de esperar que alguém o notasse na época. No entanto, parece que só se descobriu três ou quatro semanas mais tarde. Em outra edição de inprecor os 50 membros do P .0. U . M. tornam-se 50 milicianos do P .0. U. M. Seria difícil juntar um número maior de contradições do que as encontradas nessas primeiras e curtas passagens. Em certo momento a C . N . T. ataca o Centro Telefônico, no seguinte ela própria está sendo atacada ali mesmo; surge um folheto antes da tomada do Centro, e ele constitui a causa do acontecimento ou, de forma alternada, aparece depois do fato e constituí resultado dele; a gente no Centro Telefônico é formada, alternadamente, por membros da C.N.T. e membros do P.O.U.M. - e assim por diante. E em outra edição posterior do Daily Worker (3 de junho) o Sr. J. R. Campbell vem nos informar que o Governo somente se apoderou do Centro Telefônico porque as barricadas já se encontravam em pé!

Por questão de espaço citei apenas os relatórios sobre um incidente,

mas as mesmas discrepâncías são encontradas em todas as narrativas publicadas pela imprensa comunista. Existem, além disso, diversas afirmações que constituem pura falsificação inventiva. Eis, por exemplo, alguma coisa citada pelo Daily Worker (7 de maio) e tida como emitida pela Embaixada espanhola em Paris:

> Um traço significativo do levante foi o de que a velha bandeira monarquista esteve hasteada no sobrado de diversas casas em Barcelona, sem dúvida na crença de que os participantes no levante já se haviam tornado senhores da situação.

O Daily Worker provavelmente publicou tal afirmação em boa fé, mas os responsáveis pela mesma na Embaixada espanhola devem ter mentido delíberadamente. Qualquer espanhol compreenderia a situação interna de seu país melhor do que isso. Uma bandeira monarquista em Barcelona! Eis uma coisa que poderia ter unido as facções em guerra no mesmo instante de seu aparecimento. Até os comunistas presentes à cena dos distúrbios riram quando leram isso. Acontece o mesmo com os relatos nos diversos jornais comunistas sobre as armas que se afirmou foram usadas pelo P. 0. U. M. durante o "levante". Isso só seria crível para alguém que nada conhecesse sobre os fatos. No Daily Worker de 17 de maio o Sr. Frank Pitcairn afirma:

> Havia, na verdade, todos os tipos de armas utilizadas por eles naquela empreitada infame. Havia as armas que roubaram meses seguidos, e escondido, e havia armas como tanques de guerra, que roubaram dos quartéis logo ao início do levante. Torna-se claro que grande número de metralhadoras e alguns milhares de fuzis continuam ainda em seu poder.

A Inprecor de 29 de maio também afirma:

> Em 3 de maio o P. O. U. M. teve à sua disposição algumas dezenas de metralhadoras e diversos milhares de fuzis... Na Plaza de Espana os trotskistas puseram em ação baterias de canhões "75" destinadas à frente de batalha em Aragón, e que a milícia escondera cuidadosamente em suas instalações.

O Sr. Pitcairn não informa como e quando se tornou claro que o P .0. U. M. possuía inúmeras metralhadoras e milhares de fuzis. Eu já apresentei um cálculo das armas que se encontravam nos principais edifícios do P .0. U . M. - cerca de oitenta fuzis, algumas bombas e nenhuma metralhadora, isto é, mais ou menos o suficiente para a guarda armada que todos os partidos políticos possuíam em seus edifícios. Parece estranho que depois disso, quando o P. O. U . M. foi suprimido e todos os seus edifícios tomados, esses milhares de armas não tenham aparecido, em especial os tanques de guerra e canhões, coisas que não se prestam a esconderijos pelas chaminés. Mas o revelador nas duas afirmações é a ignorância completa que demonstram quanto às circunstâncias locais. De acordo com o Sr. Pitcairn o P .0. U . M. roubou tanques de guerra "dos quartéís". Ele não diz quais são esses quarteis. Os milicianos do P .0. U. M. que se encontravam em Barcelona (e que eram relativamente poucos na época, pois o recrutamento feito diretamente para as milícias partidárias terminara) partilhavam o Quartel Lênin com um número consideravelmente maior de soldados do Exército Popular. O Sr. Pitcairn está pedindo que acreditemos, portanto, em que o P .0. U. M. roubasse tanques de guerra com a conivência do Exército Popular. Acontece o mesmo com as "instalações" nas quais os canhões de 75 mm se achariam escondidos. Não encontramos qualquer referência ao lugar onde estavam tais "instalações". Essas baterias de canhões, disparando na Plaza de España surgiram em muitos relatos jornalísticos, mas acredito podermos dizer com certeza que jamais existiram. Como disse antes, não ouvi disparos de artilharia durante a luta, embora a Plaza de España ficasse a menos de dois quilômetros de distância. Alguns dias depois examinei aquela praça e não pude ver qualquer edifício com marcas de granadas de artilharia. E uma testemunha ocular que se achava nas vizinhanças por toda a luta afirma que jamais apareceu qualquer canhão por ali. (De passagem, é possível que a história dos canhões roubados tenha começado com Antonov-Ovseenko, o Cônsul-Geral russo). De qualquer forma, foi ele quem a comunicou a um conhecido jornalista inglês, que dali para a frente repetiu o que ouvira, com boa fé, num semanário. Antonov-Ovseenko já foi "expurgado".

O modo pelo qual sua queda em desgraça possa afetar a credibilidade a

lhe ser dada é desconhecido para mim. A verdade, naturalmente, é que tais histórias sobre tanques de guerra, canhões e assim por diante foram inventadas porque, de outra maneira, torna-se difícil reconciliar a escala da luta travada em Barcelona com o pequeno número de membros do P.0. U. M. Era necessário afirmar que o P .O. U . M. era inteiramente responsável pela luta, sendo preciso afirmar também que era partido insignificante, sem seguidores, e "com apenas alguns milhares de membros", de acordo com a Inprecor. A única esperança de tornar críveis ambas as afirmações estava em fazer de conta que o P. O.U. M. possuía armas de um moderno exército mecanizado.

Torna-se impossível examinar os relatos apresentados pela imprensa comunista sem perceber que eles visam conscientemente a um público ignorante dos fatos, e não têm outro fito senão criar preconceitos. Daí, por exemplo, afirmações como as do Sr. Pitcairn no Daily Worker de 11 de maio, no sentido de que o "levante" foi suprimido pelo Exército Popular. A idéia visada, nesse caso, é proporcionar aos elementos de fora a impressão de que toda a Catalunha estava solidamente unida contra os "trotskistas". Mas o Exército Popular permaneceu neutro na luta, todos em Barcelona sabiam disso, sendo difícil crer que o Sr. Pitcairn o ignorasse. E há também o jogo de cifras na imprensa comunista, com referência a mortos e feridos, visando exagerar a extensão das desordens. Diaz, Secretário-Geral do Partido Comunista Espanhol, e amplamente citado pela imprensa comunista, apresentou tais números como 900 mortos e 2.500 feridos. O Ministro da Propaganda catalão, que dificilmente iria subestimar essas cifras, falou em 400 mortos e 1.000 feridos. O Partido Comunista dobra a parada e põe mais algumas centenas de lambujem.

Os jornais capitalistas estrangeiros, em sua generalidade, atribuíram a culpa das lutas aos anarquistas, mas alguns acompanharam a linha comunista. Um deles foi o News Chronicle da Inglaterra cujo correspondente, Sr. John Langdon-Davies, encontrava-se naquela ocasião em Barcelona. Cito partes de seu artigo:

REVOLTA TROTSKISTA

Isto não foi um levante anarquista. Foi um putsch frustrado,

promovido pelo P. O. U. M. "trotskista", funcionando por meio de organizações sob seu controle, "Amigos de Durruti" e Juventude Libertária... A tragédia começou na tarde de segunda-feira, quando o Governo mandou policiais armados ao edifício da Telefônica, para ali desarmar os trabalhadores, em sua maioria homens da C. N. T. Já por algum tempo as irregularidades graves no serviço telefônico atingiam as raias do escândalo. Grande multidão se formou na Plaza de Cataluña, enquanto os homens da C. N. T. resistiam, recuando andar por andar até ao alto do edifício... O incidente era bastante sem importância, mas circulou a notícia de que o Governo saíra à caça dos anarquistas. As ruas se encheram com homens armados... À noite todos os centros de trabalhadores e edifícios governamentais estavam com barricadas, e às dez horas disparavam-se as primeiras balas e as primeiras ambulâncias começavam a gemer pelas ruas. Pela madrugada toda a cidade de Barcelona encontrava-se debaixo de fogo... Ao correr do dia e com mais de cem mortos, podia-se adivinhar o que acontecia. A C. N. T. anarquista e a U. G. T. socialista não estavam, oficialmente, "nas ruas". Enquanto continuavam apenas por trás das barricadas, estavam apenas observando com atenção, atitude que incluía o direito de abrir fogo contra qualquer coisa armada na rua aberta... As fuzilarias generalizadas eram invariavelmente agravadas por pacos - homens solitários e ocultos, em geral fascistas, que disparavam dos telhados sobre qualquer coisa ou qualquer um, mas fazendo tudo quanto podiam para aumentar o pânico geral... Na noite de quarta-feira, entretanto, começou a tornar-se claro quem promovera a revolta. Todas as paredes foram cobertas por um cartaz inflamatório que pedia uma revolução imediata e o fuzilamento dos dirigentes republicanos e socialistas. Estava assinado pelos "Amigos de Durruti". Na manhã de quinta-feira o diário anarquista negava qualquer conhecimento ou simpatia pelo cartaz, mas La Batalla, o jornal do P. O. U. M., publicava o documento, tecendo para ele o maior louvor. Barcelona, a primeira cidade da Espanha, encontrava-se mergulhada em

sangue por obra dos agents provocateurs que usavam essa organização subversiva.

Tal exposição não concorda inteiramente com as versões comunistas que citei antes, mas dará para ver que, em si mesma, é contraditória. Em primeiro lugar os acontecimentos são descritos como "revolta trotskista", depois é demonstrado que resultaram de uma invasão ao edifício da Telefônica, e fala da crença generalizada de que o Governo estava a caça dos anarquistas. A cidade está com barricadas, e tanto a C. N . T. quanto a U. G . T. encontram-se por trás das mesmas; dois dias depois o cartaz inflamatório (na verdade um folheto) aparece, e por implicação isso é afirmado como tendo dado início à coisa toda - efeito ocorrendo antes da causa, Mas há um ponto de falsificação muito séria no texto. O Sr. Langdon-Davies descreve os Amigos de Durruti e a Juventude Libertária como "organizações controladas" pelo P. O. U. M. Eram, ambas, organizações anarquistas, e não possuíam qualquer relação com o P .0. U . M. A Juventude Libertária formava a liga da juventude anarquista, correspondendo à J.S.U. do P.S.U.C., etc. Os Amigos de Durruti eram uma pequena organização dentro da F A. I., e de um modo geral mostrava-se amargamente hostil ao P .0. U. M. Até onde posso ver, não existia uma só pessoa que fosse membro de ambos. Seria mais ou menos igual a afirmar que a Liga Socialista (Socialist League) é "organização controlada" pelo Partido Liberal inglês (Liberal Party). Estaria o Sr. Langdon-Davies sem saber disso? Nesse caso, deveria escrever com mais cautela a respeito dessa questão bastante complexa.

Não estou atacando a boa fé do Sr. Langdon-Davies, mas é sabido que ele deixou Barcelona assim que a luta terminou, isto é, no momento em que poderia dar início a investigações sérias, e por todo o seu informe encontramos sinais claros de que aceitou a versão oficial de uma "revolta trotskista", sem verificação suficiente. Isso é óbvio até mesmo na transcrição que fiz de seu artigo. "A noite" as barricadas estão construídas, e "às dez horas" são feitos os primeiros disparos. Não são estas as palavras de uma testemunha ocular. Daí daria para depreender que é comum esperar que o inimigo construa barricada, antes de abrir fogo contra ele. A impressão dada é que transcorreram algumas horas entre a construção das barricadas e os primeiros disparos, quando -

naturalmente - ocorreu o contrário. Eu e muitos outros vimos os primeiros disparos sendo feitos à tarde. E temos também os homens solitários, "em geral fascistas", que disparavam dos telhados. O Sr. Langdon-Davies não explica como sabia que esses homens eram fascistas. E de presumir-se que não tenha escalado os telhados e perguntado aos cavalheiros. Está simplesmente repetindo o que lhe disseram e, como se ajusta à versão oficial, ele não questiona o assunto. A bem da verdade, ele indica uma fonte provável de grande parte de sua informação, pela referencia pouco cautelosa ao Ministro da Propaganda, ao início do artigo. Os jornalistas estrangeiros na Espanha encontravam-se indefensavelmente à mercê do Ministro da Propaganda, embora fosse de esperar que o simples nome de tal ministério constituísse advertência suficiente. O Ministro da Propaganda, naturalmente, poderia proporcionar um relato tão objetivo das desordens em Barcelona quanto, digamos, o falecido Lord Carson poderia fazê-lo com referência ao levante de 1916 em Dublin.

Tenho bons motivos para crer que a versão comunista para as lutas em Barcelona não possam ser levadas a sério. Além disso, devo dizer alguma coisa a respeito da acusação generalizada de que o P .O. U. M. era uma organização secretamente fascista, a soldo de Franco e Hitler.

Tal acusação é reiteradamente apresentada na imprensa comunista, em especial a partir do início de 1937. Ela faz parte da campanha mundial dos Partidos Comunistas contra o trotskismo", do qual se supõe que o P.O.U.M. fosse o representante na Espanha. De acordo com Frente Roja (jornal comunista de Valência), "o trotskismo não é uma doutrina política, mas uma organização capitalista oficial, uma quadrilha terrorista fascista que se ocupa com crimes e sabotagem contra o povo". O P .0. U . M. era uma organização "trotskista" em conluio com fascistas, e uma parte da "Quinta Coluna de Franco". O que se notava desde o início era que nenhuma prova ou indicação surgia para apoiar tal acusação, que era simplesmente proclamada com foros de autoridade. E o ataque se desferia com carga máxima de calúnia pessoal e irresponsabilidade completa quanto a quaisquer efeitos que pudesse ter sobre a guerra. Em comparação à tarefa de caluniar o P .0. U. M., muitos autores comunistas parecem ter considerado a revelação de segredos militares ao inimigo

como coisa menos importante. Em edição de fevereiro do Daily Worker, por exemplo, uma autora (Winifred Bates) teve permissão para afirmar que o P.O.U.M. mantinha em seu setor da linha de frente apenas a metade dos soldados que dizia ter. Isso não era verdade, mas presumia-se que a autora o acreditasse. Tanto ela quanto o Daily Worker estavam prontos, portanto, a entregar ao inimigo uma das informações mais importantes que se possa prestar pelas colunas de um jornal. No New Republic o Sr. Ralph Bates afirmou que "os soldados do P. O. U . M. estavam jogando futebol com os fascistas na terra de ninguém" em ocasião quando, a bem da verdade, os homens do P .O. U . M. sofriam numerosas baixas e muitos de meus amigos pessoais eram feridos e mortos. Havia também a charge malevolente com ampla circulação, a princípio em Madri e depois em Barcelona, representando o P .0. U . M. como retirando a mascará marcada com foice e martelo e revelando uma carantonha estampada com a cruz gamada. Se o Governo não estivesse virtualmente sob controle comunista, jamais seria permitida uma coisa assim em tempo de guerra. Tratava-se de um golpe deliberado, desfechado contra o moral não só da milícia do P.O.U.M,. mas de quaisquer outros elementos que estivessem próximos a ela, pois não se tem incentivo algum em ouvir que as tropas ao lado, em plena linha de frente, são formadas de traidores. A bem da verdade, duvido que a difamação atirada sobre os milicianos do P .0. U. M., e vinda da retaguarda, conseguisse abater-lhes o moral. Mas certamente visava isso, e os responsáveis por ela devem ser encarados como gente capaz de pôr a divergência política acima da unidade antifascista.

A acusação feita ao P .0. U.M. resumia-se no seguinte: que um conjunto com alguns milhares de pessoas, quase todas advindas da classe trabalhadora, além de numerosos simpatizantes e voluntários estrangeiros, em sua maioria refugiados de países fascistas, e milhares de milicianos, não passava de uma vasta organização de espionagem a soldo dos fascistas. Isso ia contra o bom senso, e a história passada do P.O.U.M. bastava para torná-lo inacreditável. Todos os dirigentes do P .0. U . M. tinham histórias revolucionárias em seu passado, e alguns participaram da revolta de 1934, e a maioria fora presa por atividades socialistas no Governo Lerroux ou na monarquia. Em 1936, seu dirigente, Joaquim Maurín, fora um dos deputados que alertara nas

Cortes a respeito da revolta iminente de Franco. Pouco depois da eclosão da guerra fora aprisionado pelos fascistas quando procurava organizar a resistência na retaguarda de Franco. Ao irromper a revolta, o P .0. U . M. desempenhara papel de relevo na resistência contra a mesma, e especialmente em Madri muitos de seus membros foram mortos nas lutas de rua. Fora uma das primeiras organizações a formar colunas de milicianos na Catalunha e Madri. Parece quase impossível explicar tais atividades como passos dados a soldo fascista. Um partido trabalhando pelos fascistas iria, simplesmente, engrossar o outro lado.

Tampouco existiu qualquer sinal de atividades favoráveis aos fascistas durante a guerra. Podia-se argumentar - embora eu não concordasse com isso, em exame final - que fazendo pressão por uma política mais revolucionária o P .0. U.M. dividia as forças do Governo e, assim, ajudava os fascistas; e acredito que qualquer Governo de tipo reformista estaria justificado em encarar um partido como o P .0. U . M. como tropeço. Mas isso é muito diferente de traição direta. Não há meio para explicar como, se o P .0. U . M. realmente fosse uma organização fascista, sua milícia permanecia leal e fiel. Ali estavam oito ou dez mil homens sustentando partes importantes da linha de frente durante as condições intoleráveis do inverno de 1936-37. Muitos deles estiveram nas trincheiras por quatro ou cinco meses seguidos, e torna-se difícil explicar o motivo por que não abandonaram a linha ou se bandearam para o inimigo. Sempre podiam fazê-lo, e o efeito seria decisivo na guerra. Mas continuaram lutando, e foi pouco depois do P .0. U . M. ser suprimido como partido político, quando o fato estava ainda bem fresco na memória de todos, que a milícia - ainda não redistribuída pelas unidades do Exército Popular - participou no ataque desastroso à parte oriental de Huesca, quando diversos milhares de homens foram mortos em questão de um ou dois dias. Era de se esperar, pelo menos, que existisse uma confraternização com o inimigo, e um gotejamento constante de desertores. Mas, como disse antes, o número de deserções se mostrava excepcionalmente baixo, Também seria de esperar propaganda pró-fascista, "derrotismo" e assim por diante, Mas não se percebia qualquer sinal dessas coisas, Está claro que deviam haver espiões fascistas e agents provocateurs no P.O.U.M., pois estavam plantados em todos os partidos esquerdistas, mas não se encontram

indicações de que ali seu número fosse maior do que em outras partes.

É verdade que alguns ataques da imprensa comunista afirmavam, de modo bastante relutante, que apenas os dirigentes do P.O.U.M. estavam a soldo dos fascistas, e não os membros comuns. Mas isso constituía apenas uma tentativa de separar os mesmos. A natureza das acusações implicava em que os membros comuns, milicianos e assim por diante, estavam todos envolvidos na trama, pois tornava-se óbvio que se Nin, Gorkin e os demais estivessem, realmente, a soldo do inimigo, seria mais provável que isso fosse sabido pelos seguidores, gente em contato permanente com eles, do que pelos jornalistas situados em Londres, Paris e New York, E seja lá como for, quando o P.O.U.M. foi suprimido a policia secreta controlada pelos comunistas agiu na suposição de que todos tinham culpa igual, e prendeu todos que estivessem ligados ao P. O. U . M. e que pudesse apanhar, inclusive os feridos, enfermeiras de hospital, esposas de membros do P .0. U . M. e, em alguns casos, até crianças.

Em 15-16 de junho, finalmente, o P,O.U.M. era suprimido e declarado organização ilegal. Foi um dos primeiros atos do Governo Negrín, que tomou posse em maio. Quando a Comissão Executiva do P .0. U . M. já estava presa, a imprensa comunista saiu-se com o que pretendia ser a descoberta de uma enorme trama fascista. Durante algum tempo, em todo o mundo, chamejou com essa história. O Daily Worker de 21 de junho resumia diversos jornais comunistas espanhóis, e afirmava o seguinte:

> TROTSKISTAS ESPANHÓIS CONSPIRAM COM FRANCO
>
> Em seguida à prisão de grande número dos principais trotskistas em Barcelona e outras partes da Espanha... tornaram-se conhecidos, no último fim de semana, os detalhes de uma das mais repelentes peças de espionagem já trazidas a público em tempo de guerra, e as mais horríveis revelações sobre a traição trotskista surgidas até hoje... Documentos em poder da polícia, juntamente com a plena confissão de mais de 200 pessoas presas, vieram provar, etc. etc.

O que tais revelações "provavam" era que os dirigentes do P .0. U. M, transmitiam segredos militares ao General Franco por meio do rádio, estavam em contato com Berlim e agiam em colaboração com a organização fascista secreta em Madri. Apresentavam-se, além disso, detalhes sensacionais a respeito de mensagens secretas escritas com tinta invisível, um documento misterioso e assinado com a letra "N" (de Nin), e assim por diante.

O resultado final, no entanto, era o seguinte: já transcorreram seis meses desde tais "revelações", e até ao momento em que escrevo estas linhas a maioria dos dirigentes do P.O.U.M. continua presa, mas não foi levada a julgamento, e as acusações de que eles se comunicavam com Franco pelo rádio, etc., jamais foram formuladas. Se realmente fizessem espionagem, seriam julgados e fuzilados numa semana, como acontecera a tantos espiões fascistas anteriormente. Mas não surgiu um único farrapo de prova, exceto as afirmações sem apoio, apresentadas pela imprensa comunista. Quanto às duzentas "plenas confissões" que, se existissem, seriam mais do que suficientes para condenar qualquer um, nunca mais se ouviu falar nelas. Constituíam, na verdade, duzentos esforços de imaginação de alguém.

E mais: a maioria dos membros do Governo espanhol negou acreditar nas acusações levantadas contra o P.O.U.M. Faz pouco tempo que o gabinete resolveu, por cinco votos contra dois, libertar os prisioneiros políticos antifascistas, e os dois votos contrários à medida foram dados pelos ministros comunistas. Em agosto uma delegação internacional chefiada por James Maxton M. P. foi à Espanha investigar as acusações ao P. O. U . M. e o desaparecimento de Andrés Nin. Prieto, o Ministro da Defesa Nacional, Irujo, o Ministro da Justiça, Zugazagoitia, Ministro do Interior, Ortega y Gasset, o Procurador-Geral, Prat Garcia, e outros, repudiaram unanimemente a crença de que os dirigentes do P . O. U. M. fossem culpados de espionagem. Irujo acrescentou que examinara todos os documentos, que nenhuma das chamadas provas agüentava exame, e que o documento do qual se afirmara estar assinado por Nin era "sem valor", isto é, uma falsificação. Prieto achava que os dirigentes do P .0. U . M. eram responsáveis pelas lutas de maio em Barcelona, mas rejeitava a idéia de que fossem espiões fascistas.

- O mais grave de tudo - acrescentou na ocasião - é que a prisão dos dirigentes do P.O.U.M. não foi coisa decidida pelo Governo, e a polícia a efetuou por sua própria conta. Os responsáveis por isso não são os chefes da polícia, mas os que os rodeiam, e que estão infiltrados pelos comunistas de acordo com seu hábito.

Citou outros casos de prisões ilegais feitas pela polícia, e também Irujo declarou que "a polícia se tornara semi-independente" e, na realidade, estava sob controle de elementos comunistas estrangeiros. Prieto deu claramente a entender, à delegação visitante, que o Governo não podia ofender o Partido Comunista enquanto os russos enviassem armas. Quando outra delegação, chefiada por John McGovern M. P. seguiu para a Espanha em dezembro, recebeu respostas bem parecidas às anteriores e Zugazagoitia, o Ministro do Interior, repetiu o que Prieto dissera e o fez em termos ainda mais claros:

- Temos recebido ajuda da Rússia e ternos permitido que certos atos se efetuem, embora não nos agradem.

Um bom exemplo da autonomia adquirida pela polícia está em sabermos que mesmo com uma ordem assinada pelo Diretor de Prisões e pelo Ministro da Justiça, McGovern e seus companheiros de delegação não conseguiram permissão para entrar numa das "prisões secretas" mantidas pelo Partido Comunista em Barcelona.(14)

Acredito que isso baste para esclarecer o assunto. A acusação de espionagem contra o P .0. U. M. apoiava-se apenas em artigos publicados pela imprensa comunista e nas atividades da polícia secreta, controlada pelos vermelhos. Os dirigentes do P .0. U . M., e centenas ou milhares de seus seguidores, continuam presos, e há seis meses que a imprensa comunista continua pedindo a execução dos "traidores". Mas Negrín e os demais mantiveram seu equilíbrio e recusaram-se a empreender um massacre geral de "trotskistas". Levando-se em conta a pressão exercida sobre eles, tal atitude é das mais admiráveis Enquanto isso, diante do que citei acima, torna-se muito difícil acreditar que o P. O. U. M. realmente fosse uma organização fascista de espionagem, a menos que se acredite também que Maxton, McGovern, Prieto, Irujo,

Zugazagoitia e os demais estivessem, todos eles, a soldo dos fascistas.

Finalmente, quanto à acusação de que o P .0. U. M. fosse "trotskista", tenho a dizer que tal adjetivo está sendo atirado para um e outro lado com liberdade cada vez maior, sendo utilizado de modo que se mostra extremamente enganoso e muitas vezes nada mais pretende do que iludir. Vale a pena pararmos um pouco e defini-lo. A palavra "trotskista" é utilizada para representar três coisas distintas:

(1) Aquele que, como Trotski, prega a "revolução mundial", contra "o socialismo num só pais". De modo mais frouxo, designa o extremista revolucionário.

(2) O membro da organização real da qual Trotski é o chefe.

(3) Um fascista disfarçado, que se apresenta como revolucionário e que age principalmente pela sabotagem na U. R. S.S. mas que, de um modo geral, divide e solapa as forças de esquerda.

No primeiro sentido, o P .0. U . M. provavelmente poderia ser descrito como trotskista. O mesmo ocorre, no entanto, à I.L.P. inglesa, à S.A.P. alemã, aos socialistas de esquerda na França, e assim por diante. Mas o P.O.U.M. não tinha qualquer ligação com Trotski ou com a organização trotskista ("bolchevista-leninista"). Ao irromper a guerra, os trotskistas estrangeiros que vieram à Espanha (quinze ou vinte ao todo) trabalharam inicialmente pelo P. O. U . M., por ser o partido mais próximo de sua própria opinião, mas sem tornarem-se membros do mesmo. Mais tarde Trotski ordenara a seus seguidores que atacassem a política do P .O. U. M., e eles eram expurgados dos cargos partidários, embora alguns continuassem na milícia, Nin, que era o dirigente do P. O. U. M. depois de Maurín ser capturado pelos fascistas, foi em certa ocasião o secretário de Trotski, mas o abandonara alguns anos antes e formara o P. O. U. M. pela fusão de diversos comunistas da oposição com um partido anterior, o Bloco de Trabalhadores e Camponeses. A ligação de Nin com Trotski em ocasião anterior foi utilizada pela imprensa comunista para mostrar que o P. O. U. M. era realmente trotskista. Pela mesma linha de argumentação podia-se demonstrar que o Partido Comunista inglês é uma organização fascista, devido à ligação que já

existiu entre o Sr. John Strachey e Sir Oswald Mosley.

No sentido da segunda definição, único que se ajusta de modo exato à palavra, decerto o P. O. U. M. não era trotskista. Mostra-se importante fazer a distinção, pois a maioria dos comunistas aceita com naturalidade que o trotskista no segundo sentido seja, invariavelmente, também trotskista no terceiro, isto é, que toda a organização trotskista não passa de uma rede fascista de espionagem. O "trotskismo" só chegou ao conhecimento do público por ocasião dos julgamentos por espionagem, feitos na Rússia, e chamar um homem de trotskista corresponde, praticamente, a chamá-lo de assassino, agent provocateur, etc. Ao mesmo tempo, porém, quem criticar a política comunista de um ponto de vista esquerdista poderá ser denunciado como trotskista. Haverá, nesse caso, alguém a afirmar que todos quantos professem o extremismo revolucionário estejam a soldo dos fascistas?

Na prática isso acontece, ou deixa de acontecer, conforme a conveniência local. Quando Maxton foi à Espanha com a delegação a que fiz referência antes, Verdad, Frente Roja e outros jornais comunistas espanhóis imediatamente o denunciaram como "trotskista", espião da Gestapo, e assim por diante. Os comunistas ingleses, no entanto, tiveram o cuidado de não repetir tal acusação. Na imprensa comunista britânica Maxton se torna apenas "um inimigo reacionário da classe trabalhadora", o que se mostra convenientemente vago. O motivo para tal brandura, é claro, está simplesmente em que diversas lições bem amargas proporcionaram à imprensa comunista inglesa um medo bem sadio à lei que pune calúnias. O fato da acusação não ser repetida num país onde teria de ser provada constitui confissão suficiente de que não passa de mentira.

Pode parecer que examinei as acusações lançadas contra o P .0. U . M. com mais extensão do que seria necessário. Comparado às misérias imensas de uma guerra civil, esse tipo de briga interna entre partidos, com suas injustiças inevitáveis e acusações falsas, pode parecer coisa trivial. Na verdade não é assim. Acredito que calúnias e campanhas jornalísticas desse tipo, bem como os hábitos mentais por elas indicados, possam causar os prejuízos mais fatais à causa antifascista, Quem já

houver examinado o assunto, com um só relance que seja, sabe que a tática comunista de enfrentar os adversários políticos mediante acusações infundadas não constitui novidade alguma. Hoje em dia a palavra é "trotskifascista", ontem foi "social-fascista". Há somente seis anos que os julgamentos promovidos pelo Estado russo "provaram" que os dirigentes da Segunda Internacional, incluindo entre outros Léon Blum e membros destacados do Partido Trabalhista inglês, estavam preparando uma trama imensa destinada à invasão militar da U. R. S.S. Ainda assim, em nossos dias, os comunistas franceses continuam satisfeitos por terem Blum por dirigente, e os comunistas ingleses estão movendo céus e terras para ingressarem no Partido Trabalhista. Duvido que tal tipo de coisa dê resultado, mesmo de um ponto de vista sectário. E enquanto isso, não pode restar qualquer dúvida quanto ao ódio e dissensão que a acusação de "trotski-fascista" está causando. Os comunistas subordinados, por toda a parte, são levados numa caça às bruxas destituída de sentido, à cata de "trotskistas" e partidos do tipo do P. O. U. M. repelidos de volta à posição terrivelmente estéril de serem meros partidos anticomunistas. Já vemos o início de uma divisão perigosa no movimento mundial da classe trabalhadora. Algumas calúnias a mais contra homens que por toda sua vida foram socialistas, mais algumas maquinações como as acusações lançadas ao P .O. U. M., e tal divisão poderá tornar-se irreparável. A única esperança está em manter a controvérsia política em plano no qual seja possível a discussão exaustiva. Entre os comunistas e os que estão ou afirmam estar à esquerda deles existe uma diferença verdadeira. Os comunistas sustentam que o fascismo pode ser derrotado pela aliança com seções da classe capitalista (a Frente Popular), enquanto seus oponentes afirmam que tal manobra serve apenas para proporcionar ao fascismo novos campos de cultura. A questão tem de ser resolvida e adotar a decisão errada poderá levar-nos a séculos inteiros de semi-escravidão. Mas enquanto nenhum outro argumento for apresentado, senão o grito de "trotski-fascismo!" a discussão nem sequer poderá ser iniciada. Ser-me-ia impossível, por exemplo, debater erros e acertos da luta de Barcelona com um membro do Partido Comunista, porque comunista nenhum - isto é, nenhum "bom" comunista - admitiria que eu tenha apresentado um relato fiel dos fatos. Se ele seguisse a "linha" partidária

fielmente, teria de afirmar que estou mentindo ou, quando muito, que estou irreparavelmente desorientado e qualquer um que examinasse as manchetes do Daily Worker, a mais de mil quilômetros do local dos acontecimentos conhece melhor o que houve em Barcelona do que eu. Em tais circunstâncias, não pode haver debate, pois não se conseguiria atingir o mínimo indispensável de acordo. Que propósito estará sendo servido ao dizer-se que homens como Maxton estão a soldo dos fascistas? Apenas o objetivo de tornar impossível o debate sério da questão. É como se, em meio a um torneio de xadrez, um dos competidores começasse repentinamente a gritar que o outro é culpado de felonia

12

Deve ter sido uns três dias após as lutas em Barcelona que regressamos à linha de frente. Depois daquela luta - e de modo mais particular após a troca de impropérios nos jornais - tornara-se difícil pensar naquela guerra do mesmo modo ingenuamente idealista de antes. Acredito que não exista quem tenha passado mais de algumas semanas na Espanha sem ficar desiludido, em grau maior ou menor. Meu espírito voltava ao correspondente de jornal com quem estivera no meu primeiro dia de Barcelona, e que me dissera: "Esta guerra é uma negociata igualzinha a qualquer outra", A observação me chocara profundamente, e naquela ocasião (dezembro) não acredito que fosse verdadeira, e tampouco o era mesmo agora, em maio, mas tornava-se mais e mais verídica a cada dia. O fato é que toda guerra sofre um tipo de deterioração gradativa a cada mês, pois coisas como a liberdade individual e a imprensa veraz simplesmente não são compatíveis com a eficiência militar.

Podia-se agora começar a calcular o que deveria acontecer. Era fácil ver que o Governo de Caballero seria derrubado e substituído por um outro Governo mais direitista, com influência comunista mais acentuada (o que ocorreu uma ou duas semanas depois), que partiria à destruição do poder dos sindicatos, de uma vez por todas. E em seguida, quando Franco estivesse derrotado - e pondo-se de lado os problemas imensos criados pela reorganização da Espanha - a perspectiva não era das melhores. Quanto às afirmações dos jornais, de que aquela era uma

"guerra pela democracia", eram pura cortina de fumaça. Ninguém com lucidez supunha haver qualquer esperança para a democracia, mesmo como a entendemos na Inglaterra ou França, num pais tão dividido e esgotado quanto estaria a Espanha ao encerramento do conflito. Teria de ser uma ditadura, tornando-se claro que a possibilidade de uma ditadura pela classe trabalhadora já fora ultrapassada. Isso significava que o movimento geral seria na direção de algum tipo de fascismo. Fascismo batizado, naturalmente, com nome mais bem educado - por estarmos na Espanha - e mais humano e menos eficiente do que as variedades alemã ou italiana. As únicas alternativas eram uma ditadura infinitamente pior, de Franco, ou (o que sempre era possível) que a guerra terminaria com a Espanha dividida, quer por fronteiras verdadeiras, ou em zonas econômicas.

Qualquer que fosse a solução, a perspectiva mostrava-se deprimente, mas daí não se seguia que o Governo deixasse de merecer defesa contra o fascismo mais descarado e desenvolvido de Franco e Hitler. Quaisquer que fossem os defeitos do Governo pós-guerra, o regime de Franco certamente seria pior. Para os trabalhadores - o proletariado urbano - poderia haver pouquíssima diferença em quem vencesse, mas a Espanha é país primordialmente agrícola e os camponeses quase com certeza seriam beneficiados pela vitória do Governo. Pelo menos algumas das terras tomadas continuariam em seu poder, caso em que haveria também uma distribuição no território que fora de Franco, e a servidão virtual que existira em certas partes da Espanha não deveria ser restaurada. O Governo estando com o controle ao final da guerra seria, de qualquer modo, anticlerical e antifeudal. Manteria a Igreja em seu lugar, pelo menos por algum tempo, modernizaria o pais, construindo estradas, por exemplo, e promovendo a educação e saúde pública. Em certa medida, isso fora levado a efeito até mesmo durante a guerra. Franco, por outro lado, na extensão em que não fosse apenas o fantoche da Itália e Alemanha, encontrava-se atado aos grandes latifundiários feudais e a favor de uma rígida reação clérico-militar. A Frente Popular poderia ser uma trapaça, mas Franco era um anacronismo. Apenas os milionários ou espíritos românticos podiam desejar sua vitória.

Havia, além disso, a questão do prestígio internacional do fascismo, que

por um ou dois anos anteriores estivera a perseguir-me como um pesadelo. Desde 1930 os fascistas tinham conquistado todas as vitórias, e era hora de levarem uma surra, fosse lá de quem fosse. Se pudéssemos atirar Franco e seus mercenários ao mar, isso talvez causasse uma melhoria imensa na situação mundial, ainda que a própria Espanha emergisse com uma ditadura opressora e todos os seus melhores homens na prisão. Bastava aquele motivo para justificar o ganharmos a guerra.

Era assim que eu via as coisas naquela ocasião. Posso dizer que tenho agora muito mais respeito ao Governo Negrín do que quando o mesmo subiu ao poder. Ele sustentou a luta difícil com coragem esplêndida, e demonstrou maior tolerância política do que todos esperavam. Mas ainda creio que - se a Espanha não se dividir, com conseqüências imprevisíveis - a tendência do Governo após a guerra deverá ser fascista. Mais uma vez apresento essa opinião, e corro o risco de que o tempo faça comigo o que tem feito com a maioria dos profetas.

Mal chegáramos à linha de frente e soubemos que Bob Smillie, já de volta para a Inglaterra, fora detido na fronteira, levado a Valência e atirado numa prisão. Smillie estivera na Espanha desde outubro e trabalhara diversos meses na direção do P. O. U . M., tendo então ingressado na milícia ao chegarem os demais membros da I. L. P., sob o entendimento de que serviria três meses no front antes de regressar à Inglaterra para participar numa tournêe propagandística. Levou algum tempo para descobrirmos o motivo de sua prisão. Estava incomunicável, de modo que nem os advogados podiam vê-lo. Na Espanha não existe - pelo menos na prática - a instituição do habeas-corpus, e pode-se mofar na prisão meses seguidos sem ao menos saber qual a acusação, e muito menos ser julgado. Finalmente ficamos sabendo, por intermédio de um prisioneiro libertado, que Smillie fora preso por "carregar armas". As "armas", como eu sabia, eram duas granadas de mão, do tipo primitivo utilizado no inicio da guerra, e que ele levava para a Inglaterra a fim de mostrá-la em suas palestras e conferências, juntamente com os fragmentos de granadas e outras lembranças. As cargas explosivas e as espoletas foram retiradas dos petardos, que eram apenas cilindros de aço inteiramente inofensivos. Tornava-se óbvio que isso constituía

apenas um pretexto, e que ele fora preso devido à sua conhecida ligação com o P. O. U. M. As lutas em Barcelona chegavam a seu fim, e naquele momento as autoridades mostravam-se extremamente aflitas por não deixar que ninguém saísse da Espanha, caso estivesse em condições de contradizer a versão oficial dada às mesmas. Como resultado, qualquer um podia ser preso na fronteira por motivos mais ou menos frívolos. É bem possível que a intenção, inicialmente, fosse apenas deter Smillie por uns dias, mas o problema é que na Espanha, depois de estar-se preso, em geral fica-se preso, com ou sem julgamento.

Ainda estávamos em Huesca, mas mandaram-nos mais para a direita, em frente ao reduto fascista que capturamos temporariamente algumas semanas antes. Eu agia agora como teniente - o que corresponde a segundo-tenente no Exército inglês - e estava no comando de uns trinta homens, ingleses e espanhóis. Indicaram meu nome para uma comissão regular, e não se sabia se haveria aprovação. Anteriormente os oficiais milicianos negaram-se a receber comissões regulares, o que representava mais dinheiro e entrava em choque com as idéias igualitárias da milícia, mas eram agora obrigados a aceitar. Benjamin já tivera o nome publicado oficialmente como capitão, e Kopp estava a caminho de tornar-se major. O Governo, naturalmente, não podia dispensar os oficiais da milícia, mas não confirmava qualquer um deles em patente superior à de major, sendo de presumir que o fazia para reservar os comandos superiores para oficiais do Exército regular e os novos oficiais da Escola de Guerra. Como resultado, em nossa divisão (a Vigésima-Nona) e com certeza em muitas outras, tinha a situação curiosa na qual o comandante-de-divisão, os de brigadas e os de batalhão eram, todos eles, majores.

Não havia grandes acontecimentos no front. A batalha ao redor da estrada para Jaca terminara e não recomeçou senão em meados de junho. Em nossa posição o problema maior eram os franco-atiradores. As trincheiras fascistas estavam a mais de cento e cinqüenta metros de distância, mas encontravam-se em terreno mais alto e em dois lados nossos, com nossa linha formando um ângulo reto enfiado na deles. A ponta dessa saliência era lugar perigoso, e sempre houvera certo número de baixas ali, causadas por atiradores inimigos. De quando em

vez os fascistas nos atiravam uma granada de fuzil, ou arma semelhante. Ela fazia um estrondo medonho - e amedrontador, pois não dava para ouvi-la ainda a caminho e a tempo de nos protegermos - mas não constituía grande perigo, pois o buraco que abria no chão não era maior do que uma banheira. As noites mostravam-se agradavelmente mornas, os dias muito quentes, os mosquitos começavam a tornar-se uma amolação e a despeito das roupas limpas que trouxemos de Barcelona ficamos quase imediatamente tomados pelos piolhos. Lá nos pomares abandonados, na terra de ninguém, as cerejas embranqueciam nas árvores. Houve chuva torrencial por dois dias, os abrigos ficaram inundados, o parapeito abaixou um palmo. Depois disso vieram mais dias de cavar a argila pegajosa com aquelas desajeitadas pás espanholas, que não têm cabo e se dobram como colheres de estanho.

Prometeram-nos um morteiro de trincheira para a companhia, e eu o aguardava com grande animação. A noite fazíamos as patrulhas de costume - mais perigosas do que antes, pois as trincheiras fascistas achavam-se mais bem guarnecidas e eles estavam mais alerta, tendo espalhado latas vazias pela parte externa do arame farpado, costumando abrir fogo com as metralhadoras ao ouvirem alguma delas "cantar". Durante o dia abríamos fogo lá da terra de ninguém. Rastejando uns cem metros podíamos chegar a uma vala, oculta pela grama alta, que ficava acima de uma lacuna no parapeito fascista. Preparamos um apoio para fuzil na vala, e quem esperasse tempo suficiente veria uma figura envergando uniforme cáqui passar apressadamente por aquele espaço.

Fiz diversos disparos em tais condições, e não sei se acertei alguém, mas é muito improvável, pois minha pontaria é ruim com fuzil. A coisa, no entanto, mostrava-se bastante divertida, os fascistas não sabiam de onde vinham os tiros, e eu achava que mais cedo ou mais tarde apanharia um deles. O diabo é que aconteceu o contrário - um deles é que me apanhou. Eu estivera uns dez dias na linha de frente quando isso aconteceu. O que se sente quando atingido por bala é muito interessante, e acredito que valha a pena pormenorizar aqui.

Eu estava no canto do parapeito, às cinco horas da manhã. Era sempre uma hora perigosa, pois tínhamos o sol surgindo às nossas costas, e

quem pusesse a cabeça acima do parapeito ficava claramente delineado contra o céu. Conversava com as sentinelas, antes de trocar a guarda. De repente, quando dizia alguma coisa aos mesmos, senti... É muito difícil descrever o que senti, embora relembre tudo com a maior clareza.

Por assim dizer, era a sensação de estar no meio de uma explosão. Pareceu-me que houvera um estouro e um relâmpago de luz ofuscante ao meu redor, e senti um choque tremendo - dor nenhuma, apenas um choque violento, como o que se recebe de um fio elétrico. E sobreveio uma sensação de fraqueza absoluta, de ter sido batido e reduzido a nada. Os sacos de areia à minha frente recuaram para distância enorme. Acredito que se sinta coisa bem parecida caso um raio nos atinja. Sabia instantaneamente que fora atingido, mas por causa do que me parecera o estampido e relâmpago, achei que fora um fuzil por perto que disparara acidentalmente e me atingira. Tudo isso ocorreu em espaço de tempo muito inferior a um segundo. No momento seguinte meus joelhos cediam e eu caía, batendo com a cabeça no chão com muita força e isso, para meu alívio, não doeu. Encontrava-me tomado por uma sensação embotada e estonteada, a consciência de estar seriamente ferido, mas dor nenhuma, no sentido comum.

A sentinela norte-americana com quem estivera falando adiantou-se para mim.

- Puxa! Você está ferido?

Formou-se um grupo de pessoas ao meu redor, bem como a agitação comum a essas ocasiões.

- Levantem o homem! Onde está ferido? Abram a camisa dele! Etc. etc.

O norte-americano pediu uma faca para abrir minha camisa. Eu sabia ter uma no bolso e tentei apanhá-la, mas descobri que o braço direito estava sem movimentos. Não sentindo dor alguma, fui tomado por certa satisfação. Aquilo certamente ia agradar minha mulher, estava pensando. Ela sempre quisera que eu fosse ferido, o que impediria minha morte quando chegasse a grande batalha. Somente agora é que me ocorria perguntar onde fora atingido, e se era coisa grave; eu não

sentia coisa alguma, mas estava cônscio de que a bala me pegara em algum lugar na parte dianteira do corpo. Quando tentei falar, descobri que perdera a voz e só conseguia emitir um guincho dos mais débeis, mas na segunda tentativa tive êxito em perguntar onde estava ferido. Na garganta, disseram. Harry Webb, nosso padioleiro, trouxera uma atadura e uma garrafinha de álcool das que nos davam para providenciar primeiros socorros. Enquanto me suspendiam, saiu bastante sangue por minha boca, e atrás de mim um espanhol disse que a bala atravessara meu pescoço de um lado a outro. Senti o álcool, que em ocasião comum teria ardido como o diabo, mas que agora embebia o ferimento com agradável frieza.

Puseram-me novamente no chão, enquanto alguém apanhava uma padiola. Assim que soube que a bala atravessara o pescoço de fora a fora, achei naturalíssimo que ia morrer. Jamais ouvi falar em homem ou animal que recebesse uma bala pelo meio do pescoço e conseguisse sobreviver. O sangue escorria pelo canto da boca, e cá comigo pensei: "Lá se foi a artéria!" Fiquei a imaginar quanto tempo alguém dura quando a carótida é cortada; não deviam ser muitos minutos. Tudo estava muito confuso. Devem ter transcorrido uns dois minutos nos quais pensei estar morto. E também isso foi muito interessante, quer dizer, é interessante saber quais seriam os pensamentos numa hora daquelas. Meu primeiro pensamento, coisa bastante convencional, foi para minha mulher. O segundo foi o rancor violento por ter de deixar este mundo que, diga-se lá o que disserem, para mim é muito agradável. Tive tempo de sentir isso com muita vividez. O caráter fortuito e estúpido da coisa enchia-me de fúria. A falta de sentido naquilo tudo! Ser liquidado, nem mesmo em batalha, mas naquele canto sujo de trincheira, por causa do descuido de um instante! Pensava, também, no homem que me acertara - se era espanhol ou estrangeiro, sua aparência, se sabia que me acertara, e assim por diante. Não conseguia sentir qualquer raiva dele. Achava que, sendo ele um fascista, eu teria dado cabo de seu canastro, se pudesse, mas que se ele fosse aprisionado e trazido ali, naquele instante, eu simplesmente lhe teria dado parabéns pelo belo tiro. Pode ser, porém, que quem realmente esteja morrendo tenha pensamentos muito diferentes.

Mal me puseram na padiola e meu braço paralisado voltou à vida e começou a doer miseravelmente. Naquela ocasião imaginei que o quebrara quando caíra ao chão, mas a dor trouxe reconforto, pois eu sabia que as sensações não se fazem mais agudas quando alguém está morrendo. Comecei a achar-me mais normal e a ter pena dos quatro pobres-diabos que suavam e escorregavam, carregando a padiola nos ombros. Era uma caminhada de dois quilômetros até à ambulância, e um estirão pavoroso, passando por trilhas cheias de buracos e escorregadias. Eu sabia como isso era duro, tendo ajudado a carregar um ferido na véspera ou antevéspera. As folhas dos choupos prateados que, em alguns pontos beiravam nossas trincheiras, roçavam em meu rosto, e achei bom estar vivo num mundo onde cresciam choupos prateados. Por todo aquele tempo, no entanto, a dor no braço era infernal, fazendo-me praguejar e depois tentar parar com isso, pois sempre que o fazia o sangue borbulhava e caía pela boca.

O médico pôs mais ataduras no ferimento, deu-me uma dose de morfina e mandou que me levassem para Sietamo. Os hospitais em Sietamo eram barracões de madeira, construídos às pressas, onde os feridos ficavam, via de regra, apenas algumas horas antes de serem mandados para Barbastro ou Lerida. Eu me sentia banzeiro por causa da morfina, mas a dor continuava acentuada, achava-me praticamente incapaz de fazer qualquer movimento, e engolia sangue todo o tempo. Era bem típico de hospitais espanhóis o fato de que, enquanto estive nesse estado, a enfermeira tentasse enfiar a refeição regulamentar do hospital - um enorme prato de sopa, ovos, ensopado gorduroso e assim por diante - por minha garganta abaixo, e parecesse surpresa quando me recusei a ingerir aquilo. Pedi um cigarro, mas estávamos atravessando um dos períodos de falta absoluta do artigo, e não se achou um só em todo o lugar. Não tardou para que dois camaradas, tendo obtido licença para deixarem a linha de frente por algumas horas, surgissem ao lado de minha cama.

- Olá! Está vivo, não é? Ótimo! Queremos seu relógio, seu revólver e sua lanterna elétrica. E mais a faca, se tiver.

Saíram dali com todos os meus pertences portáteis. Sempre acontecia

isso quando alguém era ferido - tudo quanto possuía era logo dividido, e nada mais justo, pois os revólveres, relógios e objetos assim constituíam preciosidades na linha de frente, e se percorressem a linha com pertences de um ferido certamente seriam roubados em algum ponto.

A noite já se acumulara uma quantidade suficiente de doentes e feridos para lotar algumas ambulâncias, e eles nos mandaram para Barbastro. Que viagem! Costumava-se dizer que naquela guerra a coisa ia bem para quem fosse ferido nas extremidades, mas sempre morria quem estivesse ferido no abdômen. Agora compreendo por quê. Ninguém que pudesse sangrar internamente conseguiria sobreviver àquela distância de solavancos sobre estradas que foram reduzidas a pedaços por caminhões pesados e jamais consertadas desde o início da guerra. Cataprus, cataprás upa! Aquilo me fez voltar à infância e a uma coisa assustadora, chamada o Wiggle-woggle ("sacode-balança") na Feira da cidade. Esqueceram-se de nos amarrar às padiolas. A mim restava força suficiente no braço esquerdo para segurar-me no leito, mas um pobre-diabo foi atirado ao chão e sofreu agonias que só Deus sabe. Um outro, capaz de andar e que estivera sentado no canto da ambulância, vomitou. O hospital em Barbastro estava muito cheio, as camas postas tão perto umas das outras que quase se encostavam. Na manhã seguinte eles puseram bom número dos pacientes no trem-hospital, e nos enviaram para Lerida.

Estive cinco ou seis dias em Lerida. Lá ficamos num hospital grande, com doentes, feridos e pacientes civis comuns mais ou menos juntos. Alguns dos internados em minha enfermaria tinham ferimentos horríveis. Na cama a meu lado encontrava-se um rapaz de cabelos pretos que sofria de alguma doença e recebia remédio que tornavam sua urina verde-esmeralda. Seu urinol era uma das coisas a serem vistas na enfermaria. Um comunista holandês e que falava inglês, sabedor de que havia um cidadão britânico no hospital, veio fazer camaradagem comigo e trouxe jornais da Inglaterra. Ficara terrivelmente ferido na luta de outubro, e de algum modo conseguira estabelecer-se no hospital de Lerida, tendo-se casado com uma das enfermeiras. Graças ao seu ferimento, uma das pernas murchara até tornar-se tão grossa quanto meu braço. Dois milicianos em licença, que eu ficara conhecendo na

primeira semana passada na linha de frente, vieram visitar um amigo ferido e me reconheceram, Eram rapazes com seus dezoito anos de idade. Ficaram ao lado de minha cama, desajeitados, pensando no que podiam dizer, e depois, para demonstrar seu pesar pelo meu ferimento, tiraram dos bolsos todo o fumo que tinham, deram-no a mim e sairam às pressas, para que eu não lhes pudesse devolver o presente. Foi atitude tipicamente espanhola. Mais tarde eu verificaria que não era possível achar fumo em parte alguma da cidade, e que eles me deram toda ração de uma semana.

Depois de alguns dias consegui levantar-me e andar por ali, com o braço na tipóia. Doía muito mais quando o baixava. Por algum tempo senti também muita dor interna devido ao machucado resultante da queda, e minha voz desaparecera quase por completo, mas não houve um só instante de dor causado pelo ferimento da bala, propriamente dito. Parece ser o comum em casos assim. O choque tremendo que a bala causa impede a sensação local, e um fragmento de granada ou bomba, que é irregular e em geral atinge a pessoa com menos força, provavelmente doeria como o diabo, Havia um aprazível jardim no terreno do hospital, e nele um tanque com peixes dourados e alguns outros cinzento-escuros - alburnetes, talvez. Eu costumava ficar ali sentado a olhá-los, horas seguidas. O modo de fazer as coisas em Lerida proporcionava-me uma visão do sistema hospitalar na frente de Aragón, e não sei se acontecia o mesmo nas outras frentes de luta. Os hospitais eram muito bons. Os médicos mostravam-se competentes, e não parecia haver falta de remédios e equipamento. Mas havia duas falhas graves devido às quais não tenho dúvidas que centenas ou milhares de homens morreram, quando poderiam ter sido salvos,

Uma era o fato de que todos os hospitais próximos à linha de frente eram usados mais ou menos como pontos de triagem das baixas. O resultado era que não se recebia tratamento ali, a menos quem estivesse ferido demais para ser transportado. Em teoria, a maioria dos feridos era enviada diretamente a Barcelona ou Tarragona, mas devido à falta de transporte levava-se muitas vezes uma semana ou dez dias para chegar lá. Os feridos eram mantidos na espera por volta de Sietamo, Barbastro, Monzon, Lerida e outros lugares, e enquanto isso não recebiam qualquer

tratamento, exceto uma limpeza ocasional de ataduras, e às vezes nem isso. Homens com ferimentos horríveis causados por granadas, ossos partidos e assim por diante, eram envoltos numa espécie de couraça feita de ataduras e gesso, sobre a qual escreviam uma descrição do ferimento, e via de regra essa couraça não era removida até que o paciente chegasse a Barcelona ou Tarragona, dez dias depois. Era quase impossível ter o ferimento examinado no mesmo dia de chegada, e os poucos médicos existentes não podiam dar conta da tarefa, e simplesmente passavam às pressas pelos leitos dos pacientes, dizendo-lhes:

- Sim, sim, eles o tratarão em Barcelona.

Sempre circulavam boatos de que o trem-hospital partiria para Barcelona mañana. A outra falha era a falta de enfermeiras competentes. Parecia não haver qualquer número delas na Espanha, talvez porque antes da guerra esse serviço era desempenhado principalmente por irmãs de caridade e freiras. Não tenho queixas contra as enfermeiras espanholas, que sempre me trataram com a maior bondade, mas não resta dúvida de que eram tremendamente ignorantes. Todas sabiam tomar a temperatura, outram saíam-se muito bem na colocação de ataduras, mas era quase só isso. O resultado era que os homens feridos demais para se defenderem viam-se muitas vezes vergonhosamente negligenciados. As enfermeiras deixavam um homem ficar constipado por toda uma semana, e raramente lavavam os que se encontravam fracos demais para fazê-lo sozinhos. Lembro-me de um pobre coitado com braço estraçalhado a contar que passara três semanas sem que lhe lavassem o rosto. Até as camas ficavam sem arrumar por dias seguidos. A comida, em todos os hopistais, era muito boa - boa demais, até. Mais ainda na Espanha do que em qualquer outro pais a tradição parece ser a de empanturrar os doentes com comida pesada. Em Lerida as refeições eram uma coisa louca. O desjejum, por volta das seis da manhã, compunha-se de sopa, omelete, ensopado, pão, vinho branco e café, e o almoço era maior ainda - e isso numa época quando a maior parte da população civil se encontrava seriamente desnutrida. Os espanhóis parecem não conhecer uma dieta leve - e vinham sempre os mesmos pratos gordurosos, com tudo empapado em azeite.

Certa manhã foi anunciado que os homens em minha enfermaria deveriam ser mandados a Barcelona naquele dia. Consegui enviar um telegrama à minha mulher, dizendo-lhe que estava a caminho, e logo eles nos levaram de ônibus, tocando para a estação. Foi somente quando o trem já partia que o ordenança do hospital, viajando em nossa companhia, disse de modo casual que não íamos para Barcelona, mas Tarragona. Acho que o maquinista mudara de idéia. "Bem espanhol!" pensei. Mas também foi bem espanhol que eles concordassem em reter o trem enquanto eu enviava outro telegrama, e mais espanhol ainda o fato de que o mesmo jamais chegou à destinatária.

Puseram-nos em carros de terceira classe, com bancos de madeira, e muitos dos homens estavam bastante feridos e deixaram o leito pela primeira vez aquela manhã. Não tardou que, com o calor e os solavancos, metade estivesse em estado de colapso e diversos vomitassem no chão. O ordenança do hospital andava em meio aos corpos espalhados por toda a parte, levando uma grande bolsa de água, feita com pele de cabra, que espirrava nesta ou naquela boca. Era uma água repulsiva, e ainda me lembro de seu paladar. Chegamos a Tarragona quando o sol se punha. O leito ferroviário percorre a costa a pouca distância do mar, e enquanto nosso comboio chegava à estação partia de lá um trem de tropas, cheio de homens da Coluna Internacional, havendo um bolo de pessoas na plataforma a lhes acenar. Era um trem muito comprido, inteiramente lotado de homens, com canhões nas gôndolas e mais homens em torno às peças de artilharia. Lembro-me com especial clareza daquele espetáculo que era o trem passando à luz amarelada do entardecer, janelas após janelas repletas de rostos morenos e sorridentes, os longos canos dos canhões, cachecóis escarlates a tremular ao vento, tudo isso a deslizar perto de nós contra um pano de fundo azul-turquesa que era o mar.

-Extranjeros - disse alguém. - São italianos.

Não podia haver dúvida de que fossem italianos, pois nenhum outro povo poderia ter-se agrupado de modo tão pitoresco, ou respondido aos acenos da multidão com tanta graça - graça que não era menor pelo fato de metade deles estar bebendo diretamente nas garrafas de vinho

voltadas para cima. Mais tarde ficamos sabendo que eram alguns dos soldados que obtiveram a grande vitória de Guadalajara em março. Estiveram em licença e viam-se transferidos agora para a frente de Aragón. Receio que a maioria tenha morrido em Huesca, poucas semanas depois. Em nosso trem, aqueles que tinham forças para isso puseram-se às janelas para saudar os italianos. Uma muleta era sacudida pela janela, em saudação, e braços enfaixados faziam o cumprimento comunista. Era como um quadro alegórico da guerra, uma composição ferroviária cheia de homens orgulhosamente a caminho da frente de luta, os homens feridos e aleijados a chegar lentamente, e por todo esse tempo os canhões nas gôndolas abertas, fazendo os corações palpitar como sempre fazem, e revivendo aquele sentimento pernicioso, do qual é tão difícil livrar-se, de que a guerra é mesmo uma coisa gloriosa, afinal de contas.

O hospital em Tarragona era bem grande, e estava cheio de feridos vindos de todas as frentes. Que ferimentos podia-se ver ali! Empregavam ali um certo modo de tratar ferimentos que suponho estivesse de acordo com a prática médica mais adiantada, mas particularmente horrível de ver. Consistia em deixar o ferimento inteiramente aberto e sem ataduras, mas protegido das moscas por fina rede de tecido, esticada sobre arames. Pela rede dava para ver o ferimento entreaberto e semifechado. Havia um homem ferido no rosto e garganta, que tivera a cabeça posta dentro de uma espécie de capacete esférico, feito do mesmo tecido; sua boca estava fechada, e ele respirava por meio de um tubo pequeno, posto entre os lábios. O pobre-diabo parecia muito sozinho, andando de um para outro lado e olhando-nos por aquela gaiola de rede, incapaz de falar. Estive três ou quatro dias em Tarragona. Recuperava as forças e certo dia, movendo-me devagar, consegui descer até à praia. Era estranho a vida litorânea prosseguindo quase como de costume, os cafés elegantes ao longo do passeio e a roliça burguesia do lugar a tomar banho de mar e sol em cadeiras preguiçosas, como se não existisse guerra alguma naquela parte do mundo. Ainda assim, vi um banhista afogar-se, proeza que julguei impossível naquele mar raso e quente.

Oito ou nove dias depois de deixar a linha de frente é que, afinal, meu

ferimento foi examinado. Na cirurgia onde os casos recém-chegados eram vistos, médicos com tesouras enormes abriam as couraças de gesso onde foram enfiados os homens com costelas partidas e outros ossos quebrados, nas estações de primeiros cuidados situadas perto da linha de combate, e pelo buraco destinado ao pescoço, naquelas carapaças grandes e mal feitas, como que se estendiam os rostos aflitos, sujos e com a barba de toda uma semana. O médico, homem bem apessoado e gestos rápidos, fez-me sentar numa cadeira, apanhou a ponta de minha língua com um pedaço de gaze, puxou-a até onde possível, enfiou um espelhinho de dentista pela minha garganta e ordenou que eu dissesse "Eh!". Depois de repetir o processo até que minha língua sangrasse e os olhos marejassem com lágrimas, declarou que uma corda vocal estava paralisada.

- E quando vou recuperar a voz? - indaguei.

- Sua voz? Ora, jamais ela voltará! - respondeu com tom dos mais animados.

Enganou-se, no entanto, como verifiquei mais tarde. Por uns dois meses não consegui falar mais alto do que num murmúrio, mas depois disso minha voz se tornou normal de modo bastante repentino, tendo havido uma "compensação" por parte da outra corda vocal. A dor em meu braço era devida ao fato de que a bala perfurara uma porção de nervos em minha nuca. Vinha em pontadas, como a nevralgia, e continuou a apresentar-se por mais ou menos um mês, especialmente à noite, de modo que eu não conseguia dormir muito. Os dedos da mão direita também se encontravam semiparalisados e ainda agora, cinco meses após, meu indicador continua entorpecido, efeito bem curioso para um ferimento no pescoço.

De certo modo meu ferimento era curiosidade e diversos médicos o examinaram, estalando bastante as línguas e dizendo "Que suerte! Que suerte!" Um deles, com ar de autoridade, declarou-me que a bala deixara de cortar a artéria por "perto de um milímetro". Não sei como pôde ver isso. Nenhum dos que conheci nessa ocasião - médicos, enfermeiros, practicantes ou colegas pacientes - deixou de me asseverar que um homem atingido por bala que lhe atravesse o pescoço, sobrevive, é a

mais afortunada das criaturas. E eu não conseguia deixar de achar que seria sorte ainda maior o não ser atingido.

13

Em Barcelona, por todas aquelas últimas semanas que ali passei, reinava no ar a atmosfera particularmente má de suspeita, medo, incerteza e ódio velado. As lutas de maio deixaram marcas indeléveis. Ao cair o Governo Caballero, os comunistas entraram definitivamente no poder, a incumbência de manter a ordem interna fora entregue a seus ministros, e ninguém duvidava de que os mesmos destruiriam seus rivais políticos assim que dispusessem de alguma oportunidade para isso. Naquele interregno nada acontecia, eu próprio não formara qualquer quadro mental do que ia suceder, mas mesmo assim encontrava o sentimento constante e vago de perigo, a consciência de que algo ruim nos rondava. Por menos que se estivesse realmente conspirando, a atmosfera nos obrigava a sentir que éramos conspiradores. O tempo era pouco para manter conversas sussurradas nos cantos dos cafés, ou para imaginar se o sujeito sentado à mesa do lado não era um espião da polícia.

Graças à censura da imprensa, circulavam boatos sinistros de todos os tipos. Um deles afirmava que o Governo Negrin-Prieto planejava encerrar a guerra mediante acordo com os fascistas. Naquela ocasião inclinei-me a dar ouvido, pois o inimigo aproximava-se de Bilbao e o Governo, de modo bem claro, nada fazia para salvar aquela cidade. Em Barcelona as bandeiras bascas esvoaçavam por toda a parte, moças sacudiam as latas de coleta nos cafés, e ouvíamos as irradiações costumeiras a respeito dos "defensores heróicos", mas os bascos não recebiam qualquer ajuda verdadeira. Era tentador acreditar que o Governo estivesse jogando com pau de dois bicos, e mais tarde os fatos demonstraram que eu me enganara redondamente nesse particular, mas parece provável que Bilbao seria salva, se alguém demonstrasse um pouco mais de energia. Uma ofensiva na frente de Aragón, até mesmo sem êxito, teria forçado Franco a desviar parte de seu exército, e o fato é que o Governo não iniciou qualquer ação ofensiva senão quando já era tarde demais - na verdade somente o fez quando Bilbao caiu. A C.N.T.

distribuía grande número de folhetos onde afirmava: "Estejam em guarda!" e insinuava que um certo partido (significando os comunistas) estava tramando um golpe de estado. Prevalecia, também, o medo generalizado de que invadissem a Catalunha. Em época anterior, quando regressamos ao front, eu vira as defesas poderosas que se construía por muitos quilômetros de extensão, por trás da linha de combate, e em Barcelona cavavam novos abrigos contra bombas. Eram freqüentes os sustos causados pela ameaça de incursões aéreas ou navais inimigas; na maioria das vezes tratava-se de alarme falso, mas sempre que as sereias gemiam as luzes se apagavam em toda a cidade, por horas seguidas, e os mais tímidos corriam aos porões. Os espiões da polícia encontravam-se por toda a parte, e as cadeias continuavam abarrotadas de prisioneiros feitos nas lutas de maio, enquanto outros elementos - sempre anarquistas e adeptos do P. O. U. M., naturalmente - desapareciam das ruas para as prisões, aos pares ou um por um. Até onde se sabia, nenhum deles era julgado ou mesmo acusado - ainda que de coisa tão definida quanto o "trotskismo". O cidadão era simplesmente atirado à prisão e mantido lá, geralmente incomunicável. Bob Smillie continuava preso em Valência, e nada pudemos descobrir a seu respeito, exceto que tanto o representante local da I. L. P. quanto o advogado contratado para o caso não conseguiram permissão para vê-lo. Os estrangeiros da Comuna Internacional e demais milícias davam com os costados nas cadeias, em número cada vez maior. Via de regra eram presos como desertores, sendo típico da situação geral o fato de que ninguém soubesse com certeza se o miliciano era voluntário ou soldado regular. Alguns meses antes todos que ingressavam na milícia sabiam ser voluntários, e que poderiam, se assim o desejassem, receber os documentos de baixa a qualquer época na qual entrassem em licença. Já agora parecia que o Governo mudara de idéia, o miliciano era soldado regular e seria considerado desertor caso quisesse ir embora. Até mesmo sobre esse ponto, no entanto, não havia grande certeza. Em algumas partes do front as autoridades continuavam dando baixa aos homens. Na fronteira, essas baixas eram às vezes reconhecidas, de outras não, caso em que o elemento via-se imediatamente atirado na cadeia. Mais tarde o número de "desertores" estrangeiros atingiu centenas, mas a maioria foi repatriada depois de ser feito algum barulho

em seus países de origem.

Turmas de Guardas de Assalto, bem armados, percorriam as ruas, os Guardas Civis continuavam retendo os cafés e outros edifícios em pontos estratégicos, e muitos dos edifícios do P .S. U . C. encontravam-se defendidos por sacos de areia e barricadas. Em diversos pontos da cidade havia postos guarnecidos por Guardas Civis ou Carabineiros, que detinham os transeuntes e exigiam-lhes os documentos. Todos me preveniram para que não mostrasse o cartão de miliciano do P .0. U. M., mas apenas o passaporte e bilhete de hospital. Até o fato de ter servido na milícia do P. O. U. M. mostrava-se vagamente perigoso. Seus milicianos que foram feridos ou estavam de licença eram castigados de modo mesquinho - tornavam-lhes difícil, por exemplo, receberem seu pagamento. La Batalla continuava saindo, mas a censura quase a eliminara de vez e Sotidaridad, bem como os outros jornais anarquistas, também se achavam sob forte censura. Surgira nova determinação, no sentido de que a matéria censurada nos jornais não devia ser apresentada como espaço em branco nos mesmos, mas preenchida com outra, de modo que muitas vezes era impossível dizer se alguma coisa fora eliminada.

A escassez de gêneros alimentícios, que oscilara por toda a guerra, encontrava-se num de seus períodos ruins. Faltava o pão e as variedades mais baratas do artigo eram adulteradas com arroz; o pão recebido pelos soldados nos quartéis era uma coisa horrível, parecendo massa de vidraceiro. O leite e o açúcar mostravam-se muito escassos e o fumo quase inexistente, a não ser pelos cigarros contrabandeados e caros. Era aguda a falta de azeite, que os espanhóis usam para diversos fins. As filas de mulheres à espera para comprar azeite eram controladas por Guardas Civis a cavalo, que às vezes se divertiam fazendo os animais recuarem sobre a fila e procurando levá-los a pisá-las. Um dos aborrecimentos menores da ocasião era a falta de troco. A prata fora retirada, e nenhuma outra cunhagem de moedas surgira, de modo que não havia valor divisionário entre a moeda de dez cêntimos e a nota de duas e meia pesetas, ao mesmo tempo em que todas as notas abaixo de dez pesetas mostravam-se muito raras (15) . Para as pessoas mais pobres isso representava maior escassez de gêneros, e quem tivesse

uma só nota de dez pesetas poderia ter de esperar horas a fio, numa fila, para poder chegar à mercearia e não comprar coisa alguma, pois o vendeiro não dispunha de troco.

Não é fácil dar idéia da atmosfera de pesadelo daquela época - a inquietação peculiar produzida por boatos sempre mudando, os jornais censurados e a presença constante de homens armados. Não é fácil porque, no momento, não existe na Inglaterra o ingrediente essencial para tal atmosfera. Na Inglaterra ainda não se encara com naturalidade a intolerância política, e existe a perseguição política de um modo mesquinho - se eu fosse mineiro, não gostaria que o patrão soubesse que eu era comunista - mas o "bom partidário", o gramofone-gangster da política continental européia, constitui ainda uma raridade, e a idéia de "liquidar" ou "eliminar" quem discorde ainda não parece natural. Pois em Barcelona essa naturalidade era grande até demais. Os "estalinistas" encontravam-se no poder, sendo por isso pacífico que todos os "trotskistas" estavam em perigo. O que todos receavam era uma coisa que, afinal de contas, não aconteceu - uma nova eclosão de lutas nas ruas que, como antes, seria atribuida ao P .0. U . M. e anarquistas. Houve ocasiões nas quais percebi que estava à escuta dos primeiros tiros. Era como se alguma inteligência grande e malevolente estivesse em meditação, pairando sobre a cidade. Todos a notavam e comentavam, sendo bizarro o modo como se referiam a isso com quase as mesmas palavras: "A atmosfera deste lugar... Que coisa horrível! É como estar num asilo de doidos". Mas talvez eu não devesse dizer todos, pois alguns dos visitantes ingleses que passavam rapidamente pela Espanha, de um para outro hotel, parecem não ter notado qualquer coisa errada na atmosfera geral. A Duquesa de Atholl comenta o seguinte, como vejo registrado no Sunday Express de 17 de outubro de 1937:

> Estive em Valência, Madri e Barcelona... e predominava em todas as três cidades uma ordem perfeita, sem qualquer exibição de força. Todos os hotéis em que me hospedei eram não só "normais" e "decentes", como extremamente confortáveis, a despeito da escassez de manteiga e café.

Os viajantes ingleses apresentam essa peculiaridade, a de não

acreditarem realmente na existência de qualquer coisa que vá além dos hotéis elegantes. Espero que tenham encontrado alguma manteiga para a Duquesa de Atholl.

Estive no Sanatório Maurín, instituição dirigida pelo P .0. U . M. Ficava nos subúrbios, perto de Tibidabo, a montanha de formato curioso que se apresenta abruptamente por trás de Barcelona e que, pela tradição, acredita-se ter sido a montanha sobre a qual Satanás mostrou a Jesus os países da terra (daí seu nome). A casa pertencera a algum burguês rico e fora tomada por ocasião da revolução. A maioria dos internados ficara inválida fora da linha de combate ou recebera ferimento que a incapacitara definitivamente para a luta - membros amputados, e assim por diante. Encontrei diversos ingleses ali - Williams, com a perna ferida, Staffod Cottman, rapaz de dezoito anos e vindo das trincheiras com suspeita de tuberculose, e mais Arthur Clinton, cujo braço esquerdo continuava preso a uma daquelas enormes armações de arame, apelidadas "aeroplanos", que os hospitais espanhóis utilizavam. Minha esposa era ainda hóspede do Hotel Continental e em geral vinha de Barcelona durante o dia. De manhã eu costumava freqüentar o Hospital Geral para receber tratamento elétrico no braço. Era uma coisa curiosa, uma série de choques com formigamento, que faziam os diversos conjuntos de músculos saltarem, mas parecia causar algum bem, pois recobrei o uso dos dedos e a dor diminuiu um pouco. Minha mulher e eu resolvemos que o melhor seria regressar à Inglaterra o quanto antes. Eu me achava extremamente fraco, a voz parecia ter acabado para sempre e os médicos afirmavam que seriam precisos meses seguidos até eu voltar a condições de luta. Precisava começar a ganhar algum dinheiro, mais cedo ou mais tarde, e não parecia adiantar grande coisa minha permanência na Espanha, consumindo alimentos que faziam falta a outras pessoas. Mas os motivos para desejar o regresso eram egoístas, em sua maior parte. Eu me encontrava tomado pelo desejo esmagador de largar tudo aquilo, a atmosfera horrível de suspeita e ódio político, as ruas cheias de homens armados, ataques aéreos, trincheiras, metralhadoras, bondes elétricos a fazer um barulhão pela cidade, chá sem leite, cozinha onde usavam azeite e a escassez de cigarros - tudo aquilo, enfim, que eu aprendera a ligar à Espanha.

Os médicos no Hospital Geral declararam-me fisicamente incapacitado, mas era preciso ver uma junta médica num dos hospitais próximos ao front para conseguir a baixa, e depois tocar para Sietamo a fim de que carimbassem os documentos na sede da milícia do P. O. U. M. Kopp acabara de regressar do front, cheio de júbilo. Estava saindo de uma ação militar e dizia que Huesca seria tomada, afinal de contas. O Governo enviara tropas da frente de Madri e estava concentrando trinta mil homens, com grande número de aeroplanos. Os italianos que eu vira a caminho da frente, em Tarragona, atacaram a estrada para Jaca, mas sofreram grandes baixas e perderam dois tanques de guerra. Ainda assim, a cidade deveria cair, afirmava Kopp. (Pois isso não ocorreu. O ataque foi uma trapalhada terrível e resultou unicamente numa onda de mentiras nos jornais.) Enquanto isso, Kopp precisava ir a Valência para entrevistar-se com alguém no Ministério da Guerra. Levava uma carta do General Pozas, que comandava o Exército do Oriente - aquela carta costumeira, descrevendo Kopp como "pessoa de minha inteira confiança" e recomendando-o para um posto especial na seção de engenharia (Kopp fora engenheiro na vida civil). Ele deixou a cidade, partindo para Valência, no mesmo dia em que toquei para Sietamo - 15 de junho.

Levei cinco dias para regressar a Barcelona. Seguimos em caminhão lotado de homens, e por volta de meia-noite chegávamos a Sietamo, e na sede local do P .0. U . M. tivemos de formar uma fileira, sendo-nos dados fuzis e munição antes mesmo de anotarem nossos nomes. Parecia que um ataque estava para começar e eles poderiam necessitar de reservas a qualquer momento. No bolso eu trazia o bilhete do hospital, mas não podia recusar-me a ir com os outros. Deitei-me no chão, tendo por travesseiro uma caixa de munições e tomado por sensação de completo abatimento. O estar ferido eliminara minha coragem por completo - acredito que isso seja comum, por algum tempo, em situações idênticas - e a possibilidade de estar sob fogo assustava-me horrivelmente. Mas houve um pouco de mañana, como de costume, não fomos chamados para lutar, e na manhã seguinte apresentei o bilhete de hospital e saí à cata da baixa. Isso significava uma série de jornadas confusas e cansativas. Como sempre, mandavam-me de um para outro lugar, de um a outro hospital - Sietamo,

Barbastro, Monzon, depois volta a Sietamo para carimbarem minha baixa, depois pela linha de combate outra vez, passando por Barbastro e Lerida - e a convergência de tropas em Huesca monopolizara todos os transportes e desorganizara tudo. Lembro-me de ter dormido em lugares dos mais disparatados - uma vez em leito de hospital, e outra numa vala, depois num banco muito estreito sobre o qual caí em meio da noite, e de outra feita num tipo de pensão municipal em Barbastro. Quem se afastasse da estrada de ferro não tinha como viajar, a não ser apanhando carona em caminhões. Era preciso ficar à beira da estrada horas seguidas, até três ou quatro, com grupos de camponeses desconsolados que carregavam embrulhos cheios de patos e coelhos, fazendo sinal para caminhão após o outro. Quando finalmente se encontrava um desses veículos que não estivesse superlotado de homens, pão ou caixas de munição, os solavancos naquelas estradas infames reduzia o sujeito a uma almôndega. Nenhum cavalo me fez pular tanto quanto aqueles caminhões. O único meio de viajar era ficarmos todos bem juntos e agarrarmo-nos mutuamente. Para minha humilhação descobri estar ainda fraco demais para subir num caminhão sem ajuda alheia.

Dormi uma noite no Hospital de Monzon, onde fui ver a minha junta médica. Na cama a meu lado estava um Guarda de Assalto, ferido acima do olho esquerdo. Mostrou-se amigo e deu-me cigarros, e comentei com ele:

- Em Barcelona, teríamos feito fogo um sobre o outro.

Rimos bastante disso. Era estranho como o espírito geral parecia se modificar, ao chegar-se a qualquer ponto próximo da frente de luta. Ali se evaporava todo o ódio maligno dos partidos políticos, ou quase todo. Por todo o tempo que passei no front não me recordo de uma única vez na qual os membros do P. S. U. C. demonstrassem hostilidade pelo fato de eu ser P .0. U. M. Aquilo era uma coisa própria de Barcelona, ou de lugares ainda mais distantes da guerra. Em Sietamo havia bom número de Guardas de Assalto, enviados de Barcelona para participarem no ataque a Huesca. Sua corporação não fora criada para lutar no front, e muitos deles não estiveram antes sob fogo inimigo. Em Barcelona, eram

os donos das ruas, mas ali eram quintos (recrutas) e tornavam-se os camaradas de meninos milicianos, com 15 anos de idade, que tinham meses seguidos de experiência na linha de frente.

No Hospital de Monzon o médico repetiu a rotina de puxar a língua e enfiar o espelinho pela minha garganta abaixo, ecoou a afirmação animadora dos outros, de que jamais recuperaria a voz, e assinou meu certificado. Enquanto aguardava para ser examinado, dentro da sala de cirurgia estavam efetuando alguma operação pavorosa, e sem anestesia por que sem ela, não sei. A coisa seguiu sua marcha grito após grito, e quando entrei havia cadeiras atiradas pelo chão, bem como poças de sangue e urina.

Os detalhes daquela jornada final apresentam-se em minha lembrança com uma clareza estranha. Eu me encontrava com espírito diferente, mais observador do que ocorrera naqueles últimos meses. Recebera minha baixa, carimbada com o selo da Vigésima-Nona Divisão, bem como o atestado médico no qual era "declarado inútil". Estava livre para regressar à Inglaterra e por conseqüência sentia-me capacitado, quase pela primeira vez, a observar a Espanha. Era preciso aguardar um dia em Barbastro, pois dali só partia um trem diário, e em ocasiões anteriores eu vira a cidade em vislumbres, e ela me parecera apenas uma parte da guerra - um lugar acinzentado, enlameado e frio, cheio de caminhões tonitruantes e soldados esfarrapados. Agora parecia coisa bem diversa. Percorrendo-a, notei as ruas agradavelmente sinuosas, velhas pontes de pedra, casas de vinho com enormes barris da altura de um homem, e lojas semi-subterrâneas das mais atraentes, onde homens fabricavam rodas de carroças, punhais, colheres de madeira e bolsas para água confeccionadas com pele de cabra. Observei um homem que fabricava uma dessas bolsas e descobri, com grande interesse, que são feitas com o pêlo por dentro e sem ser retirado, de modo que quem utiliza tais recipientes está, na verdade, bebendo pêlo de cabra destilado. Eu bebera neles meses inteiros, sem saber desse detalhe. Na parte traseira da cidade havia um rio raso e de água verde, de cujo leito emergia um penhasco perpendicular tendo na parte superior algumas casas, de modo que pela janela de seu dormitório podia-se cuspir diretamente na água, a trinta metros lá embaixo. Nas reentrâncias do

penhasco um número enorme de pombos fazia sua moradia. E em Lerida havia antigos edifícios em ruínas, em cujas cornijas muitos milhares de andorinhas construíram seus ninhos, de modo que de certa distância a forma dos mesmos assemelhava-se a um ornamento florido do período rococó. Era estranho perceber que por quase seis meses eu não tivera olhos para ver coisas assim. Tendo no bolso os documentos de baixa, eu me sentia novamente um Ser humano, e também um tanto turista. Sentia que estava realmente na Espanha, país que por toda a vida desejara visitar. Nas ruas menores e calmas de Lerida e Barbastro, pensei ter um vislumbre, um tipo de percepção distante daquela Espanha que está presente na imaginação de todos. Cordilheiras brancas, rebanhos de cabras, masmorras da Inquisição, palácios mouros, tropas sinuosas formadas por mulas, oliveiras acinzentadas e grupos de limoeiros, moças com mantilhas negras, os vinhos de Málaga e Alicante, catedrais, cardeais, corridas de touros, ciganos, serenatas - em suma, a Espanha. De toda a Europa, fora o país que parecera apoderar-se mais de minha imaginação. Era uma pena que quando finalmente conseguisse chegar lá, visse apenas aquele canto ao nordeste, em meio a uma guerra confusa e durante o inverno na maior parte do tempo.

Era tarde quando voltei a Barcelona, e não encontrei táxis. Não adiantava tentar chegar ao Sanatório Maurín, que se situava fora da cidade, de modo que parti para o Hotel Continental, parando no caminho para jantar. Lembro-me da conversa que tive com um garçom bastante paternal a respeito dos garrafões de carvalho, envoltos em cobre, nos quais serviam o vinho. Disse-lhe que gostaria de comprar alguns para levar comigo de volta à Inglaterra, e ele mostrou-se compreensivo.

- Sim, são muito bonitos, não é mesmo? Mas é impossível comprar hoje em dia. Ninguém mais os está fabricando, ninguém mais está fabricando coisa alguma. Esta guerra... Que lástima!

Concordamos em que a guerra era uma lástima, e mais uma vez senti-me como turista. Ele perguntou gentilmente se eu gostara da Espanha, se voltaria. Ah, sim! Eu voltaria à Espanha. A qualidade tranqüila da conversa continua em minha lembrança, devido ao que sucedeu logo depois.

Quando cheguei ao hotel minha esposa estava sentada no salão de espera. Levantou-se e caminhou para mim com o que pareceu naturalidade, passou o braço por meu pescoço e com doce sorriso destinado a ser visto pelas outras pessoas presentes, murmurou em meu ouvido:

- Dê o fora!

- O quê?

- Saia daqui imediatamente!

- O quê?

- Não fique ai parado! Precisa sair agora mesmo!

- Por quê? Que está dizendo?

Ela já me pegara pelo braço e seguia comigo, levando-me para a escada. Quando descíamos, encontramos um francês - cujo nome não vou revelar, pois embora não tivesse qualquer ligação com o P.O. UM. foi bom amigo nosso durante todas as dificuldades. Ele me encarou com expressão de preocupação.

- Escute! Não deve vir aqui. Saia depressa e esconda-se antes que eles telefonem para a policia.

E mais! Ao pé da escada um dos empregados do hotel, membro do P.O.U.M. (sem a gerência saber disso, ao que presumo) saiu furtivamente do elevador e me disse, em inglês estropiado, para sair dali. Até então eu não compreendera o que acontecia.

- De que diabo estão falando?

- indaguei, assim que chegamos à calçada, - Você não soube?

- Não. Soube do quê? Soube de nada!

- O P .0. U. M. foi extinto. Eles tomaram os edifícios e praticamente todos estão presos. Dizem que já começaram a fuzilar alguns.

Então era isso! Precisávamos encontrar um lugar para conversar. Todos os grandes cafés na Ramblas estavam lotados de policiais, mas encontramos um café sossegado numa rua lateral. Minha esposa explicou o que ocorrera enquanto eu estivera fora da cidade.

A 15 de junho a polícia efetuara a prisão repentina de Andrés Nin, em seu próprio gabinete, e na mesma noite invadira o Hotel Falcón, prendendo todos os presentes, em sua maioria milicianos em licença. O lugar fora imediatamente convertido em prisão, e não tardou para que regurgitasse de prisioneiros de todos os tipos. No dia seguinte o P.O.U.M. fora declarado ilegal e todos os seus escritórios e centros, livrarias, sanatórios, centros de Ajuda Vermelha e o mais eram tomados. Enquanto isso, a polícia prendia todos que encontrasse e soubesse terem qualquer ligação com o P.O. U. M. Em questão de dois dias os quarenta membros da Comissão Executiva, ou quase todos, estavam presos. Talvez um ou dois houvessem escapado e procurado esconderijo, mas a polícia adotava o truque (muito utilizado por ambos os lados, nessa guerra) de prender a esposa do cidadão como refém, caso ele desaparecesse. Não havia meio de descobrir quantos foram presos, e minha mulher ouvira dizer que somente em Barcelona o total era de quatrocentos. Mais tarde eu calculei que mesmo naquela época tal número fosse bem maior. E efetuaram prisões das mais disparatadas. Em alguns casos a polícia chegara ao ponto de arrastar milicianos feridos para fora dos hospitais onde se achavam internados.

Tudo aquilo causava abatimento profundo. Que diabo estava acontecendo? Eu podia compreender a extinção do P .0. U. M., mas para que estavam prendendo gente? Por nada, até onde se podia descobrir. Parecia que a supressão do P. O. U. M. apresentava efeito retrospectivo, de modo que sendo agora uma organização ilegal, todos quantos pertenceram à mesma estavam transgredindo a lei. Como de costume, nenhum dos presos fora acusado. Enquanto isso os jornais comunistas de Valência soltavam faíscas com o relato de uma imensa "trama fascista", comunicações pelo rádio com o inimigo, documentos assinados com tinta invisível, etc. etc. Já fiz referência anterior a esse caso. O importante era que isso só aparecia nos jornais de Valência, e acredito estar certo ao dizer que não surgiu uma só palavra sobre a questão, ou

sobre a supressão do P .0. U. M., em qualquer jornal de Barcelona, fosse ele comunista, anarquista ou republicano. Tomamos conhecimento da natureza exata das acusações contra os dirigentes do P. O. U. M. não em qualquer jornal espanhol, mas nos jornais ingleses que chegavam a Barcelona com um ou dois dias de atraso. O que não podíamos saber naquela época era que o Governo não tinha a responsabilidade pela acusação de traição e espionagem, e que os seus membros iriam mais tarde repudiá-la. Sabíamos apenas vagamente que os dirigentes do P .0. U. M., e presumivelmente todos nós, os filiados menores daquela organização, éramos acusados de estar a soldo dos fascistas. E circulavam já os boatos de que eram feitas execuções secretas nas prisões. Foi grande o exagero nesse particular, mas certamente ocorreu em alguns casos, e não resta dúvida que Nin teve esse destino. Depois de sua prisão, foi transferido para Valência e daí para Madri, e já a 21 de junho chegava a Barcelona o boato de que fora fuzilado. Mais tarde o boato adquiria forma mais definida: Nin fora fuzilado na prisão pela polícia secreta, e seu corpo jogado na rua. Essa história vinha de diversas fontes, inclusive Federico Montsenys, ex-membro do Governo. A partir daquele dia não se ouviu mais dizer que Nin estivesse vivo. Quando, posteriormente, o Governo foi interrogado pelos delegados de diversos países, seus componentes hesitaram e declararam apenas que Nin desaparecera e eles não conheciam seu paradeiro. Alguns jornais publicaram a história de que ele fugira para território fascista. Prova alguma foi apresentada nesse sentido e Irujo, o Ministro da Justiça, declarou mais tarde que a agência noticiosa Espagne falsificara seu comunicado oficial (16) . Seja como for, é altamente improvável que um prisioneiro político com a importância de Nin pudesse fugir, e a menos que apareça vivo no futuro, acredito que foi assassinado na prisão.

A narrativa a respeito das prisões estendia-se sempre, cobrindo período de meses, até que o número de prisioneiros políticos, sem contar os fascistas, atingira a casa de milhares. Um detalhe notável era a autonomia dos escalões inferiores da polícia. Muitas das prisões eram reconhecidamente ilegais, e diversas pessoas cuja libertação fora ordenada pelo Chefe de Polícia foram presas novamente na porta da cadeia e levadas a prisões secretas. Caso típico é o de Kurt Landau e sua esposa. Foram presos por volta de 17 de junho, e Landau

imediatamente "desapareceu". Cinco meses depois sua mulher ainda se encontrava presa, sem julgamento e sem notícias do marido. Declarou uma greve de fome, após o que o Ministro da Justiça mandou garantir-lhe que o marido estava morto. Pouco depois ela era libertada e quase imediatamente presa outra vez e lançada de volta à prisão. Era de notar-se também que a polícia, ao menos de início, parecia inteiramente indiferente aos efeitos que seus atos pudessem causar sobre a guerra. Seus elementos estavam prontos a prender oficiais ocupantes de postos importantes, sem receberem permissão antecipada para isso. No final de junho José Rovira, o general comandante da Vigésima-Nona Divisão, era preso em algum ponto próximo à linha de frente por um grupo de policiais vindos de Barcelona. Seus comandados enviaram uma delegação para protestar junto ao Ministério da Guerra, onde se verificou que nem esse ministério, nem Ortega (o Chefe de Polícia) tinham sequer sido informados quanto à prisão de Rovira. Em toda essa questão o detalhe que ficou mais atravessado em minha garganta, embora talvez não seja o mais importante, é que todas as noticias sobre os acontecimentos eram impedidas de chegar aos soldados no front. Como o leitor terá visto, nem eu nem pessoa alguma no front soubera da extinção do P.O.U.M. Todas as sedes milicianas do P. O. U. M., seus centros de Ajuda Vermelha e demais órgãos funcionavam como de costume, e até 20 de junho em Lerida, na linha de frente e a somente 180 quilômetros de Barcelona, ninguém sabia o que estava acontecendo. Todas as notícias a respeito eram mantidas fora dos jornais de Barcelona (os de Valência, que publicavam as histórias de espionagem, não chegavam á frente de Aragón), e certamente um dos motivos para a prisão dos milicianos do P. O. U. M. licenciados em Barcelona fora impedir que eles regressassem ao front com tais novidades. A convocação com a qual eu fora para a linha de frente, a 15 de junho, deve ter sido a última. Ainda estou sem saber como aquilo foi mantido em segredo, pois os caminhões de abastecimento e demais veículos continuavam a trafegar de um lado para outro, mas não resta dúvida de que tal segredo tenha sido mantido e, fiquei sabendo mais tarde, os homens na linha de frente de nada souberam, senão dias após. O motivo para tudo isso é bastante claro. O ataque a Huesca estava começando, a milícia do P. O. U. M. formava ainda uma unidade separada e,

provavelmente, recearam que se os homens soubessem o que ocorria, iriam recusar-se a lutar. Na verdade, nada disso aconteceu, quando chegaram as noticias. Naqueles dias intermediários deve ter havido bom número de homens que morreram sem ao menos saber que os jornais na retaguarda os chamavam de fascistas. Coisas assim são um pouco difíceis de perdoar. Sei que a orientação comum era não deixar que más noticias chegassem às tropas, e talvez isso se justifique como regra. Mas a questão se torna diferente, quando homens são mandados à luta e nem sequer sabem que às suas costas seu partido está sendo suprimido, seus dirigentes acusados de traição, e seus amigos e parentes atirados nas prisões.

Minha mulher começou a contar o que acontecera com nossos amigos. Alguns dos ingleses e outros estrangeiros atravessaram a fronteira. Williams e Stafford Cottman não foram presos quando o Sanatório Maurín foi invadido, e estavam escondidos em algum lugar. O mesmo acontecia a John McNair, que estivera na França e regressara á Espanha depois do P .0. U.M. ser proclamado ilegal - decisão imprudente, mas ele não quisera estar a salvo enquanto seus camaradas se encontravam em perigo. Quanto aos demais, era uma simples repetição: "apanharam Fulano", "apanharam Sicrano", "apanharam Beltrano". Pareciam ter "apanhado" quase todos, e meu espanto foi enorme ao saber que também haviam "apanhado" George Kopp.

-O quê? Kopp? Pensei que ele estivesse em Valência!

Ao que parecia, Kopp regressara a Barcelona, trazendo uma carta do Ministério da Guerra para o coronel-comandante do setor de engenharia na frente oriental. Ele sabia que o P. 0. U . M. fora extinto, é claro, e provavelmente não acreditara que a polícia chegasse à estupidez de prendê-lo a caminho do front em urgente missão militar. Viera ao Hotel Continental recolher suas coisas, e na ocasião minha mulher se ausentara. Os elementos do hotel o detiveram com alguma história falsa, enquanto telefonavam à polícia. Reconheço ter ficado com raiva ao saber da prisão de Kopp. Era meu amigo pessoal, servira sob suas ordens meses seguidos, estivemos juntos sob fogo inimigo, e eu conhecia sua história pessoal. Era homem que sacrificara tudo - família,

nacionalidade, subsistência - para vir à Espanha lutar contra o fascismo. Por ter deixado a Bélgica sem permissão e ingressado em exército estrangeiro enquanto membro da reserva do exército belga e tendo ilegalmente, antes disso, ajudado a fabricar munições para o Governo espanhol, ele acumulara para si muitos anos de prisão, caso regressasse á pátria. Estivera na linha de frente desde outubro de 1936, subira de miliciano a major, entrara em ação não sei quantas vezes e fora ferido. Durante as desordens de maio, como eu próprio vira, impedira a luta localmente e com isso devia ter salvo dez ou vinte vidas. E tudo quanto sabiam fazer para recompensar um homem assim era atirá-lo na cadeia! Ficar com raiva é pura perda de tempo, mas a estupidez dessas coisas consegue esgotar a paciência de qualquer um.

Enquanto isso, não haviam "apanhado" minha esposa. Embora ela permanecesse no Continental, a polícia não tomara qualquer medida para prendê-la. Tornava-se bem claro que a usavam como chamariz, mas duas noites antes, pela madrugada, seis policiais à paisana invadiram nosso quarto e vasculharam tudo. Apoderaram-se de todos os papéis que possuíamos, com a afortunada exceção dos passaportes e livro de cheques. Levaram meus diários, nossos livros, recortes de jornais que se acumularam nos meses anteriores (muitas vezes procurei, em vão, imaginar de que lhes serviram esses recortes), os objetos que eu guardava como recordações da guerra, e todas as nossas cartas. (De passagem quero registrar que levaram bom número de cartas que eu recebera de leitores. Algumas não foram respondidas, e está claro que não mais disponho dos endereços. Caso alguém que tenha escrito acerca de meu último livro e não tenha recebido resposta leia estas linhas, peço aceitar minhas desculpas.) Mais tarde fiquei sabendo que a polícia também se apoderara de diversos pertences por mim deixados no Sanatório Maurin. Levaram até uma trouxa de roupas sujas, contando, talvez, encontrar nelas alguma coisa escrita com tinta invisível.

Tornava-se óbvio que, para minha esposa, era mais seguro continuar no hotel, pelo menos provisoriamente. Se procurasse fugir, partiriam logo em seu encalço. Quanto a mim, teria de seguir diretamente para um esconderijo, e isso me revoltava. A despeito das inúmeras prisões efetuadas, era-me quase impossível acreditar que estava em perigo.

Tudo aquilo parecia demasiadamente destituído de sentido. Fora a mesma recusa em levar aquele assalto imbecil a sério que resultara na prisão de Kopp. Eu continuava indagando o motivo pelo qual alguém poderia prender-me. O que fizera eu? Nem sequer era membro partidário do P. O. U. M. Decerto estivera com armas na luta de maio, mas isso acontecera a uns quarenta ou cinqüenta mil homens. Além disso, estava por demais necessitando de uma boa noite de sono. Queria arriscar-me e voltar ao hotel, mas minha esposa não o admitiu. Cheia de paciência, explicou-me a situação. Não importava o que eu fizera ou deixara de fazer. Não se tratava de uma batida para apanhar criminosos, apenas de um reinado de terror. Eu não era culpado de qualquer ato definido, mas de "trotskismo". O fato de que servira na milícia do P .0. U . M. era mais do que suficiente para levar-me à prisão. Não adiantava ater-me à noção inglesa de que se está seguro enquanto se respeitar a lei. A lei, para todos os fins práticos, era o que a polícia resolvia fazer. Só me restava esconder e ocultar o fato de que tivera qualquer ligação com o P. 0. U . M. Examinamos todos os papéis e documentos em meus bolsos, e ela obrigou-me a rasgar o cartão de miliciano, que apresentava a sigla P.O.U.M. em letras grandes, bem como uma fotografia de milicianos com bandeira daquele partido ao fundo, pois coisas assim é que causavam a prisão das pessoas naqueles dias. Eu precisava ficar com meus documentos de baixa, porém, e até eles constituíam um perigo, pois traziam o carimbo da Vigésima Nona Divisão, e certamente a polícia saberia que essa unidade era o P .0. U . M. Sem os documentos, entretanto, poderiam prender-me como desertor.

Era preciso pensar, agora, em sair da Espanha. De nada servia ficar ali com a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, seríamos presos. A bem da verdade, nós dois teríamos gostado imensamente de ficar, só para ver o que ia acontecer. Mas eu previa que as prisões espanholas eram lugares infestados de piolhos (e na verdade, mostraram-se piores do que eu calculara), que uma vez preso não saberia quando viria a soltura, e minha saúde estava em péssimo estado, para não falar na dor no braço. Marcamos encontro para o dia seguinte, no consulado britânico, local para onde também Cottman e McNair se dirigiriam. Talvez fossem precisos uns dois dias para regularizar os passaportes. Antes de deixar a Espanha tínhamos de carimbar os passaportes em três lugares

diferentes - a Chefia de Policia, o consulado francês e junto às autoridades imigratórias da Catalunha. A Chefia de Polícia era o perigo, naturalmente. Mas talvez o Cônsul inglês arrumasse as coisas sem deixar transparecer que tivéssemos qualquer ligação com o P. 0. U . M. Era óbvio que devia haver uma lista de suspeitos "trotskistas" estrangeiros, e provavelmente nossos nomes estavam nela, mas com alguma sorte poderíamos chegar à fronteira antes dessa relação. Com certeza haveria muito embaraço, confusão e mañana, mas por sorte estávamos na Espanha, não na Alemanha. A polícia secreta espanhola tinha algum espírito da Gestapo, mas não a maior parte de sua competência.

E assim nos separamos. Minha mulher voltou ao hotel e eu saí pela escuridão, procurando onde dormir. Lembro-me de estar mal disposto e entediado. Queria tanto dormir numa cama! Não tinha para onde ir, casa alguma onde me refugiar. O P.O.U.M. não possuía praticamente qualquer organização subterrânea. Seus dirigentes sempre perceberam que o partido poderia ser extinto, mas não contavam com uma caça por atacado. Tão pouco esperaram, na verdade, que davam prosseguimento às modificações nos edifícios do P .0. U . M. (e entre outras coisas construíam um cinema no edifício da Direção do partido, que fora antes um banco) e o fizeram até o dia em que o mesmo foi extinto. Por conseqüência, não existiam os pontos de encontro e esconderijos que todo partido revolucionário deve possuir. Só Deus sabe quanta gente - que tivera a residência vasculhada pela polícia - estava dormindo nas ruas, aquela noite. Eu tivera cinco dias de viagens cansativas, dormira em lugares os mais incômodos, meu braço doía miseravelmente, e agora aqueles imbecis estavam em meu encalço e era preciso dormir no chão mais uma vez. Meus pensamentos não passaram desse ponto, e não tive qualquer reflexão política correta, pois não as tenho quando as coisas estão acontecendo. Parece ser sempre assim, quando me misturo com guerra ou política - não tenho consciência de coisa alguma, a não ser do desconforto físico e de um desejo profundo de que acabe esse absurdo infernal. Depois é que posso perceber o significado dos acontecimentos, mas enquanto eles se desenrolam apenas desejo estar fora deles - o que talvez constitua um traço dos mais ignóbeis.

Andei muito e fui parar nas proximidades do Hospital Geral. Queria encontrar um lugar onde pudesse deitar-me sem que algum policial intrometido me visse e exigisse documentos. Procurei um abrigo antiaéreo, mas era de escavação recente e a umidade gotejava ali dentro. Depois disso fui às ruínas de uma igreja que fora assaltada e incendiada na revolução. Não passava de uma casca, com suas quatro paredes sem coberta a cercar montões de destroços. Naquela semi-escuridão, fui tateando e descobri uma espécie de oco onde podia deitar-me. Blocos de argamassa partida não são coisa das melhores para quem procura uma cama, mas felizmente a noite foi quente e consegui dormir várias horas.

14

Pior de tudo, para quem é procurado pela polícia em Barcelona, é que a vida da cidade começa tarde demais. Quem dorme ao relento sempre acorda de madrugada e nenhum dos cafés de Barcelona abre as portas antes de oito e meia. Passaram-se horas até eu conseguir uma xícara de café e fazer a barba. Na barbearia pareceu-me bastante divertida a proclamação anarquista ainda afixada à parede, explicando que as gorjetas estavam proibidas. "A Revolução rompeu nossos grilhões", dizia aquele documento. Senti vontade de dizer aos barbeiros que os grilhões não tardariam a voltar, a menos que eles tomassem cuidado.

Regressei ao centro da cidade e vi que por cima dos edifícios do P. O. U. M. as bandeiras vermelhas foram rasgadas, as cores republicanas drapejavam em seu lugar, e grupos de Guardas Civis armados encontravam-se em suas portas. No centro de Ajuda Vermelha que ficava na esquina da Plaza de Cataluña a policia se divertira um bocado, quebrando-lhe quase todas as vidraças. As barracas de livros do P .0. U. M. foram esvaziadas e o quadro para cartazes em ponto mais além, na Ramblas, fora encoberto por um desenho anti-P .0. U . M., aquele da máscara e o rosto fascista por baixo. Na extremidade da Ramblas, perto do cais, deparei com um quadro bizarro - uma fileira de milicianos, ainda esfarrapados e enlameados, recém-chegados do front, escarrapachados nas cadeiras ali existentes para os engraxates. Eu sabia quem eles eram - na verdade, reconheci um deles, Eram milicianos do P. O. U. M., vindos

do front na véspera; descobrindo que o partido fora extinto, foram obrigados a passar a noite na rua, pois tiveram suas casas vasculhadas. Qualquer miliciano do P .0. U . M. que regressasse a Barcelona naquela ocasião podia escolher entre rumar diretamente para um esconderijo ou então para a prisão - o que não constituía recepção agradável, depois de três ou quatro meses de combate.

Nós nos encontrávamos em situação das mais esquisitas. A noite, éramos fugitivos procurados, mas durante o dia podia-se levar uma vida quase normal. Todas as casas que davam abrigo a adeptos do P .0. U. M. estavam - ou deviam estar - sob vigilância, sendo impossível ir para um hotel ou pensão, pois fora decretado que à chegada de qualquer estranho o hoteleiro devia informar imediatamente a polícia. Isso significava praticamente passar a noite ao relento. Durante o dia, por outro lado, numa cidade com as dimensões de Barcelona, estava-se razoavelmente a salvo. As ruas encontravam-se cheias de Guardas Civis, Guardas de Assalto, Carabineiros e policiais comuns, e mais uma quantidade inimaginável de espiões à paisana, mas ainda assim não podiam deter todos os que passavam, e quem tivesse aspecto normal podia escapar-lhes à observação. O que tínhamos a fazer era evitar estar por perto dos edifícios do P .0. U. M. e não ir aos cafés e restaurantes cujos garçons nos conhecessem de vista. Passei bastante tempo naquele dia, e no seguinte, tomando banho num dos banheiros públicos, o que me pareceu bom meio de passar o tempo e ficar fora de circulação. Infelizmente a mesma idéia ocorreu a muita gente, e alguns dias depois - quando eu já deixara Barcelona - a polícia invadiu um dos banheiros públicos e prendeu bom número de "trotskistas" inteiramente pelados.

Em meio à Ramblas encontrei um dos feridos do Sanatório Maurín, e trocamos aquele tipo de piscadela invisível que as pessoas usavam na ocasião, e conseguimos de modo disfarçado encontrar um café mais além naquela rua. Ele escapara à prisão quando o sanatório fora vasculhado mas, como os outros, fora tocado para as ruas. Estava em mangas de camisa - tivera de fugir sem a jaqueta - e não dispunha de dinheiro algum. Descreveu-me como um dos Guardas Civis rasgara o grande retrato colorido de Maurín, que se encontrava na parede do

sanatório, e depois o reduzira a pedaços mediante pontapés. Maurin (um dos fundadores do P .0. U. M.) era prisioneiro dos fascistas, e naquela época acreditava-se que fora fuzilado por eles.

Encontrei minha mulher no consulado britânico às dez horas, e McNair e Cottman surgiram pouco depois disso. A primeira notícia que me deram foi a de que Bob Smillie morrera. Isso acontecera numa prisão em Valência, e ninguém sabia com certeza qual fora a causa de sua morte. Sepultaram-no imediatamente, e o representante da I. L. P. no lugar, David Murray, não tivera permissão para ver o cadáver.

Está claro que imaginei, no mesmo instante, que Smillie fora fuzilado. Era o que todos acreditavam na época, mas mudei de opinião. Mais tarde a causa de sua morte era dada como apendicite, e soubemos de outro prisioneiro, que fora posto em liberdade, que realmente Smillie adoecera na prisão. Talvez a história de apendicite fosse verídica, devendo-se a um capricho malévolo a recusa a que Murray visse o corpo. Tenho a dizer, no entanto, que Bob Smillie era um moço com apenas vinte e dois anos e fisicamente uma das criaturas mais rijas que conheci. Acredito que fosse o único homem, entre os que conheci, espanhol ou inglês, que permaneceu três meses nas trincheiras sem adoecer um só dia. Gente rija assim não morre de apendicite, se receber cuidados adequados. Mas quem visse as prisões espanholas, as cadeias improvisadas que se utilizavam para os presos políticos, poderia compreender quão reduzida era a possibilidade de que um homem doente recebesse qualquer cuidado médico adequado. As cadeias eram lugares que somente poderiam ser descritos como calabouços. Na Inglaterra, seria preciso voltarmos ao Século XVIII para encontrar alguma coisa comparável. Os indivíduos eram amontoados em cubículos onde mal havia espaço para deitar, e muitas vezes iam ter a porões e outros lugares sem luz. Não se tratava de medida temporária - pois havia casos de gente que fora mantida quatro ou cinco meses sem ver a luz do dia. E recebiam uma alimentação suja e insuficiente, de dois pratos de sopa e dois pedaços de pão por dia. (Alguns meses mais tarde, no entanto, a comida parece ter melhorado um pouco.) Não estou exagerando, e sugiro uma consulta a qualquer suspeito político preso na Espanha. Tenho relatos sobre as cadeias espanholas, vindos de numerosas

fontes, e eles concordam uns com os outros em grau que não pode ser posto em dúvida. Além disso, eu próprio tive alguns vislumbres de uma cadeia espanhola. Outro amigo inglês, preso mais tarde, declara que, pelo que ele passou na cadeia, "torna-se mais fácil compreender o caso de Smillie". Mas a morte do rapaz não é coisa que eu possa perdoar com facilidade. Tratava-se de um moço corajoso e cheio de talento, que abandonara sua carreira na Universidade de Glasgow para lutar contra o fascismo e que, como eu mesmo pudera ver, desempenhara sua tarefa na linha de frente com coragem e presteza impecáveis; e tudo quanto podiam descobrir para recompensá-lo era uma cadeia onde o deixaram morrer como um animal abandonado. Sei que em meio a uma guerra enorme e sangrenta não adianta fazer muito barulho por causa de um indivíduo morto. Uma bomba despejada por aeroplano e que caia em rua cheia de gente causa sofrimento muito maior do que boa parte de perseguição política. Mas o que enraivece, no caso de uma morte assim, é a absoluta falta de propósito. Morrer em batalha - sim, eis o que se espera. Mas ser atirado à cadeia, nem mesmo por um crime imaginário, mas apenas por causa de um capricho cego e malévolo, e depois morrer na solidão - isso é diferente! Não consigo ver como tal tipo de atitude - e não apenas porque o caso de Smillie fosse excepcional - pudesse contribuir de algum modo para a vitória.

Naquela tarde, minha esposa e eu visitamos Kopp. Podia-se visitar os prisioneiros que não estivessem incomunicáveis, embora não se considerasse de bom alvitre fazê-lo mais de uma ou duas vezes. A polícia vigiava as pessoas que vinham e iam, e quem visitasse as cadeias com muita freqüência acabava sendo carimbado como amigo de "trotskistas", não tardando em fazer-lhes companhia. Isso já ocorrera a bom número delas.

Kopp não estava incomunicado, e obtivemos permissão para vê-lo sem maiores dificuldades. Enquanto nos mostravam o caminho, passando pelas portas de aço que davam para a cadeia, um miliciano espanhol que eu conhecera no front estava de saída, entre dois Guardas Civis. Nossos olhares cruzaram, e mais uma vez foi aquele piscar invisível. E a primeira pessoa que vimos lá dentro foi um miliciano norte-americano que partira de volta a seu país alguns dias antes. Tinha os documentos

em ordem, mas detiveram-no na fronteira assim mesmo, provavelmente porque ainda usava culotes de belbute, sendo por isso identificável como miliciano. Passamos um pelo outro como se fossemos inteiramente estranhos, e foi horrível. Eu o conhecera por meses seguidos, partilhara um abrigo com ele, que ajudara a carregar-me pela linha de frente quando eu fora ferido, mas era só o que podíamos fazer naquelas circunstâncias. Os guardas com uniformes azuis estavam espionando por toda a parte, e seria fatal reconhecer um número demasiado de pessoas.

A chamada cadeia não passava, na verdade, do pavimento térreo de uma loja. Em dois salões que mediam, cada um, perto de trinta metros quadrados, encontravam-se presas umas cem pessoas. O lugar tinha a aparência de uma prisão do Século XVIII, com sua sujeira bolorenta, o aglomerado de corpos humanos, sua falta de móveis - apenas o chão liso de pedras, um banco, e alguns cobertores rasgados - e a luz mortiça, pois as cobertas de aço ondulado foram baixadas sobre as janelas Nas paredes encardidas, refrões revolucionários - "Viva P.O. UM.!,' ou "Viva la Revolucióne", e outros - foram garatujados. O lugar era utilizado como depósito de presos políticos por meses seguidos, e o vozerio era ensurdecedor. Estávamos na hora das visitas, e era tanta gente a acotovelar-se, que se tornava difícil andar. Quase todos os presentes eram da parte mais pobre da população trabalhadora. Víamos mulheres abrindo minúsculos embrulhos de comida que traziam, e encontramos diversos feridos que estiveram internados no Sanatório Maurln, entre os prisioneiros. Dois deles amputaram a perna, e um fora trazido sem a muleta, de modo que pulava por ali na perna que lhe restava. Vimos também um menino que não devia ter mais de doze anos, fazendo pensar que estavam também prendendo crianças. O lugar tresandava àquele fedor animalesco que sempre se forma quando muita gente é amontoada num só lugar, sem que se tomem as medidas sanitárias adequadas.

Kopp abriu caminho no meio daquele povo para vir encontrar-se conosco. Seu rosto gordo e corado parecia o de sempre, e naquele lugar imundo ele conseguira manter limpo o uniforme e até barbear-se. Havia outro oficial com uniforme do Exército Popular entre os prisioneiros, e ao

passarem um pelo outro ele e Kopp trocaram continência, num gesto que de algum modo foi bastante patético. Kopp parecia bastante animado.

- Bem, suponho que vamos ser todos fuzilados! - comentou cheio de graça.

Eu, no entanto, senti um estremecimento involuntário. Uma bala entrara em meu próprio corpo, antes, e a sensação ainda estava fresca em minha lembrança, não sendo agradável pensar em coisa idêntica acontecendo com quem conhecemos bem. Naquela época eu achava natural que todos os elementos principais no P. O. U. M., e Kopp entre eles, seriam realmente fuzilados. O primeiro boato sobre a morte de Nin já se infiltrara, e sabíamos que o P O. U. M. era acusado de traição e espionagem. Tudo indicava um grande julgamento forjado, seguido pelo massacre dos "trotskistas" principais. É terrível ver um amigo na prisão, e estar-se impotente para ajudá-lo, pois nada havia que pudéssemos fazer. Era inútil apelar até mesmo para as autoridades belgas, pois Kopp transgredira a lei de seu país. Eu tinha de deixar a conversa quase toda para minha mulher, pois com a voz pouco além de um guincho não conseguiria ser entendido naquela zoada. Kopp estava falando sobre os amigos que fizera entre os demais presos, sobre os guardas, alguns dos quais eram bons sujeitos e outros que abusavam e surravam os prisioneiros mais tímidos, e também sobre a comida, que era "lavagem de porcos". Felizmente lembramo-nos de trazer um pacote de comida, bem como cigarros. Em seguida Kopp começou a falar dos papéis que lhe tomaram ao ser preso. Entre os documentos apreendidos estava sua carta do Ministério da Guerra, endereçada ao coronel-comandante das operações de engenharia no Exército do Oriente. A policia se apossara do documento e não quisera devolvê-lo. Diziam que estava no gabinete do Chefe de Policia, e a situação de Kopp poderia melhorar muito se fosse recuperada.

Percebi imediatamente a importância disso. Uma carta oficial daquele tipo, trazendo recomendação do Ministério da Guerra e do General Pozas, tornaria bem clara a idoneidade de Kopp. Mas a dificuldade estava em provar a existência do documento, e se fosse aberta no gabinete do Chefe de Polícia era certo que algum dedo-durô a destruiria.

Apenas uma pessoa poderia obtê-la de volta: o oficial a quem estava endereçada. Kopp já pensara nisso, e escrevera uma carta que queria me entregar para que a tirasse dali e pusesse no correio. Entregá-la pessoalmente a seu destinatário, no entanto, seria muito mais rápido e certo. Deixei a mulher em companhia de Kopp, tratei de sair, e depois de muita procura achei um táxi. Sabia que o tempo era tudo, e os relógios já marcavam cinco e meia, o coronel provavelmente deixaria seu gabinete às seis horas, e só Deus sabia onde a carta poderia estar no dia seguinte; destruída, talvez, ou perdida naquele monte de documentos que se formava à prisão de cada novo suspeito. O gabinete do coronel ficava no Departamento de Guerra, perto do cais. Quando eu subia apressadamente as escadas, o Guarda de Assalto em sentinela na porta barrou-me a entrada com sua longa baioneta e exigiu "documentos". Sacudi meus papéis de baixa diante de seu rosto: era evidente que o sujeito não sabia ler, e deixou-me passar, impressionado pelo vago mistério dos "documentos". Lá dentro, encontrei uma complicação de inúmeros gabinetes em cada pavimento, tudo em volta de um pátio central, e como aquilo era Espanha, ninguém fazia a menor idéia de onde estava o gabinete que eu procurava. Continuei a repetir: "El coronel -, jefe de ingenieros, Ejército de Este!" Riam e sacudiam os ombros com graça. Todos que tinham um palpite mandavam-me em direção diferente: subi esta escada, desci aquela, passando por corredores intermináveis que davam em becos sem saída. E o tempo se esgotava. Estava tomado por sensação estranhíssima, de que me encontrava num pesadelo - subir e descer escadas às pressas, aquela gente misteriosa que ia e vinha, os relances pelas portas abertas que davam para gabinetes caóticos, com papéis espalhados por toda a parte e máquinas de escrever funcionando, e o tempo a escoar, tendo talvez uma vida na balança.

Cheguei a tempo, no entanto, e para minha ligeira surpresa concederam-me uma entrevista. Não estive com o Coronel - mas com seu ajudante-de-ordens, ou secretário, um camarada baixote, envergando elegante uniforme de oficial, de olhos grandes e vesgos, que veio estar comigo na ante-sala. Comecei a desenrolar minha história. Viera em nome de meu oficial superior, Major Jorge Kopp, que se encontrava em missão urgente no front e fora preso por engano. A carta para o Coronel era de natureza confidencial e devia ser recuperada sem

demora. Eu servira com Kopp por meses seguidos, ele era um oficial do mais elevado caráter, obviamente sua prisão fora fruto de engano, a polícia o confundira com outrem, etc. etc. etc. Continuei a falar sobre a urgência da missão de Kopp no front, pois era esse o ponto mais forte a ressaltar. Minha apresentação do assunto, no entanto, deve ter-se parecido a uma história esquisita, narrada em meu espanhol infame, que apelava para o francês nos momentos de crise. O pior é que minha voz sumiu quase imediatamente, e apenas mediante violento esforço é que eu consegui emitir uma espécie de grasnada. Causava-me pavor a idéia de que ela faltasse por completo e o oficialzinho se cansasse de tentar ouvir o que eu tinha a dizer. Muitas vezes, depois disso, fiquei imaginando o que ele achou estar acontecendo com minha voz - se julgou que eu me encontrava bêbado, ou apenas sofrendo os rigores de uma consciência culposa.

Ainda assim, ouviu-me com paciência, anuiu muitas vezes e apresentou reservada concordância para o que eu afirmava. Sim, parecia ter ocorrido um engano. Era claro que a questão devia ser examinada. "Mañana..." Eu protestei. Mañana, não senhor! O caso era urgente, e Kopp já devia estar na linha de frente. Mais uma vez ele pareceu concordar. E fez, então, a pergunta que eu receava:

- Esse Major ..... Em que força estava servindo?

Eu tinha de pronunciar a palavra fatídica:

- Na milícia do P.O.U.M.

- P.O.U.M.!

Eu gostaria de poder dar ao leitor uma idéia do alarme que o oficial demonstrou na voz. É preciso lembrar como o P. O. U. M. estava sendo visto naquela época. Estávamos então no auge do medo aos espiões, e provavelmente todos os bons republicanos acreditaram, por um ou dois dias, que o P. O. U. M. não passava de imensa organização de espionagem a soldo dos alemães. Ter de dizer uma coisa daquelas a um oficial do Exército Popular era o mesmo que ingressar repentinamente num convento do século passado, vestido de diabo e cuspindo fogo.

Seus olhos negros examinaram meu rosto em trajeto oblíquo, 1 seguiu-se outra pausa bem longa, e então ele indagou bem devagar:

- E diz que esteve com ele no front. Nesse caso, também estava servindo na milícia do P. O. U. M .?

- Sim.

O homem fez meia volta e mergulhou para o interior do gabinete do coronel. Pude ouvir que, lá dentro, travavam conversa das mais agitadas. "Tudo acabado", pensei resignadamente. Jamais conseguiríamos a carta de Kopp. Além disso, eu tivera de confessar que também estava no P.O.U.M., e sem dúvida eles chamariam a polícia e entregar-me-iam preso, para adicionar mais um trotskista à coleção. Mas logo o oficial reaparecia, arrumando o quepe na cabeça e fazendo-me sinal austero para que o acompanhasse. Estávamos seguindo para o gabinete do Chefe de Polícia. A distância era longa, requerendo uma caminhada de vinte minutos. O oficial seguia à minha frente, marchando com passos rígidos, e não trocamos uma só palavra durante o caminho. Quando chegamos à Chefia de Policia, vimos diante da mesma uma coleção de criaturas que me pareceram os patifes mais repugnantes, evidentemente dedos-duros, informantes e espiões de todo o tipo. O oficialzinho entrou, seguiu-se prolongada e agitada conversa. Dava para ouvir as vozes que se erguiam com fúria, e podia-se adivinhar que lá dentro havia gestos violentos, gente dando de ombros, esmurrando a mesa. Era evidente que a polícia se recusava a ceder a carta. Mas o oficial apareceu, finalmente, vermelho mas trazendo um grande envelope oficial. Era a carta de Kopp. Tivemos uma pequena vitória - que, do modo como as coisas andaram, não fez qualquer diferença. A carta foi devidamente entregue, mas os superiores militares de Kopp não conseguiram tirá-lo da cadeia.

O oficial prometeu-me que a carta seria entregue. Mas, que me dizia de Kopp? perguntei. Não podíamos soltá-lo? Ele deu de ombros. Isso era outra questão. Não sabiam por qual motivo Kopp fora preso, e só podia dizer que seriam efetuadas as investigações adequadas no caso. Não havia mais o que tratar, chegara o momento de nos separarmos. Ambos fizemos ligeira mesura, e nisso ocorreu uma coisa estranha e comovente. O oficialzinho hesitou um instante, mas em seguida

caminhou até onde eu estava, e apertou minha mão.

Não sei se posso fazer o leitor compreender a profundidade com que aquele gesto me sensibilizou. Parece coisa tão insignificante, mas não é. Torna-se necessário compreender o sentimento da época - a atmosfera horrível de desconfiança e ódio, as mentiras e boatos circulando por toda a parte, os cartazes a proclamar nos tapumes que eu e os outros éramos espiões fascistas. É preciso lembrar que estávamos diante do gabinete do Chefe de Polícia, em frente daquela malta imunda de informantes e agents provocateurs, qualquer um dos quais poderia saber que eu era "procurado" pela polícia. O gesto era o mesmo que apertar publicamente a mão de um alemão, durante a guerra mundial. Acredito que ele tenha achado que eu realmente não fosse espião fascista, mas ainda assim foi bom receber seu aperto de mão.

Registro o acontecimento, por banal que pareça, porque de algum modo ele se mostra típico da Espanha - dos lampejos de magnanimidade que se recebe dos espanhóis, nas piores circunstâncias. Tenho da Espanha as piores recordações, mas são pouquíssimas as recordações más que guardo dos espanhóis. Só recordo duas vezes em que fiquei seriamente enraivecido com espanhóis, e em ambas, quando reflito sobre elas, acredito que eu próprio estivesse errado. Não há a menor dúvida de que eles possuem uma generosidade, uma espécie de nobreza, que realmente não pertencem ao Século XX. É o que nos faz manter a esperança de que, na Espanha, até o fascismo adquira uma forma comparativamente mansa e tolerável. Poucos espanhóis apresentam aquela eficiência e coerência miseráveis de que um estado moderno totalitário necessita. Vimos um exemplo pequeno e curioso desse fato poucas noites antes, quando a policia vasculhara o quarto de minha esposa. A bem da verdade, essa busca fora coisa muito interessante, e eu gostaria de tê-la assistido, se bem que talvez não agüentasse.

A polícia efetuou a busca no estilo reconhecido da OGPU ou Gestapo. De madrugada bateram à porta, e seis homens entraram, ligaram a luz e logo tomaram posições diferentes no quarto, em manobra que era claramente planejada com antecedência. Depois deram uma batida em ambas as peças (havia um banheiro ligado ao quarto), com

meticulosidade inconcebível. Sondaram as paredes, levantaram os capachos, examinaram o chão, apalparam as cortinas, olharam debaixo da banheira e do aquecedor, esvaziaram todas as gavetas e malas, apalparam todas as peças de roupa e as examinaram contra a luz. Confiscaram todos os papéis, inclusive os que se achavam na cesta, levando também todos os nossos livros. Entraram num êxtase de suspeita ao verificarem que possuíamos uma tradução francesa do Mein Kampf de Hitler, e se fosse o único livro por eles encontrado, nosso destino estaria selado. Está claro que quem lê Mein Kampf só pode ser fascista! Logo em seguida, no entanto, encontraram um exemplar do panfleto de Stalin, Meios de Liquidar Trotskistas e Outros Velhacos, e de certo modo isso os acalmou. Numa das gavetas havia bom número de maços de papel para enrolar cigarros. Examinaram cada maço, folha por folha, para ver se havia mensagens escritas ali. Levaram perto de duas horas para efetuar a batida, mas por todo esse tempo não examinaram a cama. Minha mulher continuara deitada todo o tempo, sendo óbvio que podíamos ter submetralhadoras debaixo do colchão, para não falar em toda uma biblioteca de documentos trotskistas sob o travesseiro. Mas os detetives não fizeram qualquer menção de tocar a cama, e nem sequer espiaram debaixo dela. Não posso crer que isso constitua um traço comum às batidas efetuadas pela OGPU. Precisamos recordar que a polícia estava quase inteiramente sob controle comunista, e aqueles homens deviam ser membros do Partido Comunista. Mas eram espanhóis, também, e tirar uma mulher da cama era coisa forte demais para eles. Essa parte do trabalho ficou silenciosamente abandonada, tornando sem sentido toda a batida.

Aquela noite McNair, Cottman e eu dormimos num gramado alto, ao lado de um lote residencial abandonado. Foi fria a noite para a estação do ano em que nos encontrávamos, e nenhum dos três conseguiu dormir bastante. Lembro-me das horas compridas e desalentadas em que rondávamos de um para outro lado até se poder tomar uma xícara de café. Pela primeira vez desde que chegara a Barcelona fui espiar a catedral - uma catedral moderna, e um dos edifícios mais repugnantes de todo o mundo. Tem quatro torres com ameias, apresentando a forma exata de garrafas de cerveja.

Diversamente da maioria das igrejas em Barcelona, não fora danificada durante a revolução, e diziam que fora poupada devido a seu "valor artístico". Acredito que os anarquistas demonstraram mau gosto em não a fazer explodir quando tiveram oportunidade para isso, embora penduras sem uma bandeira rubro-negra entre suas torres. Aquela tarde minha mulher e eu fomos visitar Kopp pela última vez. Não havia coisa alguma que pudéssemos fazer por ele, absolutamente nada, a não ser dar adeus e deixar dinheiro com amigos espanhóis, que lhe levariam comida e cigarros. Pouco mais tarde, no entanto, depois de deixarmos Barcelona, ele era posto em incomunicabilidade, e nem comida podia mais ser mandada para ele. Aquela noite, descendo a Ramblas, passamos pelo Café Moka, que os Guardas Civis continuavam ocupando. Seguindo um impulso, entrei e conversei com dois deles, que estavam debruçados no balcão, com os fuzis pendurados nos ombros. Perguntei se sabiam quais os seus companheiros que estiveram ali durante a luta de maio. Não sabiam e, com a costumeira vagueza espanhola, ignoravam também como se poderia descobrir. Eu disse que meu amigo Jorge Kopp estava na prisão e talvez fosse levado a julgamento por alguma coisa relacionada à luta de maio, que os homens ali presentes saberiam que ele fizera parar a luta e salvara algumas vidas, que deviam apresentar-se a dar testemunho nesse sentido. Um dos homens com quem falei era sujeito estúpido e de aspecto bronco, que só balançava a cabeça porque não conseguia ouvir minha voz em meio ao ruído do tráfego. Mas o outro era criatura diferente. Disse que ouvira alguns companheiros falarem no ato de Kopp, e que este era um buen chico (um bom sujeito). Mas naquele momento eu sabia que aquilo era inútil. Se Kopp fosse submetido a julgamento, seria com provas falsas, como acontece em todos os julgamentos assim. Se foi fuzilado (e receio que tenha ocorrido isso) esse será seu epitáfio: o buen chico do pobre Guarda Civil, que fazia parte de um sistema sujo mas humano o bastante para conhecer um ato decente quando o podia ver.

Era uma existência extraordinária e aloucada a que vivíamos. A noite éramos criminosos, mas durante o dia nos tornávamos prósperos visitantes ingleses - seja lá como for, era assim que nos apresentávamos. Mesmo depois de dormir ao relento, barbear-se, tomar banho e engraxar os sapatos fazem milagres com a aparência da

pessoa. O mais seguro naquela ocasião era parecer tão burgueses quanto possível. Freqüentávamos o quarteirão residencial elegante da cidade, onde nossas fisionomias não eram conhecidas, íamos a restaurantes caros e nos mostrávamos muito ingleses com os garçons. Pela primeira vez em minha vida passei a escrever coisas nas paredes, e os corredores de diversos restaurantes elegantes receberam um "Visca P. O. U . M.!" em letras tão grandes quanto eu as pude escrever. Durante todo esse tempo, embora estivesse escondido em teoria, não conseguia sentir-me em perigo. Aquilo tudo parecia absurdo demais. Eu possuía a inalterável crença inglesa de que "eles" não podem prender a gente, a menos que tenhamos transgredido a lei. Trata-se de crença das mais nefastas durante um pogrom político. Havia ordem de prisão emitida contra McNair, e as possibilidades eram de que também estivéssemos na lista. As prisões, batidas e buscas continuavam sem cessar, e praticamente todos que conhecíamos, a não ser os que ainda se encontravam no front, já se achavam presos a essa altura. A polícia estava examinando até os navios franceses que periodicamente partiam com refugiados, retirando dos mesmos os suspeitos de "trotskismo".

Graças à bondade do cônsul inglês, que deve ter passado uma semana bastante difícil naquela ocasião, conseguimos pôr os passaportes em ordem. Quanto mais cedo partíssemos, melhor. Havia um trem que deveria partir para Port Bou às sete e meia da noite, e podíamos calcular que o fizesse por volta de oito e meia. Fizemos preparativos para que minha esposa pedisse um táxi com antecedência e então arrumasse as malas, pagasse a conta e deixasse o hotel no último instante possível, pois se desse aviso com tempo suficiente ao pessoal do hotel eles certamente mandariam avisar a polícia. Cheguei à estação por volta das sete horas, e descobri que o trem já partira - saíra aos dez para as sete. O maquinista mudara de idéia, como de costume. Felizmente conseguimos avisar minha mulher ainda a tempo. Havia outro trem que partiria cedo na manhã seguinte. McNair, Cottman e eu jantamos em pequeno restaurante próximo à estação, e mediante perguntas cautelosas descobrimos que seu dono era membro da C . N . T. e amigo nosso. Deu-nos um quarto com três camas e esqueceu-se de notificar a policia. Foi a primeira vez, em cinco noites, que pude tirar a roupa para dormir.

Na manhã seguinte minha esposa conseguiu sair do hotel, e o trem atrasou-se perto de um hora para partir. Preenchi esse tempo escrevendo longa carta ao Ministério da Guerra, contando-lhes o caso de Kopp - que, sem a menor dúvida, ele fora preso por engano, que estavam precisando urgentemente dele no front, que inúmeras pessoas testemunhariam sua inocência quanto a qualquer crime, etc. etc. etc. Não sei se alguém leu aquela carta, escrita em páginas arrancadas de um caderninho, com caligrafia tremula (meus dedos ainda estavam parcialmente paralisados) e em espanhol mais tremulo ainda. Seja como for, nem essa carta teve qualquer efeito, nem mais coisa alguma. Enquanto escrevo estas linhas, seis meses depois do fato, Kopp (Se já não foi fuzilado) continua preso, sem julgamento e sem saber quais as acusações que pesam contra ele. De início recebemos duas ou três cartas dele, mandadas sigilosamente por meio de prisioneiros libertados e postas no correio na França. Todas contavam a mesma história - prisão em buracos escuros e imundos, alimentação ruim e insuficiente, doença seria devido às condições das prisões, e recusa de qualquer cuidado medico. Tenho tudo isso confirmado por diversas outras fontes, inglesas e francesas. Em tempos mais recentes, ele desapareceu numa das "prisões secretas" das quais parece impossível tentar fazer qualquer tipo de comunicação. Seu caso e identico ao de centenas de estrangeiros, e ninguém sabe quantos milhares de espanhóis.

Conseguimos atravessar a fronteira sem incidentes. O trem tinha primeira classe e um carro-restaurante, o primeiro que eu via na Espanha. Ate recentemente existira apenas classe única nos trens da Catalunha. Dois detetives vieram pelo trem, anotando os nomes dos passageiros, mas quando nos viram no carro-restaurante pareceram satisfeitos com nosso aspecto de respeitabilidade. Era estranho como tudo mudara. Seis meses antes, quando os anarquistas reinavam, parecer proletário era o que conferia respeitabilidade às pessoas. No caminho de Perpignan a Cerberes, um viajante comercial francês em meu carro declarara, com toda a solenidade: "Não deve entrar na Espanha com esse aspecto! Tire esse colarinho e gravata, ou eles os arrancarão à força em Barcelona". Estava exagerando, mas demonstrava o modo como viam a Catalunha. E na fronteira os guardas anarquistas fizeram voltar um casal francês elegantemente vestido, unicamente

porque pareciam-se demais a burgueses, ao que acredito. Agora a coisa estava ao contrário, e parecer burguês constituía a única salvação. No registro de passaportes eles procuraram nossos nomes no fichário de suspeitos, mas graças à ineficiencia da policia eles não estavam lá, nem mesmo o de McNair. Fomos revistados dos pés à cabeça, mas nada possuíamos que nos incriminasse, exceto meus papeis de baixa, e os carabineiros que me revistaram não sabiam que a Vigesima-Nona Divisão era o P.O.U.M. Assim e que passamos pela barreira, e transcorridos seis meses exatos, eu regressava ao solo francês. Minhas únicas recordações materiais da Espanha eram uma bolsa de água, feita com pele de cabra, e uma daquelas minúsculas lamparinas de ferro, nas quais os camponeses de Aragón queimavam azeite -- lamparinas que apresentavam quase o mesmo formato das de terracota, utilizadas pelos romanos dois mil anos antes - e que eu apanhara em alguma choça arruinada, tendo continuado em minha bagagem sem que eu saiba como.

Afinal de contas, verificamos que saímos da Espanha na hora exata. O primeiro jornal que vimos anunciava a prisão de McNair por espionagem. As autoridades espanholas mostraram-se um tanto prematuras ao anunciar isso, e felizmente o "trotskismo" não constitui motivo para extradição.

Não sei qual e o primeiro ato apropriado para quem vem de um pais em guerra e chega a outro em paz. A primeira coisa que fiz foi correr para um quiosque-tabacaria e comprar a quantidade de charutos e cigarros que podia acomodar nos bolsos. Depois disso fomos todos ao bufete, e tomamos uma xícara de chá, a primeira com leite fresco que eu ingeria em muitos meses. Passaram-se alguns dias para eu me habituar à idéia de que podia comprar cigarros sempre que o desejasse fazer. Estava sempre receando o fechamento das portas das tabacarias, e o aparecimento do sinal proibitivo: No hay tabaco,

McNair e Cottman iam prosseguir viagem ate Paris. Minha esposa e eu desembarcamos em Banyuls, a primeira estação na linha, achando que seria bom descansarmos um pouco. Não fomos muito bem recebidos em Banyuls, quando souberam que vínhamos de Barcelona, e muitas vezes

vi-me envolvido na mesma conversa:

- Então vocês vem da Espanha? Em que lado estavam? Com o Governo? Oh! - e surgia acentuada frieza.

Aquela cidadezinha parecia compactamente favorável a Franco, com certeza devido aos diversos refugiados espanhóis fascistas que chegavam ali de vez em quando. O garçom no café que eu freqüentava era um espanhol a favor de Franco, e costumava brindar-me com olhares de desprezo enquanto servia o aperitivo. Já em Perpignan as coisas eram diferentes, pois o lugar estava repleto de partidários do Governo espanhol, e todas as facções se achavam representadas ali, em cabala uma contra as outras, de modo quase idêntico ao que ocorria em Barcelona. Havia certo café no qual a palavra "P. O. U. M." granjeava imediatamente a amizade dos franceses e o sorriso do garçom.

Acho que ficamos três dias em Banyuls, e para mim foi uma ocasião de estranha inquietação. Naquela pequena cidade de pescadores, distante das bombas, metralhadoras, filas de gêneros, propaganda e intriga, devíamos sentir-nos profundamente aliviados e gratos. Nada disso ocorreu. As coisas que víramos na Espanha não ficavam para trás e entravam na proporção justa, agora que estávamos distante delas; ao invés disso, voltavam a nossos espíritos com vigor e mostravam-se muito mais vividas do que antes. Pensávamos, conversávamos e sonhávamos constantemente sobre a Espanha, Meses antes dizíamos a nós mesmos que "quando sairmos da Espanha" iremos para algum lugar ao lado do Mediterrâneo e lá ficaremos algum tempo, e talvez pesquemos um pouco, mas agora que estávamos ali, tudo aquilo não passava de tédio e desapontamento. O tempo esfriara, um vento persistente vinha do mar, a água mostrava-se descolorida e encapelada, e ao redor do porto uma camada de cinzas, rolhas e tripas de peixe batia nas pedras. Parece loucura, mas o que ambos desejávamos era regressar à Espanha. Embora isso não pudesse fazer bem a pessoa alguma, e na verdade apenas causaria muito dano, queríamos ambos ter ficado lá, prisioneiros juntamente com os demais. Acho que não consegui demonstrar, nestas páginas, grande coisa do que representaram, para mim, aqueles meses na Espanha. Registrei alguns acontecimentos externos, mas não consigo

registrar os sentimentos que eles deixaram em mim. A coisa toda está misturada a visões, cheiros e sons que não podem ser transmitidos por escrito: o odor das trincheiras, as alvoradas nas montanhas estendendo-se a distâncias inconcebíveis, o pipocar gelado das balas, o estrondo e clarão das bombas; a luz fria e clara das manhãs de Barcelona, e a cadencia das botas no pátio do quartel, isso em dezembro, quando o povo ainda acreditava na revolução; e as filas para comprar gêneros, as bandeiras vermelhas e negras, os rostos dos milicianos espanhóis; acima de tudo, os rostos dos milicianos - homens que eu conhecera na linha de frente e que estão agora espalhados sabe Deus por onde, alguns mortos em batalha, outros mutilados, outros na prisão - a maioria, ao que espero, ainda sã e salva. Boa sorte a todos! Espero que ganhem sua guerra e expulsem da Espanha todos os estrangeiros - alemães, russos e italianos de cambulhada. Essa guerra, na qual desempenhei papel tão insignificante, deixou-me recordações más, em sua maior parte, mas ainda assim eu não desejaria deixar de te-las. Quando se consegue um vislumbre de desastre tamanho - e qualquer que seja seu desfecho a guerra espanhola terá sido um desastre espantoso, para não falar na matança e no sofrimento físico - daí não resultam obrigatoriamente a desilusão e o cinismo. Curioso que pareça, toda aquela experiência deixou-me uma crença não menor, porem maior, na decência dos seres humanos. E espero que a narrativa aqui contida não seja das mais enganadoras. Acredito que em questão como esta ninguém se possa mostrar inteiramente verídico, E difícil ter certeza de qualquer coisa, exceto o que vimos com nossos olhos próprios, e consciente ou inconscientemente todos escrevem como partidários. Caso eu não o tenha dito em ocasião anterior, desejo dize-lo agora: cuidado com meu partidarismo, meus enganos de fato e a distorção inevitavelmente causada por ter visto apenas um lado dos acontecimentos. E peço que tenham o mesmo cuidado, quando lerem qualquer outro livro escrito sobre esse período da guerra civil espanhola.

Por achar que devíamos fazer alguma coisa, embora realmente nada houvesse nesse sentido, deixamos Banyuls antes do que havíamos planejado. A cada quilômetro que se percorria para o Norte a França tornava-se mais verde e macia. Longe da montanha e das videiras, de volta aos prados e aos olmos. Quando eu passara por Paris a caminho

da Espanha, a cidade parecera decadente e sombria, muito diferente daquela Paris que eu conhecera oito anos antes, quando a vida era barata e não se ouvia falar em Hitler, Metade dos cafés que eu conhecia estava fechada por falta de freguesia e todos se mostravam obcecados com o alto custo de vida e o medo à guerra. Agora, depois de ter estado na pobre Espanha, Paris afigurava-se alegre e próspera, e a Exposição se encontrava em pleno funcionamento, embora conseguíssemos deixar de visitá-la.

E depois disso a Inglaterra - aquela Inglaterra meridional que provavelmente possui a paisagem mais insinuante de todo o mundo. É difícil, para quem passa por ali, ainda mais quando sossegadamente recobrando do enjôo do mar com almofadas de pelúcia do vagão de passageiros sob o traseiro, acreditar que realmente esteja acontecendo alguma coisa em qualquer parte do mundo. Terremotos no Japão, fome na China, revoluções do México? Não se preocupe, o leite estará amanhã cedo em sua porta, o New Statesman sairá sexta-feira. As cidades industriais estavam distantes, num borrão de fumaça e miséria oculto pela curvatura da superfície terrestre. Ali continuava existindo a Inglaterra que eu conhecera na infância: os cortes do leito ferroviário tomados por flores silvestres, os prados onde cavalos grandes e brilhantes pastam e meditam, os rios e córregos de águas calmas e orlados de salgueiros, os verdes seios dos olmos, as esporinhas nos jardins das casas de campo, e depois disso o enorme agreste pacífico na periferia de Londres, as barcaças no rio barrento, as ruas conhecidas, os cartazes falando de partidas de cricket e casamentos na Corte, homens com chápeus-de-coco, os pombos da Praça Trafalgar, os ônibus vermelhos, os policiais de azul - tudo isso dormindo o sono profundo, muito profundo. da Inglaterra, do qual as vezes receio que jamais despertaremos, senão quando arrancados dele pelo estrondo das bombas.

RECORDANDO A GUERRA CIVIL

Em primeiro lugar desejo registrar as recordações físicas, os sons, cheiros e aspecto das coisas.

É curioso que, com nitidez maior do que qualquer outra coisa ocorrida

posteriormente na guerra civil espanhola, eu me lembre da semana em que recebemos o chamado "treinamento", antes de seguirmos para a frente de luta - o enorme quartel de cavalaria em Barcelona, com seus estábulos arejados e pátios cobertos de paralelepípedos, o frio regelado da bomba onde se lavava o rosto, as refeições imundas que eram tornadas toleráveis pelas vasilhas cheias de vinho, as mulheres milicianas de calça comprida e rachando lenha, e a chamada bem cedo pela manhã, na qual meu prosaico nome inglês fazia um espécie de interlúdio cômico entre os retumbantes nomes espanhóis, Manuel Gonzalez, Pedro Aguilar, Ramon Fenellosa, Roque Balíaster, Jaime Domenech, Sebastian Viltron, Ramou Nuvo Bosch. Enuncio estes nomes porque recordo muito bem as fisionomias de seus donos. Com exceção de dois, que eram da rale e certamente se tornaram bons falangistas a esta altura, e provável que os demais estejam mortos. Dois deles eu sei que morreram, o mais velho com seus 25 anos, o mais novo com dezesseis.

Uma das coisas essenciais da guerra e o fato de jamais podermos escapar aos odores nada atraentes e de origem humana. As latrinas são objeto já por demais descrito na literatura de guerra, e eu não faria qualquer referencia às mesmas, a não ser pelo fato de que as de nosso quartel tiveram sua parte na destruição de minhas ilusões a respeito da guerra civil espanhola. O tipo de latrina dos latinos, na qual é preciso acococar-se, já não constitui coisa muito boa, mas aquelas eram feitas de algum tipo de pedra polida, tão escorregadia que se tornava difícil estar de pé. Alem disso, estavam sempre entupidas. Ora, tenho muitas outras coisas desagradáveis na memória, mas acredito que foram essas latrinas o que trouxe, pela primeira vez, o pensamento que voltaria com tanta freqüência: Aqui estamos nós, soldados de um exercito revolucionário, defendendo a democracia contra o fascismo, lutando numa guerra que foi travada por algum motivo, e o detalhe de nossas vidas e tão sórdido e degradante quanto seria numa prisão, quanto mais num exercito burguês! Muitas outras coisas vieram, mais tarde, reforçar essa impressão, como por exemplo o tédio e a fome animalesca que despertava a vida de trincheira, as intrigas mesquinhas por causa de comida, as brigas importunas e ridículas em que se empenham homens esgotados por não dormirem o bastante.

O horror básico da vida militar (e quem foi soldado sabe o que quero dizer por horror básico da vida militar) e pouquíssimo afetado pela natureza da guerra em que se esteja lutando. A disciplina, por exemplo, vem finalmente a ser a mesma em todos os exércitos. As ordens tem de ser obedecidas, e postas em vigor mediante castigo, se necessário, e a relação entre oficial e subordinado precisa ser a de superior e inferior. O quadro de guerra apresentado por livros como All Quiet on the Western Front ("Tudo Tranqüilo na Frente Ocidental") é verdadeiro, em sua maior substância. As balas doem, cadáveres cheiram mal, muitas vezes os homens submetidos a fogo inimigo ficam com medo a ponto de molharem as calças. É verdade que o ambiente social do qual venha um exercito dá cor a seu treinamento, tática e eficiência geral, e também que a consciência de estar no lado certo fortalece o moral, embora isso afete mais a população civil do que as tropas. (Esquecemos que um soldado em qualquer ponto próximo à linha de frente em geral está com fome, medo ou frio demais, ou então por demais cansado para preocupar-se com as origens políticas da guerra). Mas as leis da natureza não são suspensas para um exercito "vermelho", do mesmo modo como não cessam para um outro que seja "branco". Um piolho é um piolho, uma bomba é uma bomba, ainda que a causa pela qual lutemos seja justa.

Por que vale a pena dizer coisas tão óbvias? Porque a maior parte das classes instruídas, inglesas ou norte-americanas, manifestou-se claramente ignorante disso naquela ocasião, e continuam a sê-lo agora. Nossas memórias mostram-se fracas hoje, mas voltemos atrás um pouco, examinemos os arquivos de New Masses ou Daily Worker, e bastará um olhar à tralha guerreira que nossos esquerdistas empregavam naquela ocasião. Aquelas frases antigas e cediças! A insensibilidade destituída de imaginação em tudo aquilo! O sangue-frio com que Londres soube do bombardeio de Madri! Não estou dando qualquer atenção aos contrapropagandistas da direita, os Lunns, Garvins et hoc genus, gente que nem merece referencia. Mas ali estavam as mesmas pessoas que, por vinte anos, gritaram e saudaram a "glória" da guerra, agitaram histórias de atrocidades, patriotismo e até a coragem física, saindo-se com palavrório que, com alteração de alguns nomes, podia ser aceito pelo Daily Mail de 1918. Se havia uma coisa com a qual os elementos instruídos, na Inglaterra, estivessem comprometidos, essa

era a versão que desmoralizava a guerra, a teoria de que a guerra se compõe de cadáveres e latrinas, e jamais conduz a qualquer resultado aproveitável. Pois bem, os mesmos que em 1933 soltavam risadinhas piedosas para quem dissesse que, em certas circunstâncias, lutaria pelo pais, estavam em 1937 a denunciar como trotski-fascista quem afirmasse haver algum exagero nas reportagens do New Masses, falando de homens ainda feridos que bradavam por regressarem à luta. E os elementos instruídos da esquerda faziam sua reviravolta, passando de "A guerra é inferno" para "A guerra é gloriosa", não só faltos de qualquer sentimento de coerência, mas quase sem passarem por uma etapa intermediária nessa transformação. Mais tarde a maioria iria fazer outras transições igualmente violentas. Deve ter havido bom número de pessoas, uma espécie de núcleo dessa gente instruída, que aprovava a declaração de "Rei e Pátria" em 1935, gritava por uma "linha firme contra a Alemanha" em 1937, apoiava uma Convenção Popular em 1940 e está agora exigindo uma Segunda Frente.

No que diga respeito ao povo, as viradas extraordinárias de opinião a que estamos assistindo em nossos dias, as emoções que podem ser postas a correr, ou fechadas, como uma torneira, constituem o resultado da hipnose praticada por jornais e rádio. Nesses círculos instruídos eu diria que elas resultam mais do dinheiro e da simples segurança física. Em dado momento elas podem ser "a favor da guerra", ou "contra a guerra", mas em qualquer dos casos não possuem um quadro realista da guerra, em seus espíritos. Quando se entusiasmaram pela guerra civil espanhola sabiam, naturalmente, que havia gente morrendo e que morrer é desagradável, mas achavam que para um soldado no exercito republicano espanhol a experiência da guerra, de certo modo, não era degradante. Havia ocasiões, e de supor, em que as latrinas fediam menos, a disciplina mostrava-se menos irritante. Basta olhar o New Statesman para ver que elas acreditavam nisso, pois as baboseiras de teor idêntico estão agora mesmo sendo redigidas a respeito do Exercito Vermelho. Tornamo-nos civilizados demais para compreender o que e óbvio, pois a verdade não pode ser mais simples. Para sobreviver, muitas vezes e preciso lutar, e para lutar temos de emporcalhar-nos antes. A guerra é um mal, e com freqüência constitui o mal menor. Os que tomam a espada morrem por ela, e os que não o fazem morrem de

doenças fedorentas. O fato de que tal trivialidade mereça registro demonstra o que os anos de capitalismo rentier nos fizeram.

2

Com relação ao que acabo de afirmar, desejo fazer alguns comentários sobre atrocidades.

Disponho de poucas provas diretas a respeito de atrocidades cometidas na guerra civil espanhola. Sei que algumas foram praticadas pelos republicanos, e em medida bem maior (que prossegue ainda hoje) pelos fascistas. Mas o que me chamou a atenção antes, e desde então não deixou de chamá-la, é o fato de que as atrocidades são tidas como verdade ou mentira unicamente com base na predileção política de cada um. Todos acreditam nas atrocidades praticadas pelo inimigo, e recusam-se a crer nas cometidas pelo seu próprio lado, sem ao menos examinar as provas. Faz pouco tempo que preparei uma tabela, registrando as atrocidades perpetradas durante o período que vai de 1918 à atualidade e não encontrei um só ano no qual elas deixassem de ocorrer numa ou noutra parte, mas não consegui achar um só caso em que tanto a esquerda quanto a direita dessem credito simultâneo às mesmas histórias. Mais estranho ainda é que, a qualquer momento, a situação pode inverter-se, e a história de atrocidades mais do que comprovada de ontem, pode tornar-se mentira ridícula hoje, apenas porque o programa político transformou-se.

Na guerra atual encontramo-nos na situação curiosa de que nossa "campanha de atrocidades" foi levada a efeito, em grande parte, antes da guerra começar e principalmente pela esquerda, formada por aquelas pessoas que via de regra se orgulham de sua incredulidade. Naquele mesmo período a direita, os propagandeadores de atrocidades de 1914-18, estava examinando a Alemanha nazista e recusando-se terminantemente a ver qualquer mal ali. E depois, assim que a guerra estourou, eram os pró-nazistas de ontem que repetiam histórias de pavor, enquanto os antinazistas repentinamente se viam duvidando até da existência de uma Gestapo. Tampouco era isso apenas o resultado do Pacto Russo-Germânico. Devia-se, em parte, ao fato de que antes da guerra a esquerda acreditara erroneamente que a Grã-Bretanha e a

Alemanha jamais entrariam em luta entre si e, portanto, conseguia ser ao mesmo tempo antigermânica e antibritânica. Também em parte isso era devido à propaganda oficial de guerra, com sua hipocrisia asquerosa e virtude autoproclamada, que sempre se inclina a fazer com que as pessoas dotadas de discernimento simpatizem com o inimigo. Parte do preço que pagamos pelas mentiras sistemáticas de 1914-17 foi a reação pró-germânica exagerada que se seguiu. Nos anos entre 1918 e 1933 era vaiado pelos círculos esquerdistas quem sugerisse que a Alemanha tivesse ao menos parte da responsabilidade pela guerra. Em meio a todas as denúncias feitas contra o Tratado de Versalhes naqueles anos, não creio ter uma só vez ouvido a pergunta de quem se interessasse em saber o que teria acontecido se a Alemanha ganhasse a guerra, e muito menos vi o assunto ser debatido. O mesmo ocorre com as atrocidades. A verdade, ao que se percebe, torna-se inverdade quando pronunciada pelo inimigo. Recentemente observei que as mesmas pessoas que engoliam qualquer narrativa de horror a respeito dos japoneses em Nanquim, em 1937, recusavam-se a acreditar nas mesmíssimas histórias referentes a Hong Kong, em 1942. Havia até a tendência a achar que as atrocidades de Nanquim tinham-se tornado, por assim dizer, retroativamente inverídicas, porque o Governo britânico estava agora chamando atenção para elas.

A verdade sobre atrocidades, no entanto, mostra-se desgraçadamente muito pior do que quando ocorre ao mentir-se a seu respeito, e ao serem transformadas em propaganda. A verdade é que elas ocorrem. O fato muitas vezes aduzido como razão para ceticismo - o de que as mesmas histórias de horror aparecem em guerra após guerra - simplesmente torna mais provável que elas sejam verdadeiras. É evidente que constituam fantasias generalizadas, e a guerra proporciona a oportunidade para serem postas em prática. Do mesmo modo, embora tenha deixado de estar na moda o dizer isso, resta pouca dúvida de que os que podemos a grosso modo chamar de "brancos" cometam atrocidades muito maiores e piores do que os "vermelhos". Não resta a menor dúvida, por exemplo, sobre o comportamento dos japoneses na China. Tampouco resta grande dúvida a respeito da longa lista de afrontas fascistas nos últimos dez anos, no continente europeu. O volume de testemunhos prestados mostra-se enorme, e respeitável

proporção dos mesmos vem da imprensa e rádio alemães. Essas coisas realmente acontecem, e é o que precisamos fixar de modo bem claro. Aconteceram até mesmo quando Lord Halifax disse que eram verdade. A violação de mulheres e carnificina nas cidades chinesas, as torturas nos porões da Gestapo, os idosos professores judeus atirados em sentinas, o metralhamento de refugiados nas estradas espanholas - tudo isso ocorreu, e não ocorreu com menor intensidade apenas porque o Daily Telegraph tenha, repentinamente, descoberto isso, com cinco anos de atraso.

3

Em duas recordações, a primeira sem provar qualquer coisa definida, e a segunda proporcionando, a meu ver, certa percepção da atmosfera de um período revolucionário:

Bem cedo, em certa manhã, outro homem e eu saímos para caçar fascistas nas trincheiras ao redor de Huesca. A linha deles e a nossa distavam uns trezentos metros uma da outra, pelo que nossos fuzis não podiam funcionar com grande precisão, mas deslizando até um ponto que ficava a uns cem metros do inimigo poderíamos, com sorte, atingir alguém por uma lacuna no parapeito inimigo. Infelizmente o terreno intermediário era um campo plano, plantado com beterrabas, sem cobertura alguma exceto algumas valas, tornando-se necessário sair enquanto ainda estava escuro e regressar logo depois do amanhecer, antes de a luz tornar-se demasiada. Dessa feita não surgiram fascistas, e ficamos tempo demais, sendo apanhados pela alvorada. Estávamos numa vala, mas atrás de nós havia duzentos metros de terreno plano onde não se dispunha de cobertura sequer para um coelho. Estávamos ainda procurando juntar coragem para correr e atravessar aquele espaço, quando um clamor e assovios na trincheira fascista veio anunciar que alguns aeroplanos nossos estavam-se aproximando. Nesse momento um homem, que presumivelmente levava mensagem a um oficial, saltou da trincheira e correu por cima do parapeito, bem à nossa vista. Estava semivestido, e segurava as calças com ambas as mãos enquanto corria. Deixei de atirar nele. É bem verdade que sou mau atirador e não deveria atingir um homem correndo, a cem metros de

distância, e também que meu pensamento principal estava em voltar à nossa trincheira enquanto os fascistas estivessem com a atenção voltada para os aeroplanos. Ainda assim, não atirei em parte por causa desse detalhe das calças. Eu viera abrir fogo contra "fascistas", mas um homem que segura as calças nem chega a ser um "fascista", sendo perceptivelmente um semelhante, contra quem não se vai disparar.

Que fica demonstrado por incidente assim? Não se trata de grande coisa, pois é o tipo de ocorrência constante em todas as guerras. O outro incidente é diferente, e não creio que ao narrá-lo possa fazer com que se torne comovente para o leitor, mas peço acreditar que o foi para mim, como incidente característico da atmosfera moral de um determinado momento.

Um dos recrutas que vieram ter conosco enquanto eu estava no quartel era um rapaz de olhar esgazeado, vindo das ruas pobres de Barcelona. Estava esfarrapado e descalço, e era extremamente moreno (de sangue árabe, ao que me parece) e fazia gestos que em geral os europeus não fazem. Um desses gestos - o braço estendido, a palma em vertical – era característico dos indianos. Certo dia um embrulho de charutos, que podíamos comprar a baixo preço naquela época, foi roubado de minha cama. Sem pensar no que fazia, dei parte disso ao oficial e um dos velhacos de que já falei apresentou-se prontamente e disse, faltando de todo à verdade, que vinte e cinco pesetas foram roubadas de sua cama. Por algum motivo que ignoro o oficial resolveu, ali mesmo, que o rapaz moreno devia ser o ladrão. Havia rigor contra o roubo na milícia, e em teoria os ladrões podiam ser fuzilados. O pobre rapaz deixou-se levar para a casa da guarda para ser revistado, e o que mais me impressionou foi que ele mal procurou protestar sua inocência. No fatalismo de sua atitude podia-se perceber a pobreza desesperada em que fora criado. O oficial ordenou-lhe que se despisse. Com humildade que, para mim, foi horrível, ele se pôs nu e suas roupas foram revistadas. Está claro que nem os charutos, nem o dinheiro, foram encontrados ali, e na verdade ele não os roubara. O mais penoso de tudo é que ele não pareceu menos envergonhado depois de ficar esclarecida sua inocência. Aquela noite levei-o ao cinema e lhe dei brandy e chocolate, mas tudo aquilo foi horrível demais, isto é, a tentativa de apagar um insulto com dinheiro.

Por alguns minutos eu quase acreditara que ele fosse ladrão, e isso não podia ser apagado.

Pois bem, algumas semanas depois, no front, tive problemas com um dos homens em minha seção. A essa altura eu era "cabo", no comando de doze homens. Estávamos em guerra estática, fazia um frio terrível, e o trabalho principal estava em colocar sentinelas nos postos e fazer com que permanecessem acordadas. Certo dia um homem recusou-se a ir para determinado posto, dizendo muito acertadamente que ali estaria exposto ao fogo do inimigo. Era uma criatura franzina, e eu o agarrei e comecei a arrastá-lo para lá. Isso fez despertar os sentimentos dos outros contra mim, pois os espanhóis, ao que penso, são mais sensíveis ao toque do que nós, os ingleses. No mesmo instante fui cercado por homens a gritar: "Fascista! Seu fascista! Solte o rapaz! Isto não é um exército burguês! Seu fascista!", etc. etc. Tão bem quanto pude, em meu espanhol muito ruim, gritei também que as ordens tinham de ser obedecidas, e a briga se transformou num daqueles debates prolongados por meio dos quais a disciplina é gradualmente implantada nos exércitos revolucionários. Alguns diziam que eu tinha razão, outros que eu estava errado, mas o fato é que quem mais ardorosamente me defendeu foi o rapaz moreno. Assim que viu o que ocorria, entrou no meio dos outros e começou a defender-me calorosamente. Com seu gesto estranho e indiano, não parava de afirmar: "É o melhor cabo que temos!" (No hay cabo como ei.) Mais tarde ele pedia licença para ingressar em minha seção.

Por que tal incidente me comove? Porque, em quaisquer circunstâncias normais, teria sido impossível o restabelecimento de bons sentimentos entre aquele rapaz e eu. A acusação de roubo não seria aliviada, e talvez fosse um tanto agravada, por meus esforços no sentido de reparação. Um dos efeitos da vida segura e civilizada é uma supersensibílidade imensa que faz todas as emoções primárias um tanto asquerosas. A generosidade mostra-se tão penosa quanto a mesquinhez, a gratidão tão odienta quanto a ingratidão. Mas na Espanha de 1936 não estávamos vivendo uma época normal. Era época na qual os sentimentos e gestos generosos mostravam-se mais fáceis do que ocorre normalmente. Eu poderia narrar uma dezena de incidentes semelhantes, que na verdade

não são comunicáveis mas que estão presos em meu espírito com a atmosfera especial daquele tempo, com as roupas andrajosas e os cartazes revolucionários de cures alegres, com o uso geral da palavra "camarada" e com as balas antifascistas impressas em papel ordinário e vendidas por um penny, com as expressões como "solidariedade proletária internacional", repetidas de modo patético por homens ignorantes que supunham terem algum significado. Era possível sentir amizade por alguém, e tomar seu lado numa briga, depois de ser ignominiosamente revistado em sua presença, à busca de coisas que supunham ter sido roubadas dessa pessoa? Não, isso era impossível. Mas poderia acontecer, se ambos passassem por alguma experiência emocionalmente ampliadora. Eis um dos subprodutos da revolução, embora nesse caso fosse apenas o início de uma revolução, claramente condenado a malograr.

4

A luta pelo poder entre os partidos republicanos espanhóis constitui um fato infortunado e distante que não desejo reviver agora. Menciono-a apenas para dizer: não creiam em coisa alguma, ou quase nada, do que lerem a respeito dos assuntos internos no lado do Governo. Qualquer que seja sua fonte, é tudo propaganda partidária - isto é, mentira. A verdade ampla a respeito dessa guerra mostra-se bastante simples. A burguesia espanhola entreviu sua oportunidade de esmagar os movimentos trabalhistas, e valeu-se dela, auxiliada pelos nazistas e pelas forças da reação em todo o mundo. É duvidoso que se venha a positivar qualquer coisa além disso.

Lembro-me de ter dito certa feita a Arthur Koestler que "a história parou em 1936", ao que ele assentiu com sua compreensão imediata. Estávamos ambos pensando no totalitarismo em geral, porém de modo mais particular na guerra civil espanhola. Em ocasião anterior de minha vida notei que acontecimento algum é apresentado de maneira correta num jornal, mas foi na Espanha que, pela primeira vez, pude observar relatos jornalísticos que não possuíam qualquer relação com os fatos, nem mesmo aquela relação que fica implicada numa mentira comum. Vi os relatos de grandes batalhas onde não se travara luta alguma, e

silêncio absoluto quando centenas de homens tinham sido mortos. Vi soldados que lutaram corajosamente denunciados como covardes e traidores, e outros que jamais ouviram um tiro sendo proclamados heróis de vitórias imaginárias. E vi jornais em Londres divulgando essas mentiras, e intelectuais apressados construindo superestruturas emocionais sobre acontecimentos que nem sequer ocorreram. Na verdade, vi a história sendo escrita não em termos do que acontecera, mas do que deveria ter acontecido, de acordo com as diversas "linhas partidárias". Ainda assim, por mais terrível que fosse tudo isso, de certo modo nada importava. Estava preso a questões secundárias - como a luta pelo poder, travada entre o Cominform e os partidos esquerdistas espanhóis, e os esforços do Governo russo no sentido de impedir a revolução na Espanha. Mas o quadro amplo da guerra que o Governo espanhol apresentava ao mundo não era falso. As questões principais eram as declaradas. Quanto aos fascistas e seus seguidores, jamais poderiam chegar tão perto da verdade. Como poderiam enunciar seus verdadeiros objetivos? Sua versão para a guerra era pura fantasia, e naquelas circunstâncias não poderia ser outra coisa.

A única linha de propaganda que restava para nazistas e fascistas estava em se apresentarem como patriotas cristãos que salvavam a Espanha de uma ditadura russa. Isso acarretava fingir que a vida na Espanha, na parte do Governo, constituía apenas um longo massacre (vide o Catholic Herald ou o Daily Mail, embora esses dois não passassem de brinquedo infantil diante dos órgãos continentais da imprensa fascista), e envolvia exagero imenso na escala da intervenção russa. De toda a pirâmide de mentiras formada pela imprensa católica e reacionária de todo o mundo, cito apenas um exemplo - a presença de exército russo na Espanha - Partidários devotados de Franco acreditavam nisso, todos eles, e os cálculos quanto ao efetivo de tal exército russo atingiam até quinhentos mil homens. Ora, não houve qualquer exército russo na Espanha. Pode ter havido um punhado de aviadores e outros técnicos, algumas centenas quando muito, mas exército, não! Alguns milhares de estrangeiros que lutaram na Espanha, para não falar em milhões de espanhóis, foram testemunhas disso. Pois bem, seu testemunho não causou impressão alguma sobre os propagandistas de Franco, nenhum dos quais pusera o pé na Espanha

do Governo. Toda essa gente se recusava simultaneamente a reconhecer o fato da intervenção alemã ou italiana, ao mesmo tempo em que a imprensa germânica e italiana se jactavam abertamente das façanhas de seus "legionários". Escolhi apenas um ponto para mencionar aqui, mas na verdade toda a propaganda fascista a respeito da guerra se manteve nesse nível.

Esse tipo de coisa me assusta, pois muitas vezes me proporciona o sentimento de que o próprio conceito da verdade objetiva está acabando em nosso mundo. Afinal de contas, a probabilidade maior está em que tais mentiras, ou então mentiras semelhantes, passarão à História. Como será escrita a história da guerra civil espanhola? Se Franco continuar no poder, seus nomeados escreverão os livros e (para ater-me ao ponto escolhido) um exército russo que nunca existiu tornar-se-á fato histórico, e os estudantes aprenderão isso nas gerações seguintes. Mas suponhamos que o fascismo seja finalmente derrotado e se restaure algum tipo de governo democrático na Espanha, no futuro mais ou menos próximo. Ainda assim, como se escreverá a história da guerra? Que tipo de registros e documentos terá Franco deixado? Suponhamos, mesmo, que os registros e documentos, pelo lado do Governo, sejam recuperáveis. Ainda assim, como se poderá escrever uma verdadeira história da guerra? Pergunto isso porque, como indiquei antes, também o Governo emprega mentiras em larga escala. Pelo ângulo antifascista, seria possível escrever uma história em geral verdadeira, mas isso seria obra partidária, inidônea em todos os pontos menores. Mas algum tipo de história será escrito, afinal de contas, e depois de estarem mortos todos os que realmente se lembrarem do conflito, ele terá aceitação geral. Para todos os fins práticos, portanto. a mentira ter-se-á tornado verdade.

Sei estar em voga a afirmação de que a maior parte da história documentada não passa de mentiras. Estou pronto a crer que a história seja imprecisa e infiel, mas o que se mostra peculiar de nossa própria era é o abandono da idéia de que a história poderia ser fielmente escrita. No passado as pessoas mentiam deliberadamente, ou de modo inconsciente davam cor ao que escreviam, ou esforçavam-se por encontrar a verdade, sabendo muito bem que tinham de cometer muitos

enganos; mas em todos os casos acreditavam que os "fatos" existissem e fossem mais ou menos encontráveis. E na prática sempre houve um conjunto considerável de fatos sobre os quais quase todos concordavam. Se olharmos a história da última guerra, por exemplo, na Encyclopaedia Britannica, verificaremos que respeitável soma de material informativo foi extraída das fontes alemãs. Um historiador inglês e seu colega alemão discordariam profundamente em muitas coisas, até mesmo em pontos fundamentais, mas continuaria de pé aquele conjunto de, por assim dizer, fatos neutros, no qual nenhum dos dois divergiria seriamente do outro. É exatamente essa base comum de acordo, com sua implicação de que os seres humanos são todos uma espécie de animal, que o totalitarismo vem destruir. A teoria nazista, na verdade, nega de modo bem claro que exista qualquer coisa como "a verdade". Não existe, por exemplo, coisa tal como "Ciência". Existe apenas a "Ciência Alemã", a "Ciência Judaica", etc. O objetivo contido nessa linha de pensamento é um mundo de pesadelo no qual o Dirigente, ou algum grupo governante, controla não só o futuro, mas também o passado. Se o Dirigente disser, quanto a tal ou qual acontecimento, que o mesmo jamais ocorreu, é isso mesmo - jamais ocorreu! Se disser que dois e dois são cinco - pois muito bem, dois e dois são cinco. Essa perspectiva me amedronta muito mais do que as bombas - e depois de nossas experiências nos últimos anos, não estou fazendo uma afirmação frívola.

Talvez seja infantil, no entanto, ou mesmo mórbido, apavorarmo-nos com visões de um futuro totalitário. Antes de cancelar o mundo totalitário como pesadelo que não se poderá concretizar, no entanto, convém lembrar que, em 1925, o mundo de hoje teria parecido um pesadelo sem efetivação possível. Contra esse mundo fantasmagórico, no qual o preto pode ser branco amanhã, e as condições atmosféricas de ontem possam ser mudadas por decreto, só existem realmente duas salvaguardas. Uma é que, por mais que neguemos a verdade, ela continua existindo, por assim dizer, atrás de nossas costas, e por conseqüência não a poderemos violar por modos que diminuam a eficiência militar. A outra é que enquanto algumas partes da terra continuarem inconquistadas, poderá ser sustentada a tradição liberal. Deixemos o fascismo, ou uma combinação de fascismos diversos, conquistar o mundo, e essas duas condições deixarão de existir. Nós, na Inglaterra, subestimamos o perigo

apresentado por esse tipo de coisa, pois nossas tradições e segurança passada proporcionaram-nos uma crença sentimental de que, no fim, tudo dá certo, e aquilo que mais receamos realmente jamais acontece. Nutridos, séculos a fio, numa literatura em que invariavelmente o Bem triunfa no último capítulo, acreditamos de modo semi-instintivo em que o mal sempre derrota a si próprio, com o tempo. O pacifismo, por exemplo, está em grande parte fundamentado nessa crença. Não resistamos ao mal, e de algum modo ele se destruirá sozinho. Mas por que haveria de fazê-lo? Que prova existe de que isso aconteça? E que exemplo encontramos de um moderno estado industrializado entrando em colapso, a menos que conquistado por força militar vinda do exterior?

Examinemos, por exemplo, a reinstituição da escravidão, Quem poderia ter imaginado, vinte anos atrás, que a escravidão voltaria à Europa? Pois bem, ela foi restaurada bem diante de nossos narizes. Os campos de trabalhos forçados, espalhados por toda a Europa e África do Norte, onde os poloneses, russos, judeus e prisioneiros políticos de todas as raças labutam na construção de estradas ou drenagem de pântanos, recebendo em troca apenas rações de subsistência, não passam de simples escravidão. O mais que alguém pode dizer é que não se permite ainda a compra e venda dos escravos. De outro modo - no rompimento das famílias, por exemplo - as condições mostram-se piores hoje do que foram nas plantações de algodão da América, Não há motivo para crer que tal estado de coisas se modificará, enquanto perdurar algum domínio totalitário. Não compreendemos ou percebemos todas as suas implicações, porque em nosso pensamento místico acreditamos que um regime fundamentado na escravidão tem de cair. Mas vale a pena comparar a duração dos impérios escravistas da antigüidade à de qualquer estado moderno. Civilizações fundamentadas na escravidão perduraram até quatro mil anos.

Quando penso na antigüidade, o detalhe que me assusta é que centenas de milhões de escravos, em cujas costas a civilização se escorou por gerações sucessivas, não deixaram qualquer registro histórico, Nem sequer conhecemos seus nomes. Em toda a história grega ou romana, quantos nomes de escravos se tornaram conhecidos? Só consigo pensar em dois, talvez três. Um é Espártaco, o outro Epícteto. No salão romano

do Museu Britânico encontramos uma jarra de vidro com o nome de seu fabricante escrito no fundo: "Felix fecit". Faço um quadro mental visualizando o pobre Félix (gaulês de cabelo vermelho e aro de metal em volta ao pescoço), mas na verdade ele pode não ter sido escravo, de modo que restam apenas dois nomes conhecidos, e devem ser poucos os que conseguem lembrar-se de mais. Os outros, todos, desapareceram em silêncio completo.

5

Espinha dorsal da resistência a Franco foi a classe trabalhadora espanhola, em especial os membros dos sindicatos urbanos. A longo prazo - sendo importante lembrar que isso só acontece a longo prazo - a classe trabalhadora continua sendo o mais ferrenho inimigo do fascismo, simplesmente porque ela é que mais tem a ganhar com a reconstrução decente da sociedade. Diversamente de outras classes ou categorias, não pode ser permanentemente subornada.

Dizer isso não é idealizar a classe trabalhadora. Na luta que se seguiu à Revolução Russa, foram os trabalhadores manuais que se viram derrotados, sendo impossível deixar de achar que fora por sua própria culpa. Repetidamente, num país após o outro, os movimentos organizados da classe trabalhadora foram esmagados pela violência aberta e ilegal, e seus camaradas no exterior, ligados a eles por uma solidariedade teórica, simplesmente olharam o que ocorria e nada fizeram: e por baixo de tudo isso, como causa secreta de muitas traições, esteve o fato de que entre os trabalhadores brancos e os de cor nem sequer se fala hipocritamente em solidariedade. Quem pode acreditar em proletariado internacional com consciência de classe, depois dos acontecimentos dos últimos dez anos? Para a classe trabalhadora inglesa o massacre de seus camaradas em Viena, Berlim, Madri, ou onde tenha ocorrido, pareceu coisa menos interessante e importante do que a partida de futebol jogada na véspera. Isso, no entanto, não altera o fato de que a classe trabalhadora prosseguirá sua luta contra o fascismo, depois das outras classes terem caído. Um dos traços da conquista da França pelos nazistas foi o número espantoso de deserções no meio de gente instruída, inclusive alguns elementos da esquerda política. A

classe instruída é formada pelas pessoas que mais alto clamam contra o fascismo, mas ainda assim uma respeitável proporção delas cai em derrotismo quando chegam os tempos difíceis. Elas dispõem de visão suficiente para perceberem as dificuldades erguidas contra si próprias, e além disso podem ser subornadas - pois já se tornou evidente que os nazistas acham valer a pena subornar os intelectuais. Com a classe trabalhadora ocorre o contrário. Formada por elementos ignorantes demais para verem além do truque que executam contra eles, engolem com facilidade as promessas do fascismo, mas cedo ou tarde sempre empreendem novamente a luta. Têm de fazer isso, pois em seus próprios corpos sempre descobrem que as promessas do fascismo não podem ser cumpridas. Para conquistarem de modo permanente a classe trabalhadora, os fascistas teriam de elevar o padrão de vida geral, o que provavelmente não quereriam fazer, e não podem fazer. A luta da classe trabalhadora é como o crescimento de uma planta. A planta é cega e estúpida, mas sabe o bastante para continuar subindo para a luz, e fará isso a despeito de todas as dificuldades e empecilhos. Pelo que estão lutando os trabalhadores? Apenas pela vida decente que cada vez mais sabem ser tecnicamente possível. Sua consciência desse objetivo aumenta e diminui. Na Espanha, por algum tempo, as pessoas agiam conscientemente, marchando para uma direção que desejavam seguir e visando uma meta que acreditavam poder atingir. Isso explicava o sentimento curiosamente alegre que a vida da Espanha do Governo apresentou nos primeiros meses da guerra. As pessoas comuns sabiam, sentiam nos próprios ossos, que a República era sua amiga e Franco o seu inimigo. Sabiam estar certas, pois lutavam por algo que o mundo lhes devia, e podia proporcionar-lhes.

É preciso lembrar disso para ver a guerra civil espanhola em sua verdadeira perspectiva. Quando se pensa na crueldade, miséria e futilidade da guerra - e neste caso particular, nas intrigas, perseguições, mentiras e incompreensões - sempre surge a tentação de dizer: "Um lado é tão ruim quanto o outro, e eu sou neutro". Na prática, porém, ninguém pode ser neutro e não existe guerra onde não faça diferença quem ganhou. Quase sempre um lado é a favor do progresso. O outro está mais ou menos com a reação. O ódio que a República espanhola despertava nos milionários, duques, cardeais, playboys, coronéis Blimp e

o mais deveria por si só bastar para mostrar as direções. Tratava-se, em suma, de uma guerra de classes. Se fosse ganha, a causa do povo em toda a parte seria fortalecida. Foi perdida, e em todo o mundo os recebedores de dividendos esfregaram as mãos em contentamento. Era essa a questão verdadeira, e tudo o mais não passava de cortina de fumaça.

6

O desfecho da guerra civil espanhola foi acertado em Londres, Paris, Roma, Berlim - em qualquer lugar, menos na Espanha. Depois do verão de 1937 os que tinham olhos na cara compreenderam que o Governo não poderia ganhar a guerra, a menos que ocorressem transformações profundas no panorama internacional, e ao resolverem prosseguir na luta Negrin e os demais devem, em parte, ter sido influenciados pela expectativa da guerra mundial, em 1938, e na verdade eclodida em 1939. A desunião muito propagandeada, no lado do Governo, não constituiu causa maior de derrota. As milícias governamentais foram formadas às pressas, estavam mal armadas e não contavam com grandes recursos em possibilidade militar, mas teriam sido a mesma coisa ainda que existisse completo acordo político desde o início. Ao eclodir a guerra, o operário espanhol comum nem sequer sabia como disparar o fuzil (jamais houvera serviço militar obrigatório no país), e o pacifismo tradicional da esquerda constituiu grande tropeço. Os milhares de estrangeiros que serviram na Espanha formavam boa infantaria, mas havia pouquíssimos técnicos de qualquer especialidade entre os mesmos. A tese trotskista de que a guerra poderia ter sido ganha se a revolução não fosse sabotada provavelmente era falsa. Nacionalizar as fábricas, demolir as igrejas e emitir manifestos revolucionários não seriam medidas capazes de tornar mais eficientes os exércitos. Os fascistas venceram porque eram mais fortes, dispunham de exércitos modernos, e os seus oponentes não. Nenhuma estratégia política poderia contrabalançar isso.

O ponto mais intrigante na guerra civil espanhola foi o comportamento das grandes potências. Na verdade, essa guerra foi ganha para Franco pelos alemães e italianos, cujos motivos para fazê-lo eram bastante

evidentes. Já os motivos a justificar a atitude de França e Inglaterra parecem menos fáceis de entender. Em 1936 já se tornara suficientemente claro para todos que se a Grã-Bretanha desse qualquer auxílio ao Governo espanhol, até mesmo na medida de alguns milhões de libras em armas, Franco cairia e a estratégia alemã ver-se-ia seriamente deslocada. Naquela época ninguém precisava ser clarividente para sentir que se aproximava a guerra entre Inglaterra e Alemanha, e podia-se mesmo prever sua eclosão com antecedência de um ou dois anos. Ainda assim, do modo mais mesquinho, covarde e hipócrita a classe governante inglesa fez o possível para entregar a Espanha a Franco e aos nazistas. Por quê? Porque ela própria era favorável aos fascistas, eis a resposta. Certamente o era, mas ainda assim, quando chegamos ao ponto decisivo, preferiu fazer frente à Alemanha. Está ainda muito obscuro o plano pelo qual ela agiu, apoiando Franco, e pode ser que não tivesse plano algum. Saber se a classe governante inglesa é podre ou apenas estúpida constitui um dos enigmas mais difíceis de nossa época, e em certos momentos constitui pergunta das mais importantes. Quanto aos russos, sua motivação na guerra civil espanhola mostra-se completamente inescrutável. Teriam eles, como acreditam os simpatizantes do comunismo, intervindo na Espanha a fim de defenderem a Democracia e ir contra os nazistas? Nesse caso, por que intervieram em escala tão insignificante, e acabaram deixando a Espanha no buraco, entregue a si própria? Ou teriam, como sustentam os católicos, intervindo a fim de fomentar a revolução na Espanha? Nesse caso, por que fizeram tudo quanto puderam para esmagar os movimentos revolucionários espanhóis, defender a propriedade privada e entregar o poder à classe média, contra a classe trabalhadora? Ou teriam, como sugeriram os trotskistas, intervindo apenas para impedir uma revolução espanhola? Nesse caso, por que deixaram de dar seu apoio a Franco? Na verdade, seus atos tornam-se mais fáceis de explicar quando supomos que estivessem agindo impulsionados por diversos motivos contraditórios. Acredito que, no futuro, passaremos a perceber que a política externa de Stalin, ao invés de tão diabolicamente hábil quanto dizem, foi apenas oportunista e estúpida. Seja lá como for, a guerra civil espanhola demonstrou que os nazistas sabiam o que estavam fazendo, e seus oponentes não. A guerra

foi empreendida em baixo nível técnico, e sua estratégia principal era bastante simples. O lado que tivesse armas seria o vencedor. Os nazistas e italianos deram armas a seus amigos fascistas espanhóis, e as democracias ocidentais e os russos não as deram aos que deveriam ter sido seus amigos. Assim foi que a República espanhola caiu, tendo "recebido o que não fazia falta a república alguma".

Saber se estava certo, como todos os esquerdistas em outros países certamente o fizeram, incentivar os espanhóis para o prosseguimento da luta, quando não podiam vencer, eis questão difícil de elucidar. Eu, pessoalmente, acho que estava certo, pois acredito que é melhor - do ponto de vista da sobrevivência - lutar e ser batido do que render-se sem luta. Os efeitos sobre a estratégia global da luta contra o fascismo ainda não podem ser avaliados. Os exércitos esfarrapados e sem armas da República sustentaram o embate por dois anos e meio, o que certamente foi mais tempo do que o esperado pelos inimigos. Mas saber se isso deslocou o cronograma fascista ou se, por outro lado, simplesmente adiou a guerra maior e deu aos nazistas mais tempo para ajustar sua máquina de guerra, eis outras questões ainda por elucidar.

7

Jamais consigo pensar na guerra civil espanhola sem que duas recordações venham ao meu espírito. Uma delas é da enfermaria de hospital em Lerida, e as vozes bastante tristes dos milicianos feridos, cantando alguma canção cujo refrão dizia:

Una revolucion,

Luchar hast' al fin!

Pois bem, eles lutaram até ao fim, não resta a menor dúvida. Nos últimos dezoito meses da guerra os exércitos republicanos devem ter lutado quase sem cigarros, e com pouquíssima comida. Já quando deixei a Espanha, em meados de 1937, a carne e o pão eram raros, o fumo ainda mais, e o café e açúcar quase impossíveis de conseguir.

A outra recordação é do miliciano italiano que apertou minha mão na

sala de guarda, no dia em que ingressei na milícia. Escrevi acerca desse homem no inicio de meu livro sobre a guerra civil espanhola. e não quero repetir o que disse ali. Quando lembro - e com que nitidez! - de seu uniforme surrado e rosto feroz, patético e inocente, parecem diluir-se todas as questões complexas da guerra, e vejo com clareza que não havia, ao menos, dúvida alguma sobre quem estava no lado certo. A despeito da política das potências e das mentiras jornalísticas, a questão central da guerra estava na tentativa feita por gente como ele por conquistar a vida decente que sabiam ser seu direito. É difícil pensar no fim provável desse homem, sem sentir diversos ressaibos amargos. Tendo-o conhecido no Quartel Lênin, tratava-se provavelmente de um trotskista ou anarquista, e nas condições peculiares da época, quando gente assim não é morta pela Gestapo, termina assassinada pela G. P . U. Mas isso não afeta as questões de longo prazo. O rosto daquele homem, que vi por um minuto ou dois, apenas, contínua comigo como lembrete visual do que estava realmente em jogo naquela guerra. Para mim ele simboliza a flor da classe trabalhadora européia, perseguida pela polícia de todos os países, a gente que enchia as valas comuns de sepultamento em massa nos campos de batalha da Espanha e que está agora, na casa de alguns milhões, apodrecendo nos campos de trabalhos forçados.

Quando se pensa em todas as pessoas que apoiam ou apoiaram o fascismo, fica-se espantado por sua diversidade. Que seleção! Pensemos num programa qualquer que, de algum modo, pudesse reunir Hitler, Pétam, Montagu Norman, Pavelitch, William Randolph Hearst, Streicher, Buchman, Ezra Pound, Juan March, Cocteau, Thyssen, Padre Coughlin, o Mufti de Jerusalém. Arnold Lunn, Antonescu, Spengler, Beverley Nichols, Lady Houston e Marinetti, todos no mesmo barco! Mas a pista mostra-se realmente, muito simples. São, todos eles, gente que tem algo a perder, ou gente que anseia por uma sociedade hierárquica e receia a possibilidade de um mundo de seres humanos livres e iguais. Por trás de toda a bobagem que circula a respeito da Rússia "sem Deus" e o "materialismo" da classe trabalhadora, encontramos a intenção simples daqueles que têm dinheiro ou privilégios aos quais se aferrar. O mesmo ocorre, embora contenha uma verdade parcial, com toda a falação a respeito da falta de valor de uma reconstrução social que não

seja acompanhada por uma "modificação do coração". Os elementos piedosos, desde o Papa até os iogues da Califórnia, dão grande valor a essa "modificação do coração", que se mostra em seu ponto de vista muito mais importante do que uma modificação no sistema econômico. Pétam atribui a queda da França ao "amor ao prazer por parte das pessoas comuns". É possível ver isso na perspectiva certa quando se pára a fim de imaginar quanto prazer contém a vida de um camponês ou trabalhador francês comum, comparada à de Pétam. A impertinência cretina desses políticos, sacerdotes, literatos e o que mais for, que repreendem o socialista da classe trabalhadora por seu "materialismo"! Tudo quanto o trabalhador exige é o que esses outros considerariam o mínimo indispensável para si próprios, sem o que a vida humana não pode ser vivida. O suficiente para comer, libertação quanto ao pavor que causa o desemprego, o conhecimento de que os filhos terão oportunidade justa, um banho diário, roupa de cama limpa com freqüência razoável, um teto que não tenha goteiras, o horário de trabalho bastante curto para deixar um pouco de energia no corpo, ao encerrar-se o dia de trabalho. Nem um só dos que pregam contra o materialismo consideraria a vida coisa digna de viver, sem dispor dessas coisas. E com que facilidade esse mínimo poderia ser alcançado, se resolvêssemos prestar-lhe atenção por apenas vinte anos! Elevar o padrão de vida de todo o mundo ao nível alcançado na Grã-Bretanha não constituiria empreendimento maior do que a guerra que acabamos de empreender. Não afirmo, e não conheço quem afirme, que isso resolvesse alguma coisa por si só. O fato é que a privação e o trabalho bruto têm de ser abolidos antes que se possam atacar os verdadeiros problemas da humanidade. O maior problema de nosso tempo está no declínio da crença na imortalidade pessoal, e ele não poderá ser examinado enquanto o ser humano comum está em trabalho servil, como boi de canga, ou tremendo de medo da polícia secreta. Como estão certas as classes trabalhadoras, em seu "materialismo"! Como estão certas, ao compreenderem que o estômago vem antes da alma, não na escala de valores, mas na questão do tempo! É compreendermos isso, e o horror prolongado que estamos sofrendo se torna, ao menos, inteligível. Todas as considerações prestam-se a fazer com que fraquejemos - as vozes estridentes de um Pétam ou um Gandhi o fato

inescapável de que para lutar é preciso degradar-se, a posição moral equivoca da Grã-Bretanha, com suas frases democráticas e seu império baseado no trabalho servil, o desenvolvimento sinistro da Rússia soviética, a farsa desbotada da política esquerdista - tudo isso esmaece e vemos apenas a luta do homem comum, que desperta gradualmente, contra os senhores da propriedade e seus empregados, mentirosos e lambe-rabos. A questão é muito simples. Gente como aquele soldado italiano deve ou não deve ter permissão para viver a vida decente e inteiramente humana que hoje se tornou tecnicamente atingível? Deve o homem comum ser empurrado ou não de volta à lama? Pessoalmente acredito, talvez com base insuficiente para isso, que o homem comum vencerá sua luta mais cedo ou mais tarde, mas desejo que seja mais cedo, e não mais tarde - nos próximos cem anos, digamos, e não em algumas épocas situada nos próximos dez mil anos. Era essa a questão verdadeira na guerra civil espanhola, e também da última guerra, e talvez seja a de outras guerras que ainda estão por vir.

Nunca mais vi aquele miliciano italiano, e tampouco fiquei sabendo como se chamava. Posso ter como certo que esteja morto. Quase dois anos depois, quando já se via que a guerra estava perdida, fiz os seguintes versos em sua memória:

The Italian soldier shook my hand

Beside the guard-room table;

The strong hand and the subtie hand

Whose palms are only able

To meet within the sound of guns,

But oh! what peace i knew then

in gazing on his battered face

Purer than any woman's!

For the flyblown words that make me spew
Still in his ears were holy,
And he was bom knowing what i had learned
Out of books and slowly.

The treacherous guns had told their tale
And we both had bought it,
But my gold brick was made of gold –
Oh! who ever would have thought it?

Good luck go with you,
Italian soldier! But luck is not for the brave;
What would the world give back to you?
Always less than you gave.

Between the shadow and *he ghost,
Between the white and the red,
Between the bullet and the lie,
Where would you hide your head?

For where is Manuel Gonzalez,
And where is Pedro Aguilar,

And where is Ramon Feneilosa?

The earthworms know where they are.

Your name and your deeds were forgotten

Before your bones were dry,

And the lie that slew you is buried

Under a deeper lie.

But the thing that i saw in your face

No power can dísinherit:

No bomb that ever burst

Shatters the ciystal spirit.

(O soldado italiano apertou-me a mão/ bem ao lado da mesa da guarda/ A mão forte e a mão sutil/ Cujas palmas só conseguem/ encontrar-se ao som de canhões,/ mas que paz de espírito eu tive,/ ao ver-me o rosto experiente,/ mais puro que o de uma mulher! l Pois as palavras sujas que me fazem vomitar ainda eram santas aos seus ouvidos / e ele nascera sabendo o que eu / nos livros aprendera devagar./ As armas traiçoeiras haviam falado / e ambos tínhamos acreditado,/ mas eu vinha de berço de ouro,/ Oh! Quem teria imaginado isso?/ Boa sorte para você, soldado italiano! l Mas a sorte não é para homens valentes./ Que lhe teria dado o mundo em troca?/ Sempre menos do que você lhe deu./ Entre a sombra e o fantasma,/ entre o branco e o vermelho,/ entre a bala e a mentira,/ onde iria você ocultar a cabeça?/ Pois onde está Manuel Gonzalez?/ Onde está Pedro Aguilar?/ Onde está Ramon Fenellosa?/ Os vermes sabem onde eles estão./ Seu nome e feitos foram olvidados,/ antes de seus ossos secarem./ E a mentira que o matou está debaixo / de mentira

mais profunda ainda;/ Mas o que vi em seu rosto./ Nenhum poder e' capaz de anular:/ Nenhuma bomba que venha a explodir./ Estilhaça o espírito cristalino.

1 - Personagem cômico de militar entre velho e demente, criado pelo satirista David Low, na imprensa inglesa, durante a ultima guerra mundial e antes, em deliciosas charges que também circularam - ao menos algumas - no Brasil. (N . T.)

2 - Quíroga, Barrios e Giral. Os dois primeiros recusaram-se a distribuir armas aos sindicatos.

3 - Comite Central de Milícias Antifascistas. Seus delegados eram escolhidos em proporção ao número de membros de suas organizações. Nove delegados representavam os sindicatos, três os partidos liberais Catalães, e dois os diversos partidos marxistas (P.O.U.M., comunistas e outros).

4 - Por isso eram tão poucas as armas russas na frente de Aragón, onde os soldados em sua maioria eram anarquistas. Até abril de 1937 a única arma russa que vi - com exceção de alguns aeroplanos que podem ter sido russos ou não - foi uma submetralhadora.

5 - Na Câmara de Deputados, março de 1935.

6 - A melhor narrativa da interação dos partidos no lado do Governo encontra-se no livro The Spanish Cockpit, de Franz Borkenau. Trata-se, sem a menor dúvida, do livro mais completo já publicado até agora sobre a guerra espanhola.

7 - As cifras referentes aos membros do P .0. U . M. são dadas da seguinte maneira: julho de 1936, 10 000; dezembro de 1936, 70 000; junho de 1937,40.000. Mas elas vêm de fontes do P.O.U.M., e uma estimativa hostil provavelmente as reduziria à quarta parte. A única coisa que se pode afirmar com certeza a respeito do número de membros nos partidos políticos espanhóis é que cada um destes superestima tais cifras.

8 - Gostaria de abrir uma exceção para o Manchester Guardian. Em

relação a este livro, tive de examinar os arquivos de bom número de jornais ingleses, e entre os maiores do país o Manchester Guardian vem a ser o único que me deixa com um respeito maior por sua honestidade.

9 - As patrulhas de trabalhadores, ao que se afirma, fecharam 75% dos bordéis.

10 - Membros do Royal lrish Constabulary, recrutados na Inglaterra para servirem na Irlanda durante as desordens e agitações de 1919-1921, contra o movimento pela independência de seu próprio país.

11 - Uma edição recente de Japrecar afirma o oposto - que La Batalla ordenou aos soldados do P.O.U.M. que deixassem a linha de frente! A questão pode ser facilmente elucidada mediante consulta à La Batalla da data citada.

12 - New Statesman (14 de maio).

13 - A eclosão da guerra os Guardas Civis tomaram por toda a parte, o lado do mais forte - Em diversas ocasiões subseqüentes, como em Santander, os Guardas Civis locais passaram-se incorporados para o lado fascista.

14 - Os relatos sobre as duas delegações podem ser encontrados em Le Populaire (7 de setembro), La Flèche (18 de setembro), Relatório sobre a delegação Maxton, publicado pelo lndependent News (219 Rue Saint-Denís, Paris), e o panfleto de McGovern, TERROR IN SPAIN

15 - O poder aquisitivo da peseta era, aproximadamente, de quatro penni's. 16 - V. relatórios da delegaçao Maxton a que me referi no capítulo li.